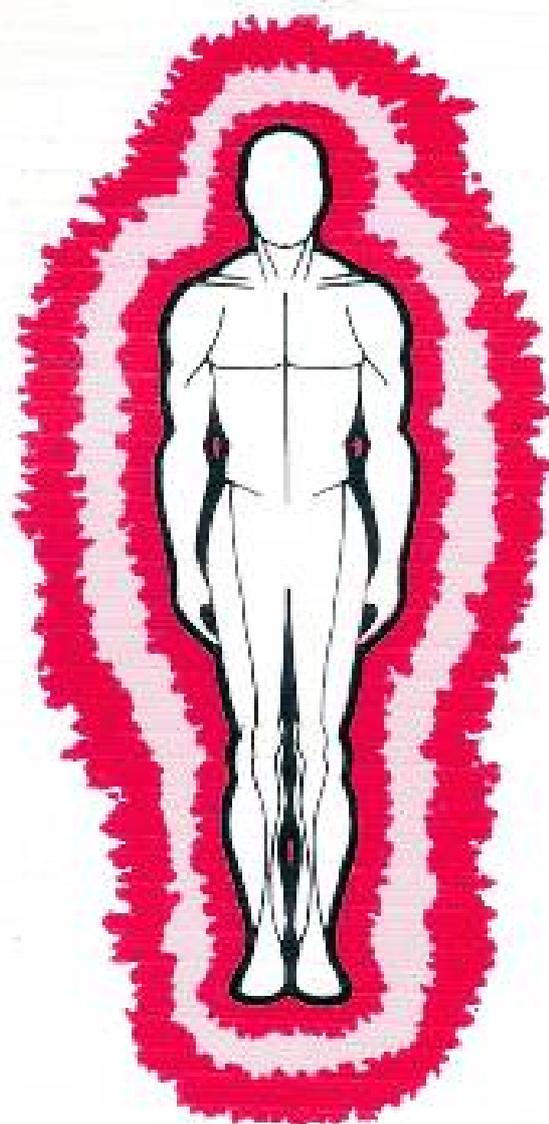


DAVID V. TANSLEY
em colaboração com
Malcom Rae e Aubrey T. Westlake

DIMENSÕES DA RADIÔNICA

Novas técnicas de cura



PENSAMENTO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

DAVID V. TANSLEY
em colaboração com
MALCOLM RAE e AUBREY T. WESTLAKE

DIMENSÕES DA RADIÔNICA
Novas Técnicas de Cura

Tradução
HUGO MADER

EDITORA PENSAMENTO
São Paulo
1977

Para Elizabeth Baerlein e Lavender Dower que, com autêntico espírito de servir ao próximo, tanto contribuíram para a Radiônica.

AGRADECIMENTOS

Theosophical Publishing House: The Mystery of Healing. The Astral Body, de A. E. Powell. Theosophical University Press: The Secret Doctrine, de H. P. Blavatsky. The Lucis Press: A Treatise on Cosmic Fire, Esoterie Healing and A Treatise on White Magic, de Alice A. Bailey, e The Soul - The Quality of Life. Wildwood House: Experiments in Distant Influence, de L. L. Vasiliev. Ganesh & Co.: The Serpent Power, de Sir John Woodroffe. Rider & Co.: Man the Measure of All Things, de Sri Krishna Prem & Sri Madhava Ashish. Tumstone Press: Dowsini, de Tom Graves. Edgar Cayce Foundation: Chiropractic Reference Notebook. Routledge Kegan & Paul: The I Ching, tradução de Richard Wilhelm. Main Currents in Modern Thought: Compute and Evolve, de Jose Arquelles. Abelard: The Intelligent Universe, de David Foster. Hahnemann Publishing Society: The Organon of Medicine, de Samuel Hahnemann. C. W. Daniel Co. Ltd.: Heal Thyself, do Dr. Edward Bach. Cooperative Publishing Co.: The Unseen Link, de Ethel Belle Morrow. University of California Press: The Yellow Emperor's Classic of Internal Medicine, de I. Veith. L. N. Fowler & Co. Ltd.: The Vital Body, de Max Heindel. Academy of Parapsychology and Medicine: How to Make Use of the Field of Mind Theory, do Dr. Ebner Green. Rudolf Steiner Publishing Co.: Spiritual Science and Medicine, de Rudolf Steiner. H. K. Lewis & Co. Ltd.: Colour and Cancer, do Dr. C. E. Iredell. University Books: The Odie Force, de Karl Von Reichenbach. Marshall McLuhan Newsletter.

Meus agradecimentos especiais a Richard A. Belsham, pelos excelentes desenhos a bico-de-pena do Analisador Radiônico Magneto-Geométrico, dos Simuladores de Potência e do Preparador de Potência.

SUMÁRIO

Prefácio por David Foster 11

Preâmbulo por Aubrey Westlake 14

I SEÇÃO ALGUNS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS 17

Capítulo 1 Rumo à Simplicidade Essencial 19

Capítulo 2 O Campo da Mente 32

Capítulo 3 Os Campos e as Configurações do Homem 40

Capítulo 4 Ação e Influência à Distância 60

Capítulo 5 Energias, Forças e Formas-Pensamento 68

II SEÇÃO A RADIONICA E SEU INSTRUMENTAL 75

Capítulo 6 Foco de Sintonização da Mente 77

Analisador radiônico magneto-geométrico de RAE

Capítulo 7 A Conexão Homeopática 104

Preparação de potência homeopática através de figuras geométricas magneticamente ativadas

Instruções - Simulador de Potência Mark III

Instruções - Simulador de Potência de Ação Intensiva

Instruções - Simulador de Potência de Quatro Seções e Ação Múltipla

O Preparador Magnético de Potência Homeopática de RAE

Instruções - Preparador Magnético de Potência Homeopática de RAE

Aplicações Especiais

III SEÇÃO PATOLOGIA OCULTA 139
Capítulo 8 O Conflito Entre Energias e Forças 141
Fatores Causadores de Doenças no Corpo Mental
Fatores Causadores de Doenças no Corpo Astral
Fatores Causadores de Doenças no Corpo Etérico
Os Chakras e a Doença
Três Estados Primários de Desequilíbrio

IV SEÇÃO CONSIDERAÇÕES TERAPÊUTICAS 165
Capítulo 9 Vias de Acesso 167
A Cor - Remédio Universal
Homeopatia e Radiônica
Doze Remédios de Sais Minerais
Remédios de Flores e Pedras Preciosas
Remédios de Flores de Bach
Os Chakras e o Tratamento Radiônico

V SEÇÃO OUTRAS DIMENSÕES 189
Capítulo 10 Cruzando as Interfaces 191
O Papel e a Importância da Faculdade Radiestésica no Mundo Moderno

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

1. Uma Interpretação Simbólica da Substância e da Estrutura Perceptiva do Homem
2. Os Sete Níveis do Plano Cósmico Físico e a Constituição Esotérica do Homem
3. O Plano Mental com Suas Sete Divisões
4. Padrão Geométrico Produzido por um Instrumento a Partir dos Ajustes 5 - 9 - 6
5. O Analisador Radiônico Magneto-Geométrico de Rae
6. Gráficos de Seleção para Análise e Tratamento Utilizados Pelo Analisador Radiônico Magneto-Geométrico
7. Analogia Entre o Estuário de um Rio e as Causas e Quadro de Sintomas de Uma Doença
8. Cartão Circular Para o Simulador de Potência Representando o Nitrato de Prata
9. O "Instrumento" Original de Simulação de Potência
10. O Simulador de Potência Mark II
11. Cartão de Remédio Correspondente à Agraphis Nutans
12. Analogia Correspondente ao Processo de Simulação de Remédios: Diagrama 1
13. Analogia Correspondente ao Processo de Simulação de Remédios: Diagrama 2
14. Analogia Correspondente ao Processo de Simulação de Remédios: Diagrama 3
15. O Simulador de Potência Mark III
16. O Simulador de Potência de Ação Intensiva
17. O Simulador de Potência de Ação Intensiva com 4 Seções Para Remédios Múltiplos
18. O Preparador Magnético de Potência Homeopática de Rae
19. Fluxo Reprimido de Energias no Processo Patológico
20. Transferência de Energia dos Chakras Inferiores Para o Superiores
21. Gráficos Para o Cálculo de Potências
Gráfico A
Gráfico B

PREFÁCIO

Em seu primeiro livro, *Radionics and The Subtle Anatomy of Man*, o autor apontava uma sugestiva relação entre as concepções teosóficas oriundas do Oriente e a arte da Radiônica, essencialmente ocidental. Penso que ele foi levado a tanto pelo temor de que a Radiônica se tornasse demasiado materialista, no sentido eletromagnético, atribuindo, assim, um papel de compensação àquelas vibrações sutis que nós assimilamos ao espírito e ao pensamento. Em seu outro livro, *Radionics - Interface with the Ether Fields*, ele assinalava uma outra relação, que talvez venha a se mostrar mais importante, a saber, entre a Radiônica e a moderna biologia molecular, postulando que a matéria e o pensamento formariam uma interface a partir dos códigos tríplices e dos termos do DNA. Prevê-se que, a determinada altura, as descobertas da biologia molecular venham a

superar, com deferência, as idéias teosóficas, de modo que o estudo do etérico passará a se basear quase que inteiramente na ciência e na arte ocidentais.

Quero crer que o meu recente livro, *The Intelligent Universe*, tenha reforçado de algum modo a contribuição da ciência para a explicação das dimensões etéricas. O que eu descobri, após mais de trinta anos de investigações, foi que o princípio fundamental do Universo é a informação e a inteligência, e que tais categorias psíquicas deveriam substituir a nossa antiga concepção do Universo como um complexo de energias. Não fui eu o criador dessas teorias que remetem à Escola de Cambridge dos anos 30 e estão associadas a nomes célebres como os de Sir Arthur Eddington e Sir James Jeans. Entretanto, a minha atenção foi atraída para o assunto quando Sir Arthur Eddington afirmou que "Suspeitamos que a matéria-prima do Universo é a mesma da mente". Tal é a proposição que explorei e que a ciência moderna vem reforçar através de dois novos dados: em primeiro lugar, a estrutura da matéria é bastante semelhante às estruturas digitais dos computadores eletrônicos e, em segundo, que a fonte da vida orgânica na molécula de DNA reduz-se a "termos" que possuem um código tríplice especial comparável ao código binário utilizado pelos computadores. Assim, podemos agora entender perfeitamente a afirmação de São João de que "No princípio, era o Verbo".

É este o campo explorado pelas técnicas da Radiônica, sendo que este livro constitui uma importante reconsideração desta arte, tal como existente no presente. A Radiônica ainda se encontra nos estágios iniciais de exploração, tal como esclarece o autor, e pode abrigar falácias, tanto quanto verdades, mas esta é uma condição que ela compartilha com a ciência convencional. A ciência convencional também investiga o oculto, embora para isso ela precise, às vezes, recorrer a dispendiosos aceleradores lineares para revelar tão-somente extravagâncias do tipo Agouros e Feitiços.

Entretanto, a Radiônica se diferencia da ciência convencional num aspecto importante, pois nela é indispensável um operador humano, muito embora este possa contar com o concurso de instrumentos. Como assinala o autor, esse fato impõe exigências especiais àqueles que investigam ou praticam essa arte, na medida em que se requer uma disciplina emocional ou mental de alto grau, a fim de assegurar sinais de alto índice sinal-para-ruído. Tal como penso, isto significa que aqueles que praticam esta arte precisam desenvolver um estado de espírito bastante sensitivo e artístico, pois o terreno que exploram, "os anjos temem pisar".

A situação encontra uma analogia na música, em que um violinista dispõe de seu violino, um mero instrumento. Mas, de alguma forma, o violinista possui a capacidade de produzir música melodiosa, o que não é uma propriedade inerente ao violino em si. Assim, penso que deveríamos falar em Arte da Radiônica, tal como falamos em Arte da Medicina, sem deixar de constatar uma faceta importante e iniludível, que é a da natureza do ser humano que se acha envolvido e o grau em que ele pode manifestar propriedades psíquicas superiores, tais como a tranqüilidade interior, a faculdade da atenção constante e da sensibilidade emocional, requisitos indispensáveis a um artista.

Nos próximos cem anos, o Homem certamente reformulará suas concepções acerca da realidade, e a natureza insólita do oculto e do etérico será indubitavelmente esclarecida. Quero crer, também, que o maior choque será causado pela biologia molecular. A Radiônica se acha particularmente direcionada para a cura do corpo humano, e os programas de base que mantêm o estado de saúde normal do corpo humano estão vazados nos códigos do DNA. Assim, como sugere o autor, vejo a Radiônica, em sua próxima etapa de evolução, fundindo-se com a biologia molecular, já que ambas estão fundadas sobre "o poder da palavra", o qual constitui a base do pensamento. Penso ser significativo o fato de, no método usado pelo praticante da Radiônica, haver necessidade de uma "amostra", tal como uma gota de sangue ou um fio de cabelo, pertencente ao paciente. Mas, o que importa nesta gota, ou neste fio, é o padrão do DNA que aí se acha alojado e que contém todas as informações sobre qualquer função do corpo humano. Cada molécula simples do nosso DNA contém o arcabouço de toda a nossa existência física, e penso ser esta a razão básica para o êxito da Radiônica. A biologia molecular já conseguiu identificar integralmente o "conjunto de recepção" para as mensagens oniscientes da Mente Cósmica dirigidas a criaturas vivas... É o DNA, sem qualquer sombra de dúvida.

Recomendo este livro para todos os leitores interessados naquelas dimensões que transcendem a mera luta cotidiana pela sobrevivência física.

David Foster

PREÂMBULO

É com profunda satisfação que escrevo um preâmbulo para este importante livro, pois ele trata de aspectos de uma das realizações fundamentais dos tempos modernos - a arte e a ciência da Radiestesia.

Tal realização procede de duas fontes principais, cada uma seguindo o seu próprio caminho, talvez necessariamente. Na medida, porém, em que ambas empregam a mesma faculdade nas e para as suas descobertas - a Faculdade Radiestésica -, possuem obviamente muito em comum.

A primeira originou-se do trabalho de pesquisa do Dr. Albert Abrams e de Ruth Drown, nos Estados Unidos, e, posteriormente, de De La Warr, na Inglaterra, constituindo o que agora conhecemos por Radiônica; a segunda,

das atividades da rbdomania medicinal de sacerdotes franceses e outros, no início deste século. Esta última foi desenvolvida na Inglaterra pelo Dr. Guyon Richards e seu notável grupo de colaboradores médicos que, juntos, investigaram essa nova forma de diagnóstico e tratamento em sua "Medical Society for the Study of Radiesthesia". Posteriormente, essa tendência se desdobrou, sob a inspiração do Dr. George Laurence, no que se denominou Medicina Psiônica, à qual foi consagrado um estudo minucioso e abrangente de J. H. Reyfter, intitulado *Psionic Medicine - the study and treatment of the causative factors in illness*.

Um levantamento similar é feito desta vez em relação à Radiônica, através do presente volume, *Dimensões da radiônica*. Conheci Malcolm Rae e David Tansley há alguns anos, tendo sido mesmo em parte o responsável pela sua introdução a este fascinante campo de pesquisas. Cada um o abordou e o desenvolveu à sua maneira, a partir de formações bem diversas, não tendo, a princípio, avaliado o quanto complementavam-se; ao constatarem isso no devido tempo, porém, o resultado foi essa notável realização conjunta.

David Tansley, após se habilitar em Quiroprática nos Estados Unidos, retomou à Inglaterra para iniciar a sua prática. Encontrei-o pela primeira vez quando, após ter lido o meu livro *The Pattern of Health*, ele solicitou-me uma entrevista com o intuito de adquirir maiores informações sobre a Radiestesia e as suas aplicações práticas para a cura. Ele sentiu, com inteira razão, que ela poderia ser um complemento dos mais valiosos ao seu trabalho como quiroprático. O encontro realizou-se e ele ficou entusiasmado com as novas possibilidades que se descortinavam.

Embora fosse doutor em Quiroprática, ele não possuía habilitação médica regular; portanto, lhe sugeri que participasse da Radionic Association para estudar a matéria, em vez de procurar a Medical Society for the Study of Radiesthesia, pois esta última somente aceitava como membros médicos formados.

A partir daí, ele dedicou-se muito à Associação e tornou-se um dos principais expoentes da Radiônica, pois a esta ele acrescentou a instrução obtida nas escolas de pensamento ocultista, especialmente a de Alice Bailey. Ao fazê-lo, ele ampliou e enriqueceu o objeto de seus estudos, não apenas em termos de noções básicas, mas também sob o aspecto da aplicação prática.

Tudo isso ele relata nos seus dois livros anteriores: *Radionics and the Subtle Anatomy of Man* e *Radionics - Interface with the Ether Fields*. E agora, no terceiro livro da trilogia, contando com a fecunda colaboração de Malcolm Rae, acrescenta um apanhado ainda mais amplo, tanto de noções como de sugestões práticas, através do presente *Dimensões da radiônica*.

Malcolm Rae chegou a este campo após uma carreira de homem de negócios com larga experiência em muitos ramos do comércio, experiência que, naturalmente, pouco ou nada condiz com o seu trabalho de pesquisa, realmente único no presente, e que tantas contribuições enriquecedoras oferece para a cura. Jamais se deve subestimar as disposições da Providência.

Nosso primeiro contato deu-se por ocasião de uma avaliação dos padrões de cura descritos em *The Pattern of Health* - avaliação destinada a verificar se não poderia haver outros melhores e mais eficazes. A partir da pesquisa que realizamos, ele passou a desenvolver, no devido tempo, sua notável descoberta de que era possível encontrar radiestesicamente o padrão arquetípico de qualquer substância. Também, no devido tempo, ele desenvolveu projetos aperfeiçoados dos instrumentos radiônicos de diagnóstico e tratamento clássicos. Entretanto, após outras pesquisas, abandonou essa linha de conduta em favor de um instrumento que possibilitasse a utilização dos padrões arquetípicos em muitas direções, principalmente em relação à potência homeopática mediante padrões geométricos magneticamente ativados, através do que ele chamou de Simulador de Potência e, subseqüentemente, através do Analisador Radiônico Magneto-Geométrico - uma criação verdadeiramente notável.

Mas Malcolm Rae sugeriu também explanações experimentais que, tanto quanto sei, ainda não tinham sido feitas, sobre como os seus instrumentos radiônicos, conjuntamente com os padrões geométricos, funcionavam particularmente na preparação de potências de remédios homeopáticos. Isso constitui um progresso real para o conhecimento básico. Poder-se-ia, talvez, resumir essa contribuição conjunta como uma maneira inteiramente nova de suprir a "informação" em todos os níveis, de modo que o homem possa alcançar a integridade e manter-se num estado de equilíbrio dinâmico.

Em resumo, abre-se um campo de estudos e pesquisas fascinante e da maior importância, de modo que este livro é tão pertinente como oportuno. Pois toma-se cada vez mais evidente que aquilo de que ele trata, tanto na teoria como na prática, é algo da maior necessidade, se é que, nestes tempos de desintegração, desejamos encontrar uma saída para o pantanal materialista em que o homem se afunda.

Mas, se existe uma ameaça, existe também um desafio e uma esperança. Seríamos capazes de aumentar nosso nível de consciência, de modo a obter acesso às esferas do conhecimento e do saber supra-sensível e agir de acordo? A situação presente não está a exigir mais conhecimentos materiais, e sim uma nova dimensão do pensamento e da consciência numa palavra - uma Ciência Espiritual, para cuja fundação este livro poderá proporcionar sua valiosa contribuição.

Aubrey T. Westlake,
Godshill, Hampshire.
Março de 1977.

I SEÇÃO

Alguns Princípios Fundamentais

Os princípios gerais não são menos verdadeiros ou importantes devido ao fato de, por sua própria natureza, se esquivarem à comprovação imediata; eles são como o ar, que não é menos necessário só porque não conseguimos vê-lo nem senti-lo.

William Hazlitt

CAPÍTULO 1

Rumo à Simplicidade Essencial

A faculdade de simplificar significa eliminar o desnecessário, a fim de que o necessário possa se exprimir.
Hans Hofmann, Search for the Real

Por volta da última década, verificou-se um crescente e inequívoco interesse pela radiônica por parte de médicos, quiropatas, osteopatas e outros que, como os massagistas ou fisioterapeutas, dedicam-se integralmente, na qualidade de profissionais, a zelar pela saúde. Na maioria dos casos, esse interesse era motivado pelo fato de os praticantes dessas disciplinas estarem procurando um meio ou método de aperfeiçoar o atendimento aos seus pacientes. Assim, a radiônica surgiu oportunamente, na medida em que ela oferece um meio de detectar causas de doenças que teriam passado despercebidas aos exames médicos e clínicos convencionais. Além dessa vantagem óbvia, ela propõe também uma outra abordagem do tratamento, podendo vir a suplementar a ação propriamente física dos agentes terapêuticos normalmente empregados, bem como visar especificamente à eliminação das causas ocultas que tão freqüentemente subjazem aos casos crônicos.

Se, pois, a radiônica oferece vantagens tão evidentes, por que então um grande número de profissionais ligados à saúde e que se empenham no estudo desse método de cura acabam quase sempre por perder o interesse por ele? O que os demove? Sei de muitos médicos que, embora pudessem ter se beneficiado com a aplicação da radiônica às suas práticas ou contribuído com suas idéias para aperfeiçoar esta arte de curar, acabaram por se desinteressar. Se lhes indagarmos por que razão deixaram de levar a radiônica a sério, invariavelmente replicarão que, se não por um ou dois motivos pessoais, certos fatores há que os desanimam. O primeiro de todos parece ser a grande quantidade de crenças, quase sempre contraditórias, implicadas na prática da radiônica; o segundo é o fator tempo referente aos métodos cada vez mais complicados de diagnóstico e tratamento. Ambos os problemas podem ser tranqüilamente superados se o profissional interessado estiver preparado para suportar o impacto das primeiras impressões e chegar às premissas básicas subjacentes à teoria e à prática da radiônica.

Antes de considerar as premissas básicas da radiônica e esboçar um método prático que possa ser utilizado pelo profissional ligado à saúde, penso que será proveitoso estender-me brevemente acerca da evolução da radiônica e esclarecer um ou outro ponto para os que tendem a demover o investigador sério de prosseguir com seus esforços.

Do início do século até os anos 30, ou mesmo até os anos 40, período de pioneirismo em que se deu a formação da radiônica, a lista dos profissionais que se utilizavam da radiônica, de uma forma ou de outra, formava uma espécie de "Quem é quem" da arte de curar. Além do Dr. Albert Abrams, a cujo talento e inteligência aguda devemos o nascimento do que ora denominamos radiônica, havia o Dr. Thomas Colson, um osteopata que muito contribuiu para essa modalidade de cura através de suas pesquisas e esclarecimentos, como também por sua associação com o Dr. Abrams. McMannus era outra personalidade influente, cujo nome ainda hoje se ouve nas discussões relativas aos métodos de cura naturais, e cuja tabela para a correção da espinha é usada por muitas clínicas americanas. Das legiões de médicos, quiropatas e osteopatas que então incorporavam a radiônica às suas práticas, destacava-se, por sua contribuição tão ou mais considerável que a do próprio fundador, Ruth Drown, uma quiropata de Hollywood, Califórnia. Caberia a ela demonstrar ao mundo que pacientes podiam ser tratados à distância e, o que talvez seja ainda mais significativo, fotografias de perturbações no corpo etérico podiam ser tiradas à distância de muitos milhares de milhas por meio de um instrumento de sua invenção, a câmera Radio-Vision.

O trabalho de Abrams despertou a atenção de muitos clínicos britânicos, entre os quais nada menos que Sir James Barr, que procedeu a um estudo completo das descobertas de Abrams e aplicou-as largamente à sua prática. Em seu livro *Abrams Methods of Diagnosis and Treatment*, ele pondera ter encontrado em Abrams seus próprios ideais, e cuja meta era não apenas aperfeiçoar o diagnóstico e tratamento da doença, como também preveni-la. Alguns médicos ingleses seguiram para San Francisco a fim de instruir-se diretamente com Abrams e ficaram muito impressionados não só com a sua figura humana, mas também com o que ele tinha a ensinar.

Para eles, ficou claro que o seu trabalho continha as sementes de um importante progresso para a medicina. Dentre os médicos que, na Inglaterra, se interessavam pelo trabalho de Abrams, Guyon Richards foi provavelmente o pesquisador mais persistente. Sua perseverança em enfrentar os problemas surgidos no decorrer das pesquisas e encontrar soluções que lhe possibilitassem assistir aos seus pacientes com maior eficácia, salta aos olhos quando se lê o seu livro, *The Chain of Life*, que contém uma boa quantidade de informações úteis e um retrospecto histórico das pesquisas nesse campo para todos os médicos que possam estar considerando a possibilidade de utilizar a radiônica tal como ela se apresenta atualmente.

Outros clínicos, tais como Dudley Wright, Ernest Martin, Hector Monroe, Ernest Jensen, Hugh Wyllie e Winter Gonin, que desenvolveram a teoria e a prática da terapia através do hormônio herbóreo; Aubrey Westlake, cujo livro, *The Pattern of Health*, constitui um clássico no campo da radiestesia médica e, sem dúvida, continuará a sê-lo por muito tempo; o Dr. George Laurence, outro clínico de larga experiência, que foi atraído para este campo e cujas investigações deram origem ao que hoje se conhece por Medicina Psiônica - método de cura que se vale da faculdade radiestésica e da homeopatia e, entre outras coisas, oferece uma esperança para os muitos que padecem de afecções hereditárias adversas, miasmas adquiridos e toxinas, além dos efeitos colaterais quase sempre devastadores da vacinação - juntamente com outras personalidades, como o Dr. T. Watson e o Dr. Michael Ash, todos esses pioneiros integravam um grupo bastante ativo, conhecido como "The Medical Society for the Study of Radiesthesia".

Fica claro, assim, que os primeiros praticantes que se utilizavam da radiônica e da radioestesia médica haviam saído das fileiras da medicina, da quiroterapia e da osteopatia. Os praticantes leigos não eram ainda muito numerosos e tendiam a permanecer na retaguarda do movimento. Desde o início, Abrams encontrou grande resistência às suas idéias por parte dos praticantes mais ortodoxos, resistência essa que não tardaria a se transformar em oposição aberta, acompanhada de ataques infundados, não apenas ao seu trabalho como também à sua pessoa. Essas autoridades ligadas à saúde logo se juntariam para, no começo dos anos 60, concentrar seus ataques, conseguindo levar à prisão a então septagenária Ruth Drown, sob a acusação de fraude. Esta não tardaria a morrer, vitimada por um ataque cardíaco, sem dúvida ocasionado pela crise nervosa a que ela se viu sujeita na época.

A radiônica foi então declarada ilegal nos Estados Unidos e ridicularizada como pura charlatanice. Agentes dos mais diversos órgãos invadiam os consultórios dos praticantes, confiscavam-lhes os instrumentos e os destruíam. Como era de esperar, verificou-se um êxodo e muitos deixaram para sempre de utilizar a radiônica; uma pequena minoria prosseguiu em suas atividades secretamente, para evitar perseguições.

Na Inglaterra, o trabalho de Abrams deparou-se também com uma oposição considerável, o que, sem dúvida, desencorajou muitos médicos a investigar a fundo o que ele tinha a oferecer. O relatório Horder, realizado em 1924 e que tinha por objetivo apurar as averiguações da comissão de investigação, afirmava: "A proposição fundamental subjacente à Reação Eletrônica de Abrams (E. R. A., Electronic Reaction of Abrams) encontra-se estabelecida para um grau muito alto de probabilidade." Mas nada se fez para incentivar os médicos a proceder às suas próprias verificações, o que serve para mostrar como uma técnica de diagnóstico e tratamento, que poderia ter revolucionado a medicina, foi simplesmente posta de lado.

As pressões da ridicularização e a perseguição ao longo dos anos, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, tiveram como efeito reduzir o número de profissionais ligados à saúde que se valiam da radiônica e dos métodos radiestésicos, mas um grupo cada vez maior de praticantes leigos tomou para si a tarefa de prosseguir as pesquisas, especialmente na Inglaterra. Seu afastamento em relação à medicina convencional parece ter se dado entre 1946 e 1950, período em que a Society for the Study of Medical Radiesthesia perdeu Jensen, Wright, Monroe, Martin, Hort, Wyllie e Guyon Richards. Em seu tributo a essas personalidades, o Dr. Michael Ash declarou que, embora esses pioneiros de uma nova medicina estivessem mortos, o trabalho deles sobreviveria. O aparecimento de George de La Warr na cena da radiônica coincidiu com esse aumento do número de praticantes leigos; as pesquisas realizadas nos Laboratórios De La Warr fomentaram e aceleraram o progresso da radiônica, encorajando muitos a tomar conhecimento dessa nova modalidade de cura e prestar uma valiosa assistência a um grande número de pessoas portadoras de alguma doença.

O que na verdade aconteceu foi que, tendo nascido na esfera da medicina, a radiônica passava agora para as mãos do praticante leigo, em quem encontraria, a partir de então, grande apoio e estímulo. Creio que foi aí que se originou um certo número de motivos que induzem os médicos a manter distância em relação a essa arte da cura ou desistam de considerá-la seriamente. Sou da opinião de que, se esses obstáculos forem apontados e sua inconsistência revelada, um grande número de médicos, que se dispõem a tomar conhecimento da radiônica, passarão a incorporá-la às suas práticas de um modo ou de outro. É essencial enxergar além das aparências a realidade subjacente à radiônica, que é simples e direta, útil e eficaz.

A radiônica é, hoje, no melhor dos casos, uma técnica de cura alternativa, e, como tal, atrai, naturalmente, aqueles que pensam segundo os padrões da cura natural. Sendo isso um fato incontestável, não há o que lamentar, mas a questão é que os pensadores alternativos possuem irmãos ainda mais heterodoxos, que se situam, por assim dizer, na margem da margem, e são as crenças e concepções destes últimos que, assimiladas pela radiônica, tendem a afugentar o estudante sério, leigo ou ortodoxo. Se a radiônica tivesse

permanecido no contexto da medicina ortodoxa, por exemplo, muitas, se não todas as contribuições espúrias que a ela se acrescentaram não teriam tido razão de ser e, assim, veríamos em ação uma arte da cura nascida de disciplinas clínicas e científicas.

Entre os principais fatores que contribuem para demover o médico convencional ainda nos primeiros passos de sua investigação da radiônica, está o quase sempre desconcertante complexo de crenças atuantes neste campo. Muitas delas são suscitadas pela natureza subjetiva da radiônica, bem como por certas espécies de rituais comuns tanto aos métodos ortodoxos como aos métodos heterodoxos de cura. Embora não estejamos habituados a concebê-lo nestes termos, o ritual é um elemento fundamental de qualquer arte da cura, seja ela a medicina, a quiroterapia, a osteopatia ou a radiônica. No ritual do relato de um caso clínico, por exemplo, ocorre uma interação e um intercâmbio de energias e informações entre o clínico e o paciente. A este, seguem-se os rituais dos exames, radiografias e testes clínicos, os quais constituem fatores essenciais para o estabelecimento de uma área comum de entendimento entre as partes em jogo. Uma vez claramente definida e estabelecida esta, segue-se o ritual do tratamento propriamente dito, que pode assumir a forma de cirurgia, injeção ou ingestão de medicamentos, massagem, manipulação, acupuntura ou demais técnicas requeridas segundo os casos particulares. Seja qual for o procedimento que adotemos, o ritual é um fator indescartável. Nos procedimentos ortodoxos, esse ritual desenrola-se segundo etapas claramente distintas. Um osso fraturado, por exemplo, é suavemente apalpado, radiografado, endireitado, engessado e, por fim, imobilizado. Do sucesso de cada uma dessas etapas resultará a cura da fratura. O processo inteiro é uma seqüência clara de fatores objetivos e comprováveis. É com essa espécie de coisas que um médico está habituado a lidar; daí o flagrante contraste por ele experimentado ao tomar contato com a radiônica.

Como mencionei anteriormente, a radiônica, por sua própria natureza, lida essencialmente com fatores subjetivos e, por isso, o médico acostumado aos procedimentos objetivos, quase não encontra, se é que encontra, um terreno firme e familiar sobre o qual pisar. O próprio estabelecimento de um diagnóstico à distância envolve tantos fatores impalpáveis que alguns, não conseguindo ultrapassar esse primeiro obstáculo, não chegam sequer a encarar tal tratamento. Os que são capazes de aceitar essas concepções e abrir caminho com suas investigações acabam inevitavelmente por abraçar algumas das crenças mais excêntricas dentre as cultivadas e endossadas, de tempos em tempos, pelos praticantes leigos. Tais crenças são quase sempre suscitadas pela própria natureza subjetiva dos procedimentos da radiônica, os quais, por vezes, chegam a escapar a qualquer controle, até o ponto em que as sombras da superstição e da magia começam a interferir no processo e nos procedimentos do diagnóstico e do tratamento.

Vale a pena deter-nos neste ponto, a fim de verificar como isso se dá. A aplicação bem-sucedida de qualquer técnica na arte de curar depende, em maior ou menor grau, da fé que o seu praticante tem naquilo que faz. Surpreendentemente, isso se aplica à medicina muito mais do que supomos e, em se tratando de um procedimento subjetivo como a radiônica, chega a ser mesmo' um fator capital. Fé no que se faz, entusiasmo e um bom conhecimento das ciências clínicas e elementares, além de uma aguda sensibilidade, são requisitos essenciais para que um prático leigo venha a alcançar sucesso em sua prática. O Theosophical Medical Research Group, em seu livro *The Mystery of Healing*, aborda essa questão:

Segue-se então que a precisão ou imprecisão do diagnóstico por intermédio da radiestesia dependerá de todos os fatores gerais implicados na experiência psíquica e médica - experiência, impessoalidade e potencial psíquico, consciente ou inconsciente, do operador. As condições psíquicas favoráveis ou desfavoráveis, incluindo-se aí a resistência, a simpatia ou a expectativa do paciente, bem como a simplicidade ou a dificuldade do caso em questão, devem ser incluídas entre os fatores atuantes.

De todas as condições, a sensibilidade é a mais propensa à flutuação, por depender e estar diretamente relacionada a fatores capazes de fazê-la decrescer. Más condições de saúde, fadiga, tensão nervosa, meio ambiente ruidoso e condições atmosféricas podem, de uma maneira ou de outra, reduzir a sensibilidade. Quando a sensibilidade diminui, os resultados tendem a ser menos satisfatórios, o diagnóstico toma-se impreciso e o tratamento menos eficaz. Tudo isso acarreta a perda de entusiasmo, fazendo com que o operador se sinta temporariamente incapacitado. O que mais freqüentemente ocorre a esta altura é que, em vez de conscientizar-se do fato e relaxar, tal como exige a situação, o praticante põe-se a procurar alguma saída esotérica para suprir a deficiência de energia. Intuitivamente, muito embora sua disposição seja exatamente aquela que o leva a utilizar o seu pêndulo numa sessão de perguntas e respostas, ocorre-lhe a idéia de colocar um pequeno frasco de mel sobre a sua bandeja de instrumentos. Esse procedimento pode ser bem-sucedido a ponto de liberar a energia suficiente que lhe permita seguir em frente - e, logo, os casos contados pelos pacientes tendem a reforçar a sua fé na eficácia do frasco de mel, e num abrir e fechar de olhos os praticantes do país inteiro estarão adotando a mesma técnica, como algo da maior naturalidade.

Pode ser que um outro praticante, que se encontre na mesma situação de deficiência de energias, venha atribuir o seu estado a influências malélicas oriundas de lugares tão díspares como as entranhas da Terra, o espaço sideral ou a ação dos opositores do seu trabalho (um número considerável de praticantes julga que o

seu trabalho é importante a ponto de atrair a atenção das "forças das trevas"). Certos operadores costumam afixar rótulos com "números mágicos" aos seus instrumentos de trabalho ou balançar alguma quinquilharia oriental no ar a fim de expulsar as forças que julgam estar interferindo no seu trabalho ou perturbando seus campos de energia. Um radiestesista, por quem eu tinha o maior respeito, adquiriu o hábito desconcertante de levantar-se em meio à conversação mais banal, pegar um pêndulo, balançá-lo um pouquinho para então mudar de posição uma tigela de vidro que se encontrava sobre uma mesinha ao lado do sofá. Pelo que se pode supor, acreditava ele que esse objeto irradiava energias pelo aposento, e por isso era preciso mudá-lo de lugar de tempos em tempos.

Estes são apenas alguns exemplos das crenças e práticas singulares que se confundem com a radiônica; mas ainda existem dúzias de outros. Certa vez, tive em meu poder dois conjuntos de instrumentos para tratamento que haviam pertencido a um reverendo; sim, como provavelmente adivinharam, em vez do formato retangular normal, eles haviam sido talhados em forma de púlpitos... Os pêndulos personalizados constituem uma outra forma de superstição que recebe a adesão de um bom número de praticantes, sendo que alguns deles conseguiram ganhar bom dinheiro com essa' exploração. O fato é que um pêndulo puro e simplesmente funciona, não importa como. Há também aqueles que não admitem usar um pêndulo talhado em perspex, sob a alegação de que não se trata de uma substância natural, como a madeira ou o osso, sendo por conseguinte inferior e deixando a desejar quanto aos resultados. Sempre utilizei um pêndulo de perspex e nunca vi Malcolm Rae utilizar outra coisa, sem que isso tenha representado a menor diferença para nós ou para centenas de outros que não endossam a crença de que um pêndulo feito de substância natural é melhor que os outros. Naturalmente, se o praticante acha essencial alimentar o seu sistema de crenças ou complicá-lo com pêndulos personalizados ou naturais, não há mal algum nisso; mas o observador imparcial poderá não compreender esse aspecto e eventualmente poderá perder o interesse pela radiônica, convencido de que seus praticantes não passam de um bando de excêntricos e de que o método pouco tem de válido a oferecer.

Outro aspecto pouco auspicioso da radiônica, capaz de desencorajar o profissional ligado à saúde, são os grupos de culto. Estes são formados por pessoas com tendência a agrupar-se em torno de um praticante da radiônica que desenvolveu uma técnica qualquer, técnica esta que é por ele impregnada de uma aura de mistério e eficácia ímpar. Ser membro de um desses grupos é algo que exige, em maior ou menor grau, certa obediência. O que o mestre afirma passa a valer como a própria verdade, pouco importando se contradiz ou não a evidência dos fatos, se vai de encontro à verdade ou se está baseado em procedimentos claramente mágicos e ritualísticos. Em tais grupos, surge inevitavelmente uma hierarquia, pois o líder, ou pêndulo-mestre, começa por colocar certos aspectos do diagnóstico e do tratamento fora do alcance de seus acólitos. Em seguida, procede de forma a admitir gradualmente o acesso de alguns de seus discípulos favoritos à matéria de seu conhecimento, conferindo-lhes, assim, uma vantagem imaginária sobre o restante do grupo. Os procedimentos originados dessas atitudes antiquadas, muito próprias dos piscianos, são, via de regra, complicados e onerosos, exigindo equipamentos de toda sorte, tomando felizmente impossível para o investigador sério, profissionalmente ligado à saúde, considerar sequer remotamente a sua adoção.

A radiônica não está sozinha, quando se trata de sistemas de crenças singulares. A cura espiritual, que é uma outra abordagem subjetiva da cura de doenças, também exhibe características semelhantes. Lawrence Le Shan, em seu livro *The Medium, the Mystic, and the Physicist*, relata que, ao empreender o estudo da obra de um grupo de "médicos espirituais sérios", entre os quais contavam-se figuras como as de Harry Edwards, Agnes Sanford, Alga e Ambrose Worrall, Edgar Jackson, Paramahansa Yogananda, Katherine Kuhlmann e outros, descobriu que o seu comportamento se deixava classificar em duas espécies distintas. Le Shan definiu a primeira espécie como sendo a dos "comportamentos idiossincráticos", ou seja, comportamentos que se verificavam em um ou vários deles. A segunda espécie foi por ele denominada "comportamentos comunais", na qual todos se encaixavam. Esta última é que era, a seu ver, relevante para os fins da cura. Na radiônica, a instrumentação, os pêndulos, os detectores do tipo forquilhas de detecção, os métodos de diagnóstico e tratamento baseados na anatomia física e sutil constituiriam fatores comunais, ao passo que os frascos de mel, os rótulos mágicos, "o meu guru diz que eu não devo tratar do chakra da cabeça" ou "não dará certo se o mestre não fizer uma simpatia para os instrumentos" expressam realidades que se pode taxar de idiossincráticas e, em última instância, prejudiciais à imagem da radiônica. Se o investigador sério se dispuser a identificar todas essas ninharias e exercê-las tais como realmente são, encontrará sob elas uma via para a cura digna de consideração.

Uma vez feito isso, o próximo obstáculo que se apresenta é o fator tempo. Conheço poucos médicos ou praticantes da medicina natural que disponham de tempo suficiente para praticar ao mesmo tempo a radiônica e a disciplina para a qual foram originalmente treinados. Isso levanta a seguinte questão: como seria possível a um médico, que tem o seu tempo inteiramente tomado, recorrer à radiônica? A resposta depende, em larga escala, da necessidade que ele tem de recorrer à radiônica como um complemento à sua prática. Se o que se tem em vista é uma aplicação extensiva dos métodos da radiônica, torna-se necessário, então, contar com a ajuda de um assistente, de um leigo competente, que não tenha tendências a desenvolver "comportamentos idiossincráticos" e em cujo desempenho eficaz e seguro se possa confiar plenamente. Se, por outro lado, a

radiônica é usada somente como um recurso para os casos mais espinhosos, o médico deve dispor de tempo para agir por sua própria conta, ou então solicitar os serviços de um praticante com tempo integral para fazer os testes de que necessita. Alguns médicos preferem se valer dos próprios pacientes em pequenos grupos, realizando o diagnóstico e ministrando os tratamentos radiônicos. É um método que dá bons resultados, sendo que eu próprio às vezes me utilizo dele. Entretanto, deve-se tomar cuidado para não sucumbir à tentação de acolher um número exagerado de pacientes, evitando-se, assim, a sobrecarga e o acúmulo de trabalho. Um dos aspectos da radiônica que pode ser aproveitado ao máximo por todos os médicos, com grandes vantagens, é naturalmente a preparação e a simulação de remédios. Inúmeros médicos de todo o mundo reconhecem as vantagens representadas por essas técnicas radiônicas e as adotam nas suas práticas. Tratarei disso mais detalhadamente num capítulo posterior, pois que este constitui um dos aspectos mais importantes da radiônica atual.

O tempo representa um problema também para o praticante que se dedica somente a essa arte. A princípio, muitos passam a exercer gradualmente a radiônica como uma atividade de tempo integral sem precisar, no entanto, encará-la como um meio de vida. Por fim, uma prática bem-sucedida significa às vezes que a radiônica passa a ser a principal fonte de renda. Esse tipo de situação, com seus lentos desdobramentos, parece estimular a aquisição de técnicas desnecessariamente complicadas e dispendiosas, que requerem demasiado tempo para serem assimiladas e quase sempre deixam o praticante, ao final do dia, num estado de completa exaustão. Aos poucos, a prática assim concebida tende a sufocar o praticante e vetar-lhe quaisquer soluções que poderiam levá-lo a empregar o seu tempo de forma mais racional. Basta dizer que na maior parte das atividades que atualmente constituem a radiônica, o praticante perde muito tempo e energia simplesmente porque jamais foi levado a questionar o seu método de trabalho, a fim de saber se está fazendo o melhor emprego possível do tempo e das energias. Isso, naturalmente, diminui sua capacidade de lidar com os pacientes mais difíceis, bem como impede-lhe de levar uma vida mais razoável. Muitos, reconhecidamente, não ficam constrangidos por fazer da radiônica uma fonte de sustento, principalmente quando é o marido quem provê o ganha-pão da família ou quando o indivíduo não possui outra fonte de renda. Ambas as situações dão margem ao uso de métodos ineficazes, pois o praticante não questiona a eficácia dos seus métodos de trabalho.

Essa espécie de ineficácia que se verifica na prática da radiônica não deveria necessariamente dissuadir o profissional ligado à saúde, porém ela afeta mais profundamente outros interessados em pesquisar a radiônica. Trata-se das pessoas jovens, capazes de intuir rapidamente que a radiônica tem muito a oferecer, na medida em que constitui uma arte da cura que lhes possibilitará empregar o seu potencial de sensibilidade e colocá-lo a serviço de outrem. Essa nova geração é capaz de compreender de imediato o significado da radiônica e de ver nela as sementes de uma Nova Era para a medicina, orientada para a vida e não para a mecanização. Costumo vê-los sempre emocionados com a descoberta da radiônica, ansiosos por abraçá-la como atividade de tempo integral, para, em seguida, se retirarem desiludidos com o que viram e ouvirem. Onde menos seria de se esperar, deparam-se com milhares de formalidades burocráticas mescladas a atitudes condescendentes e ultraconservadoras. Princípios que poderiam ser assimilados em poucas horas são-lhes tediosamente ministrados durante anos a fio, isso quando suportam o aprendizado até o fim. São-lhes apresentadas as crenças mais contraditórias e, então, torna-se claro, pois lhes é dito, que é muito difícil fazer da radiônica um meio de vida. Devido a semelhantes motivos, a radiônica perde muitos jovens talentosos, dotados e sensitivos, os quais são muito mais importantes que o médico que se vale dos seus métodos simplesmente como complemento à sua atividade regular. Potencialmente, esses jovens são praticantes de tempo integral que, com um bom embasamento nas ciências clínicas e elementares, além de uma certa habilidade para empregar os métodos radiônicos de diagnóstico e tratamento, poderiam trabalhar integralmente como assistentes de médicos, quiropatas ou osteopatas. Trata-se de um ramo quase inexplorado da radiônica, embora eu esteja seguro de que um praticante jovem e competente possa vir a concretizar o seu futuro neste campo. Recordo-me de que sempre que eu tentava conciliar a radiônica com as minhas atividades de quiropata, pensava poder encontrar de algum modo um assistente para cuidar dos pacientes que necessitavam de tratamento por meio da radiônica. Creio que qualquer jovem dotado de um bom grau de sensibilidade e bom-senso, ainda não oprimido pelas tradições dos sistemas de crenças vigentes, tem futuro neste campo como praticante de tempo integral, contanto que empregue uma técnica radiônica simples e eficaz e se disponha a aceitar a grande responsabilidade que essa atividade implica.

Eu mesmo, nos meus primeiros passos na radiônica, procurei simplificar ao máximo a técnica, fiando-me, para tanto, nos meus conhecimentos dos sistemas bioenergéticos sutis do homem. Na qualidade de quiropata, minha abordagem originou-se de uma concepção do homem fundada muito mais sobre termos energéticos do que mecânicos. A quiropraxia, a despeito do que afirmam muitos de seus defensores, possui raízes profundas numa antiga tradição esotérica. A profissão, de maneira equívoca mas muito compreensível nos tempos que correm, livrou-se do fardo de sua ascendência esotérica, na esperança de obter reconhecimento científico, fosse este qual fosse. Rompeu, também, seus fortes laços com a radiônica, como se se tratasse de parte do

mesmo fardo. Atualmente, porém, a tendência é a de uma reconsideração dos valores e crenças sustentados no período de pioneirismo da quiroterapia, o qual coincide com o da radiônica.

O fator mais relevante que se destaca em minhas pesquisas com a radiônica é o de que há uma necessidade de simplificação absoluta.

Esta bem pode ser a convicção comum que levou Malcolm Rae e eu a trocarmos idéias. Todas as suas pesquisas com a radiônica foram motivadas pela necessidade de chegar ao que ele denomina "a simplicidade essencial", sendo que sempre foi seu objetivo simplificar os seus métodos e aumentar a sua eficácia. Ele foi muito favorecido também pela circunstância de ter realizado grande parte dos seus experimentos em colaboração com médicos ativamente interessados pela radiônica e conhecedores dos seus problemas em comum com a medicina.

Com base na experiência, somos levados a crer que, se a radiônica visa a despertar o interesse do profissional ligado à saúde ou do praticante de tempo integral, ela deverá conformar-se com os seguintes preceitos:

1. As técnicas de diagnóstico e terapia devem ser simples, além de compreensíveis, abrangendo a totalidade do homem em seus aspectos físico e sutil.
2. O instrumental da radiônica deve ser de concepção e execução simples e compacta, e estar em conformidade com os princípios dos campos de energia nos quais ele se destina a trabalhar.
3. A condução do diagnóstico e do tratamento, bem como a operação dos instrumentos, devem estar isentos de quaisquer projeções idiossincráticas.
4. O praticante deve possuir larga experiência tanto das ciências físicas como das espirituais, pois ambas são necessárias para a modalidade de cura em questão.

Se esses requisitos forem satisfeitos, teremos como resultado uma introdução simples e direta à radiônica, que tanto poderá ser assimilada como utilizada por médicos, quiropatas e osteopatas em seus próprios domínios, sendo de utilidade também para o praticante de tempo integral que trabalhe como assistente ou conduza sua própria prática.

Esperamos que o pesquisador sério encontre nas páginas que se seguem uma introdução elementar à prática da radiônica no que se refere a princípios, técnicas e instrumental. Além disso, este livro foi concebido como um manual de referência para o praticante, de modo que este possa folheá-lo no decorrer de suas atividades cotidianas para se informar a respeito da terapia pela cor, dos remédios, dos corpos sutis do homem e assim por diante. Há também informações suplementares acerca da anatomia sutil do homem que não haviam sido incluídas nos dois primeiros livros desta série, especialmente quanto ao câmbio dos centros de energia dos chakras inferiores para os superiores, e o seu efeito sobre a saúde. Se o leitor é, por um lado, contemplado com informações minuciosas, eu, de minha parte, manterei adesão irrestrita ao princípio da "simplicidade essencial".

CAPÍTULO 2 **O Campo da Mente**

Começamos a suspeitar que a matéria-prima do Universo é a mesma da mente.
Sir Arthur Eddington, The Nature of the Physical World

Sempre que se examinam os Ensinamentos Ocultos preservados ao longo do tempo pelas diversas escolas esotéricas de todo o mundo, emerge um tema claramente definido a asseverar-nos que o Universo não é mais que a manifestação exterior de uma inteligência infinita, um produto, por assim dizer, da Mente Universal. No prefácio de seu livro A doutrina secreta, Madame Blavatsky escreveu:

Existe um Princípio Imutável e Infinito; uma Realidade Absoluta que precede todas as manifestações contingentes do Ser. Ele está além do alcance e da concepção de qualquer pensamento ou experiência humana.

Muitos séculos antes do aparecimento do movimento teosófico, o sábio chinês Lao Tsé expressava uma concepção similar no Tao Tê Ching (O livro do caminho perfeito):

O inominável foi a origem do céu e da terra.

A Teosofia afirma também que o Universo manifesto se acha contido nessa Realidade Absoluta, da qual não seria senão a expressão contingente, dando origem a três aspectos ou princípios criativos elementares, aos

quais ela denomina Precursor do Manifesto, Espírito do Universo e Alma Universal. Esses três princípios estão na origem de um sem-número de Universos, Sistemas Solares e Estrelas Manifestas, sendo cada Sistema Solar a materialização de uma Força Vital Inteligente que contém o arquétipo dos três aspectos cuja evolução, desde o Precursor do Manifesto, é por ela conduzida. Na teologia cristã, tais aspectos são conhecidos como Pai, Filho e Espírito Santo; outras escolas de pensamento se referem a eles como energia Positiva, energia em Repouso e energia Negativa ou, de maneira simples e descritiva, Vida, Consciência e Forma. Todos esses três aspectos encontram-se inter-relacionados e abrangem o vasto oceano das energias cósmicas que dão origem à vida e a mantêm tal como a conhecemos.

Essa proliferação de princípios e formas a partir de uma fonte incompreensível não se restringe em absoluto à tradição teosófica. No Livro Segundo do Tao Tê Chmg, novamente encontramos um paralelo quando Lao Tsé escreve:

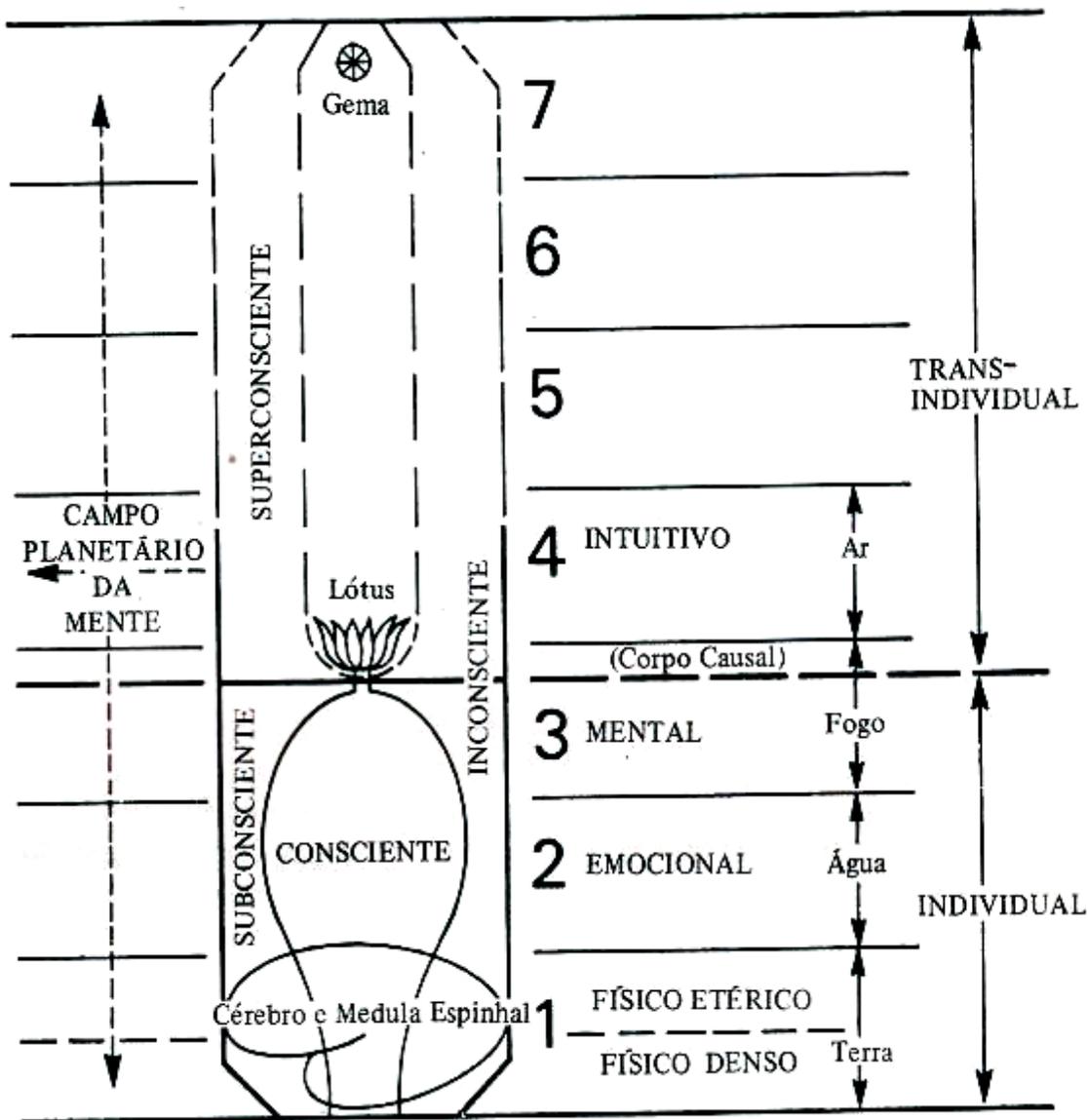
O Tao oculta-se a si mesmo e não tem nome. Ele é o único que se distingue em aplicar e em realizar. O Tao produziu o Um; o Um produziu o Dois; o Dois produziu o Três; o Três produziu miríades de criaturas. As miríades de criaturas levam avante, às costas, o yin e estreitam entre seus braços o yang e a combinação de forças que geram o Dois.

O campo da mente é, em essência, o da Alma Universal, a que se referem todas as tradições esotéricas. Naturalmente, a diversidade de culturas e crenças deu origem a várias representações desse campo, algumas delas toscas e simplistas, outras complexas e veladas por um cerrado simbolismo; outras, ainda, não passam de distorções acabadas do tema básico, produtos da imaginação fértil de aspirantes à sabedoria. A radiônica, e mesmo as formas ainda mais subjetivas de cura, são mais eficazes quando o praticante possui algum conhecimento do campo de energias sobre o qual trabalha. Em resumo, o praticante terá melhores condições de cumprir sua função se tiver um entendimento básico do domínio da mente, especialmente o praticante da radiônica, pois esta, em última análise, é uma forma de cura mental através de instrumentos. Obviamente, muitos praticantes desempenharam com êxito a sua tarefa ao longo dos anos sem precisar de semelhante bagagem de conhecimentos; mas eu sinto que, à medida que a radiônica obtiver reconhecimento como um ramo da parapsicologia, será da maior importância possuir esses conhecimentos a fim de que possamos aprender de que modo ela funciona e como se relaciona com as outras modalidades de cura.

Já que existe um grande número de modelos do domínio da mente, qual deles seria especificamente o mais preciso e adequado para o praticante da radiônica? Que critério aplicar para fazer uma boa escolha? Penso que, assim como Le Shan julgava os "comportamentos comunais" essenciais para os fins da cura no trabalho dos praticantes por ele estudados, também nós somos levados, em nome da clareza, a aplicar o mesmo procedimento às diferentes representações do campo da mente. Devemos considerar os "fatores comuns" e verificar onde se dá a concordância, aprendendo por esse meio a discernir os "fatores idiossincráticos" postulados por este ou aquele guru, ou porque "meu mestre diz que é assim e assim". Existem autoridades em matéria de preceitos espirituais elementares, tais como a Bíblia, os Vedas, os Upanishads e o Tao, para citar apenas algumas, que merecem mais crédito do que a palavra dos últimos arautos da verdade surgidos em cena. Se nelas encontramos a confirmação que buscamos, podemos deixar de lado as autoproclamadas autoridades que refletem sobre a realidade mediante os espelhos distorcidos de seus próprios critérios.

Com base no estudo e na experiência adquirida nessa matéria específica durante os últimos sete anos, tanto do ponto de vista das práticas de meditação como das de cura, cheguei à conclusão de que a representação proposta pela Teosofia e apresentada recentemente, com grande riqueza de detalhes, por Alice A. Bailey em seus escritos, encerra um grande número de "fatores comuns" e se acha em Concordância com muitos outros sistemas. Deve-se ter em mente, também, que esta obra foi a última e mais atualizada contribuição da Antiga Sabedoria a sair da Trans-Himalayan School of Adepts. Não terá passado despercebido a ninguém que a tenha estudado a nota aquariana que a perpassa, pois que se enfatiza muito mais a confiança no próprio Eu do que os ensinamentos vindos de fora.

A representação dos campos da mente que se segue, e que muito deve a Bailey, foi apresentada em 1972 por Elmer Green, durante uma conferência intitulada "How to make use of the field of mind Theory". Esta conferência foi patrocinada pela Academia de Parapsicologia e Medicina da Universidade de Stanford, Califórnia. O diagrama foi idealizado originalmente para ilustrar e explicar a relação entre as concepções de Freud e as de Jung sobre a mente; mas, com o passar dos anos, detalhes suplementares foram introduzidos a fim de ampliar o esquema inicial. Quando Elmer Green veio à Inglaterra participar do Ciclo de Conferências de Maio de 1974, levantei, no decorrer de uma discussão com ele, a questão das diferenças existentes entre as várias representações dos campos da mente.



Uma interpretação simbólica da substância e da estrutura perceptiva do Homem

Respondeu ele que em muitos casos isso se devia mais a uma questão de semântica do que a diferenças estruturais propriamente ditas; mas que ele não tinha nenhuma dúvida de que o modelo no qual estava trabalhando afmava com as concepções atuais acerca do homem e, por conseguinte, possuía valor prático, o que foi por ele demonstrado com as investigações no campo da biorregeneração realizadas na Menninger Foundation. Pessoalmente, sou da opinião de que tanto este diagrama como aquele apresentado por Alice Bailey em seu livro *A Treatise on Cosmic Fire* são essenciais para uma compreensão mais profunda da radiônica, fornecendo conhecimentos capazes de fazer com que a eficiência do praticante melhore. O modelo de Bailey oferece uma infinidade de detalhes acerca da constituição esotérica do homem, que, como veremos adiante, constitui um reflexo sobre o campo da mente.

Melhor do que discorrer prolixamente acerca dos detalhes dessa representação do campo da mente, seria, no meu entender, transcrever diretamente um trecho da comunicação de Elmer Green à Academia. Nela, pode-se ler:

O mais importante neste diagrama é que cada linha representa uma demarcação tanto entre diferentes espécies de substância como entre diferentes espécies de, consciência. Esta idéia notável constitui a própria essência do Budismo tibetano despido de suas singularidades culturais, representando também os conceitos básicos da Ioga Integral (Aurobindo), do Cristianismo Esotérico, do Sufismo, do Zoroastrismo, do Judaísmo Esotérico, das Seitas Ocultas Egípcias e Gregas, da Teosofia, da Antroposofia, da metafísica polinésia e das diversas religiões pré-colombianas do hemisfério ocidental.

Torna-se evidente, pois, que o diagrama satisfaz o primeiro e mais importante requisito, na medida em que ele é essencial, que está fundado sobre diversas escolas esotéricas de pensamento religioso. Em outras palavras, ele contém múltiplos "fatores comuns", o que traz credibilidade ao seu esboço e o retira do domínio "idiossincrático".

Prossegue Elmer Green:

O segundo aspecto importante do diagrama é que as diferentes espécies de energias e estruturas físicas, emocionais, mentais e transindividuais, são partes funcionais de um campo mental planetário. Assim como o planeta é envolvido por campos magnéticos, eletrostáticos e gravitacionais, o mesmo se passa com um campo mental; além disso, todos os campos, conquanto diferenciados, são integrantes do campo mental básico. Isso significa que todas as gradações da substância física são gradações do campo mental. Em outras palavras, de acordo com esta teoria, o cosmos inteiro, em cada um de seus níveis, não possui consistência material mas mental, sendo que, de alguma forma, a evolução dos organismos vivos a partir das substâncias minerais (que, segundo essa concepção, não são substâncias mortas), passando pelos vegetais e os animais até o homem, faz-se acompanhar por uma evolução e uma expansão correspondentes da consciência.

De interesse especial é a seção em forma de balão denominada "consciente", na parte inferior do diagrama. Vê-se que ela possui uma substância física (cérebro e corpo), uma substância emocional e uma substância mental. Envolvendo o consciente, acha-se a substância transindividual. Na realidade, de acordo com a teoria, todas essas substâncias interpenetram-se totalmente. Nenhuma está acima ou abaixo da outra. Trata-se de mera comodidade para fins de ilustração.

Nos ensinamentos esotéricos, cada um desses níveis é designado como sendo um plano, termo este que denota o âmbito ou a amplitude de um determinado estado de consciência, ou então a faculdade perceptiva de um conjunto determinado de sentidos, podendo também denotar a ação de uma força específica ou o estado da matéria correspondente a qualquer um desses fatores. Na verdade, o que temos é um campo que contém várias gradações ou freqüências de matéria/consciência, que podem ser utilizadas de um ponto de vista radiônico para fins de diagnóstico e tratamento à distância. Essa teoria esclarece o fato de inexistir qualquer separação entre o praticante e o paciente, bem como entre o precursor do Universo Manifesto e a totalidade das formas de vida. Somos Um. Quando isso se tornar uma realidade e não apenas mais um conceito intelectual na mente do praticante, este se verá espontaneamente dotado para a cura e conseguirá atender prontamente às necessidades de um paciente que solicitar, expressa ou silenciosamente, sua ajuda.

As ciências tradicionais sustentam a crença de que a mente se origina, de alguma forma, das flutuações químicas e elétricas da estrutura celular física do corpo. As ciências espirituais sustentam uma crença diametralmente oposta, afirmando ser o corpo, na verdade, um produto da mente. Em alguns de seus experimentos, Elmer Green contou com a colaboração de Swami Rama, o qual demonstrou a ação que a mente podia exercer sobre o corpo. Entre outras coisas, ele conseguia induzir uma diferença de temperatura de cerca de 10°F entre dois pontos de sua mão distantes cerca de duas polegadas, fazer com que o coração deixasse de bombear o sangue ou produzir em cinco segundos um quisto do tamanho de um ovo sobre um músculo que se achava relaxado e não apresentava qualquer protuberância. Afirma o Dr. Green:

A mais extraordinária das várias idéias que o Swami discutiu é aquela implícita na sua concepção do Raja-Ioga, segundo a qual "O corpo está inteiro na mente, mas não a mente no corpo". Esta simples afirmação possui inúmeras implicações teóricas. O controle de todas as células do corpo é possível, segundo o Swami, porque cada uma delas possui uma representação no inconsciente. E não apenas isso, toda célula faz parte do inconsciente. Em outras palavras, as células existem não só simbolicamente na mente, mas também como partes de um verdadeiro complexo de energias denominado mente. Quando acionamos a representação da célula no inconsciente, estamos acionando literalmente a própria célula, pois a célula é parte da mente.

A segunda parte da afirmação, "mas a mente não está inteira no corpo", refere-se ao prolongamento da mente na natureza em geral e alude aos casos parapsicológicos, à psicocinese, à cura espiritual e a todos aqueles fenômenos "cientificamente impossíveis". A razão pela qual a ciência declara estes fenômenos impossíveis é que os cientistas, ou pelo menos a maioria deles, não são capazes de conceber a mente como um complexo de energias interligado a outros complexos de energia tanto no corpo como na natureza "exterior".

Como afirma Elmer Green, a concepção do Swami segundo a qual "O corpo está inteiro na mente, mas não a mente no corpo" possui vastas implicações teóricas. Torna-se claro, por exemplo, que se um indivíduo pode controlar e influenciar o funcionamento das células de seu corpo através da ação de sua mente, não há razão alguma para que não se possa ampliar este conceito de modo a abranger também a ação da terapia radiônica à distância sobre os campos de células, pois, afinal de contas, partilhamos o mesmo campo mental.

O diagrama mostra sete níveis de matéria atenuada ou consciência.

Para fins de diagnóstico e de métodos de tratamento radiônicos, os três situados embaixo são da maior importância; os situados em cima não desempenham nenhum papel no processo de formação das doenças. A consciência do ser humano acha-se, em larga medida, polarizada naqueles níveis designados como pessoais, sendo, a partir daí, que ela geralmente atua quando se está empregando métodos de tratamento radiônicos. É claro que existem exceções, de que eu tratarei num capítulo posterior, e que envolvem aspectos transindividuais da sua natureza com resultados bastante notáveis, entre os quais incluem-se as curas instantâneas de graves perturbações patológicas.

Se tivermos sempre em mente que o nosso ser vive e se desloca em meio a um campo de energias denominado *Mente Universal*, e que o homem utiliza as substâncias dos diversos níveis da consciência para construir veículos de manifestação, e que estes, em sua totalidade, configuram um instrumento capaz de atuar sobre o campo mental e desencadear processos de cura à distância, então estamos preparados para considerar o próprio homem como um aspecto desse campo.

CAPÍTULO 3 **Os Campos e as Configurações do Homem**

O homem é, na realidade, um fragmento da Mente Universal ou alma cósmica, e, como fragmento, participa, por conseguinte, dos instintos e propriedades dessa alma, tal como ela se manifesta junto à espécie humana.
Alice A. Bailey, A Treatise on Cosmic Fire

A ciência ortodoxa propõe-nos a teoria de que a vida e, em última instância, o homem, teriam se originado quando um raio atingiu casualmente um monte de barro, uma mistura igualmente casual de moléculas de proteína e detritos químicos de toda sorte. Milhões de anos mais tarde, continua ela, surgiu o homem, desprendendo-se da lama pré-histórica, verdadeiro "clarão divino" em meio ao lodaçal, que, a partir de então, passou a perambular pela superfície deste planeta sem outra finalidade que não comer, dormir, procriar e, por fim, morrer. O engenho humano, as suas faculdades de pensamento e raciocínio, são tidas apenas como um efeito um tanto singular daquelas reações químicas que se teriam processado no interior do seu organismo. Felizmente, as ciências espirituais nos oferecem uma imagem mais promissora, mais significativa e engenhosa do homem, a qual pode nos ajudar a compreender melhor os processos e métodos de diagnóstico e cura utilizados pela radiônica.

Entre os escritos mais antigos sobre as origens do homem, há um intitulado O livro de Dzyan. Blavatsky traduziu as Estâncias que o compõem e as incorporou à sua obra monumental, A doutrina secreta. Mais recentemente, Sri Krishna Prem e Sri Madhava Ashish escreveram dois livros que tratam do conteúdo das Estâncias de Dzyan, intitulados *Man, the Measure of All Things* e *Man, Son of Man*. No primeiro, afirmam os autores que, através de um estudo das Estâncias,

Engajamo-nos de corpo e alma na busca do nosso verdadeiro Eu, o Homem, a criatura mais enigmática e maravilhosa do Universo. Estas Estâncias tratam de nós, das nossas origens, da nossa evolução, das nossas formas de consciência e corporificação. Por mais obscuras que possam parecer as idéias aqui apresentadas, ou o vocabulário de que nos utilizamos, o esforço para apreender o seu significado pode nos conduzir tanto à compreensão de nós mesmos quanto do mundo que nos cerca, apontando valores capazes de dar um sentido à nossa existência e estimular a procura dentro de nós mesmos da perfeição de que tão patentemente carecemos.

Nós, sim, com toda a nossa mesquinha vileza, com as nossas crueldades brutais e dementes, as nossas obscenidades, a nossa busca de prazeres mundanos e as nossas ambições equivocadas, sim, trazemos dentro de nós as sementes dessa perfeição.

À nossa volta, em toda parte, uma miscelânea de vozes questiona as premissas dessa afirmação. Os materialistas afirmam que não passamos de um epifenômeno da matéria; a teoria operacional da verdade afirma que nossas teses não têm qualquer sentido; os biólogos referem-se a nós como um fenômeno superficial. Intencionalmente ou não, o mundo parece inclinado a negar todos os valores imateriais. O homem deve viver apenas para comer. Quando não está ocupado a trabalhar, o homem só é capaz de se comprazer na agitação. O homem deverá retornar ao pó.

Citei esta passagem de *Man, the Measure of All Things* simplesmente para ilustrar o contraste das concepções acerca do homem, de suas origens e finalidades. O materialista não reconhece o milagre do seu próprio ser; a vida, para ele, é algo de tacanho e a verdade tem de ser sempre necessariamente comprovável. Trata-se de uma postura inconcebível na radiônica, pois esta ciência do futuro é profunda e abrangente, comprometida por

sua própria natureza com a possibilidade de ampliar a visão que o homem tem de si mesmo e do cosmos. Embora eles possam existir, nunca encontrei um praticante da radiônica que não estivesse primeiramente, e acima de tudo, preocupado em encontrar a verdade e preparado para julgar, dentro dos limites da razão, que tudo é possível. Se a história do homem se reduz apenas a uns poucos ossos ressequidos, a um ou dois crânios fossilizados datando de três ou quatro milhões de anos e a um punhado de cacos de cerâmica, então estamos completamente perdidos e sem perspectivas. Pessoalmente, prefiro acalantar a hipótese de que o homem é um fragmento da Mente Universal, de que as suas origens são divinas e que lhe está reservado um futuro glorioso, além da sua compreensão atual.

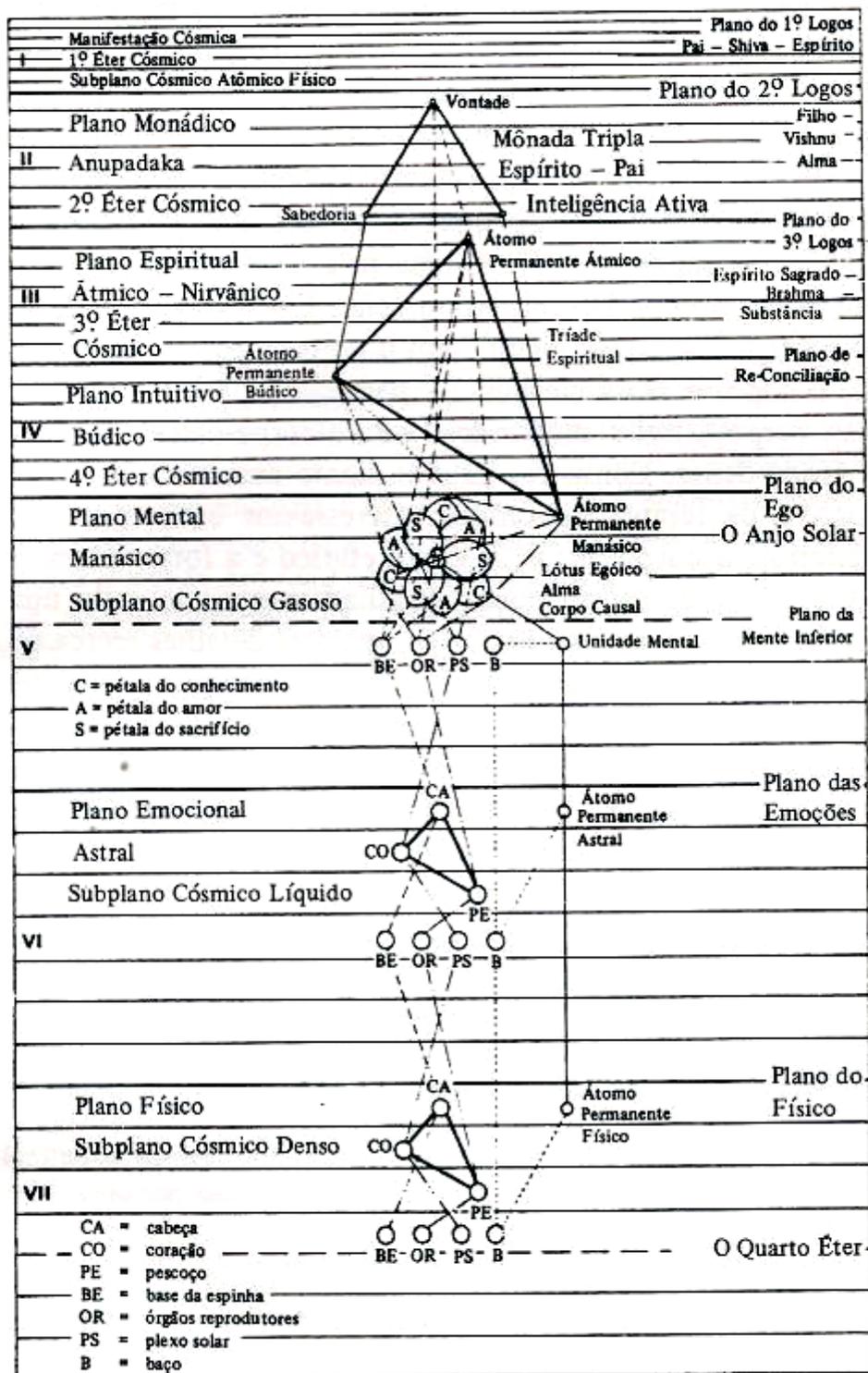
Se o homem é um produto do campo mental e se dermos crédito àquela passagem do Gênese que afirma:

E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.

Então devemos voltar nossa atenção para as concepções que se podem depreender dos ensinamentos dos místicos e profetas através dos tempos e nelas descobrir de que modo o homem emerge do campo e que espécie de veículos ele utiliza a fim de suportar as necessárias restrições da forma. Nos meus dois primeiros livros sobre a radiônica, usei diagramas simples para esse fim; neste, gostaria de recorrer àquele apresentado por Alice Bailey em seu *A Treatise on Cosmic Fire*, que proporciona o máximo de informação e fornece uma chave para um minucioso conhecimento da constituição esotérica do homem e do fluxo de energias através dos mecanismos sutis dos diferentes planos da consciência.

Antes de tratar detalhadamente de certos aspectos da anatomia sutil do homem, polle ser útil traçar a trajetória de origem do Homem Espiritual. Para esse fim, vou recorrer às informações de um livro que há muito se encontra esgotado, *The Science of The Initiates*, no qual esse processo vem descrito de maneira simples, porém didática. Afirma-se nele: a Mônada (o Uno: a Unidade), espírito puro, "desce" à matéria. Em cada um dos planos, com as suas sete divisões, a Mônada agrega "corporalidade" à sua volta, até o ponto em que passa a se revestir com a matéria mais densa de todas - a corporalidade do plano físico. O homem tal como é concebido por nós, provido de sentidos, funciona de maneira perpendicular, mas na realidade ele é um ser esferoidal constituído por sete níveis, dispostos em séries concêntricas de revestimentos compostos pelas diversas modificações da matéria.

Ao se agregar à matéria, a Mônada perde, conseqüentemente, a identidade com a sua fonte primordial. A realização de sua origem espiritual tende a eclipsar-se cada vez mais. O homem é um deus no exílio, viajante divino em remotas plagas que nem mesmo ao descer até o "cocho dos porcos" deixa de ser perseguido pela miragem insidiosa e perturbadora da Morada Paterna, de onde ele provém. Nos mitos gnósticos, Sofia é a alma divina que, extraviada em meio a bandidos e assaltantes, aguarda a redenção pelo Cristo para poder regressar à sua morada celestial. A história do Filho Pródigo, na Bíblia, é uma outra ilustração dessa queda, seguida finalmente pelo retorno à morada original.



Extraído de *Treatise on Cosmic Fire*, de Alice Bailey (Lucis Trust)

Este gráfico representa os sete níveis do plano cósmico físico, o corpo físico de Deus. O Homem, enquanto centelha da Mente Divina, tem o seu ponto de origem no plano monádico.

Esse fragmento da Mente Universal que chamamos homem, exterioriza-se através da Mônada; do veículo atômico ou substância da Vontade Divina; do veículo búdico que é expressão do Amor Divino, da consciência de Cristo. O corpo mental, ao qual se atribui uma divisão superior e outra inferior. A superior, representada pela mente abstrata ou plano da alma, por vezes conhecida como anjo solar. Em torno desse Ser de Luz, forma-se o corpo Causal. A seguir, vem o corpo mental inferior ou mente concreta, o aspecto mais elevado da personalidade ou eu inferior. Em seguida ao corpo astral e abaixo dele, está o corpo etérico e, finalmente, a forma física densa. Como foi anteriormente mencionado, para fins de diagnóstico e de terapia radiônicas,

interessa-nos basicamente o corpo mental inferior, o corpo astral, o duplo etérico e a forma física propriamente dita. Tratemos, pois, mais detalhadamente, de cada um deles.

Não vem muito ao caso entrar em maiores detalhes acerca do corpo físico, pois isso pode ser conseguido através da consulta a qualquer livro de anatomia. A forma física, porém, é um reflexo de certas estruturas espirituais abstratas, e assim talvez seja útil nos determos momentaneamente a fim de apontar uma ou duas analogias interessantes. Em seu *A Treatise on White Magic*, Alice Bailey escreve:

1. *O homem, fisicamente falando, é uma totalidade, uma unidade.*
2. *Essa totalidade divide-se em muitas partes e organismos.*
3. *Todavia, essas múltiplas subdivisões operam de modo conjunto, sendo o próprio corpo também uma totalidade correlata.*
4. *Cada uma de suas partes se distingue quanto à forma e à função, mas todas são interdependentes.*
5. *Cada parte e cada organismo, por sua vez, são compostos de moléculas, células e átomos, os quais configuram o organismo por obra da vida que anima a totalidade.*

Jesus referiu-se ao corpo como a um templo, e vemos refletido na cintura pélvica, com seus órgãos de procriação, o Pátio Externo desse templo. Acima do diafragma, fica a cavidade peitoral ou o Pátio Interno, encerrando o coração, símbolo do princípio de Cristo. Os pulmões, por sua vez, simbolizam o espírito, com seu sopro vital. Encimando o tronco, está a cabeça ou o Santo dos Santos, depósito das glândulas pineal e pituitária, órgãos da percepção espiritual. O pescoço, que atua como uma ponte entre o Pátio Interno e o Santo dos Santos, é um símbolo importante e de destaque, na medida em que sublinha a existência de uma "lacuna da consciência" entre os planos mentais inferior e superior, lacuna que deve ser preenchida, se almejamos entrar em contato consciente com o Cristo no plano búdico. Se dermos uma olhada no esquema apresentado por Elmer Green em sua conferência de Stanford, tal lacuna é figurada como o "túnel" que conduz ao Lótus. A respeito desta ponte, escreve ele:

A conexão entre o consciente e a estrutura transindividual denominada Lótus é denominada de várias formas no Oriente. Esse "túnel", tal como a imaginação costuma figurá-lo, é às vezes denominado "caminho", "passagem", antakarana ou Tao. Na terminologia cristã e judaica, ela é conhecida como a Escada de Jacó. É interessante notar que essa escada, a propósito da qual Jacó dizia "este é o portão dos Céus", pode muito bem representar uma estrutura real que, ao ser conscientemente concebida, possibilita o conhecimento transindividual.

Assim como o coração simboliza o aspecto do amor e os pulmões o espírito, a garganta representa o terceiro aspecto, o da inteligência ativa, sendo estas as três energias primordiais da Mônada. Bailey assinala também as três correspondências que se seguem:

1. *Plano físico: a pele e o esqueleto encontram suas analogias no corpo denso e etérico do homem.*
2. *Plano da alma: as artérias sanguíneas e o sistema circulatório encontram suas analogias na alma presente em todas as coisas e que alcança todos os recantos do sistema solar, tal como o sangue que chega a todas as partes do corpo.*
3. *Plano do espírito: o sistema nervoso, na medida em que ele energiza e atua sobre todo o organismo humano, corresponde à energia do espírito.*

Para os leitores que desejarem seguir passo a passo todas as correspondências entre a forma física e as realidades espirituais, recomendo a leitura de *Man - Grand Symbol of the Mysteries*, de Manly Palmer Hall, e *Occult Anatomy and the Bible*, de Corrine Helene; ambos constituem estudos exaustivos e esclarecedores acerca deste importante assunto.

Quero agora retornar por um momento à questão da ponte para a consciência, que o aspirante à sabedoria precisa construir a fim de conhecer o Cristo que traz dentro de si. Ao fazê-lo, tenciono traçar uma linha de demarcação além da qual a radiônica deixa de produzir os resultados esperados. O verdadeiro principiante, após muitas experiências de vida, constrói essa ponte que liga a sua personalidade aos planos situados acima do nível mental. No ponto em que o espírito e a matéria se tocam, dá-se aquilo que o feiticeiro yaqui Don Juan chama de "a fissura entre os mundos", os zulus de "portão do além" e os nativos do Gabão de "ngwel". A esse respeito, os Upanishads dizem:

Lá, onde o céu (o espírito) e a terra (a matéria), a gema e a clara do ovo do universo, se encontram, estende-se um espaço tão vasto quanto o fio de uma navalha ou a asa de uma mosca, através do qual tem-se acesso ao lugar conhecido como "reverso dos céus", onde o sofrimento não mais existe.

Se lermos os livros do Dr. Arthur Guirdham sobre a seita de Cathar, uma minoria cristã esotérica dizimada pela Inquisição, veremos que aqueles que eram queimados vivos, principalmente as mulheres, enfrentavam as suas execuções com total destemor, o que muito impressionava os executantes desses tenebrosos rituais. Isso era possível porque a sua disciplina espiritual os havia capacitado a cruzar a ponte, ou antakarana, e retirar a consciência das formas da personalidade; em outras palavras, através de um ato de concentração espiritual, eles abandonavam o corpo, que então perecia nas chamas. Muitas dessas mulheres eram também curandeiras da mais alta capacidade, portanto podiam atravessar a ponte com inteira consciência.

Esta ponte, ligando assim o eu inferior às altas esferas, constitui uma sede de energias onde o tempo, o espaço e a matéria são superados. É nesta sede que se encontra o corpo de luz que denominamos alma, o qual é envolvido pelo corpo causal. O contato com este aspecto da nossa natureza pode ser naturalmente estabelecido através da prece e da prática da meditação, mas ele também se dá nos momentos de extrema tensão, especialmente quando a pessoa se encontra nos primeiros estágios da morte. Um best-seller recente, intitulado *Life after Life*, é um estudo da autoria do Dr. Raymond Moody Jr., M. D., acerca deste fenômeno, em que certas pessoas atravessam um período de cinco a vinte minutos clinicamente "mortas". Quase todas, sem exceção, contam que deixavam seus corpos e atravessavam ou eram sugadas a uma grande velocidade ao longo de um túnel escuro. De passagem vislumbravam outras pessoas, parentes e amigos, que já haviam morrido. Em seguida, defrontavam-se com o que todos descrevem como um ser de luz, que os envolvia com os mais intensos sentimentos de amor, alegria e paz. Através de questões não-verbais, tal criatura as ajudava a avaliar a existência que tinham levado até o momento de abandonar o corpo e então a sua vida lhes era dada a ver retrospectivamente como numa tela de cinema. Neste ponto, eram obrigadas a retornar ao plano físico, e muitas o faziam com relutância, de tal modo sentiam-se transportadas pela beleza arrebatadora de suas experiências. Este retorno era marcado, na maioria dos casos, por um estado de inconsciência, ao qual se seguia a volta ao corpo físico. Do ponto de vista esotérico, não resta dúvida de que estas pessoas que "morreram" e em seguida retornaram, cruzaram a ponte que, a exemplo de Elmer Green, todas descrevem como um túnel. Era então que deparavam com o ser de luz, descrição clássica da alma ou do Cristo interior envolvido pelo corpo causal.

Demorei-me um pouco neste ponto porque existe uma escola de pensamento na radiônica que afirma ser possível, e até mesmo recomendável, diagnosticar e tratar do corpo causal. Como não podia ser de outro modo, estou em completo desacordo com este ponto de vista, o qual se origina de uma compreensão falha do ser espiritual e de seus veículos. Detenhamo-nos por alguns instantes, a fim de considerar certos aspectos do corpo causal.

Gostaria de introduzir aqui uma série de citações dos escritos de Alice Bailey encontrados no livro *The Soul - The Quality of Life*, a fim de sublinhar a razão da minha discordância em relação a qualquer corrente de pensamento da radiônica que tenha a pretensão de tratar do corpo causal.

O Corpo Causal, considerado a partir do plano físico, não é de modo algum um corpo, nem subjetiva nem objetivamente. Outrossim, ele é centro da consciência egotista (alma), sendo formado pela conjunção de buddhi e manas. É relativamente estável e consegue atravessar todo o longo ciclo de encarnações, somente se dissipando após a quarta iniciação (crucificação), quando a necessidade de renascer já não mais existe para o ser humano.

Ao considerar o corpo causal, estamos tratando especificamente do veículo de manifestação de um Anjo solar, o qual constitui a sua fonte de vida e ocupa-se de construí-la, aperfeiçoá-la e expandi-la, refletindo assim, numa escala ínfima, a obra do Lagos em Seu próprio plano.

O corpo causal é o veículo da consciência superior, o templo onde Deus faz a sua morada, o qual parece ser de uma beleza tão rara e de urna estabilidade garantida por uma base tão sólida que, reduzida à última pedra essa obra de tantas vidas, ainda assim amarga é a taça que bebemos e inexprimivelmente desolada parece a unidade da consciência.

O modo como os praticantes da radiônica se iludem quando pretendem tratar desse corpo, que afinal de contas é o "templo da alma", é algo que escapa ao meu entendimento. Pois, com efeito, o que postulam é que a alma ou o Cristo interior necessita de seus cuidados, os quais provêm do eu inferior. Eles parecem supor também que o Cristo interior pode vir a ficar enfermo. Isso, para mim, é algo absolutamente inadmissível, e devo acrescentar que só é possível unir a alma e o seu veículo, o corpo causal, quando se cruza o antakarana, e quando se tem esse poder já não há necessidade alguma de recorrer à parafernália do tratamento radiônico.

Tendo firmado a minha posição com respeito a este ponto, voltemos agora à personalidade ou eu inferior, e detenhamo-nos um pouco nos detalhes referentes a cada um dos campos ou corpos sutis que compreendem esta forma. Pois, afinal, alguns deles irão intervir diretamente nos esforços do praticante da radiônica para restaurar a harmonia e a saúde.

Sobre o corpo físico eu já discorri um tanto geneticamente, a partir de um ponto de vista esotérico. Um conhecimento básico dos vários sistemas de órgãos, além de outros requisitos, é essencial para o praticante

leigo, ao passo que o profissional deve naturalmente dominar esta matéria e estar familiarizado com as suas funções e disfunções. Basta afirmar que o corpo físico não tem vida própria afora a dos átomos que entram em sua composição, tratando-se antes de um autômato, sujeito ao impacto dos fluxos de energia provenientes dos corpos astral e mental e mantido em um todo coeso por ação da alma, tal como esta se manifesta no corpo etérico.

Para o ocultista, o corpo etérico é o corpo "físico", e como tal constitui a sustentação da forma densa sob a espécie de uma intrincada trama de linhas de força vitais. Os teosofistas o denominam duplo etérico, os modernos cientistas russos referem-se a ele como corpo bioplasmático, o Dr. Saxton Burr empregava o termo campo vital, que nos parece talvez a mellior de todas as designações, pois esse corpo é o condutor das forças que, através dos chakras, estimulam o funcionamento da forma física. Nos meus outros livros sobre a radiônica, pode ser que eu tenha inadvertidamente dado uma ênfase excessiva a esse corpo, na tentativa de desviar a atenção das pessoas da forma orgânica para a anatomia sutil, e ao fazê-la pode ser que eu tenha deixado de esclarecer que o corpo etérico é condicionado e não autônomo. Esta afirmação só se torna clara quando se chega a compreender que o corpo etérico é o corpo "físico", e que os problemas que o afetam remetem aos planos astral e mental.

O corpo etérico, tal como afirmei anteriormente, tem uma função primordial, que é a de conduzir a energia para o corpo físico e vitalizá-lo, integrando-o assim ao corpo etérico da Terra e do sistema solar. No plano etérico, todas as distinções desaparecem, porém a individualidade permanece. Bailey afirma:

O corpo etérico reage normalmente, como é de seu desígnio, a todos os estímulos oriundos dos veículos mais sutis. Ele é essencialmente um transmissor e não um gerador... o compensador de todas as forças que chegam ao corpo físico (denso).

Em seu livro *Letters to a Disciple*, Eugene Cosgrove levanta a questão da importância prática do corpo etérico. A resposta oferecida por ele é a seguinte:

Trata-se aqui da importância do verdadeiro corpo físico para o discípulo. O aspecto prático prende-se ao núcleo do corpo etérico e à sua relação com o corpo físico denso.

1. O núcleo localiza-se ao longo do canal espinal etérico. Cada núcleo ou vórtice de vitalidade possui o seu correspondente no corpo físico denso. O importante é que os núcleos físicos ou órgãos localizados são efeitos da ação vibratória dos núcleos etéricos. Estes, por sua vez, são efeitos dos núcleos correspondentes nos níveis emocionais.

2. Em nossa fisiologia, existem sete núcleos - três primários e quatro secundários. Eles não somente possuem as suas correspondências no organismo físico, como também no sistema planetário e nos organismos do sistema solar.

3. Os três principais núcleos são a cabeça, a garganta e o coração. Os quatro secundários são o plexo solar, o sacro, o baço e a base da espinha.

Cosgrove efetua esta divisão dos núcleos em primários e secundários, baseando-se nos três aspectos da energia encontrados na alma. Os núcleos da cabeça estão relacionados com o princípio da Vontade, os da garganta, com a Inteligência Ativa, e os do coração, com o Amor-Conhecimento. Os demais não são tão relevantes do ponto de vista evolutivo. Não há qualquer contrariedade entre este método de divisão e aquele que estipula que a cabeça, a testa, a garganta, o coração, o plexo solar e os chakras da base e do sacro são os principais núcleos, e que além desses existem 21 chakras menores inteiramente distintos e inúmeros núcleos de energia menores no mecanismo humano. O núcleo do baço constitui uma categoria própria, na medida em que está diretamente ligado à regeneração do eu inferior, absorvendo fluidos prânicos do Sol para este fim, antes de distribuí-los aos outros núcleos e ao corpo etérico.

Alice Bailey amplia a explanação de Cosgrove quanto à importância prática do corpo etérico, e que eu vou citar iritegralmente as suas palavras, pois elas encerram um grande número de informações importantes para o terapeuta da radiônica. Escreve Bailey:

São os núcleos que mantêm o corpo coeso e fazem dele uma totalidade coerente, vitalizada e ativa... Uma pessoa pode estar adoentada e indisposta, ou forte e sadia, de acordo com o estado dos núcleos e de seus precipitados, as glândulas. Nunca se deve esquecer que os núcleos constituem o principal instrumento sobre o plano físico de que a alma se serve, expressando, por seu intermédio, vida e qualidade, de acordo com o estágio alcançado do processo evolutivo. e que o sistema glandular é simplesmente uma consequência - inevitável e irreversível - dos núcleos através dos quais a alma exerce a sua ação. As glândulas, portanto, expressam plenamente o estágio de evolução alcançado pelo homem, e de acordo com este são responsáveis pelas deficiências e limitações ou pela eficiência e harmonia. A conduta e o comportamento do homem no plano físico são condicionados, controlados e determinados pela natureza, qualidade e vitalidade dos núcleos; estes,

por sua vez, são condicionados, controlados e determinados pela alma, aumentando a sua eficácia à medida que o processo evolutivo avança. Antes da alma, eles são condicionados, qualificados e controlados pelo corpo astral, e posteriormente pela mente. A meta do ciclo evolutivo é chegar a este controle, a este condicionamento e determinação por parte da alma; encontram-se seres humanos em todos os estágios imagináveis de desenvolvimento no interior desse processo.

Os métodos de diagnóstico e tratamento radiônicos são, pois, meios através dos quais o praticante pode vir a detefnúnar que fatores, no corpo mental e astral, bem como na forma etérica, causam a obstrução e o desvio do fluxo de energias da alma através dos chakras. Assim, o praticante tem o caminho aberto para prestar uma ajuda efetiva à alma encarnada, através da remoção desses empecilhos à expressão da energia armazenada nos planos mental, astral e etérico. Pode ser que isso soe de modo um tanto grandiloqüente, mas deve-se levar em consideração que toda cura verdadeira implica uma modificação na consciência da pessoa em tratamento, pois esta, muito simplesmente, é capaz de expressar melhor o eu central. Ruth Drown tinha plena consciência da importância do sistema glandular, pois sempre dedicava alguns minutos de atenção ao tratamento das principais glândulas antes de lidar com os demais problemas. Sou da opinião de que, se prestarmos um pouco mais de atenção aos núcleos de força que geram e governam as glândulas, a nossa eficácia como praticantes da radiônica certamente aumentará.

Como a questão do corpo etérico implica automaticamente os chakras, relacionarei a seguir os sete principais chakras localizados ao longo do canal espinal etérico, com as glândulas correspondentes e as partes do corpo por elas governadas.

OS SETE PRINCIPAIS CHAKRAS ESPINAIS

Chakra	Glândula	Área de influência
Cabeça	Pineal	Parte superior do cérebro. Olho direito.
Testa	Pituitária	Parte inferior do cérebro. Olho esquerdo. Ouvidos. Nariz. Seios. Sistema nervoso.
Garganta	Tireóide	Sistema bronquial. Pulmões. Tubo digestivo.
Coração	Glândula vascular	Coração. Sangue. Nervo vago. Sistema circulatório.
Plexo solar	Pâncreas	Estômago. Fígado. Vesícula biliar. Sistema nervoso.
Sacro	Gônadas	Aparelho reprodutivo.
Base	Glândula supra-renal	Coluna espinal. Rins.

Não fornecerei maiores detalhes além destes, pois trato deste assunto mais a fundo em *Radionics and the Subtle Anatomy of Man*, e não há razão alguma para voltar a fazê-lo quando o leitor pode recorrer facilmente ao primeiro livro desta série. Há, no entanto, dois pontos que eu gostaria de sublinhar: primeiro, evitar sempre que possível o emprego de termos hindus ou sânscritos para designar os núcleos e os diversos corpos do homem. São palavras quase sempre muito longas, de pronúncia variável segundo cada fonte, e nada há a ganhar com a sua utilização, a não ser talvez a flexão de alguns músculos secundários do ego inferior. O segundo ponto é mais importante e diz respeito à localização dos núcleos de força. Um sistema da radiônica chega mesmo a afirmar que eles se acham localizados à direita da medula espinal, quando a evidência proporcionada pelas fontes autênticas comprova que eles se acham fora do corpo, no plano etérico. Para onde quer que nos

voltemos, topamos também com os diagramas divulgados pelo teosofista C. W. Leadbeater, os quais mostram os chakras distribuídos pela parte frontal do corpo. Há motivos de sobra para suspeitar que a sua visão dos chakras está longe de ser correta. Um contemporâneo de Leadbeater, Sir John Woodroffe, renomado especialista no assunto, externa em seu tratado sobre os núcleos, *The Serpent Power*, a seguinte crítica às concepções de Leadbeater:

Podemos citar aqui o relato de um conhecido escritor "teosofista" a propósito do que ele denomina "centros de força", e da "Serpente de Fogo", da qual ele afirma ter tido experiência pessoal. Embora o autor refira-se também ao Yoga-Sastra, seria talvez útil, a fim de evitar maiores equívocos, sublinhar que o seu relato não pretende ser uma ilustração dos ensinamentos dos iogues hindus (cuja competência o autor desconsidera, de certo modo, em favor de sua própria concepção da loga), apresentando-se antes como uma interpretação do próprio autor (reforçada, como ele julga, por alguns ensinamentos hindus) da experiência pessoal por que (afirma ele) passou.

O que Sir John Woodroffe está querendo dizer de maneira educada e autenticamente gentil é que Leadbeater fala da boca para fora, ou antes, da frente de seu corpo astral. Pois, a despeito de sua extraordinária contribuição para a divulgação da sabedoria oriental no Ocidente, Leadbeater parece ter deixado que suas próprias opiniões prevalecessem sobre a considerável extensão de conhecimentos adquiridos sobre o assunto em questão. Não duvidamos de que ele tenha tido uma experiência pessoal desses aspectos de sua natureza intrínseca, mas o seu ponto de vista é ainda o nível astral e não o mental e, por conseguinte, a sua visão deformada dos núcleos não corresponde aos fatos, pois ele os situa na parte dianteira do corpo e não atrás, ao longo da coluna espinal. Esta sua concepção foi naturalmente divulgada através de seus escritos, caindo, portanto, no domínio público. O resultado disso é que muitos autores que não se deram ao trabalho de confrontar suas afirmações à luz de outros escritos, simplesmente adotam o seu modelo, apresentando os chakras distribuídos pela parte dianteira do corpo, contribuindo assim para difundir e manter o equívoco, com todas as suas seqüelas. Um exemplo acabado desse estado de coisas foi a conferência pronunciada pelo professor William Tiller no Simpósio de Stanford, intitulada *Consciousness, Radiation, and the Developing Sensory System*, que se valia dos diagramas apresentados nos livros de Leadbeater para ilustrar os chakras. Se, de qualquer modo, os diagramas não alteravam o que o professor Tiller tinha a dizer, davam no entanto crédito à idéia de que eram exatos, o que na verdade não são.

O próximo veículo a ser considerado é o corpo astral ou emocional. Ele surge como resultado da interação do desejo e das reações sensitivas sobre o eu central, ocasionando a experiência dos opostos, como prazer e dor, alegria e depressão, e assim por diante. Como afirma Powell, em seu livro *O corpo astral*:

... sendo por excelência o veículo dos sentimentos e das emoções, a compreensão de sua composição e dos modos pelos quais opera é indispensável para o entendimento de muitos aspectos da psicologia humana, tanto individual como coletiva, fornecendo também uma explicação simples acerca do mecanismo de muitos fenômenos revelados pela psicanálise moderna.

Uma compreensão adequada da estrutura e da natureza do corpo astral, de suas possibilidades e limitações, é essencial para o entendimento da vida que para muitos segue-se à morte física. As diversas espécies de existências no "céu", "inferno" ou purgatório nas quais acreditam os adeptos de tantas religiões, explicam-se de maneira natural e tornam-se inteligíveis tão logo compreendemos a natureza do corpo astral e do mundo astral. Um estudo do corpo astral poderá ser de valia também para a compreensão de muitos dos fenômenos verificados nas sessões mediúnicas e de certos métodos, psíquicos ou não, de curar doenças. Os que se interessam pela chamada quarta dimensão poderão encontrar também uma confirmação para as diversas teorias formuladas através da geometria e da matemática e aplicadas ao estudo dos fenômenos astrais, tais como descritos por seus observadores.

Annie Besant descreve este corpo como sendo um tanto semelhante, quanto ao formato, ao corpo físico, porém estendendo-se além dele a distâncias variáveis. Para o clarividente, ele surge como um campo de cores em constante mutação, materializando-se tão-somente para desvanecer e ser substituído por outro. É um reflexo do pensamento e dos processos emocionais do indivíduo. Se há pureza e elevação de pensamento, as cores serão vivas e nítidas; pelo contrário, se as configurações do pensamento e as reações emocionais forem de ordem inferior, então o corpo astral mostrar-se-á congestionado e as cores turvas. A maioria das pessoas atualmente acha-se polarizada no corpo astral, e este, quando sobrecarregado, produz efeitos deletérios sobre os corpos etérico e físico. Afirma-se que 90% das doenças são originadas nos planos astral e etérico.

Reações coletivas como as que se podem observar nas partidas de futebol constituem um ótimo exemplo de como as forças negativas podem facilmente se manifestar através de um grupo de pessoas e seus corpos astrais se acham misturados. O viciado em drogas naturalmente reage nesse mesmo nível, sendo que as "viagens", boas e ruins, não são mais que exemplos dos aspectos superior e inferior do plano astral - o "céu" e o "inferno".

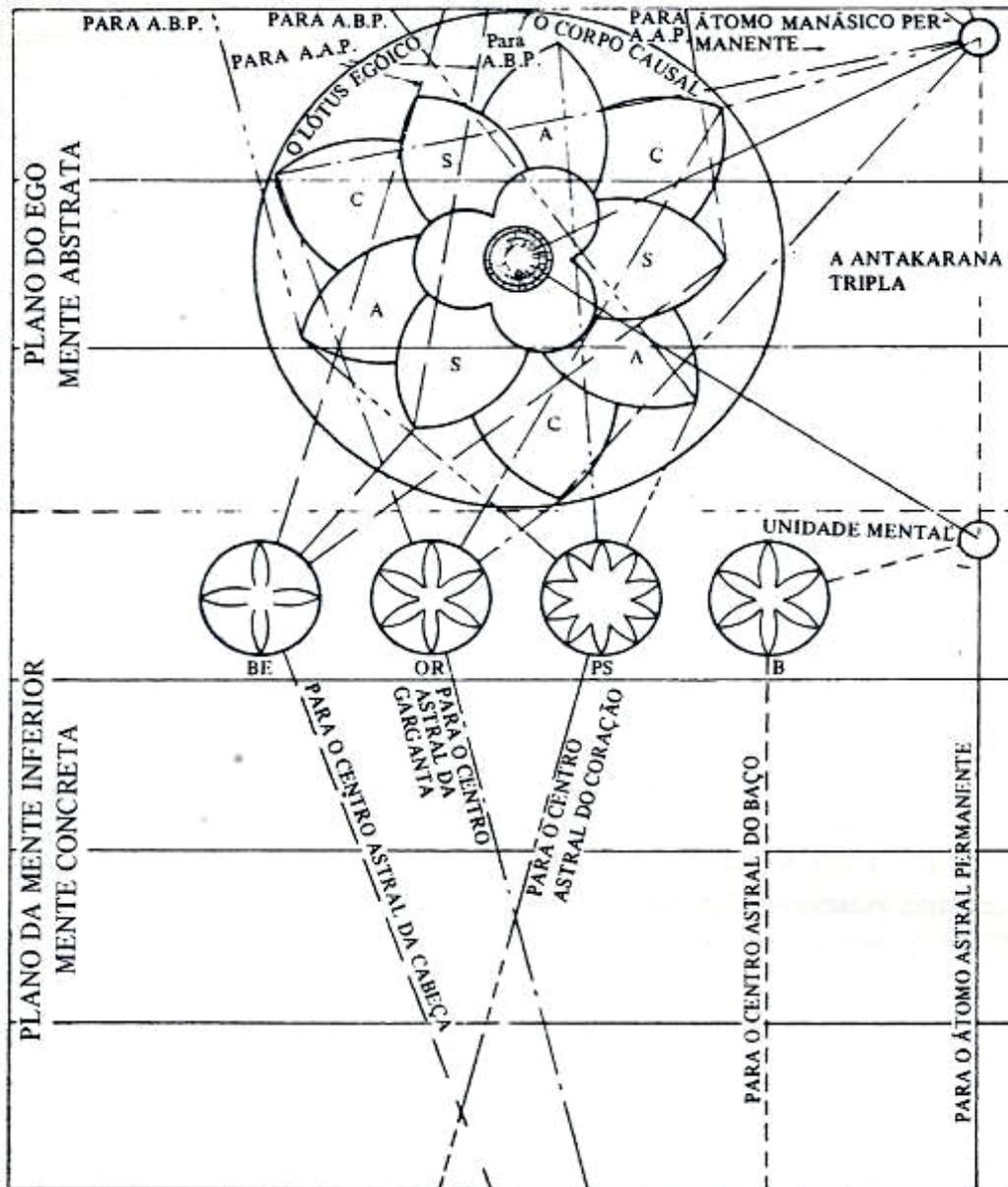
O vocabulário do drogado ou do junkie oferece uma interessante ilustração do que o uso contínuo de tais estimulantes pode acarretar. Por um momento, retornemos novamente ao diagrama de Elmer Green e ao que ele diz acerca dos vários níveis, a fim de verificarmos como isto se dá.

Retornando ao invólucro da consciência, entretanto, é possível superar horizontalmente a barreira entre o ego e o subconsciente que o envolve, chegando assim à consciência daquilo que normalmente é inconsciente nos planos emocional e mental. Estes planos representam o domínio freudiano do diagrama, já que não há referência aos planos transindividuais na psicologia de Freud, ao contrário do que se verifica no sistema junguiano. De acordo com o pensamento oriental, tal como expresso principalmente por Aurobindo, a segurança do indivíduo nos estados alterados de consciência (o que supõe a quebra das barreiras do subconsciente) deixa de se verificar, a não ser que se esteja aferrado ao nível do Lótus, que Aurobindo denomina Mente Superior.

Isto significa que, se não for estabelecida uma conexão apropriada entre os aspectos pessoal e transpessoal do indivíduo, este poderá, através do uso de drogas, das técnicas de respiração da loga ou de métodos inadequados de meditação, ser projetado para além das barreiras, primeiramente no subconsciente e em seguida nos níveis extrapessoais do campo planetário da mente. Quando um viciado em drogas diz que está "viajando", há uma grande verdade em sua afirmativa, e quanto mais drogas ele tomar, mais aumentará o seu isolamento, até que a sua personalidade se veja totalmente tomada pelos conteúdos do campo planetário. Isso pode conduzir à morte física de seu organismo ou, no melhor dos casos, levá-lo a uma alienação mental. Enfim, o golpe astral pode ser a fonte de graves perturbações, sendo o conhecimento deste aspecto dos campos do homem de grande importância para a prática da radiônica. Deve-se ter em mente, também, que existem chakras astrais, da mesma forma como existem chakras etéricos.

O último dos corpos do homem que devemos considerar é o corpo mental. Tal como o corpo físico, com seus aspectos denso e etérico, o corpo mental também divide-se em duas partes distintas. O aspecto superior ou mente abstrata encontra-se acima dos três planos superiores do nível mental. É aí que se encontra o lótus solar da alma, envolvido pelo corpo causal. O diagrama de Bailey mostra o ponto central do lótus, a gema, localizada no meio desses três planos; ademais, ela precisa a localização desse ponto como se ele estivesse situado na consciência do discípulo da sabedoria. Na pessoa subdesenvolvida espiritualmente, esse ponto se encontra no mais baixo dos três planos; num Mestre da Sabedoria ele se localiza, logicamente, no mais alto. A antakarana, com a sua tríplice subdivisão, liga a unidade mental (que desempenha o papel de átomo permanente para o eu inferior) ao átomo mental permanente, a fim de prover uma passagem, ou ponte do arco-íris (sinal da promessa divina nos céus), tal como é também conhecida, ao longo da qual o indivíduo (após ter estabelecido a ponte e adquirido prática) possa se deslocar à vontade dos níveis inferiores da mente concreta para aqueles que se situam na mente abstrata e além dela.

O corpo mental é, com efeito, aquela porção maior da mente que a alma encarnada arrasta à volta do átomo mental permanente, e esta substância forma um corpo que é usado para os fins do pensamento racional, lógico e dedutivo. Através dele, o Pensador (alma) funciona com eficácia cada vez maior à medida que a evolução se processa. Deve-se notar também que somente os três chakras inferiores do total de sete são representados no plano mental, os outros quatro estão em função da alma e nela são encontrados.



Extraído de *Treatise on Cosmic Fire*, de Alice Bailey (Lucis Trust)

- A.A.P. = Átomo Átmico Permanente
- A.B.P. = Átomo Búdico Permanente
- C = Pétala do Conhecimento
- A = Pétala do Amor
- S = Pétala do Sacrifício
- BE = Base da Espinha
- OR = Órgãos Reprodutores
- PS = Plexo Solar
- B = Baço

O plano mental com suas sete divisões.

A corrente de pensamento da radiônica que alega ser possível diagnosticar e tratar o corpo causal afirma também que não existe nada semelhante a um corpo etérico, nem mesmo, aliás, um corpo mental. A mente, afirmam, é uma função e não um corpo. A minha resposta a isso é que a respiração também é uma função, só que é impossível respirar sem um par de pulmões. Creio que essa confusão surgiu porque os hindus atribuem ao homem cinco revestimentos (koshas) ou corpos, que enumeram da seguinte maneira:

1. Anandamayakosha	A Felicidade	Buddhi
2. Vignanamayakosha	O Tino	Manas Superior
3. Manomayakosha	O Intelecto O Desejo	Manas Inferior e Kama
4. Pranamayakosha	A Vitalidade	Prana
5. Annamayakosha	O Alimento	Físico Denso

Contudo, uma outra enumeração igualmente apresentada pelos hindus mostra como a confusão domina a questão do número de corpos de manifestação que o homem possui:

1. Anandamayakosha	Corpo Búdico
2. Vignanamayakosha	Corpo Causal
3. Manomayakosha	Corpos Mental e Astral
4. Annamayakosha	Corpo Etérico e Corpo Físico Denso

Uma vez que os hindus alegam que os corpos astral e mental do homem estão intimamente relacionados, eles os tratam como uma única entidade. O mesmo processo é aplicado em seguida ao corpo etérico e ao corpo físico denso e, antes que possamos nos dar conta, estamos diante de um sistema que aparentemente elimina os corpos mental e etérico, quando na verdade eles existem no interior desse corpo de pensamento que se depreende dos ensinamentos da filosofia dos Vedas.

Madame Blavatsky nota, em *A doutrina secreta*, que essas diferenças de opinião entre as várias correntes de pensamento são geralmente o produto da multiplicidade de pontos de vista que os adeptos de cada uma delas sustentam. Algumas são apenas mais abrangentes e próximas da realidade que as outras. A respeito disso, escreve ela:

Assim, enquanto os homens formados no Ocidente tinham, e ainda têm, que se haver com o quatro ou matéria, os ocultistas orientais e seus discípulos, os grandes alquimistas do mundo inteiro ocupam-se de todo o Septeto. Assim, rezam estes Alquimistas: "Quando o Três e o Quatro se beijam, o Quaternário junta a sua natureza intermediária ao Triângulo" (ou Tríade) "e se transforma num cubo; somente então é que ele (o cubo desdobrado) torna-se o veículo e o número da VIDA, o Pai-e-Mãe SETE."

Numa nota de rodapé a esta passagem, Blavatsky afirma que certos brâmanes instruídos protestaram contra a divisão setenária que aparece na Antiga Sabedoria, particularmente como a exprime a Teosofia. Ela concordava que eles tinham razão de protestar, dado o seu ponto de vista, pois o número menor de fatores com que eles lidavam era inteiramente suficiente para a especulação puramente metafísica e filosófica, bem como para as finalidades da meditação. Entretanto, para os fins práticos da instrução ocultista e para a compreensão da natureza da VIDA (e nesta palavra acha-se incluído o homem), ela achava que a divisão septenária era melhor e mais fácil de empregar. Estou certo de que qualquer um que se disponha a estudar a matéria acabará por concordar facilmente com ela.

Entretanto, acho que seria mais prático, principalmente do ponto de vista do diagnóstico e do tratamento radiônicos, fazer uma distinção entre os processos mentais e emocionais do homem, especialmente quando se

tem em conta que hoje em dia eles se acham polarizados de maneira tão clara e inequívoca. Poucas pessoas, por exemplo, confundiriam um acesso de nervos, que se origina da atividade do corpo astral, com a tese cientificamente fundamentada de que se trataria inequivocamente de uma reação do corpo mental. Concordo que o corpo astral e o corpo mental acham-se estreitamente relacionados no homem; e mais, em muitas pessoas, hoje, a atividade do aspecto inferior do corpo astral é tão intensa, que chega a afetar o corpo mental. Muitos distúrbios psicológicos têm as suas raízes nesta área, onde se registra um vazamento de forças astrais negativas sobre o plano mental inferior.

Do mesmo modo, parece-nos que seria igualmente prático distinguir claramente o corpo etérico do corpo físico denso, em vez de considerá-los indistintamente como uma mesma entidade, ou, o que é pior, negar a existência do primeiro. Ninguém, eu estou certo, confundiria o conteúdo de uma fotografia Kirlian ou de uma fotografia radiônica com a forma física densa. Seria muito mais pertinente pensá-las em termos de substâncias bioplásmicas ou etéricas.

Para os nossos propósitos, pois, e por intermédio de um breve resumo, preferimos, por razões práticas, a divisão septenária, que atribui ao homem sete veículos de manifestação, que são os seguintes:

	1. Monádico
Os Três	2. Espiritual
	3. Intuitivo
	4. Mental
Os Quatro	5. Emocional
	6. Etérico
	7. Físico Denso

Há uma tendência cada vez mais acentuada, na psicologia e na parapsicologia, para empregar este tipo de divisão septenária para ilustrar a forma e as funções do homem e dos campos de que ele se utiliza e nos quais vive. Como nota Elmer Green, este modelo é o melhor de que dispomos quando se trata de unificar os conhecimentos objetivo e subjetivo que possuímos do homem. Aqueles que o utilizam em sua abordagem da radiônica, logo reconhecerão a verdade subjacente a esta afirmação.

CAPÍTULO 4 **Ação e Influência à Distância**

O Sol brilha através do vidro e o fogo irradia calor através das paredes de um forno, contudo nem o Sol passa pelo vidro nem o fogo pelo forno; assim, também, o corpo humano pode agir à distância, sem sair do lugar em que se encontra.

Paracelso

Se os homens de ciência e extraordinária capacidade intelectual, entre os quais figuras do porte de Newton, Leibniz, Clarke e Kant, discutiram os prós e os contras da ação à distância, a crença neste fenômeno e a sua demonstração fazem parte do folclore e da medicina popular desde o alvorecer da Pré-história. O fato singular de que uma pessoa possa exercer influência sobre outra à distância, constitui um dos princípios fundamentais de todas as chamadas formas primitivas de cura, sendo que os xamãs, seja entre os esquimós, os índios americanos ou africanos, testemunham este fato. Por ocasião de uma conferência que pronunciei na África do Sul em 1975, promovida pela Radionic Association, Credo Mutwa, um conhecido Sangoma Zulu, fazia parte da

mesa de debatedores, e vale registrar aqui a sua reação à minha palestra sobre a radiônica e a fotografia radiônica. No final da minha exposição, ele se levantou em toda a sua majestade e, a sua maneira distinta, disse-me: "Você está querendo dizer-me que os brancos estão finalmente descobrindo aquilo que os negros já sabiam a tanto, tanto tempo?" Eu só podia responder: "Sim, e tudo o que fizemos foi acrescentar um pouco de tecnologia à coisa." Embora corrente nas sociedades tribais, a ação à distância é assinalada pelas tradições britânica e européia. Em muitos condados ingleses, os lavradores costumam dar mais atenção ao objeto que feriu a pata de seus cavalos do que à própria área atingida. Conta-se que Sir Kenelm Digby, o célebre autor de *Powder of Sympathy*, tratou, certa vez, de um homem que fora gravemente ferido num duelo, tomando um pedaço de pano embebido em seu sangue e juntando-o a uma solução de polvilho, e, em conseqüência disso, a dor passou e o homem sentiu-se recuperado. Mais tarde, quando Sir Kenelm retirou o pano da solução, o homem voltou a sentir uma dor lancinante no local do ferimento, e então despachou um criado para avisar-lhe que ele estava certo de que o tratamento fora interrompido e, assim, rogava-lhe retomá-lo o mais depressa possível. Ao que tudo indica, esta forma de tratamento era bastante comum, pois Francis Bacon escreve que se tinha observado muitas vezes que o ferimento desaparecia quando se passava o bálsamo sobre a arma que o havia causado.

Hoje, os parapsicólogos de todo o mundo debruçam-se sobre essa espécie de fenômeno. Durante a década de 60, surgiram evidências de que a Rússia estava investindo seriamente em pesquisas científicas a fim de determinar que fatores se achavam implicados na ação e influência à distância. O capitão Edgar Mitchell tornou públicas as experiências telepáticas por ele realizadas durante o seu histórico vôo à Lua. Assim, um domínio que até bem pouco tempo era considerado de competência exclusiva do feiticeiro, encontra-se agora submetido a minuciosos exames por parte da ciência institucional.

O principal pesquisador soviético neste campo foi L. L. Vasiliev, morto em 1966. Ele provou, através de inúmeros experimentos, que a influência à distância poderia ser demonstrada sob condições de laboratório. Já em 1934, eles conseguiam induzir o sono à distância, valendo-se simplesmente de projeções mentais. É claro que as implicações desse fenômeno são múltiplas, salientando-se, em primeiro lugar, que ele pode ser explorado negativamente para influenciar pessoas de modo atentatório aos padrões éticos e morais, não sendo preciso muita imaginação para figurar as conseqüências que isso poderia ter no campo da política ou das relações de trabalho. Por outro lado, ele possui muitas aplicações positivas, entre as quais a cura à distância, servindo também para ilustrar que compartilhamos de fato um campo comum da experiência e que aquilo que investimos neste campo sob a forma de energias mentais ou emocionais pode atuar tanto para o bem como para o mal.

Em seu livro, *Experiments in Distant Influence*, Vasiliev relaciona as seguintes características comuns a quase todas as experiências de indução do sono, características que não deixam dúvida quanto à precisão com que as ordens mentais podem ser registradas à distância pelo indivíduo:

1. *Tem-se a impressão de que, embora a sugestão mental para dormir e acordar seja imediatamente percebida pelo indivíduo, a sua execução é retardada em virtude de alguma resistência consciente ou inconsciente. Deve-se notar que semelhante resistência contra as ordens do hipnotizador freqüentemente se manifesta na sugestão comum (isto é, verbal).*
2. *As inquirições esclarecem que o receptor percebe subjetivamente alguma espécie de ligação com o emissor, a qual é algumas vezes simbolizada como uma "linha", outras como um "carretel que se desenrola" etc. A sugestão mental é muitas vezes percebida sob a forma de uma ordem transmitida por telefone. Tais detalhes não podem, é claro, proporcionarnos a compreensão da natureza da influência energética do emissor sobre o receptor, mas, no entanto, merecem atenção do ponto de vista psicológico.*
3. *As inquirições esclarecem que o receptor não apenas percebe subjetivamente alguma espécie de ligação com o emissor, como também reconhece qual das tentativas de sugestão mental se destina especificamente a ele.*

Muito antes, em 1869, um médico francês de nome Dusard descobriu que podia fazer adormecer uma pessoa por intermédio de sugestões mentais à distância, e, em 1878, um outro médico francês, chamado Héricourt, fez experiências semelhantes com um de seus pacientes e descobriu que podia ditar-lhe que deixasse a sua casa e caminhasse por certas ruas até um local determinado, sem que ele soubesse o que estava fazendo.

A partir destes exemplos, torna-se claro que a mente pode exercer influência à distância. Do ponto de vista da radiônica, interessa particularmente o fato de que os indivíduos, nas experiências dos soviéticos, sabiam quando estavam sendo influenciados e por quem. Os pacientes submetidos a tratamento radiônico algumas vezes registram o momento em que "entram em sintonia", sendo que um médico hindu, o Dr. A. K. Bhattacharyya, contou-me que alguns pacientes seus no Canadá percebiam de imediato que as suas fotografias estavam sendo irradiadas pelas radiações de pedras preciosas a partir de sua clínica localizada em Naihati, Bengala, e podiam identificar a freqüência correta de transmissão. O símbolo de uma linha que liga o receptor e o emissor traz à mente a teoria Kahuna sobre a linha aka, de que se serviam os curandeiros

polinésios a fim de exercer influência à distância sobre as pessoas. De minha parte, creio que nós empregamos linhas ou cadeias energéticas semelhantes, constituídas por substâncias astrais, mentais e etéricas, quando submetemos um paciente ao tratamento radiônico. Examinei esta teoria no meu livro *Radionics - Interface with the Ether Fields*, no tópico intitulado "The Geometric Etheric Links", de modo que não entrarei aqui em maiores detalhes a respeito, limitando-me a remeter o leitor àquela fonte.

Seguindo os passos de Cleve Backster e Marcel Vogel, muitos realizaram, com êxito, experiências destinadas a comprovar que as plantas podiam reagir à distância à influência mental do homem. Em San Jose, tive a oportunidade de presenciar uma experiência realizada por Marcel Vogel, destinada a verificar o estado dos chakras de uma pessoa, com um pedaço de folha de filodendro presa a uma ponte de Wheatstone e um aparelho registrador munido de uma tira de papel móvel. Tendo comprovado que vários centros não estavam funcionando devidamente, Marcel passou a tratar mentalmente de um deles, procurando equilibrar-lhe as funções. Era impressionante o modo como a agulha reagia, deslizando para cima e para baixo ao longo da tira de papel, descrevendo algo semelhante a uma série de degraus à medida que a energia fluía em ondas de Marcel para a pessoa de quem ele estava tratando. No momento em que o equilíbrio do chakra foi restabelecido, a agulha passou a deslizar horizontalmente pela tira de papel, traçando uma linha normal. O que Marcel realizou com uma planta e equipamento eletrônico o praticante da radiônica faz com o pêndulo e os instrumentos radiônicos, e conquanto no seu caso os resultados não sejam ilustrados de modo tão dramático, o princípio é praticamente o mesmo. Ambos os métodos se valem de perguntas e respostas a fim de determinar os fatores subjetivos relativos às condições de saúde e às doenças, e ambos projetam a energia para propiciar a cura - Marcel, diretamente, o praticante da radiônica, por intermédio dos instrumentos destinados a esse fim.

A questão fundamental é, naturalmente, a seguinte: como isso funciona? E a resposta é: ninguém sabe realmente, a despeito do fato de uma grande quantidade de pessoas ter passado horas incontáveis teorizando sobre os mecanismos desse fenômeno. Em 1960, após ter passado muitos anos clinicando segundo linhas estritamente ortodoxas, seguidos por um longo período de incursões e pesquisas em áreas não-ortodoxas, o Dr. George Laurence, num panfleto intitulado *Knowing and Affecting by Extra Sensory Means*, escreveu:

Após dezoito anos de prática, não sei se estou mais perto de saber como ou por quê, de qualquer modo, a radiestesia funciona, porém estou cada vez mais convencido de que a resposta se encontra antes no domínio da percepção extra-sensorial do que nos limites das ciências exatas.

Eu sei, todavia, sem qualquer sombra de dúvida, que ela funciona, e tenho certeza de que poderia trazer resposta a inúmeros problemas médicos e transformar a medicina, de uma arte incerta, em uma ciência exata, contribuindo de maneira inestimável para mitigar o sofrimento humano ou mesmo animal.

Pois bem, se não sabemos ao certo, então valeria a pena teorizar e tentar chegar, pelo menos, a uma hipótese de trabalho qualquer. Na situação radiônica, temos o campo da consciência contendo o paciente como uma unidade de consciência e o praticante como outra. Normalmente, é o paciente quem desencadeia o processo, ao escrever para o praticante solicitando ajuda, estabelecendo assim um primeiro contato, uma linha, se se quer, que agora se estende sobre a lacuna aparente entre os dois, embora nos níveis superiores de consciência não haja qualquer lacuna. O praticante, valendo-se do testemunho do paciente, pode, pois, usar essa linha ou esse elo para obter informações relativas às várias estruturas, tanto sutis quanto físicas. Isto é feito através de uma série de perguntas mentalmente colocadas, e eu sustento que a pergunta (na medida em que é um pensamento) reage imediatamente sobre o campo do paciente e, caso encontre neste a sua contrapartida, suscita um retomo de energia ao longo da linha (que, segundo a minha argumentação, é uma linha helicoidal dupla) e assim o praticante registra em seu pêndulo uma reação positiva. Se não há, pelo contrário, resposta alguma por parte do paciente, tampouco haverá retorno e, por conseguinte, reação sobre o pêndulo. Por analogia, a carga de energia da pergunta é como o raio de uma sonda de sonar: se ele atinge uma imagem espelhada de si próprio no paciente, então haverá um sinal de retorno, tal como o sonar atingindo o casco de um submarino produz um retomo. Se não há submarino algum, então não haverá qualquer sinal de retorno. Isso, naturalmente, não exclui a possibilidade de que o sinal possa ter errado o alvo e, assim, mesmo não se registrando reação alguma, o problema de saúde não deixa de estar menos presente. Essa situação de "erro" pode vir a ocorrer facilmente se o praticante não se concentra em seu trabalho com o relaxamento e a clareza de raciocínio que a situação exige... com a mente distraída e distante, os resultados serão inevitavelmente ruins. Instrumentos radiônicos corretamente desenhados e métodos simples também contribuem para que se obtenha um alto grau de eficácia.

No I Ching - O livro das mutações, na segunda casa do Hexagrama da Verdade Interior, há um belo comentário de Confúcio a respeito da influência à distância e da clareza:

Nove na segunda casa significa:

Um grou chamando na sombra.

*Seu filhote é quem responde.
Tenho uma bela taça.
Vou partilhá-la contigo.*

Wilhelm afirma que estes versos referem-se à influência involuntária exercida pelo ser espiritual de uma pessoa sobre outras de espiritualidades afins. Sempre que alguém externa sinceramente um sentimento ou uma verdade, está exercendo, de modo misterioso, uma influência de grande alcance, cujas raízes remontam ao íntimo da pessoa. Confúcio disse destes versos:

O homem superior mora em seu quarto. Se as suas palavras são corretamente pronunciadas, ele alcança unanimemente uma distância de mais de mil milhas. De perto, então, muito mais! Se o homem superior mora em seu quarto e suas palavras não são corretamente pronunciadas, ele alcança contraditoriamente uma distância de mais de mil milhas. De perto, então, muito mais!

Não é preciso muita força de imaginação para colocar o praticante no lugar do homem superior (disciplinado), e em lugar das "palavras" o diagnóstico e as várias etapas do tratamento clara e precisamente executadas, os quais alcançarão com unanimidade (isto é, propiciarão a cura) uma distância de mais de mil milhas. A isso, acrescente-se a ressalva de que se as "palavras" e o tratamento não forem bem ministrados, advirá um resultado negativo.

Como mencionei anteriormente e tornarei a repetir aqui, existe um axioma esotérico que afirma que a energia acompanha o pensamento. Em *Letters to a Disciple*, Eugene Cosgrove levanta a seguinte questão:

Qual o fundamento técnico para a afirmação de que "a energia acompanha o pensamento"?

E ele nos responde:

Qualquer vibração desencadeada a partir de um plano ou nível superior de atividade é registrada por todo o mecanismo. O dispositivo de resposta reage em uníssono e simultaneamente. Quando o Ego (alma), o Pensador em seu próprio plano de manifestação, expede um impulso, o aparelho mental responde através de uma ação vibratória cofateral. Um efeito similar é produzido sobre o corpo emocional. O corpo etérico reage a este efeito (e os efeitos são causados em relação a um plano ou "corpo inferior"). A esta resposta, por sua vez, reage o cérebro, vibrando em harmonia com o mecanismo etérico. É a resposta cerebral que estimula a atividade de todo o sistema nervoso. Assim, o impulso originário do Ego cumpre a sua função de energizar todo o veículo físico.

A resposta de Cosgrove exige bastante reflexão, dada a sua grande quantidade de informações, e se o praticante quiser realmente compreender a essência de suas palavras, será preciso fazer intervir o conceito de como a anatomia sutil reage ao impulso do pensamento. Um dado relevante é o fato de que, para operar qualquer transformação real em um veículo, o impulso deve proceder do plano ou veículo situado acima. Isso significa que os problemas de natureza astral devem ser abordados a partir do plano mental, e se 90 a 95% de todos os processos doentios são registrados nos planos astral e etérico, isso vale para a grande maioria dos casos com que se depara qualquer praticante em sua vida cotidiana. Naturalmente, isso significa também que as doenças verificadas no nível da mente concreta só poderão ser efetivamente enfrentadas a partir dos níveis da alma ou da mente abstrata, ou então dos níveis superiores. Grande parte do que se denomina hoje em dia doença mental não passa, na realidade, de perturbações do mecanismo astral; o corpo mental do homem não funcionou ainda suficientemente, nem com a potência requerida, para chegar a causar propriamente alguma doença em si mesmo. Isto, além do mais, está de acordo com os ensinamentos da Antiga Sabedoria.

Tornou-se claro para os soviéticos que alguma forma de interação telepática intervinha nas suas experiências de ação à distância, e isto é o mesmo que se verifica na radiônica entre o paciente e o praticante. Alice Bailey assinala a existência de várias formas de telepatia. No interior do indivíduo:

1. *Entre a alma e a mente.*
2. *Entre a alma, a mente e o cérebro.*

Entre dois indivíduos:

1. *Entre a alma e a alma.*
2. *Entre a mente e a mente.*

3. *Entre plexo solar e plexo solar, portanto em um nível puramente emocional, envolvendo apenas o corpo astral.*

4. *Entre estes três aspectos simultaneamente, no caso das pessoas espiritualmente muito desenvolvidas.*

Muitos praticantes da radiônica preferem trabalhar a partir do plexo solar, na medida em que esta é a linha de menor resistência para eles, e a que envolve a mente apenas o suficiente para tornar eficaz o seu trabalho. Em termos ideais, o aspecto mental deveria prevalecer, sem implicar o plexo solar astral, de modo a propiciar a formação de um campo capaz de reagir prontamente a qualquer impressão sem se deixar afetar de modo algum pelo fluxo de dados. Um envolvimento astral demasiado intenso pode significar também uma empatia muito alta, e isto, para alguns praticantes pelo menos, pode ter conseqüências desastrosas para a sua própria saúde e bem-estar. Uma boa proporção alcançada entre a mente e o plexo solar constitui aquilo que chamamos de aspecto intuitivo, no qual um fluxo de informações proveniente do paciente é recebido de modo claro e fácil. Devo acrescentar, entretanto, que do ponto de vista esotérico, as intuições radiestésicas constituem uma mistura do que os teosofistas chamam de kamamanas (mente sensível ou astral) e os hindus de manomayakosha. A verdadeira intuição é o entendimento sintético, o qual constitui prerrogativa da alma, e somente se dá quando esta estende-se simultaneamente para a mônada e a personalidade integrada. A intuição, na radiônica, é um reconhecimento de semelhantes que se origina de uma mente clara e analítica esquadrihando à distância a aura de um paciente.

Sejam quais forem os mecanismos de ação e da influência à distância, o fato é que o fenômeno é utilizado com êxito na radiônica para prover o equilíbrio e a cura dos campos do homem, dos animais e da terra. Seria conveniente saber o que exatamente ocorre, mas por enquanto, pelo menos, nós podemos partilhar da mesma certeza a que chegou o Dr. George Laurence, após ter aplicado durante muitos anos os seus princípios para o desenvolvimento e a prática da medicina psiônica: sem sombra de dúvida, a coisa funciona.

CAPÍTULO 5

Energias, Forças e Formas-Pensamento

A vibração de todos os corpos físicos da Terra e de todas as outras manifestações da Energia, considerada a partir do plano terrestre, é, em termos magnéticos, essencialmente a mesma, porém a Força Vital, ou Vida individual, ou Energia Irradiante, considerada a partir do plano do éter, é completamente diferente.

Dra. Ruth Drown, D.C.

Tanto os cientistas ortodoxos como os cientistas espirituais concordam que as energias e forças compõem a totalidade de tudo o que existe. Segundo um antigo axioma, nada há que não seja energia, e tudo o que observamos e constatamos à nossa volta constitui uma evidência dessa realidade. A Dra. Drown, com os seus grandes conhecimentos da Cabala, tinha consciência de que a existência do corpo físico, a partir dos átomos e moléculas, não se confundia com a Vida que anima a carne e a mantém num todo coeso, e isso transparece em sua afirmativa citada acima. Trata-se apenas de uma outra maneira de dizer que o corpo físico não é um princípio, mas somente um autômato energizado pelas forças que, derivadas de outros veículos, o atravessam. O homem vive enredado no corpo etérico do planeta, sujeito ao fluxo incessante de energias e forças que circulam pelo sistema solar. Os seus chakras, cada um deles sensível a um determinado padrão de atividade vibratória, atuam como condutores das energias que dimanam das fontes planetárias do nosso sistema e mesmo de fora dele. Ele se acha sujeito também às energias que dimanam da própria Terra e dos pensamentos e sentimentos das criaturas. O baço é a expressão exterior de um vínculo direto com as forças vitais do Sol, que revigoram a sua forma física por intermédio do duplo etérico. As figuras geométricas de todas as formas vitais, em todos os reinos da Natureza, são o resultado da ação das quatro forças etéricas formativas, e o livro do corpo humano, com seu lacre no dorso, pode ser prontamente decifrado e revelar os seus mistérios quando alguém possui esta chave.

O pensamento é o modelador, o gestor das forças e energias da Natureza. Bailey afirma:

Deve-se ter sempre em mente que no Universo manifesto tudo é energia em circulação, sendo que todo pensamento constitui a expressão de algum aspecto desta energia...

Essa afirmação é de grande importância para o praticante da radiônica, pois a própria natureza desta concepção da cura o obriga a compreender e tratar com conhecimento de causa uma grande variedade de energias governadas pelo pensamento. Através dos processos de pensamento, estamos a todo instante criando formas-pensamento. Algumas permanecem nebulosas e são fugazes, outras, se ativadas por força da memória e da concentração, agregam uma quantidade suficiente de matérias etéricas e astrais à sua volta para, finalmente, se manifestarem no plano físico. Muitas fontes esotéricas afiançam que todo o meio ambiente, até mesmo as casas em que moramos, não passa de extensão da mente sustentada unicamente pelo pensamento,

configurando uma verdadeira alucinação coletiva, mantida e regulada por uma instância telepática inconsciente. Como este não é o lugar adequado para examinar mais a fundo esta questão, remeto o leitor aos livros de Carlos Castañeda e Jane Roberts, principalmente.

A criação de formas-pensamento é de suma importância para o praticante da radiônica, pois, quer esteja ele consciente ou não do processo, a natureza mesma de sua atividade o leva a criar as suas próprias entidades, as quais impregnam o ambiente à sua volta. Obviamente, se o praticante desenvolver um sentido apurado para esse fenômeno, ele se tornará capaz de criar deliberadamente uma forma-pensamento de grande poder, a qual poderá constituir uma reserva de forças disponíveis a qualquer momento para as necessidades da cura. Ela poderá servir também para imunizar o praticante contra as influências perturbadoras do ambiente capazes de prejudicar os seus diagnósticos ou desviar a sua atenção do trabalho que realiza. Todos nós já experimentamos alguma vez a calma e a paz de que são impregnadas muitas das catedrais e lugares santos... o praticante deve procurar infundir ao seu local de trabalho uma tranquilidade semelhante, pois assim as forças da cura poderão ser efetivamente controladas.

Ao longo dos anos, pude observar esse fenômeno com respeito a um certo número de práticas, sendo que duas delas oferecem exemplos particularmente ilustrativos. O primeiro é o Laboratório De La Warr, onde a sala de tratamento é equipada com um conjunto transmissor-receptor radiônico preso a uma amostra do sangue de um paciente submetido a tratamento à distância e, preso a um grampo, um cartão com seis modalidades de tratamento e seis áreas correspondentes de aplicação, representando as partes do corpo que se destinam ao tratamento. Estas são indicadas simplesmente por números, sem quaisquer referências a órgãos e terapias específicos. A cada hora e meia, o tipo de tratamento é trocado por uma pessoa que desconhece quais sejam as modalidades correspondentes aos números. Pois bem, este método contrasta flagrantemente com os procedimentos individuais correntes, em que o operador tem conhecimento da modalidade de tratamento que está sendo utilizada e da correspondente área de aplicação no corpo. Mentalmente, ele canaliza a energia de cura (padrão) para uma área determinada, e é fácil de compreender o mecanismo desse processo. No laboratório, contudo, não há nenhuma mentalização especificamente dirigida por parte da pessoa encarregada de ajustar ou trocar os tipos de tratamento, e, não obstante, o tratamento é mais eficiente. Eu diria que no Laboratório De La Warr existe uma poderosa forma-pensamento, o que é perfeitamente cabível quando se conhece a enorme quantidade de trabalhos executados no lugar durante anos, e quando se sabe que o levantamento de cada caso e a linha de tratamento correspondente estão a cargo de Marjorie De La Warr, o que equivale a dizer que a forma-pensamento capaz de propiciar a cura é contatada com sucesso. A pessoa que muda os padrões de tratamento desempenha simplesmente a função de ativar a "diretriz da memória" da tentativa de cura inerente a cada tipo, gerando assim um fluxo de pulsações de energia positiva para o paciente sob tratamento durante um ciclo de vinte e quatro horas, que se repete continuamente até que a cura seja alcançada.

Um outro exemplo desta espécie de fenômeno que eu pude observar encontra-se no trabalho de Malcolm Rae. Ele passou literalmente milhares de horas num determinado lugar executando trabalhos de diagnóstico, tratamento e pesquisa radiônica. Isto, naturalmente, resultou na criação de uma poderosa forma-pensamento, à qual ele pode recorrer segundo as exigências do tratamento. A "simplicidade essencial" em seu trabalho, entretanto, acabou por desenvolver uma nova concepção do tratamento, na qual um conjunto de tratamento desenhado por ele próprio é usado para expor, por um período determinado, a amostra de cada paciente a uma energia pulsante positiva, modificada pelo Comprehensive Ratio Card. Este método é naturalmente mais simples, não exige muito tempo e exige uma despesa bem menor em termos de equipamento. E o que talvez seja mais importante, deixa o praticante livre para tratar de outros pacientes ou de casos de emergência. Para o profissional ligado à saúde ou para o leigo que se ocupa dela em tempo integral, este é o método ideal, pois qualquer número de pacientes pode ser atendido dessa maneira, sem que se tenha que apelar para o demorado processo de checar constantemente e tratar de um paciente por vez. Deve-se ter em conta que a noção de "fazer pulsar" o tratamento está presente em ambos os exemplos, e este é um ponto sobre o qual eu retornarei mais adiante.

Agora, o que o praticante precisa saber para criar uma forma-pensamento e facilitar o seu trabalho? Primeiro, a clareza de raciocínio é absolutamente indispensável, pois sem ela a entidade não resultará harmoniosa e funcional. O perfeito controle do corpo astral é também essencial, para que ela não seja afetada por pensamentos negativos e destrutivos. É preciso purificá-la de todo o medo, raiva, ressentimento, avidez ou outras reações emocionais que possam perturbar ou prejudicar a eficiência da entidade mental.

Determine de antemão a razão para a criação da forma-pensamento e determine o uso a que ela será destinada, pois isso contribui em larga medida para a sua eficiência. Os motivos devem ser puros e a forma não deve ser usada com finalidades egoístas.

Muitos praticantes que conheço estão envolvidos de uma maneira ou de outra com o uso da meditação e da oração como parte de seu cotidiano. A radiônica, em virtude de suas características intrínsecas, atrai esse tipo de pessoas, e naturalmente elas são, por muitos aspectos, justamente do tipo que cria uma forma-pensamento capaz de servir à cura de modo totalmente inconsciente. Estou certo, entretanto, de que se a cada manhã o

praticante reservar algum tempo para aperfeiçoar a natureza da entidade, ele será bem recompensado, pois não se deve esquecer que uma entidade mental como esta se origina na alma ou no Pensador, e o praticante que se volta diariamente para a Fonte readquire forças e encontra amparo e orientação para o seu trabalho diário.

Antes de encerrar este breve capítulo, quero me deter um pouco nas palavras "energia" e "força". Existe uma tendência, e eu não sou menos responsável por ela, a empregar estas duas palavras de modo indistinto. Nos ensinamentos esotéricos, verifica-se uma clara distinção entre os dois termos, e como essa questão não foi abordada ainda em nenhum livro sobre a radiônica, talvez seja útil aproveitar a oportunidade para abrir um parêntese aqui.

Referências a esta distinção podem ser encontradas em *Esoteric Healing*, de Alice Bailey, que escreve:

Forças são aquelas energias contidas e aprisionadas por alguma espécie de forma - um corpo, um plano, um órgão, um centro; energias são aquelas correntes dirigidas que causam impacto sobre essas forças represadas (se assim posso chamá-las) a partir de uma forma maior ou mais abrangente, a partir de um plano mais sutil, ensejando assim um contato com uma força vibratória mais intensa. Uma forma de energia é mais sutil e mais potente do que a força sobre a qual ela causa impacto ou com a qual ela estabelece contato; a força é menos potente, porém estabilizada. Nestas duas últimas palavras, temos a chave para o problema da relação de energias. A energia livre, do ângulo do ponto de contato estabilizado, é de certo modo menos eficiente (dentro de uma esfera limitada) que a energia que aí já se encontra estabilizada.

Este pequeno texto nos proporciona um interessante conceito, que nenhum praticante da radiônica do meu conhecimento havia considerado antes. De acordo com essa definição, o praticante da radiônica exerce, para os fins da cura, um domínio efetivo sobre a energia, no verdadeiro sentido da palavra, sendo que essa frequência de energia é simbolizada pelo padrão ou cartão que esteja sendo empregado no tratamento em questão. Esta energia liberta é direcionada para causar impacto sobre um órgão, um chakra ou um ponto qualquer afetado pela doença, que por definição é uma energia ou uma força reprimida. Se, pois, a energia liberta é mais sutil e mais potente que o campo de força de uma doença, por exemplo, esta última se encontra estabilizada e portanto não se acha sujeita facilmente às influências. Isto sugere-me imediatamente que é muito importante "fazer pulsar" a energia utilizada no tratamento, pois assim as instruções codificadas implícitas no padrão ou no cartão adotado não causarão apenas um impacto localizado sobre a força estabilizada da doença ou do órgão, mas ocasionarão constantes estímulos de pulsação, e cedo ou tarde haverá alguma resposta. Por analogia, se alguém bate à minha porta apenas uma vez, pode ser que eu o ouça ou não, mas, se bate várias vezes, cedo ou tarde obterá algum tipo de resposta; assim, acho que o mesmo se dá com os tratamentos radiônicos.

Um outro exemplo do que sejam força e energia é dado pela homeopatia. Uma planta contém forças positivas represadas, que são libertadas por meio da sucussão durante o processo de preparação do remédio. Tais forças são libertadas somente para serem transferidas para a solução alcoólica que tornará a sua ação mais eficaz quando ingeridas em forma sólida ou líquida. A simulação de potência radiônica toma a energia liberta, converte-a em força dentro dos limites da substância portadora, e esta, por sua vez, é novamente liberada sob a forma de energia livre quando ingerida oralmente pelo paciente.

Embora este seja um capítulo breve, acho que ele oferece vários elementos para a reflexão e posterior aplicação práticas. O conceito de criação de entidades mentais e a distinção entre forças e energias ajudam a complementar com a prática o nosso conhecimento.

II SEÇÃO

A Radiônica e seu Instrumental

Aquele que subverte os princípios estabelecidos com o intuito de causar sensação ou chamar a atenção sobre si é fútil, insensato e quase sempre destrutivo. Aquele que age assim porque tais princípios Ule parecem inadequados, pode muito bem tornar-se alvo das críticas suscitadas pelo mero explorador sensacionalista. Um praticante deve, fundamentalmente, empregar os meios nos quais deposita fé, e a fé é um assunto pessoal.

Malcolm Rae

CAPÍTULO 6

Foco de Sintonização da Mente

A alegação feita até agora de que estas máquinas são "um meio puramente mecânico e científico" de levar a cabo o diagnóstico e o tratamento não se sustenta à luz dos atuais conhecimentos científicos. Que elas ilustram a ação de certas leis da Natureza, em grande parte ainda obscuras ou não identificadas, é, isto sim, uma verdade.

Ninguém que tenha feito um estudo realmente aprofundado da radiônica daria crédito à afirmação de que se trata de um processo mecânico, no sentido estrito da palavra, e tampouco alegaria tratar-se de um processo científico, no sentido de que ela lida com fatores objetivos, mais que subjetivos. O contrário, sim, é que é verdade, pois esta concepção da cura não visa outra coisa senão identificar os fatores causadores das doenças que se acham ocultos e passam despercebidos aos exames clínicos comuns.

Inevitavelmente, surge a questão: se o processo de diagnóstico radiônico é extra-sensorial, por que então ele necessita de um instrumento?

Tom Graves, em seu excelente livro *Dowsing*, trata justamente deste ponto, afirmando:

A varinha de condão atual pode ser tanto uma forquilha encerrada numa "caixa", quanto um pêndulo. A fiação pseudo-eletrônica da caixa não parece ser essencial - conheço um operador que simplesmente anota os números em um pedaço de papel -, mas parece que ela auxilia alguns operadores.

Gostaria de acrescentar que conheço um operador que se vale de algas, pedras, pétalas de rosa e outras coisas mais para efetuar o tratamento à distância, e conta-se que um norte-americano descobriu que, desenhando numa folha de papel o esquema do circuito de um instrumento radiônico Hieronymous e acrescentando a ele um prisma real, a coisa funcionava como um verdadeiro aparelho. Está claro que a certa altura o operador pode deixar os instrumentos totalmente de lado, e está claro igualmente que muitas pessoas necessitam dele como de um centro focal a partir do qual trabalhar. Se adotam um procedimento constituído por uma série de etapas, um ritual preparado, é porque visam a uma intensa concentração da mente, que, assim, pode funcionar em consonância com as normas de operação estipuladas pelo método de trabalho requerido pelo instruo mento sem se perder ou sem que o operador sinta que os seus esforços para conseguir um diagnóstico preciso malograram em algum ponto. Certamente, aqueles operadores que não possuem uma considerável experiência anterior na utilização de suas faculdades extra-sensoriais são os que mais sentirão a necessidade de usar o instrumento.

O interessante é que, durante o seu trabalho psíquico, Edgar Cayce foi questionado inúmeras vezes acerca da utilização dos tratamentos radiônicos que, eventualmente, ele recomendava a certos pacientes. Quando indagado certa feita sobre se a análise- radiônica era um verdadeiro método de diagnóstico ou apenas mais uma parafernália para enganar o paciente, ele replicou:

Isso depende do técnico que a utiliza. Pode ser que o técnico ou o médico desenvolva sua capacidade para utilizá-la. Pode ser que para uns ela seja a solução ideal, chegando a proporcionar oitenta por cento de diagnósticos corretos, ao passo que outros não conseguem mais que dez por cento. É um bom instrumento, mas somente uma em quinhentas pessoas saberia utilizá-la.

Assim, parece que existe um fundamento para a utilização dos instrumentos radiônicos, na medida em que eles fornecem um foco para a mente do operador trabalhar, mas, será que isto é tudo? Se, retomarmos à citação que abre este capítulo, ela afirma "que eles (os instrumentos radiônicos) ilustram a ação de certas leis da Natureza, em grande parte ainda obscuras ou não identificadas... Acho que se aceitarmos os conceitos de Mente Universal e os ensinamentos ocultos, começaremos a intuir o que sejam esta ação e estas leis da Natureza, e constataremos que, se não existe nenhum fundamento científico ortodoxo para o emprego desses instrumentos, existe pelo menos um outro, respeitável o bastante para merecer alguma consideração.

Afirma-se que existem sete chaves capazes de abrir a porta para o conhecimento dos domínios espirituais, sendo que dez chaves possíveis foram relacionadas, e são as seguintes: Psicológica - Astronômica Física ou Fisiológica - Metafísica - Antropológica - Astrológica Geométrica - Mística - Simbólica e Numérica. Cada uma delas pode ser interpretada exotericamente, esotericamente ou espiritualmente, e pode ser mesmo que tais interpretações discrepem à primeira vista, concordando porém em seus níveis mais profundos. A visão espiritual é sempre mais abrangente que a visão puramente exotérica. Aos instrumentos radiônicos estão ligados os fatores número, padrão e símbolo, que os relacionam à Mente Universal. Num livro publicado em 1975, intitulado *The Intelligent Universe*, o autor, David Foster, desenvolve de maneira notável a concepção de que o Universo é uma gigantesca mente, na qual a substância do mundo se nutre e é processada como num computador. Assinala ele que, na Bíblia, está escrito: "No princípio, era o Verbo", e "Verbo", aí, outra coisa não é senão dados e informações codificados. Todas as formas de vida, diz ele, baseiam-se nos códigos de informação contidos no DNA, e o homem seria na verdade um cartão de computador vivo, programado com base nos códigos cifrados por alguma potência cósmica. Deus teria sido Engenheiro (até 1900), Matemático (de 1900 a 1930), Mágico (de 1930 a 1965). Atualmente, Deus é um operador de *software*, programando o *hardware* do Universo. Muita gente subirá pelas paredes diante de semelhantes afirmativas, especialmente os que integram o batalhão "anti-perspex" ou os "orgânico ou nada", pois encaram esse tipo de elocubração como

algo que denigre o homem e o reduz a menos que uma cifra programada. A verdade é bem outra, contudo, pois o Universo acha-se em processo de revelar a si mesmo e o seu funcionamento através do homem; a tecnologia é simplesmente um aspecto desse desdobramento. O uso que o homem possa vir a fazer de tal revelação é outro assunto, porém ele, mais que todos os outros seres vivos, foi dotado de inteligência e um certo grau de vontade própria que, se usados corretamente, o tornarão apto a colaborar com a Mente Universal e, assim, se tornar o fator-chave para o que Ela tem a revelar. As pessoas podem temer os computadores ou atribuir-lhes a culpa por muitos equívocos, mas o fato é que os computadores só cometem os equívocos que o homem lhes induz a cometer, não passando, afinal de contas, de um pálido reflexo das atividades do cérebro humano, que como computador é muito superior a qualquer coisa que o homem já tenha inventado. Os sábios da China antiga intuíram, há milhares de anos, que a Mente Universal guardava as características de um computador, e isso se reflete no oráculo conhecido como I Ching, ou O livro das mutações, que aliás é um dos livros esotéricos mais vendidos atualmente e consultado por muita gente que se sente impressionada com as analogias feitas entre o Universo, o homem e os computadores.

Num artigo intitulado "Compute and Evolve", do número de janeiro/fevereiro de 1969 da revista *Main Currents in Modern Thought*, José Arquelles escreveu:

Retornando à nossa tese de partida, o "novo misticismo" que ora testemunhamos não constitui uma reação contra a ciência e a tecnologia modernas, mas, antes, uma sua conseqüência inevitável. O I Ching torna-se popular não porque seja uma fuga à vida moderna, mas porque a sua estrutura faz-se, uma vez mais, inteligível, e ela se faz inteligível agora porque os homens inventaram e assimilaram os computadores - pois a maneira como o I Ching funciona quando consultado, com seu sistema simples porém matematicamente impecável, tem muito a ver com o modo pelo qual um computador opera. Não importa de qual sistema de linguagem um computador eletrônico dependa, o seu funcionamento baseia-se no sistema binário - o mesmo sistema que, de modo simplificado, rege a manipulação dos talos de miléfólios ou moedas usados para a consulta ao I Ching. Não seria exagerado afirmar que, em termos da programação de entrada e saída, o I Ching pode ser encarado como uma espécie de computador psíquico.

Os videntes da China compreenderam perfeitamente que a matemática, os símbolos e os padrões eram aspectos da Mente Universal, e que esses princípios poderiam ser usados para obter informações do campo da mente a fim de lidar com certas situações da vida capazes, em última instância, de ampliar e expandir a consciência do indivíduo.

Em *The Intelligent Universe*, David Foster assinala a seguinte série de princípios, que ele considera características comuns ao campo da mente e aos computadores eletrônicos fabricados pelo homem:

O primeiro princípio universal é Estrutura e Padrão.

O Universo apresenta indiscutivelmente um padrão de estrutura. Esta pode assumir a forma de padrões geométricos e estruturas no tempo. As estruturas, desde que válidas, devem ser capazes de descrever e comunicar. As línguas são modalidades de estrutura de dados, tais como a pintura e a música.

O segundo princípio universal é constituído pelos Dados.

Os dados (informações) constituem um aspecto fundamental inerente à Natureza.

O terceiro princípio universal é constituído pelo Número ou Digitação.

Os números são o aspecto mais elementar dos padrões ou dados. Todos os dados acerca do homem e da Natureza são digitados. A estrutura da Natureza inteira é baseada na digitação da matéria (partículas) e na digitação da radiação (ondas).

David Foster enumera a seguir mais três princípios universais:

O quarto princípio universal é constituído pelo Processo Natural enquanto Processo de Dados.

E ele afirma que os três primeiros princípios atuam conjuntamente da seguinte maneira:

O atributo mais óbvio do Universo é o de que ele apresenta uma estrutura ou um padrão, os quais constituem dados que possuem uma base digital. Em ordem criativa, o Universo consiste de dígitos ou números organizados em padrões de dados que nós percebemos como estrutura.

O quinto princípio universal é constituído pelos Princípios Cibernético e Anticibernético.

Este princípio diz respeito aos processos anabólicos e catabólicos que se verificam no homem e no Universo.

O sexto princípio universal é constituído pela Inteligência e a Vontade enquanto Diferenciais de Dados.

Inteligência = diferencial potencial qualitativo dos dados. Vontade = diferencial qualitativo dos processamentos de dados efetivos. Esotericamente, a Vontade, enquanto Pai, liga-se à Inteligência, enquanto Mãe, para gerar o princípio médio do Filho.

Embora eu tenha abreviado drasticamente as descrições que David Foster faz destes princípios e os tenha interpretado com as minhas próprias palavras, à exceção do quarto, acho que isso basta para mostrar que os fatores estrutura, padrão, dados e digitação, enquanto aspectos da mente universal, são de importância capital para que possamos compreender algo dos fundamentos subjacentes aos instrumentos radiônicos.

Se, tal como sugere o autor de *The Intelligent Universe*, a estrutura inteira do Universo é baseada na digitação da matéria (partículas) e na digitação da radiação (ondas), que podem se refletir no padrão, contamos então com uma forte evidência de que o uso dos padrões ou índices radiônicos para os fins de analisar os dados relativos às condições de saúde dos corpos físico e sutil do homem é algo de suma importância. É aí, naturalmente, que a necessidade dos instrumentos se faz sentir, pois os índices ou padrões do cartão de proporções simbolizam as doenças ou sistemas orgânicos sob a forma de dígitos ou padrões. Por exemplo, o índice de cura que Ruth Drown teria usado para tratar da ciática é 40.351935, o que na terminologia de Foster equivaleria à digitação de radiações (ondas). Uma parte do corpo físico, seja a mandíbula, 8491736, nada mais é do que a digitação da matéria (partículas).

A radiônica postula que é possível transferir os dados de cura [digitação das radiações (ondas)] através do espaço, de tal modo que eles venham a informar o sistema sobre o qual causam impacto, o que precisa ser feito a fim de corrigir um desequilíbrio. Os dados de cura servem como um padrão ou um gabarito capaz de lembrar à área atacada a sua harmonia inerente ou seu estado normal. A doença, pois, é um desvio da plenitude orgânica que pode ser representada por uma série de dígitos ou por um padrão geométrico. Por exemplo, o sacro ilíaco em seu estado normal é expressado pelos dígitos ou pelo índice 849923. Um sacro ilíaco luxado ou afetado sofre, por conseguinte, uma alteração na sua estruturação digital e talvez seja representado pela cifra 847913. Através da irradiação da frequência de tratamento 849923 e da pulsação a que é submetida a onda correspondente, estamos recordando continuamente ao sacroilíaco que a sua estruturação digital necessita ser reparada ou reprogramada, especialmente quando os valores digitais sofreram alteração, por exemplo, de 9 para 7, de 2 para 1.

O essencial na utilização de um instrumento é que, ajustando-se um determinado índice sobre o seu mostrador ou utilizando um cartão de proporções para representar uma doença ou uma parte do corpo, passamos a contar com um símbolo ou um valor para a doença ou para a parte do corpo que estamos investigando. Isto poupa ao operador o trabalho de ter de decorar esse fator, ao mesmo tempo em que a usa para tentar localizar as causas da disfunção. Este ponto será abordado mais adiante, neste capítulo, por Malcolm Rae. Fala-se muito daqueles que praticam "radiônica" sem utilizar instrumentos, mas raramente nos chega alguma informação sobre a consistência e a precisão dos diagnósticos e dos resultados terapêuticos.

Tendo compreendido que a digitação e os padrões geométricos constituem dois princípios vitais comuns tanto à Mente Universal quanto à teoria e à prática da radiônica, chegamos agora a um ponto em que a justificação da utilização dos instrumentos começa a ter algum sentido racional.

O artigo que se segue, da autoria de Malcolm Rae, intitulado *Radionic Instruments and Rates*, foi escrito para os leitores de *The Radionic Quarterly*. Nele, foi adotada a forma de "perguntas e respostas" a fim de transmitir o maior teor possível de informações com o menor número de palavras. Veremos que as razões por ele oferecidas para a necessidade de instrumentação nesta concepção da cura complementam e ampliam aquelas já enunciadas na parte inicial deste capítulo.

P. 1. O que é um instrumento radiônico?

R. 1. Esta pergunta deve ser subdividida em:

P. 2. O que é um instrumento?

R. 2. (1) É (citando o *Third New International Webster's Dictionary*) "um dispositivo de medição destinado a determinar o valor presente de uma quantidade sob observação: (por extensão) um dispositivo (para controlar, registrar, regular, computar) que trabalha com dados obtidos a partir deste dispositivo de medição".

(2) Um instrumento radiônico é, por conseguinte, um instrumento destinado a medir qualquer unidade empregada na radiônica e/ou para exercer as funções de controle, com base nos dados obtidos por essa medição.

P. 3. Qual é a unidade de medida com que trabalha o praticante da radiônica?

R. 3. É a medição de um pensamento.

P. 4. O que é um pensamento?

R. 4. É uma proporção, ou um complexo de proporções. Pensar é a atividade de manipular proporções e complexos de proporções, e um pensamento é um "padrão cristalizado" de proporções num dado momento deste processo. Eis uma ilustração da relação entre pensamento e proporção: se o leitor é instado a pensar apenas na página sobre a qual vêm impressas estas palavras, seu primeiro ato será diferenciar a página do que a rodeia. De fato, ele estabelecerá para si mesmo uma proporção primária entre "página" e "não-página". Da mesma forma, um instrumento radiônico é um dispositivo para medir o pensamento por intermédio de suas proporções equivalentes: e um meio de controlar, através da aplicação do pensamento, expresso sob a forma de proporções equivalentes, aquelas áreas suscetíveis a este mesmo controle.

P. 5. Tal instrumento de medição pode funcionar sem a ajuda de um operador humano?

R. 5. Não. Assim como um receptor de rádio também não pode transmitir informação na ausência de ouvidos para ouvi-la.

P. 6. Que sentido é usado para apreender a "saída" de um instrumento radiônico de medição?

R. 6. O sentido radiestésico ou de prospecção.

P. 7. O sentido radiestésico necessita, para funcionar, de algum instrumento?

R. 7. Não.

P. 8. Por que, então, há necessidade de um instrumento para efetuar as medições?

R. 8. Pelas razões que se seguem, a combinação de sentido e instrumento proporciona melhores resultados do que se apenas o sentido fosse usado:

(i) O sentido radiestésico funciona no nível intuitivo e deve ser expurgado o máximo possível de intromissões do intelecto e da imaginação.

(ii) O sentido radiestésico é sensível apenas ao pensamento.

(iii) Quando usado juntamente com um instrumento que define o pensamento por ele selecionado para ser medido, o sentido radiestésico do operador pode conseguir, sem muito esforço, medidas mais apuradas e precisas do que seria possível se ele tivesse que gerar e se esforçar para manter intocado na mente o item específico que ele se dispôs a medir.

(iv) Se o leitor duvida disso, que ele próprio faça o seu teste, ouvindo simultaneamente cinco ou seis programas de rádio para saber com quanta precisão e clareza ele é capaz de entender o que está sendo dito em cada um deles na presença de interferência dos outros.

P. 9. Existe alguma justificativa especial para o uso de instrumentos no tratamento radiônico, quando se sabe que este tratamento consiste em oferecer pensamentos terapêuticos ao paciente?

R. 9. (1) Sim. Dispensar um tratamento sem recorrer a qualquer instrumento exige, com efeito, que o praticante "sustente o pensamento terapêutico" na mente sem vacilar, durante todo o tempo que durar o tratamento, sem permitir que outros pensamentos o afetem, como também exige que o praticante disponha da energia para projetá-lo.

(2) Através da utilização do instrumento, o pensamento pode ser estabilizado por quanto tempo for preciso, pode ser duplicado exatamente em outras ocasiões, se o operador assim o desejar, e a energia necessária para projetá-lo independe do operador.

(3) Assim, por meio de "dispositivos de controle" - ou projetores radiônicos -, a natureza exata, a intensidade e a duração do "pensamento terapêutico" oferecidas ao paciente podem ser determinadas seguramente: e com o uso simultâneo de vários instrumentos, muitos pacientes podem ser atendidos ao mesmo tempo.

P. 10. Qual é a fonte da energia que dá origem aos pensamentos?

R. 10. É o magnetismo ou, antes, um de seus aspectos.

P. 11. Quais são as suas características?

R. 11. (1) Tal energia está presente no campo que se forma ao redor de qualquer magneto, inclusive da Terra, e exerce um "influxo" sobre o seu centro virtual, bem como uma potência desenvolvida à volta de toda a periferia do magneto.

(2) Acredita-se que o campo seja constituído por um espectro de ondas estáveis de frequência ultra-elevada - ou seja, pulsações que não apresentam desvio exterior em relação à sua fonte, contendo as características de todos os pensamentos possíveis a todos os homens, passados, presentes e futuros.

(3) Assim, é possível para o cérebro, ou para um instrumento radiônico programado pelo cérebro, selecionar qualquer pensamento definível a partir desta fonte através da "sintonização às suas proporções".

P. 12. De que modo um instrumento radiônico é "sintonizado às proporções de um pensamento"?

R. 12. A fim de responder a esta pergunta, deve-se considerar primeiramente as principais características do que se entende por "proporções". São elas:

(i) Um conjunto de proporções jamais é afetado pela grandeza de seus componentes. Não há, por exemplo, nenhuma diferença entre a razão de um para dois cruzados, nem de Cz\$ 10.000 para Cz\$ 20.000.

(ii) A relação, proporção ou razão é, em cada caso, de "um para dois".

(iii) A proporção pode ser expressa de duas maneiras:

(a) Numericamente

ou (b) Geometricamente - ou espacialmente.

(iv) A expressão numérica exige um cérebro ativo para decifrá-la, ao passo que a expressão geométrica pode ser decifrada por intermédio da aplicação de uma energia não-ativa apropriada. A analogia seguinte servirá para ilustrar as funções de cada uma das formas de expressão:

(a) Um compositor "concebe" uma sinfonia.

(b) Ele anota as suas idéias sob a forma de uma partitura, cujos símbolos representam as freqüências e durações das notas a serem executadas.

(c) Os integrantes de uma orquestra, usando de seus cérebros e da destreza manual para interpretar estes símbolos, executam a sinfonia.

(d) Esta execução é gravada fonograficamente, contraindo-a assim a uma simples unidade de tempo, porém estendendo-a espacialmente ao longo dos sulcos do disco, que apresenta ondulações físicas que, na verdade, são padrões geométricos que representam a execução - que representam a partitura - que representam as idéias do compositor.

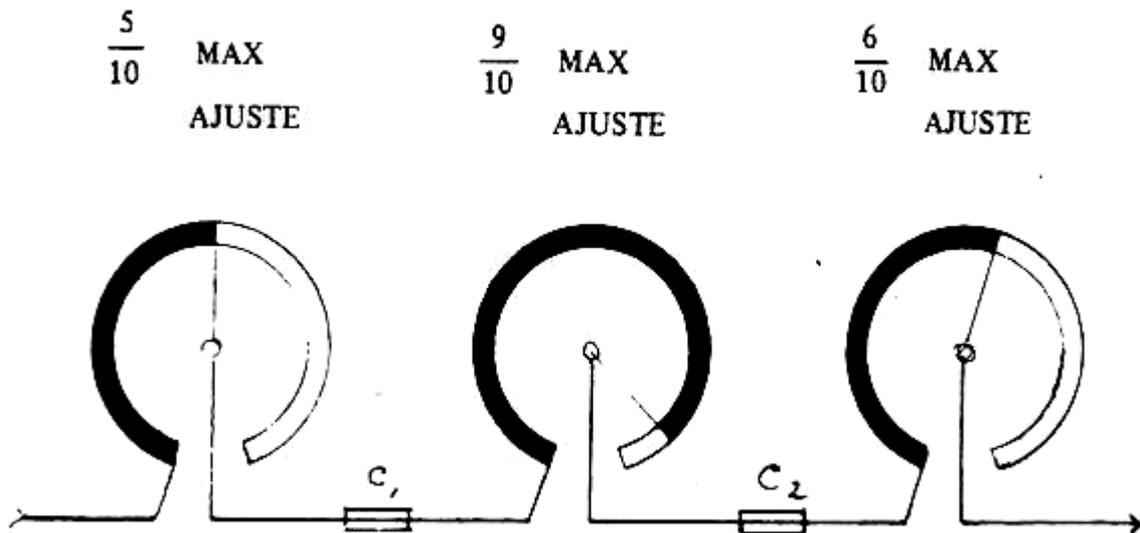
(e) Para reproduzir tão fielmente quanto possível as idéias originais do compositor, basta aplicar ao disco a forma apropriada de energia - isto é, a rotação mecânica mais uma agulha capaz de responder às ondulações do sulco.

Nesta analogia, acentua-se a necessidade que tem o cérebro ativo de decifrar as "razões numéricas" da partitura, ao passo que o mecanismo do toca-disco é tudo o que se exige para decifrar a representação geométrica do sulco no disco.

P. 13. Os instrumentos radiônicos, muitos dos quais possuem mostradores numéricos para afinar o instrumento a um determinado pensamento, utilizam representações numéricas?

R. 13. Não. Em todos os modelos, pelo que sei, a finalidade da escala numerada é a de possibilitar a construção de um padrão de proporções espaciais conhecidas dentro do instrumento.

Por exemplo, "5 - 9 - 6" são os números selecionados em três mostradores consecutivos de um determinado instrumento; todos os outros mostradores permanecem estacionados em 0. O padrão geométrico criado no interior do instrumento será:



(Os condensadores C_1 e C_2 - ou outro meio equivalente -, entre as escalas ajustáveis, que na maioria dos casos são potenciômetros de rádio, servem para impedir que o comprimento dos fios de ligação se torne parte integrante da proporção.)

P. 14. Outros tipos de instrumentos radiônicos usam também representações geométricas de proporção para alcançar a sintonia com o pensamento?

R. 14. Sim. Os dois instrumentos mais conhecidos que não usam mostradores são o recente "Peggoty", fabricado pelo Sr. Butcher, e que se vale de um método simples e rápido para ajustar as proporções desejadas através de pinças presas a terminais apropriados, e os instrumentos idealizados por mim para a operação com cartões, que empregam figuras geométricas consistindo de um certo número de repartições do círculo através de linhas que ligam o seu centro à sua periferia. O cartão usado neste tipo de instrumento assemelha-se, na verdade, à superposição sobre um centro comum dos vários mostradores consecutivos dos instrumentos, embora, devido a um certo número de motivos, a posição das repartições sobre o cartão não coincida exatamente com aquelas estampadas nos mostradores.

- P. 15. O que é exatamente que o praticante mede quando está fazendo uma análise com o seu instrumento?
- R. 15. Ele mede o grau de divergência entre o pensamento ótimo de uma determinada faceta de seu paciente e a configuração do pensamento que representa as condições efetivas desta mesma faceta.
- P. 16. Como isso é feito?
- R. 16. Se o instrumento em questão destina-se a que o praticante possa encontrar apenas um estado de equilíbrio, os seus mostradores estão ajustados aos números (ou "índices") para prover a melhora da faceta sob investigação, que é comparada pelo praticante com informações, obtidas a partir de uma amostra de cabelos do paciente, do estado efetivo dessa mesma faceta do paciente. O instrumento vai sendo progressivamente ajustado com base no estado ótimo, através da lenta rotação de um sintonizador ou mostrador de "equilíbrio", até que o praticante perceba um ponto de equilíbrio entre o instrumento e o paciente. Neste ponto, a leitura apresentada no mostrador de equilíbrio, indicando o grau de defasagem em relação ao ponto "ótimo", é equivalente à intensidade do distúrbio.
- P. 17. De que modo o praticante percebe o "ponto de equilíbrio"?
- R. 17. Geralmente, por meio de:
- (a) Um detetor "stick-pad" que possibilita ao praticante tomar conhecimento das modificações, que de outro modo teriam passado despercebidas, no comportamento das glândulas sudoríparas de seus dedos.
- (b) Um pêndulo, capaz de amplificar as tênues vibrações neuromusculares de seu braço.
- Ambos os métodos baseiam-se no fato de que o homem é capaz de responder a um "estado de coincidência" entre realidades sobre as quais ele volta a sua atenção, e tanto a forquilha de detecção como o "pêndulo" servem para ampliar tais respostas de modo que o praticante se torne ciente delas.
- P. 18. Um dos métodos apresenta alguma vantagem sobre o outro?
- R. 18. Sim. O pêndulo.
- P. 19. Por quê?
- R. 19. (1) Porque ele é menos sujeito às influências ocasionadas pela alteração da umidade da pele do praticante, pela fadiga ou pela umidade do ambiente em que esteja trabalhando.
- (2) Porque a combinação de pêndulo e gráficos, quando perfeitamente dominada pelo praticante, pode proporcionar-lhe de modo direto um número muito maior de informações do que o poderia a forquilha de detecção.
- P. 20. De que maneira os dados, numéricos ou geométricos, que representam um pensamento, são obtidos?
- R. 20. Eles são obtidos por um radiestesista treinado, capaz de ajustar os mostradores de um instrumento até o ponto de equilíbrio com um pensamento que ele seja capaz de sustentar, sem vacilação, pelo tempo suficiente para conseguir o seu intento; ou, então, através de alguma conversão equivalente do pensamento a uma representação numérica, utilizando um gráfico numerado e um pêndulo. Ambos os métodos são aludidos pela expressão "achar a proporção".
- P. 21. Há requisitos especiais para se achar a proporção?
- R. 21. Sim, é essencial que o "descobridor" compreenda a diferença que há entre "descobrir" e "inventar". "Descobrir" ou "tomar ciência do que já existe" é atribuição da intuição, ao passo que "inventar" é uma atribuição da imaginação.
- P. 22. Por que esta distinção é tão importante?
- R. 22. As proporções nutpéricas e os padrões geométricos podem ser ambos tomados como "símbolos" para os pensamentos. Os símbolos podem ser divididos em duas espécies distintas, que são:
- (1) Os que representam os pensamentos por meio do qual o Criador deste Universo o definiu, bem como a cada uma de suas funções e estruturas, inclusive em relação a si próprio. Em relação à existência de qualquer homem, estas são permanentes, tendo provavelmente a duração de vida do próprio Universo. São, por conseguinte, importantes, e poderiam ser consideradas como o "programa" do Universo; estão de acordo com a Lei Universal e podem ser descobertas - mas não inventadas, posto que já existem.
- (2) Os que são inventados pelo homem. Estes, provavelmente, são muito menos estáveis e geralmente perdem o seu sentido tão logo o seu inventor, ou aqueles que acreditam nele, deixam de mantê-los vivos. Em geral, são mais complexos que os símbolos do Universo.
- Para que sejam universalmente válidos e não venham a perder a sua significação, é naturalmente essencial que as representações numéricas ou geométricas sejam símbolos da ordem universal.
- P. 23. Conforme o que precede, como se poderia sintetizar a finalidade de um instrumento?
- R. 23. Da seguinte forma:
- (1) Um instrumento radiônico é uma das peças de um dispositivo destinado a auxiliar o praticante com sensibilidade radiestésica a desempenhar o seu trabalho:
- (a) do modo mais eficiente possível;
- (b) do modo mais eficaz possível;
- (c) com o menor esforço possível.
- (2) O instrumento não é essencial para todo e qualquer praticante, mas o seu uso certamente proporcionaria melhores resultados sob todos os sentidos.

(3) Existem pouquíssimos praticantes capazes de desempenhar o seu trabalho com a máxima eficiência sem o concurso de instrumentos de qualquer espécie, mas certamente trata-se de "artistas", incapazes de transmitir seus conhecimentos a outros, portanto limitados em termos de contribuição à humanidade pelo seu desempenho individual.

(4) A utilização de um instrumento e de um método convencional (porém não de modo rígido) de empregá-lo fornece uma base tanto para a comparação dos resultados, como para a acumulação de um volume de conhecimentos passíveis de serem trabalhados, e também para fins didáticos.

Acho que agora o leitor poderá sentir que existe uma verdadeira necessidade e uma justificativa para o uso dos instrumentos radiônicos. Surge, então, a questão de saber qual instrumento escolher dentre os disponíveis atualmente no mercado. Para o novato neste campo, o melhor, certamente, é examinar cuidadosamente cada modelo e, se possível, aproveitar a oportunidade para dar uma olhada no circuito interno e na flação geral do aparelho. Alguns são atraentes e de fabricação cuidadosa, outros dão a impressão de que o seu construtor aproveitou qualquer sucata barata e juntou as peças do modo mais apressado e descuidado possível. Procure conversar com vários praticantes, indagando-lhes sobre suas preferências e colhendo sugestões, até sentir que dispõe de todos os dados para efetuar a sua própria escolha. Não se deixe levar pelo entusiasmo, comprando o primeiro aparelho que encontrar. Nunca se esqueça de que nesta matéria as preferências e as escolhas pessoais são o que mais contam, cada praticante tendo suas razões para achar que o aparelho com o qual trabalha é o que melhor atende às suas necessidades. Esteja certo de escolher com base nas suas próprias convicções, necessidades e crenças, firmando assim um ponto de partida seguro para desenvolver eficazmente o seu trabalho futuro.

Tanto Malcolm Rae como eu testamos exaustivamente e adotamos ao longo dos anos muitas espécies diferentes de equipamento radiônico. Ele desenhou modelos cujo número de indicadores de sintonização chegava a uma centena, para então mudar para o elegante *Base 44* e, mais recentemente, desenvolver variações portáteis deste modelo utilizadas hoje por muitos praticantes. Eu comecei com um modelo de sete mostradores desenhado por mim mesmo, o Mark I Centre Therapy, depois passei a usar um com vinte e um para novamente retornar a um de quatorze, o Mark III. Sempre procuramos chegar a um modelo que fosse ao mesmo tempo o mais simples e o mais eficiente possível. O instrumento que atualmente parece satisfazer esses requisitos é o analisador radiônico magneto-geométrico de Rae, cuja evolução eu tive o privilégio de acompanhar, através das sucessivas etapas de seu aperfeiçoamento. À essa época, eu passava todas as quartas-feiras discutindo algumas horas com Malcolm sobre a radiônica e colhendo material para o livro que eu estava escrevendo, e que se chamaria *Radionics - Interface with the Ether Fields*. O livro foi impresso antes que o modelo final tivesse ficado pronto, de modo que não me foi possível incluir nenhum material sobre o desenvolvimento gradual deste aparelho que, após mais de dois anos de uso por profissionais ligados à saúde de todo o mundo, começa a revolucionar a prática da radiônica. Com efeito, este livro é uma continuação de *Interface*, atualizando a cobertura que eu nele fazia deste campo; examinemos, pois, as várias facetas dos equipamentos radiônicos mais modernos disponíveis, tratando de suas finalidades, princípios e modos de funcionamento.

ANALISADOR RADIÔNICO MAGNETO-GEOMÉTRICO DE RAE

Finalidade:

Este instrumento, destinado a assinalar um progresso marcante sobre os seus predecessores, foi planejado para:

1. Ser de construção e manejo tão simples quanto possível.
2. Ser tão leve e compacto quanto possível.
3. Ser independente das fontes de energia ou baterias.
4. Eliminar ao máximo a possibilidade de avarias e desregulagens.
5. Possibilitar ao operador competente medir com precisão os distúrbios que, espalhados por uma vasta área ou concentrados num ponto específico, são passíveis de serem detetados radiestesicamente no paciente.
6. Permitir medições da redução das "reservas de saúde", além das me. dições meramente relativas ao estado imediato do paciente no momento do exame.
7. Permitir, através da seleção, medições dos:
 - (a) Desvios médios ou intermediários do estado normal de um sistema ou órgão;
 - (b) Desvio do estado normal no ponto crítico de um sistema ou órgão.
8. Fornecer a informação procurada pelo usuário de modo rápido e conciso, sem operações desnecessárias de medição.

Princípio:

O instrumento adota o princípio bem conhecido agora da magnetogeometria - ou seja, os dados são introduzidos nele sob a forma de cartões que representam órgãos, doenças específicas e medicamentos e as medições do estado do paciente bem como as prescrições terapêuticas são feitas contra tais cartões.

O instrumento, pois, expõe com precisão a informação que o operador procura, a qual é obtida pelo uso de um pêndulo sobre um gráfico de coordenadas ligado à saída do instrumento.

Tal instrumento, na verdade, constitui um instrumento da praxe dos radiestesistas de usar uma régua de 100 cm, ao longo da qual é medido o "ponto de equilíbrio" entre um remédio e a demanda desse mesmo remédio por parte do paciente, procurando assim fornecer uma base segura para um método de diagnóstico rápido e minucioso.

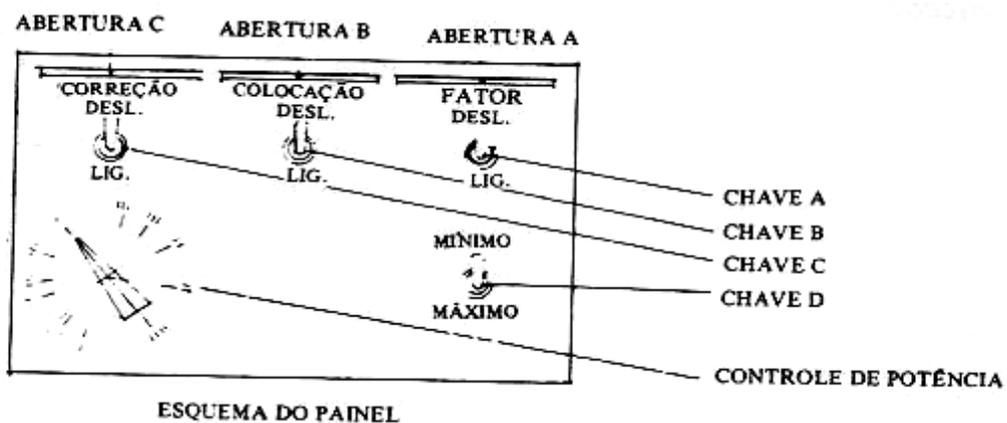
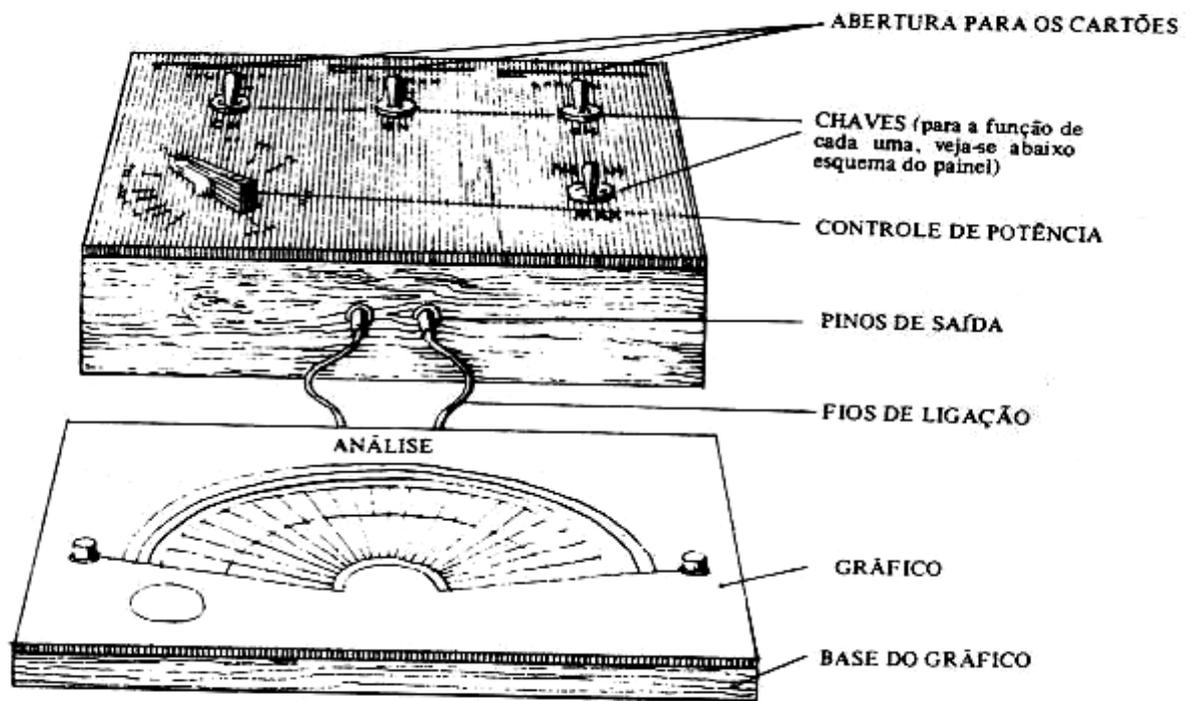
Construção:

O analisador consiste de dois componentes, a saber:

(a) um estojo de madeira de 238 mm x 152 mm x 90 mm, coberto por um painel de perspex que apresenta três aberturas para a introdução dos cartões de dados, além de quatro chaves e um seletor;

(b) uma base lisa, folheada com borracha magnetizada, para o gráfico, e que é conectada ao estojo de madeira.

Dois gráficos laminados e laváveis são fornecidos junto com o instrumento, um para análise, outro para a seleção do remédio, mas um praticante experiente poderá desenhar os seus próprios gráficos de modo a incluir informações específicas que ele possa necessitar. Um cartão de dados é fornecido junto com o instrumento para cada item relacionado no gráfico de análise, além de um cartão com o rótulo "Sintomas de enfermidade". Cartões para análises mais detalhadas e para remédios podem ser adquiridos separadamente.



DEVE-SE SALIENTAR QUE A OPERAÇÃO DESTES INSTRUMENTOS DEPENDE DA SENSITIVIDADE DO USUÁRIO

Operação:

Sendo o analisador extremamente flexível quanto à sua aplicação, os usuários sem dúvida desenvolverão métodos próprios para empregá-lo. Todavia, apresentamos a seguir um método eficaz:

Preparação para a análise:

1. Ligue o mostrador do gráfico à caixa do instrumento inserindo os dois pinos nas tomadas adequadas, tomando cuidado para não trocar os fios.
2. Ajuste o seletor de potência para "0".
3. Ajuste as chaves "A", "B" e "C" para "OFF" e a chave "D" para "MAX" .
4. Coloque o gráfico de análise sobre o mostrador.
5. Coloque o sinal do paciente (de preferência um fio de cabelo preso entre dois selos gomados) no círculo denominado "sinal do paciente" sobre o mostrador.

Análise:

1. Tome o cartão de dados com o rótulo "Sintomas de Desordem" e o introduza na abertura "A" (Fator), com a parte impressa virada para a frente.
2. Ajuste a chave "A" para "ON".
3. Usando a escala 6 no gráfico do analisador e o pêndulo centrado em "X", meça com o pêndulo o percentual de intensidade do estado do paciente (esta leitura pode acusar um índice bastante alto, pois com a chave "D" na posição "MAX", a medida se refere ao ponto crítico do estado do paciente). Se o que se quer saber é a leitura média ou intermediária, então a chave "D" pode ficar temporariamente na posição "MEAN", enquanto uma nova medição é feita.
4. Com o pêndulo centrado sobre o sinal do paciente, verifique qual escala do gráfico contém o próximo item da informação procurada.
5. Centre o pêndulo sobre "X" e, contra o fundo da escala, verifique qual setor contendo a informação procurada ele indica.
6. Tal informação pode ser tanto um fator quanto uma posição. Em qualquer dos casos, selecione o cartão que a representa e o introduza na abertura adequada - abertura "A" para Fator (e, neste caso, o cartão de sintoma deve ser removido antes da abertura) ou abertura "8" para Posição.
7. ligue a chave correspondente à abertura na qual foi introduzido o cartão na posição "ON" e certifique-se de que todas as outras chaves, "A", "8" e "C", estejam na posição "OFF".
8. Com o pêndulo centrado em "X", meça a intensidade deste dado na escala 6 e anote-a.
9. Repita a seqüência de operações. É provável que um "Fator" seja seguido por uma "Posição" (por exemplo, "Infecção"... "Sistema Respiratório") - e então a intensidade de qualquer dos componentes da enfermidade e da própria enfermidade podem ser medidas contra a escala 6, introduzindo-se o cartão de dados correspondente a "Infecção" na abertura "A" (Fator) e o cartão de dados correspondente a "Sistema Respiratório" na abertura "8" (Posição) e ligando as chaves do seguinte modo:

Para medição da Infecção	Chave "A" / ON Chave "B" / OFF
Para medição do Sistema Respiratório	Chave "A" / OFF Chave "B" / ON
Para medição de Infecção no Sistema Respiratório	Chave "A" / ON Chave "B" / ON

10. Repita sucessivamente esta série de operações até que o pêndulo, centrado sobre o sinal do paciente, indique "Nenhum fator prévio detectável". Neste ponto, a combinação de Fator e Posição (por exemplo, "Congestão no corpo Físico-Etérico") constitui a disfunção primária, para a qual se deve encontrar um remédio.

Seleção do Remédio:

Introduzindo-se os cartões correspondentes às últimas medições de Fator e Posição encontradas e ligando as chaves "A" e "B" na posição "ON":

1. Remova o gráfico de análise do mostrador e troque-o pelo gráfico de tratamento.
2. Coloque o sinal do paciente no círculo denominado "Sinal do Paciente" .
3. Com o pêndulo centrado sobre o sinal do paciente, verifique, contra o fundo da escala 6, o tipo de remédio por ele apontado.
4. A partir do tipo indicado, descubra o remédio exato por referência a Materia Medica, catálogos de Fabricantes etc. (por exemplo, se o tipo de remédio apontado for "Homeopático", utilize a escala 5 para encontrar a primeira letra de seu nome e então escolha radiestesicamente a partir da seção alfabética apropriada da lista de remédios homeopáticos). A potência correta pode ser encontrada através do pêndulo, contra o fundo da escala 4.

Para os que possuem um jogo de cartões simuladores, deve-se proceder ao seguinte teste, a fim de verificar a indicação exata do remédio e sua potência:

5. Introduza o cartão correspondente ao remédio escolhido na abertura "C" ("Correção") e ajuste o seletor de potência para 10MM.
6. Torne a repetir a medição da intensidade da disfunção primária contra o fundo da escala 7, e quando o pêndulo estiver em "repouso", ligue a chave "C" na posição "ON".
7. O remédio correto (O "similimum" exato) fará com que o pêndulo oscile para "O", a menos que se verifique alguma deficiência nutritiva incapaz de ser sanada senão pela ministração de substância.
8. Supondo que o pêndulo se deteve em "O", o controle de potência deve ser girado lentamente no sentido anti-horário, até que o pêndulo comece a se afastar de "O". A potência correta será, então, indicada por esta defasagem a que foi reduzido o controle de potência.

Exemplo :

Para ilustrar as instruções precedentes, oferece-se o seguinte exemplo de procedimento:

1. A intensidade dos "Sintomas de Enfermidade" foi medida e anotada.
2. Contra o fundo da escala 2, descobre-se que o fator imediatamente anterior é "Infecção".
3. A intensidade da infecção é medida e anotada.
4. A próxima indicação, verificada contra o fundo da escala 3, é "Gastrintestinal" - a localização da infecção.
5. A intensidade da disfunção gastrintestinal é medida e anotada.
6. A intensidade da "Infecção no sistema gastrintestinal" é medida e anotada.
7. A próxima indicação, verificada contra o fundo da escala 5, é "Corpo Mental" .
8. A intensidade da disfunção do "Corpo Mental" é medida e anotada.
9. A próxima indicação, verificada contra o fundo da escala 2, é "Congestão" .
10. A intensidade da "Congestão" é medida e anotada.
11. A intensidade da "Congestão no Corpo Mental" é medida e anotada.
12. A próxima indicação é "Nenhum fator prévio detetável".
13. O gráfico de análise é substituído pelo gráfico de tratamento.
14. Verifica-se, contra o fundo da escala 6, que o remédio necessário é homeopático.
15. Verifica-se, contra o fundo da escala 5, que o seu nome começa com a letra "L".
16. Com base numa lista de remédios, que o seu nome é "Lachesis Muta".
17. O gráfico de tratamento é substituído pelo gráfico de análise.
18. O cartão correspondente a "Lachesis Muta" é inserido na abertura "C" ("Correção") e o controle de potência é ajustado para 10MM.
19. Com o pêndulo estabilizado indicando a intensidade da "Congestão do Corpo Mental", a chave "C" é ligada na posição "ON".
20. O pêndulo tende para "O", indicando assim tratar-se do remédio correto.
21. O controle de potência é então girado lentamente no sentido antihorário, até que o pêndulo comece a se afastar de "O"; ao mesmo tempo, o ponteiro do controle de potência detém-se logo abaixo de "M". Esta é a potência correta.

Isto pode parecer complicado, mas o registro desta análise hipotética é simplesmente este:

Nome	Sintomas de Enfermidade	<u>99</u>	
	Infecção	<u>89</u>	
Dados			<u>89</u>
	Sistema Gastrintestinal	<u>48</u>	
	Corpo Mental	<u>77</u>	
	Congestão	<u>87</u>	<u>87</u>
	Nenhuma Causa Prévia Detetável		
Tratamento	Lachesis Muta M		

(As medições vêm sublinhadas para indicar que elas representam os "pontos críticos".)

Como alternativa, qualquer operador que possua um jogo mais completo de cartões poderá partir de um sintoma determinado, para o qual ele possui um cartão. Por exemplo, "Dor de Cabeça", "Sarampo", "Depressão" etc.

Obviamente, é fácil fazer uma análise (ou qualquer seleção necessária) de todos os dados assinalados no gráfico, bastando inserir os cartões e medindo um por vez; além disso, é útil para o praticante testar os efeitos do remédio encontrado pelo "método do sintoma simples" com base em dados outros que não aqueles usados para obtê-lo, até que por fim não lhe reste qualquer dúvida de que o sistema do sintoma simples funciona.

Este instrumento, está claro, é meramente um analisador, sendo que os tratamentos apontados por ele devem ser ministrados à maneira habitual do praticante. Escalas adicionais são fornecidas junto com o gráfico de tratamento para ajudar a determinar os números e a periodicidade das doses.

O método de análise esboçado neste capítulo constitui apenas uma das possíveis abordagens, porém ele fornece um ponto de partida para que o praticante individual possa desenvolver as suas idéias. Também os gráficos podem ser usados alternadamente com outros confeccionados pelo próprio praticante. Malcolm Rae utiliza uma interessante analogia para ilustrar as relações entre as causas da doença e os seus sintomas, que se apresenta sob a forma de um estuário (ou delta) de rio:

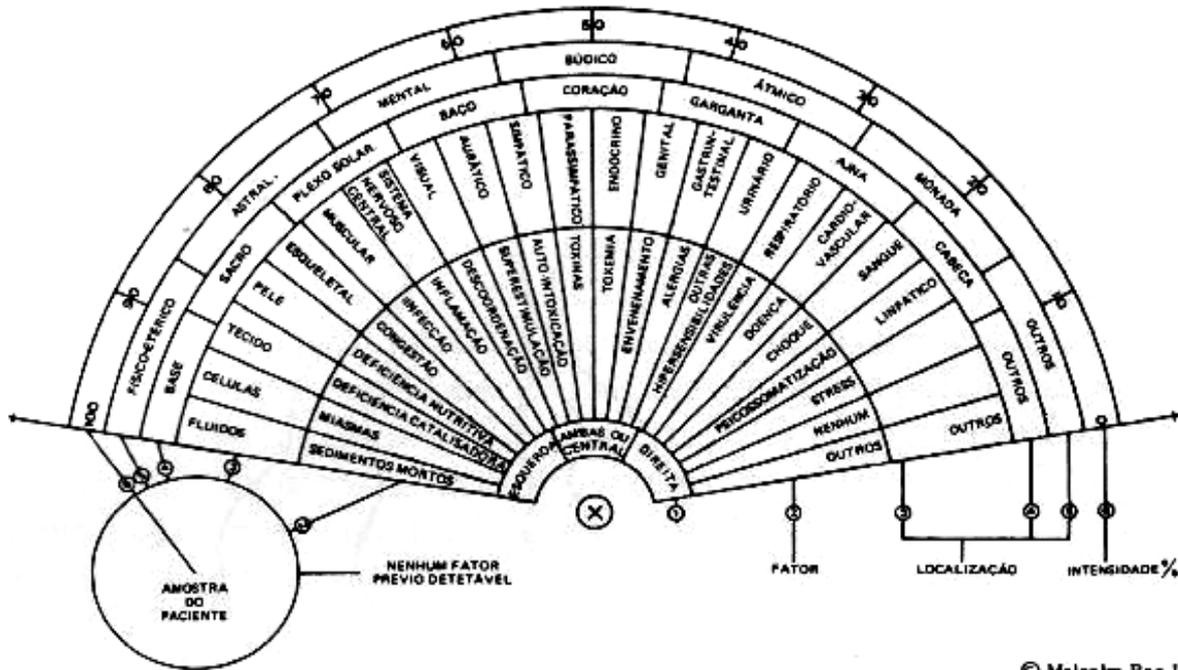
A tabela abaixo apresenta os ajustes do analisador para cada uma das operações precedentes:

EXEMPLO

Seqüência de Operações	Cartão para	Na Abertura	Chaves LIG. DESL.	Controle de Potência	Gráfico em Uso	Escala Usada	Leitura Obtida
1 & 2	Sintomas de Distúrbios	A	AD BC	0	Análise	6	99
3 & 4	Infecção	A	AD BC	0	Análise	6	89
5	Sistema Gastrointestinal	B	BD* AC	0	Análise	6	48
6 & 7	Infecção no Sistema Gastrointestinal	A) B)	ABD C	0	Análise	6	89
8 & 9	Corpo Mental	B	BD AC	0	Análise	6	77
10	Congestão	A	AD BC	0	Análise	6	87
11 - 13 Comb.	Congestão no Corpo Mental	A) B)	ABD C	0	Análise	6	87
14 - 16 Comb.	Congestão no Corpo Mental	A) B)	ABD C	0	Tratamento	6 5	Homeopática L
17	Congestão no Corpo Mental (<i>Lachesis Muta</i>)	A) B) C)	ABD C	10MM	Análise	6	87
18 & 19	Congestão no Corpo Mental (<i>Lachesis Muta</i>)	A) B) C)	ABCD -	10MM	Análise	6	0
20	Congestão no Corpo Mental (<i>Lachesis Muta</i>)	A) B) C)	ABCD -	M	Análise	6	Partindo de 0

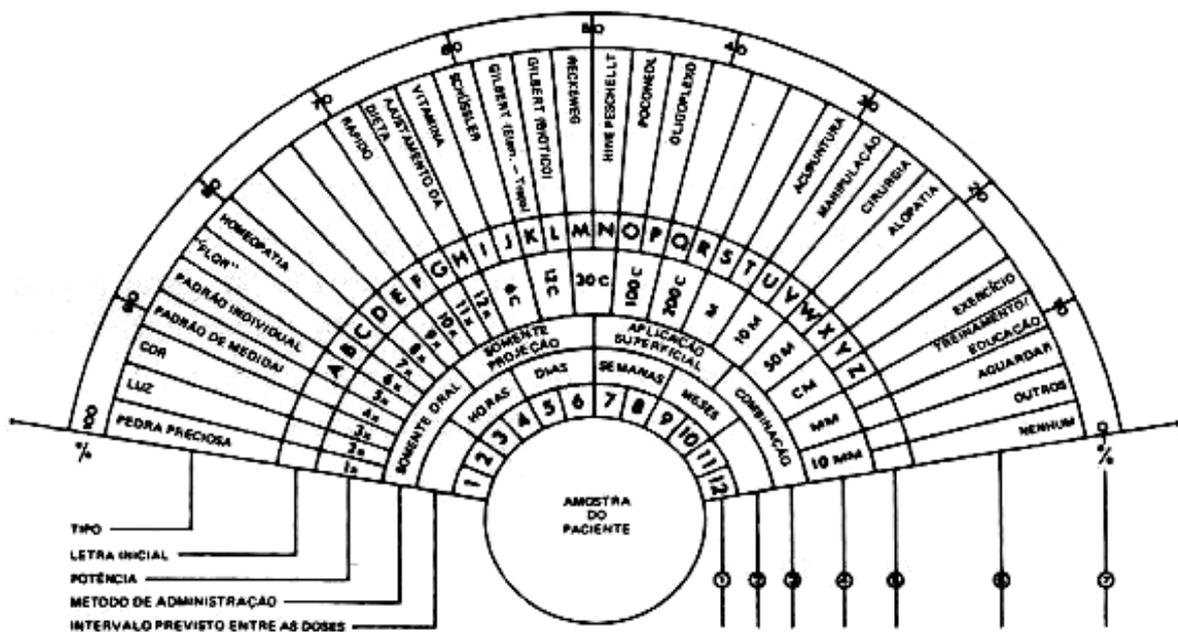
Gráficos de seleção para análise e tratamento utilizados pelo Analisador Radiônico Magneto-Geométrico

ANÁLISE

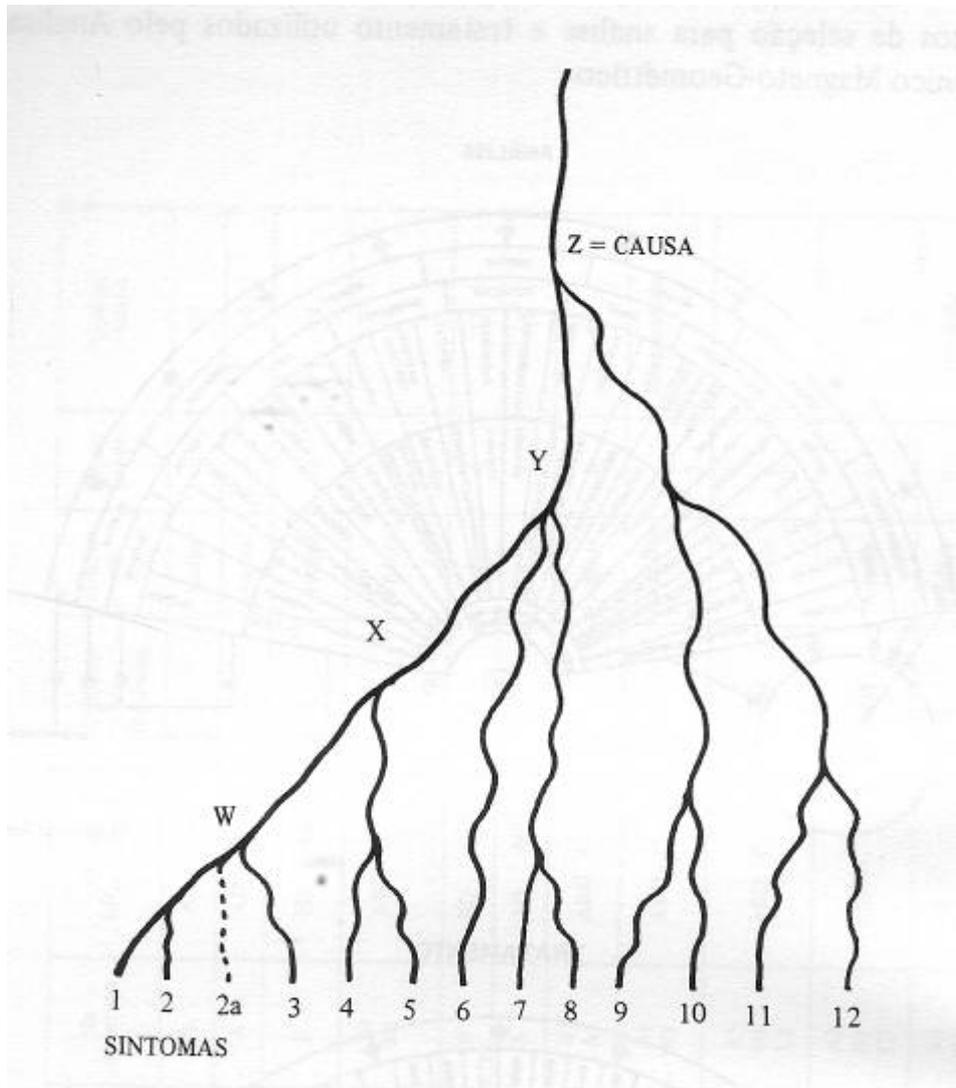


© Malcolm Rae 1975

TRATAMENTO



© Malcolm Rae 1975



As saídas para o mar (1 - 12) podem ser consideradas como sintomas, cada um dos quais podem ser vistos como manifestações dos esforços do organismo para compensar um desarranjo que se verifica rio acima.

O tratamento unicamente de um sintoma acarreta em geral a piora dos outros sintomas ou o aparecimento de novos sintomas. Assim, se o sintoma de número 3 no desenho acima é impedido de desempenhar o seu papel no mecanismo global de compensação do organismo, é muito provável que isso acarrete a piora dos sintomas 1 e 2, ou então o aparecimento de um novo sintoma (2A).

O procedimento fundado sobre a técnica Magneto-Geométrica consiste de tomar qualquer sintoma, não importa qual, e traçar a sua configuração causal subjacente. Por exemplo, a causa mais imediata do sintoma número 2 é "W", a causa mais imediata de "W" é "X", a causa mais imediata de "X" é "Y" e assim por diante, até que "Z", a causa subjacente a todo o quadro de anomalias, seja identificada. "Z" é o ponto de partida para o tratamento, e o remédio que constitui o regulador exato para o seu caso é o perfeito "similimum", o qual exercerá um efeito terapêutico sobre todos os demais sintomas. Deve-se lembrar que qualquer sintoma pode ser tomado como via de entrada para um caso, pois independentemente de seu ponto de partida, este tipo de análise acaba sempre por remontar até o ponto "Z", causa primeira detetável, anterior a todas as outras, ao final da análise.

Assim, pois, encerra-se a nossa consideração de algumas leis da Natureza, particularmente a da digitação da matéria e da radiação, que sugerem a importância da instrumentação, não apenas como um ponto de referência para as atividades mentais, mas também porque tais aspectos da Mente Universal acham-se, na realidade, claramente relacionados ao processo e à natureza mesma do diagnóstico e tratamento radiônicos. Cremos que existe um sólido argumento para a utilização dos instrumentos, e que estes não são apenas meros enfeites para impressionar os não-iniciados.

CAPÍTULO 7 A Conexão Homeopática

Com uma resistência que mal se lhe iguala, repito, a força vital avança contra a doença hostil e, no entanto, nenhum inimigo pode ser derrotado senão por uma força superior. Somente a medicina homeopática pode prover o princípio vital desta força superior.

Desde que Ruth Drown idealizou um método para a fabricação de medicamentos homeopáticos, submetendo tabletes de "sac lac" a graus diversos de vibração em seu instrumento radiônico conhecido como Homo-Vibra-Ray, os pioneiros e praticantes desta disciplina passaram a explorar as possibilidades abertas pelo novo invento. A idéia de que é possível ativar remédios por meio de certos processos radiônicos atrai e seduz a imaginação em virtude das múltiplas possibilidades a ela inerentes, entre elas a de que o praticante pode dispor, num abrir e fechar de olhos, de qualquer remédio de que ele necessite, bem como prepará-lo segundo a potência e a quantidade desejadas. Este método de preparação apresenta também inúmeras outras vantagens evidentes, como veremos adiante, neste capítulo.

Tendo sido responsável por uma considerável contribuição à radiônica em termos de exploração e experimentação, era natural que Malcolm Rae voltasse a sua atenção para o campo da simulação de remédios. Sua estreita colaboração com os médicos homeopáticos sem dúvida infundiu novo alento às pesquisas nesta área, e sua cooperação nos primeiros experimentos certamente contribuiu para adiantar e confirmar muitas das suas descobertas. Uma coisa é certa, até o momento ninguém idealizou um método melhor para a fabricação de remédios, nem explorou mais exaustivamente as potencialidades e possibilidades deste campo da radiônica. Em termos cronológicos, os cartões de proporções e o simulador de Potência Magneto-Geométrico apareceram antes que o Analisador descrito no capítulo precedente. Durante o período de algumas semanas, eu assisti ao surgimento deste último a partir de um grupo de três simuladores, inaugurando um método mais simplificado de diagnóstico e tratamento radiônicos. Pode-se dizer que o simulador surgiu não tanto em função das necessidades da radiônica, mas sim para proporcionar aos homeopatas um método alternativo para a preparação de remédios. Em certo sentido, o simulador não é um instrumento radiônico, pois a sua operação ou o seu funcionamento prescindem do sentido radiestésico; tudo o que é necessário é que o praticante determine o remédio e a potência desejados e utilize o cartão de proporções e efetue os ajustes requeridos. Muitos médicos que descartam o uso da radiônica empregam, no entanto, o Simulador de Potência Magneto-Geométrico no seu trabalho, tal como fazem os quiropratas, naturopatas e osteopatas. Com efeito, além dos praticantes da radiônica, são os médicos os que utilizam o simulador mais do que qualquer outra categoria de profissionais ligados à saúde, e este fato é significativo por si mesmo de que tanto na teoria quanto na prática a simulação magneto-geométrica é um método comprovado de fabricação de remédios, um método que realmente proporciona os resultados esperados. O fato de que a procura pelos cartões de remédios seja da ordem de muitos milhares por mês serve para confirmar a eficácia deste método, pois certamente os médicos não iriam aumentar o seu estoque de cartões se estes não lhes proporcionassem resultados positivos.

De modo muito natural, os praticantes que usam o simulador passam quase sempre a se interessar pelo Analisador e começam a empregá-lo conjuntamente com o primeiro em suas atividades. Assim, aqueles que poderiam ter se deixado tomar de aversão pela radiônica em primeira instância, descobrem, então, que é uma progressão natural usar o Analisador para determinar com precisão os melhores remédios e corrigir as potências de acordo com cada caso - e como os dois instrumentos utilizam o mesmo jogo de cartões, eles se complementam.

Uma vez que os praticantes tenham compreendido e assimilado as possibilidades do simulador, a sua curiosidade costuma voltar-se quase sempre para a origem e a evolução dos cartões, até que, por fim, passam a querer saber como o instrumento funciona. No artigo que se segue, intitulado "Homoeopathy up to Date", Malcolm Rae tenta responder a estas questões.

"Quando o Dr. Hahnemann formulou pela primeira vez o conceito de Homeopatia, ele estava legando ao mundo um sistema extremamente eficiente de terapia, que sobreviveu extraordinariamente ao teste do tempo - pois o tempo se mostrou muito inclemente para com ele.

Desde que o sistema foi desenvolvido pela primeira vez, o número de situações de pressão e tensão a que o homem se sujeitou multiplicou-se muitas vezes. O método, não obstante, é válido, a despeito da extraordinária complicação que se lhe agregou - mas cada nova ameaça à saúde do homem exige a sua contrapartida - e exige do praticante uma perícia muito maior na seleção dos remédios e uma variedade muito mais vasta de remédios a serem selecionados.

Um sentido radiestésico apurado, favorecido por um instrumento adequado, pode ser de grande ajuda na seleção do remédio, porém não é este o assunto do presente artigo, que trata dos próprios remédios.

Para que o praticante pudesse satisfazer imediatamente as necessidades que surgem, seria preciso um enorme estoque de remédios, cada qual com variadas potências. Isso exigiria um amplo espaço para a estocagem e, aos preços atuais, um considerável investimento de capital.

Não tenho a pretensão de que foram tais considerações que me levaram a procurar um método de preparação de remédios homeopáticos diferente da costumeira série de succussões e diluições alternadas: tendo, porém, encontrado casualmente um método alternativo, imediatamente reconheci o seu potencial.

Este método alternativo, que chamei de preparação magnetogeométrica de potência, surgiu da seguinte maneira:

Os radiestesistas costumam usar uma régua de 100 cm para medir a 'potência de energia' de uma amostra de medicamento. Tendo depositado a amostra sobre o marco zero da régua, eles deslocam o pêndulo ao longo dela, da esquerda para a direita, atentos ao ponto em que o pêndulo passa a oscilar exatamente em ângulos retos com relação à régua. Este ponto indica uma potência de energia relativa.

Ocorreu-me que o ponto de equilíbrio assim detectado era, na verdade, a 'fronteira' entre o campo de energia local do remédio e um componente do campo magnético da terra, opinião esta que em certa medida era corroborada pela observação de que as medições efetuadas com a régua diversamente orientada em relação ao campo terrestre revelavam diferentes pontos de equilíbrio.

"Isto conduziu a uma série de medições realizadas com vários remédios diferentes, nas quais o frasco do remédio era usado como ponto central e o ponto de equilíbrio era determinado com a régua apontada sucessivamente para cada ponto cardinal e intermediário da bússola. Os resultados destas medições foram então representados graficamente num diagrama e os pontos adjacentes ligados por retas de modo a formar uma figura geométrica correspondente a cada remédio. Descobriu-se que cada ponto era pertinente a um único remédio.

"Se a interação do campo de energia do remédio com o campo terrestre resultava numa figura relacionada com o remédio, então não seria improvável que a interação do campo terrestre e da figura pudesse ser usada para criar uma réplica do remédio, e as experiências demonstraram ser este o caso.

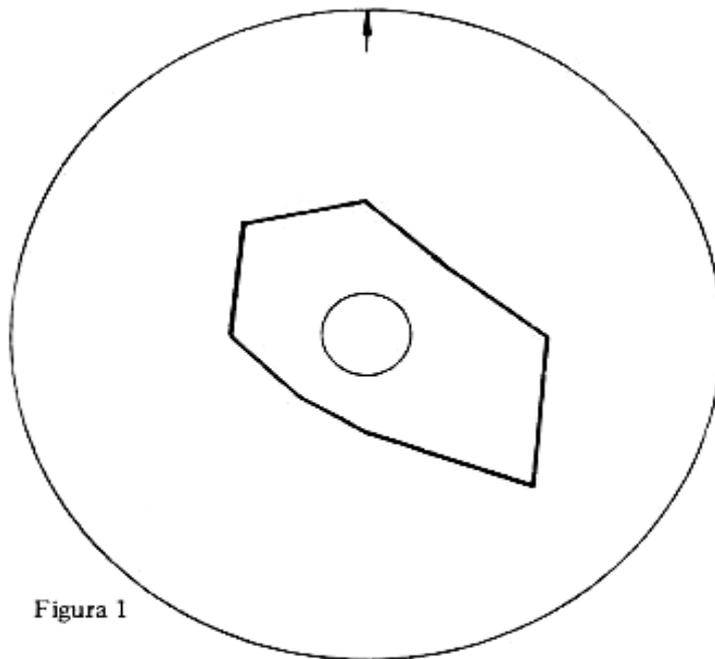


Figura 1

Cartão circular para o Simulador de Potência representando o Nitrato de Prata.

Uma característica interessante que então se descobriu foi que o alinhamento da figura com o sentido de orientação usado para desenhá-la fazia com que a réplica alcançasse uma potência bastante elevada (teoricamente infinita), ao passo que quanto maior fosse a discrepância em relação a tal sentido, menor seria a potência replicada. A partir daí, foi desenvolvida uma escala para ajustar a figura à potência requerida. Em 1966, um certo número de figuras relativas aos remédios foi produzido, cada uma delas desenhada sobre um disco circular orientado no sentido Norte-Sul, e construíram-se alguns instrumentos experimentais. Os discos corretivos eram semelhantes àquele descrito na Figura 1, e o 'instrumento' aproximadamente igual ao que mostra a Figura 2.

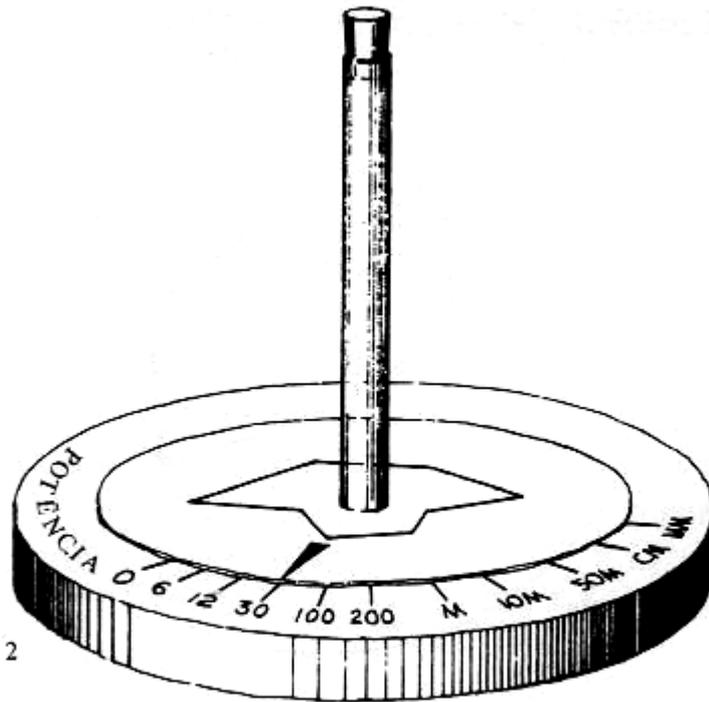


Figura 2

O "instrumento" original de simulação de potência.

Testes realizados com um certo número de remédios preparados desse modo indicaram que eles equivaliam radiestesicamente aos remédios preparados de modo convencional: e os seus efeitos pareceram ser igualmente similares: na verdade, os resultados eram suficientemente animadores para estimular a consideração de um instrumento menos grosseiro. Entre outros inconvenientes óbvios do modelo inicial, parecia imperativo que os seguintes fossem eliminados:

- (a) cartões corretivos circulares seriam de produção dispendiosa e incômodos para guardar, além de restringir o diâmetro do frasco usado, que teria de ser igual ao do furo no cartão;
- (b) o uso do campo da terra como amplificador significava que o instrumento deveria estar corretamente orientado, pois do contrário seria fornecida uma potência diferente daquela indicada na escala.

A fim de superar o primeiro, foram realizadas experiências para descobrir se a energização da figura ativada poderia ser conduzida ao longo de um fio do centro do desenho para a base de um recipiente cilíndrico no qual um frasco poderia ser colocado. Estas experiências confirmaram que isso podia ser feito, com o resultado de que a figura poderia passar a se posicionar verticalmente e, assim, se resguardar dos efeitos consideráveis do campo da terra.

Experiências posteriores mostraram que o campo da terra poderia ser substituído pelo campo de um pequeno ímã permanente; e, assim, tornou-se possível acondicionar o instrumento numa caixa apropriada. Durante as pesquisas, descobriu-se que um cartão portando um círculo e magneticamente energizado poderia causar a supressão da figura de um meio potencializado que tivesse sido colocado no interior do círculo; e também que poderia suprimir a potência de energia de um medicamento homeopático preparado de maneira convencional. Através de sucussão, a potência poderia ser restituída ao remédio preparado de maneira convencional, sem a adição de outras substâncias; já no caso de um remédio preparado de maneira magneto-geométrica, não subsistia o menor vestígio dessa potência. Decidiu-se, por conseguinte, incorporar um 'neutralizador', sob a forma de um círculo magneticamente ativado, que poderia ser ligado à base do recipiente do frasco cilíndrico.

"Ativado por um ímã permanente, a figura verticalmente posicionada possibilitava a produção de energia de 'infinita potência', a qual, devido às perdas do circuito, reduzia-se ligeiramente a pouco mais de 10MM. Por causa disso, quantidades variáveis de energia tinham que ser drenadas, a fim de possibilitar a potência requerida na base do recipiente do instrumento.

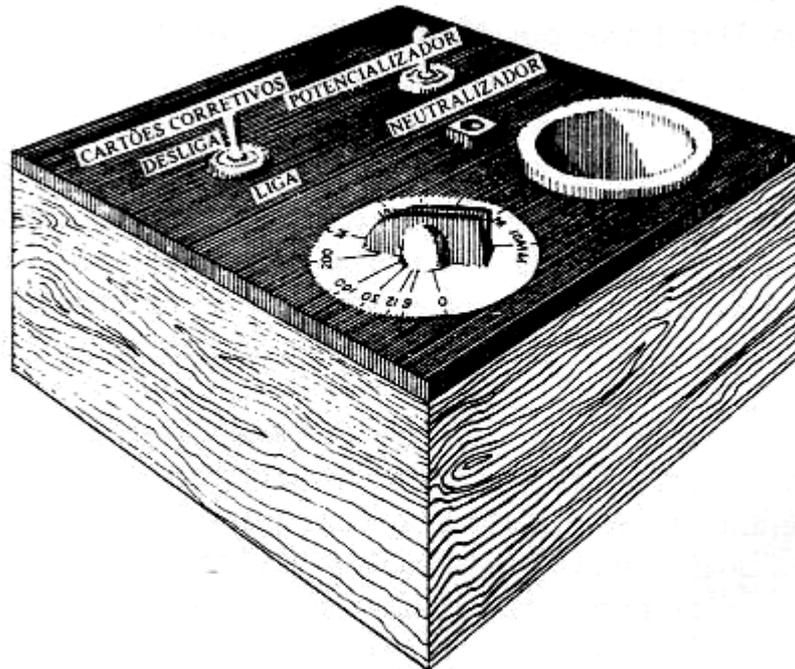
Descobriu-se que este controle de potência podia ser obtido por meio do uso de um divisor de potencial, servindo para isso um potenciômetro comum de rádio. Este podia ser instalado conjuntamente com uma escala na qual estivessem assinaladas as potências comumente usadas - ou, é claro, ser ajustado em qualquer ponto entre estas cifras; e na medida em que o grau de precisão no ajuste de potências é um fator importante, esta facilidade de selecionar potências intermediárias por interpolação encontra a sua justificativa.

As gradações da escala de potência foram estabelecidas para corresponder a determinadas potências médias de remédios novos e intactos fornecidos por vários farmacêuticos homeopatas.

O número de divisões da escala fornece uma indicação da potência relativa do campo de energia das várias potências, ao passo que os números por meio dos quais estas costumam ser expressas indicam meramente o número de etapas de diluição e sucussão implicadas em sua preparação.

Assim, um campo de energia de 200C não é mais que o dobro, aproximadamente, de um de 30C, e um campo de energia de 1M é aproximadamente o dobro de um de 100C.

"O simulador de potência Mark I, acondicionado em um estojo de madeira, foi construído para incorporar as contribuições dos investigadores precedentes, sendo que um certo número de aparelhos foi fabricado e testado por um período de dois anos, até que o modelo foi superado pelo primeiro 'modelo de linha' - o Mark II -, que era bastante semelhante, a não ser pelo estojo, inteiramente feito de perspex.



O simulador de potência Mark II.

Deve-se esclarecer que o termo 'simulador de potência', em vez de 'potencializador' ou 'gerador de potência', foi adotado porque, se por um lado os instrumentos serviam para a preparação de remédios que, à primeira vista exerciam exatamente o mesmo efeito sobre o paciente que as suas contrapartidas convencionais, por outro não se sabia ainda se havia de fato outras diferenças além do método de preparação.

O interesse por este modelo, principalmente no estrangeiro, levou ao desenho de uma versão compacta - o Mark III -, que apresenta a vantagem de um recipiente maior e destacável, de diâmetro equivalente ao de um frasco de tamanho-padrão de 88cc de capacidade, possibilitando assim a preparação do remédio no próprio recipiente em que será acondicionado, além da ausência de qualquer operação complicada, pois o instrumento é concebido de tal forma que basta haver um cartão de remédio na abertura para que ele 'potencialize' e, inversamente, 'neutralize' quando não há cartão nenhum.

Assim como os instrumentos eram aperfeiçoados, o mesmo se dava com as figuras dos cartões correspondentes a cada remédio. O formato circular original foi substituído por cartões retangulares, a serem introduzidos na abertura situada no alto do instrumento, possibilitando uma leitura mais bem feita da figura de cada remédio. A transição das primeiras para as últimas formas deu-se quando foi descoberto que as figuras podiam ser desenhadas segundo as orientações arbitrárias da régua, tal como já descrevemos anteriormente, ou então determinando um ponto fixo sobre a régua, girando-a lentamente de grau em grau e assinalando os sentidos em que a oscilação do pêndulo registra ângulos retos em relação à régua sobre o ponto escolhido. Este último método provou ser o mais adequado.

"Além disso, descobriu-se que as linhas que ligavam os pontos nas figuras originais eram desnecessárias, pois os próprios pontos constituíam os fatores operantes. Os dados para os cartões são obtidos radiestesicamente, usando-se sempre a fórmula: 'As séries ascendentes de ângulos, cada qual exprimindo o mais possível um grau inteiro do arco, entre o raio vertical representando não os graus do centro do diagrama do simulador de potência, mas unicamente o (nome do remédio), de tal forma que uma potência perfeita do remédio possa ser preparada no simulador de potência para o qual o cartão foi desenhado.'

A esta fórmula, expressa como um símbolo, o cérebro responderá da mesma forma como responde aos outros símbolos que o instruem como pensar sobre um determinado conteúdo, seja, por exemplo, o signo Cz\$, que informa ao seu leitor como considerar o numeral que o segue. Quando o leitor lê 'Cz\$ 5.000', dificilmente ele se dará conta do signo 'Cz\$', o qual todavia determina o contexto a partir do qual ele considera o '5'.

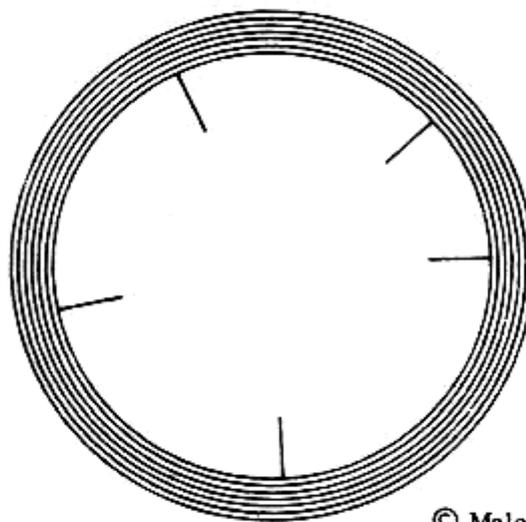
Símbolos informativos desse tipo podem ser descritos como 'operadores', sendo que a fórmula para encontrar os dados para os cartões simuladores foi cristalizada num operador, para assegurar que, durante a transferência dos dados para os cartões, os pensamentos do rbdomante sejam influenciados somente pela definição precisa dos dados que ele requer.

Tendo sido obtidos os dados, um cartão-modelo é desenhado, usando-se para isso as marcações de graus de um círculo muito maior do que aqueles impressos nos cartões de produção, a fim de possibilitar uma precisão maior. Os cartões de produção são então reproduzidos fotograficamente a partir do cartão-modelo.

"Cada cartão pode exigir até 6 raios parciais, sendo interessante notar que as combinações de 6 raios, a uma precisão de 1 grau do arco, somam 467. 916. 713. 911. 200 - não possibilita, portanto, nenhuma margem de erro na representação do espaço.

"Modelos mais elaborados do simulador foram desenvolvidos, porém, à exceção de um, que será abordado mais adiante, todos empregam o mesmo princípio. As informações que levaram à elaboração desses instrumentos não dependem da aplicação de nenhuma teoria que fosse do conhecimento prévio do autor - e a fim de que o processo através do qual os remédios são preparados pareça um pouco menos 'improvável', oferecemos a seguinte analogia de como ele seria:

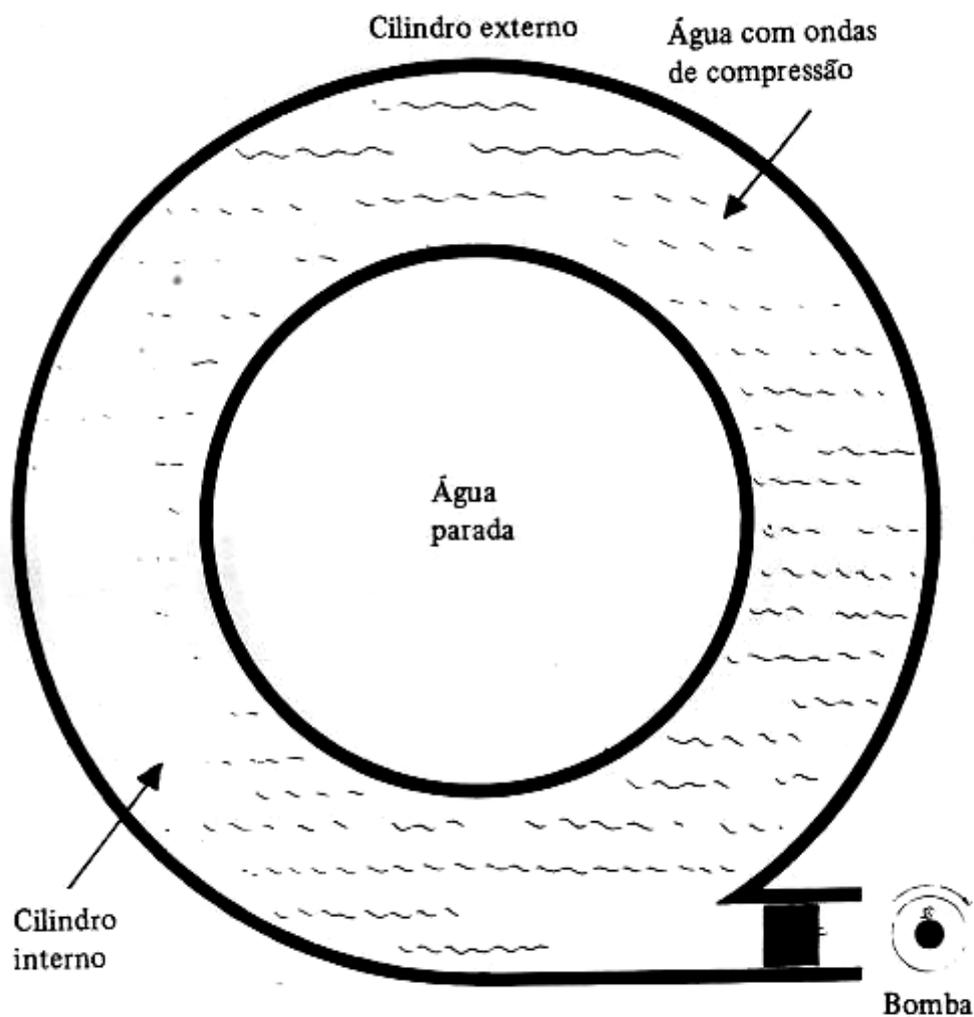
Agraphis Nutans



© Malcolm Rae 1972

O processo depende fundamentalmente da capacidade da água de aceitar e propagar qualquer figura magneticamente ativada que lhe seja adequadamente aplicada. Esta particularidade permite à água ser 'potencializada' - ou carregada - com a figura geométrica correspondente a qualquer remédio e tornar-se assim o equivalente de uma 'potência' deste remédio.

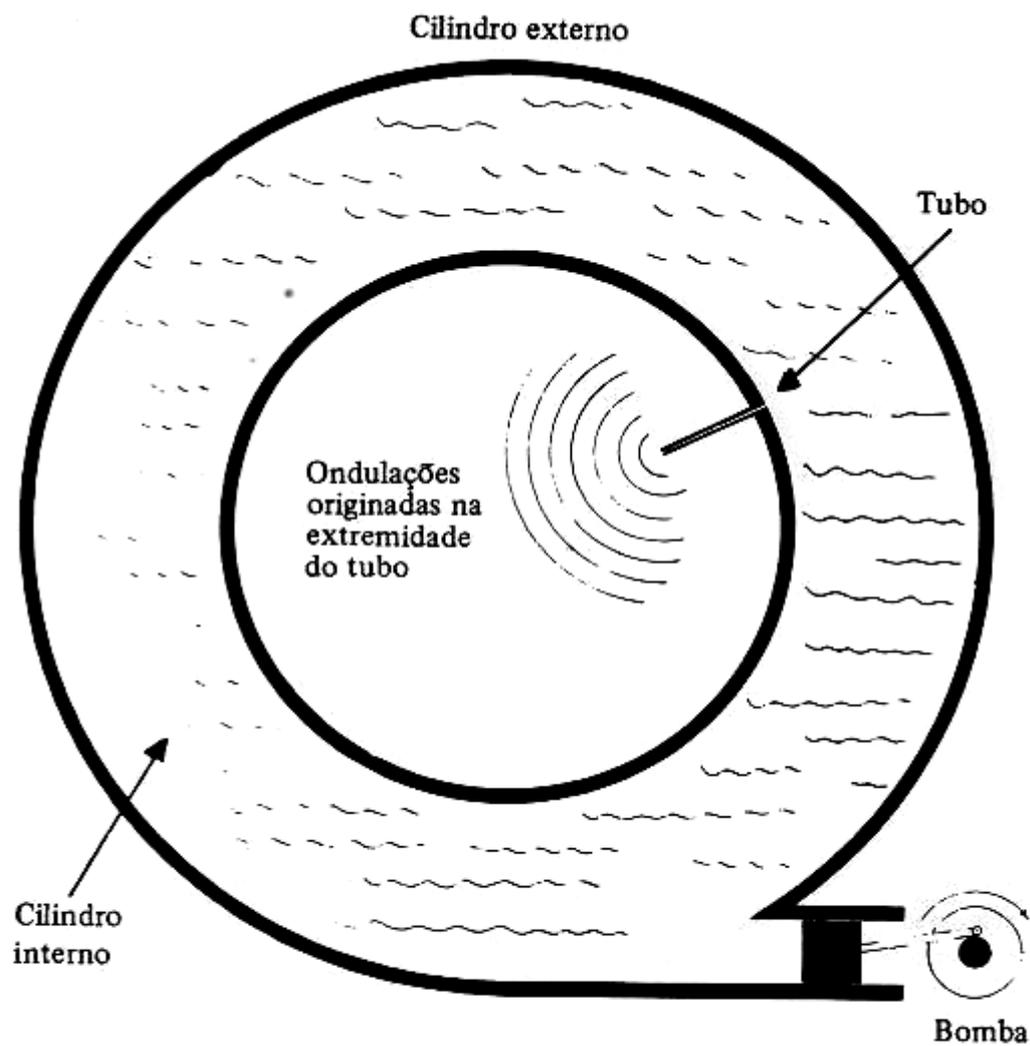
"Uma observação interessante é a de que qualquer substância pode ser ativada com a sua própria potência de energia, mas unicamente a água pode ser ativada pela potência de energia de qualquer outra substância.



A melhor analogia possível é esta:

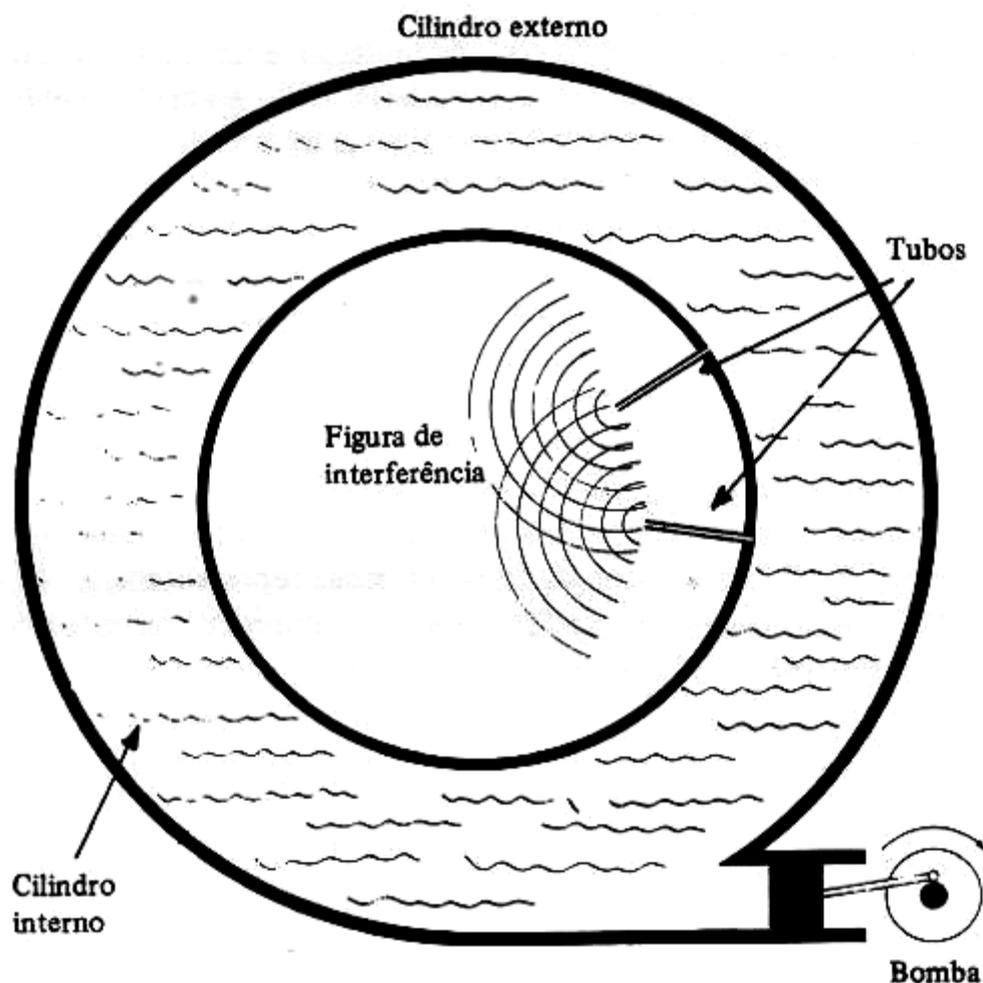
(1) Imagine uma vista plana de dois tanques concêntricos e cilíndricos, ambos quase cheios d'água. Suponha que o tanque externo apresenta uma entrada para o tubo de uma bomba que periodicamente aumenta e diminui a pressão em seu interior. Nessas condições, o líquido do tanque externo será agitado por ondas de pressão que, no entanto, não chegarão a afetar o líquido do tanque interno devido à sua construção cilíndrica.

(2) Imagine agora um pequeno tubo com uma de suas extremidades apontada para o centro do tanque interno a partir de um buraco feito em seu bojo. Na extremidade interna do tubo, surgirão ondulações.



(3) Acrescente-se a este um segundo tubo, a partir de um outro buraco no bojo do tanque interno; as ondulações formadas em sua extremidade mesclar-se-ão às do primeiro tubo, formando uma figura de interferência.

Na analogia precedente, a pulsação da água no tanque externo representa as pulsações atribuídas ao ímã, ao passo que o tanque interno e o tubo representam o cartão simulador, cujas linhas impressas servem para conduzir as pulsações magnéticas.



A figura de interferência não é afetada pelo tamanho, mas unicamente pela proporção: e pode ser reduzida a uma conexão a partir de um ponto de seu centro ou próximo dele e ser transferida para um disco, para aí expandir-se por toda a área do círculo. Um frasco de água, colocado sobre o disco, será ativado pela figura do cartão - contanto que o frasco que contém a água possua formato cilíndrico. A figura no interior do círculo depende dos seguintes fatores:

- (1) A natureza das vibrações que lhe são aplicadas.
- (2) O número de raios parciais.
- (3) O comprimento relativo dos raios parciais.
- (4) A distância angular, independentemente dos raios parciais.

Entretanto, na medida em que as vibrações magnéticas empregadas constituem uma faceta do Universo, elas podem ser consideradas como sendo constantes, e quando todos os raios parciais são reduzidos ao mesmo comprimento, a figura passa a depender tão-somente do número de raios parciais e da distância angular entre eles.

"Excluindo-se as cirurgias, a manipulação e os métodos que implicam intervenção direta sobre o corpo físico do paciente, parece não haver mais que duas maneiras básicas pelas quais um terapeuta pode agir sobre ele. Ele pode passar ao paciente instruções codificadas destinadas a lembrar-lhe o que fazer para sanar os seus distúrbios (e aí incluem-se todos os medicamentos ministrados por via oral, à exceção natural dos alimentos), e neste caso, então, prescrever-lhe as substâncias materiais que seu organismo necessita para executar as ditas instruções. Todos os medicamentos homeopáticos, não importa a maneira como são preparados, com potência pouco superior a 12C, e todos os medicamentos preparados magneto-geometricamente, de qualquer potência, não são mais do que condutores de mensagens codificadas. Eles não carregam o material, mas apenas o padrão de informação da substância que representam.

Deve-se acentuar que similares perfeitos dos medicamentos homeopáticos convencionais de potência inferior a 12C, ou de sais minerais, não podem ser obtidos através da magneto-geometria pois, se esta é capaz de reproduzir o pensamento que define o material, não pode, porém, criar o material.

Na prática, parece ser apenas a 'mensagem' o que importa na maior parte das ministrações de preparados de potências baixas - não se deve, porém, subestimar as limitações.

Afora tais limitações, o método magneto-geométrico de preparação apresenta inúmeras vantagens e nenhuma desvantagem que seja do meu conhecimento. Entre as vantagens, contam-se as seguintes:

(1) Os medicamentos preparados pelo método magneto-geométrico são por conseguinte tão precisos quanto o padrão a partir do qual os cartões são desenhados. O seu efeito não varia em virtude de alterações na tintura matriz, nem são afetados pela substância dos recipientes nos quais foram potencializados.

(2) Seja qual for a potência exigida, um único processo é necessário, e este não dura mais que seis minutos. Isso exclui qualquer possibilidade de erros que poderiam sobrevir em meio à longa seqüência de processos, permitindo a preparação de medicamentos de alta potência em poucos minutos.

(3) Medicamentos como o Oxigen M, cuja preparação seria difícil, se não mesmo impossível, através do método de sucussão-diluição, já não constituem problema. Assim, a quantidade de remédios ao alcance do homeopata aumentou consideravelmente devido ao desenvolvimento do método magneto-geométrico.

(4) A possibilidade de preparar um remédio em poucos minutos elimina a necessidade de manter um grande estoque, permitindo ao praticante contar com qualquer remédio ou potência de que ele não disponha de antemão, sem ter de encomendá-lo e aguardar a sua entrega. Além disso, os instrumentos são pequenos o bastante para que o médico possa levá-los consigo, juntamente com um jogo de cartões apropriados, em suas visitas.

(5) O custo de cada cartão, a partir do qual qualquer quantidade de remédio, de qualquer potência, pode ser preparada, é quase igual ao custo dos menores vidros de remédio convencionais.

(6) O número de remédios homeopáticos para os quais há disponibilidade de cartões ultrapassa 2.000 e continua a aumentar em razão dos pedidos de remédios ainda não classificados.

Ao considerar essas vantagens, somos levados a voltar nossa atenção para duas insuficiências sérias nas descrições aplicadas ao método de preparação homeopático. São elas:

(1) Tal como anteriormente se observou, o número usado para descrever a potência de uma preparação não descreve a própria preparação, mas somente o número de etapas de sucussão e o grau de diluição de cada etapa. Não admira, pois, que alguns homeopatas, com experiência radiestésica, tenham observado com freqüência diferenças entre remédios de diferentes fabricantes que ostentam a mesma descrição - pois a potência real depende de muitos fatores, entre os quais:

- a) o número de etapas de sucussão e diluição;
- b) o número de sucussões por etapa;
- c) o grau de diluição por etapa, normalmente convencionado em um para dez ou um para cem;
- d) a violência do impacto de cada sucussão;
- e) o sentido do movimento anterior ao impacto;
- f) a extensão do movimento anterior ao impacto.

Existem provavelmente outros fatores, mas estes são suficientes para deixar claro que, se a padronização de todos os produtos não é adotada pelos fabricantes, é inevitável que se verifiquem diferenças entre eles.

(2) A segunda insuficiência a que eu gostaria de referir-me diz respeito a um fator subestimado, que se poderia definir como a 'qualidade do remédio', sendo que a analogia mais adequada para ilustrá-lo é fomecida pela eletricidade. Duas especificações comumente aplicadas a um remédio homeopático são as seguintes:

- a) a substância a partir da qual ele é preparado e que se poderia chamar a sua 'característica';
- b) a sua potência, que se poderia considerar como a sua 'voltagem'. A 'característica' de uma bateria de automóvel poderia ser descrita como 'força eletromotriz corrente', e a sua voltagem apresentaria provavelmente uma leitura nominal de doze (volts) quando a bateria não estivesse ligada a um circuito que dela se alimenta. Entretanto, o tempo durante o qual a bateria apresenta uma leitura contínua de 12 volts, quando um aparelho se alimenta de sua corrente, é denominado sua 'capacidade', a qual é expressa em amperes-horas. O número de amperes-horas dependerá do tamanho da bateria e de sua carga. Juntos, estes dois fatores poderiam ser denominados a sua 'qualidade'. O remédio que o paciente ingere é semelhante a uma pequena bateria que satisfaz a sua demanda. Se o remédio é de baixa qualidade, logo será eliminado pelo organismo e não causará qualquer efeito. Se é de alta qualidade, entretanto, poderá corresponder melhor às necessidades do paciente.

A qualidade de um remédio preparado através do método de sucussão-diluição depende dos fatores por mim enumerados, ou, pelo menos, de alguns deles. A observação das instruções do Dr. Hahnemann é essencial para se conseguir um remédio de alta qualidade. A qualidade de um remédio pode ser medida radiestesicamente, através de uma régua de 100 em dotada de um disco em seu marco zero. O remédio é colocado sobre o disco e a magnitude do campo de energia ao longo da régua é medida através de um pêndulo. Um ímã é colocado próximo à borda do disco no mesmo instante em que um cronômetro é disparado; o ímã começará a neutralizar o remédio e a reduzir o seu campo. As medições ao longo da régua são continuamente verificadas, até que se registre exatamente a metade do valor da medida original, e neste

instante o cronômetro é travado. O tempo decorrido para que se verificasse a redução da medida representa a vida média do remédio nestas mesmas condições, e quanto maior for, melhor será a qualidade do remédio.

"Se se deseja estabelecer por comparação uma série de medidas-padrão, é naturalmente necessário que a régua seja corretamente orientada e não esteja na proximidade de metais ferrosos; é necessário usar um disco de tamanho e material-padrão, bem como um ímã-padrão posicionado sempre no mesmo lugar; porém, os homeopatas com sensibilidade radiestésica são capazes de efetuar comparações relativas de remédios de sua própria fabricação através do método simples por mim delineado.

Remédios preparados através da aplicação eficiente da magnetogeometria apresentarão uma 'capacidade' das mais elevadas, e, entre outras características positivas, é bem provável que a sua 'vida de prateleira' seja proporcionalmente longa, caso surja a necessidade de estocá-los." Neste ponto, o artigo passa a tratar rapidamente de um outro instrumento, o Preparador de Potência, que eu gostaria de explicar detalhadamente mais adiante neste capítulo; e conclui com as seguintes palavras:

Como conclusão, devo sublinhar que, a despeito de quaisquer inconsistências que se possam verificar na compreensão teórica do método magneto-geométrico de preparação de remédios, o sistema foi comprovado com sucesso por muitos homeopatas. Há mais de 1000 instrumentos em uso corrente em mais de 23 países e uma procura cada vez maior de cartões adicionais ao repertório dos 2000 já existentes." Assim como a instrumentação e os índices radiônicos, os cartões de proporções e o Simulador estão diretamente relacionados aos vários princípios atuantes no Campo Universal da mente e às energias aí presentes. Toda doutrina esotérica refere-se à força vital ou fluido magnético que se irradia do Sol e constitui a essência vital de cada um dos sete planos. Blavatsky a denominava *fohat*, prana, eletricidade ou fluido magnético; Karl Von Reichenbach referia-se a ela como força odílica; John Keely como éter molecular ou força dinasférica e, mais recentemente, o Dr. Wilhelm Reich redescobriu a força vital e a rebatizou de energia orgônica. Na verdade, são diferentes nomes que se associaram à força universal que os antigos videntes já conheciam há milhares de anos como a energia da matéria. Na radiônica, creio que chegamos a tocar os limites a partir dos quais se delineiam a relação entre prana e mente; aqueles que, a exemplo de Keely, Von Reichenbach e Reich, adentraram demasiadamente este perigoso território, defrontaram-se com uma incrível oposição, com ridicularizações e perseguições. Muitos encaram este fenômeno como uma reação do Sistema contra aqueles que se dedicam a investigar as forças vitais. Se isto não deixa de ser verdade, eu pessoalmente sou de opinião de que quando alguém como Keely consegue dominar uma força ilimitada a partir do ar rarefeito e fazer funcionar um motor a uma velocidade tal que por pouco ele não se desprende de sua base, ou fazer com que um zeppelin de oito libras flutue no espaço, então é porque, a exemplo de Wilhelm Reich, que também descobriu uma "força motriz" no orgone, ele encontrou algo que em mãos erradas poderia colocar o mundo em apuros. Reich tinha tanta consciência disso que jamais chegou a confiar sua descoberta ao papel, e o segredo morreu com ele na prisão. Blavatsky afirmou, a propósito de Keely, que ele foi impedido de fazer quaisquer progressos em suas pesquisas pela Hierarquia Espiritual do nosso planeta; o mundo e a humanidade ainda não são capazes de lidar com forças tão espantosas, e aqueles que conseguem ultrapassar certos limites em suas pesquisas toparão com resistências em todas as direções. A razão disso é dada por Alice Bailey em *A Treatise on Cosmic Fire*, e acho que valeria a pena transcrever suas palavras aqui, pois elas comprovam uma vez mais o conceito da ponte que cada indivíduo deve construir para ligar os aspectos inferiores e superiores da mente. Bailey escreve:

A revelação da estreita conexão entre a mente e fohat ou energia, ou entre a faculdade do pensamento e os fenômenos elétricos - o efeito do princípio de fohat sobre a matéria - implica grandes riscos, e o elo que falta (se assim se poderia chamá-lo) na cadeia do raciocínio que parte do fenômeno ao impulso que o deflagra só pode ser superado com segurança quando a ponte entre a mente inferior e a superior for corretamente construída. Quando a mente inferior se achar sob o controle da superior, ou quando o quaternário tiver se encontrado com a tríade, então o homem poderá confiar nos restantes quatro princípios fundamentais.

Se ainda resta alguma dúvida de que a radiônica é uma técnica de cura fundamentalmente afeita à manipulação das forças vitais por meios mentais, basta considerar o que sucedeu ao Dr. Albert Abrams, incessantemente perseguido e difamado em virtude de suas descobertas que conduziram à radiônica, tal como a conhecemos atualmente. Ou que se pense na sina de Ruth Drown, encarcerada na sétima década de sua vida em razão de suas atividades ligadas à radiônica. E mesmo na Inglaterra, onde a opinião pública é mais tolerante, George De La Warr não deixou de ser indiciado num processo judicial que lhe custou bens e energias, de tal modo que ele se viu quase constrangido a renunciar à notável obra realizada nesse terreno. Por sua própria natureza, as forças vitais conjuram resistências contra os que se dedicam a investigá-las. O caminho a ser aberto não é isento de perigos, e os segredos arrancados a este aspecto da Natureza somente são obtidos à custa de grandes sacrifícios da personalidade ou eu inferior, o qual, em última análise, tem muito pouca importância na procura da Fonte da Verdade em que se engaja o indivíduo. Sempre argumentei que a radiônica é mais do que uma mera técnica de cura, pois se a divisarmos além dos fenômenos, poderemos discerni-la claramente como . um campo da experiência humana capaz de proporcionar os meios para a

construção da antahkarana grupal ou individual. A radiônica é uma ponte entre os reinos físico e supra-sensível, entre as medicinas ortodoxa e espiritual, e seus praticantes e pioneiros, por conseguinte, são os construtores dessa ponte, tenham eles consciência disso ou não. Este fato acarreta as mais profundas implicações para aqueles que se acham preparados para examinar mais a fundo essa concepção.

Bem, retornemos às nossas considerações acerca da força vital e da simulação de potência. O Simulador consiste numa caixa de perspex contendo, entre outras coisas, um ímã circular e uma espécie de acumulador para a força vital. Grande parte das pesquisas de Von Reichenbach sobre a força ódica, tal como ele a denominava, girava em torno dos experimentos realizados por sensitivos, muitos deles médicos, que podiam vislumbrar o campo aurático de vários objetos, inclusive ímãs. Essas pessoas trabalhavam junto com Von Reichenbach fornecendo-lhe descrições da força e do modo como ela se comportava sob variadas condições. Todas elas descrevem invariavelmente o campo de força de um ímã como sendo envolvido por uma aura azul a partir do pólo norte e outra amarelada a partir do pólo sul, entre as quais espriavam-se ondas de colorações verde, violeta e índigo, pulsando e se espalhando como chamas ao longo da superfície do metal. Reich descobriu, também, que a força odílica podia ser facilmente conduzida ao longo de fios. Os sensitivos de Reichenbach conseguiam divisar a atividade da força vital até uma distância de setenta pés ao longo dos mesmos fios de cobre que conduziam o calor somente por algumas polegadas, fazendo-o incandescer na escuridão. Malcolm Rae descobriu, com efeito, que o mesmo fenômeno se verificava durante os experimentos que levaram à construção do Simulador de Potência Mark I. Os sensitivos podiam sentir o efeito da força odílica até uma distância de quatrocentos pés do ímã; portanto, em termos de força vital, o ímã encerra uma imensa força de irradiação.

Reichenbach descobriu também que o odilo passava a participar da massa de qualquer corpo sobre o qual fosse irradiado, porém se deslocava lentamente ao longo de um fio, levando cerca de 20 a 40 segundos para percorrer uma distância de 50 a 60 jardas. No Simulador, este efeito é constante e os fios estão sempre carregados plenamente. Em seu livro sobre a força odílica, ele nota também que esta pode ser excitada à distância por meio de um impulso elétrico; uma centelha de 2 polegadas, por exemplo, pode excitar uma corrente de odilo a uma distância de seis pés e meio ao longo de um fio.

Foram realizados experimentos que mostraram que todos os sólidos e líquidos podiam ser carregados com odilo, mas ele acrescenta que esta carga deixa, de ser perceptível ao sensitivo após uma hora. O trabalho realizado com a simulação de potência e os resultados obtidos pelos tratamentos realizados com remédios preparados desse modo demonstram claramente que o líquido ou "sac lac" retém a figura à qual ele é exposto, de modo que, neste caso, a combinação de força odílica, força magnética e figura talvez produzam um efeito mais duradouro do que seria obtido através da exposição a uma única força.

Os sensitivos de Reichenbach eram capazes de identificar, sem qualquer sombra de dúvida, a água que havia sido exposta às forças odílicas, bem como diferenciar as porções que haviam sido expostas à luz da Lua ou do Sol. Atualmente, na Rússia, os Drs. Shevtsov, Tovstoles e Grebenschikov realizam na Academia Militar de Kirov um grande número de experiências com pacientes submetidos a tratamento com água magneticamente tratada. Outrora considerados uma forma de charlatanismo, os líquidos magnéticos mostram-se agora bastante eficazes no tratamento de doenças tão diversas como bronquite crônica, distúrbios do coração, do fígado e dos rins e hipertensão; assim nasceu um ramo inteiramente novo da medicina, conhecido como Magneto-Biologia.

Os pesquisadores soviéticos acreditam agora que esta espécie de tratamento exerce sua influência primária sobre o corpo através do hipotálamo, que, do ponto de vista esotérico, é uma exteriorização ou um aspecto do chakra da testa, que regula a pituitária. Curiosamente, diz-se da pessoa que possui uma pituitária altamente ativa e integrada que ela possui uma "personalidade magnética".

O tratamento assume duas formas: a água magnetizada é introduzida nas vias urinárias por meio de uma sonda ou então ingeri da pelo paciente em mistura com chá, café e sopas. A preparação da água magneticamente tratada apresenta um aspecto interessante, pois a água jamais chega a entrar em contato direto com o ímã, mas é simplesmente pingada entre os pólos de dois ímãs adjacentes e recolhida num recipiente. Para um sensitivo, as chamas de energia odílica emanam das extremidades de um ímã; o que acontece nas experiências soviéticas é que a água, obviamente, assimila a carga da força vital à medida que cai entre os ímãs. Em alguns casos, a água circula ao longo de um tubo de vidro, para prolongar o tempo de exposição ao campo de energia, mas, pelo que sei, não existem provas de que isso seja capaz de gerar um medicamento mais poderoso ou proporcionar melhores resultados.

Do ponto de vista da simulação de potência, esses progressos recentes por parte dos soviéticos são encorajadores, na medida em que, valendo-se de apenas um aspecto da Magneto-Geometria, conseguem alcançar resultados comprováveis. O Simulador de Potência, quanto aos seus outros aspectos de modelação geométrica e controle de potência, pode eventualmente proporcionar resultados melhores.

Para complementar este capítulo, examinemos mais detalhadamente os diversos instrumentos desenvolvidos para a preparação e simulação de potência, que podem ser utilizados por qualquer praticante na preparação de remédios ou, como veremos, para as finalidades do tratamento radiônico à distância.

PREPARAÇÃO DE POTÊNCIA HOMEOPÁTICA ATRAVÉS DE FIGURAS GEOMÉTRICAS MAGNETICAMENTE ATIVADAS

A. Princípio:

1. As características específicas de qualquer substância podem ser expressas numericamente como um conjunto de proporções, ou representadas por uma figura que expresse geometricamente as proporções.
2. A aplicação adequada do magnetismo à expressão geométrica de uma substância gera uma influência capaz de ser registrada pela água, tanto isoladamente quanto como componente de outra substância qualquer atingida por essa influência.
3. A aplicação adequada do magnetismo a qualquer substância gera uma influência que será registrada pela água atingida por ela.
4. A água assim influenciada é o equivalente, em seu efeito sobre um organismo vivo, de um medicamento homeopático preparado de modo convencional.

B. Aplicação do Princípio a Instrumentos:

1. Instrumentos construídos a partir desse princípio foram usados durante vários anos e mais de 1000 são usados correntemente.
2. Um estoque de cerca de 3000 figuras geométricas, sobre cartões medindo 75 mm x 65 mm, cobre quase todos os medicamentos homeopáticos mais conhecidos e centenas de outros remédios menos conhecidos.
3. A estrutura básica dos instrumentos consiste de uma pequena caixa provida de uma ou mais aberturas, nas quais são introduzidos os cartões de remédios, um ou mais controles regulados, nos quais são ajustadas as potências requeridas, e um recipiente no qual o frasco contendo a água destilada ou outra substância (geralmente "sac lac") a ser potencializada é colocada.
4. Cada instrumento é provido também de duas tomadas: uma para um pino simples, destinado a ligá-lo a um projetor radiônico de desenho adequado; e a outra para um pino duplo, destinado a ligar o instrumento a um gerador de ondas adequado (interruptor), para converter o instrumento num projetor radiônico.

C. Modelos de Simulador de Potência:

1. Os seguintes modelos são encontrados:
 - (i) Simulador de Potência Mark m, utilizando cartões (Item G).
 - (ii) Simulador de Potência de Ação Intensiva, utilizando cartões (Item H).
 - (iii) Simulador de Potência de quatro seções e Ação Múltipla, utilizando cartões (Item J).
 - (iv) Preparador de Potência Homeopática Magnético de Recipiente Duplo, operando a partir da substância ou potência homeopáticas.
2. Nas páginas que seguem, cada instrumento é descrito em detalhes, bem como são fornecidas as instruções para o seu uso.

D. Fatores Comuns no Projeto dos Instrumentos:

1. Todos os instrumentos foram projetados do modo mais simples possível.
2. Todos os instrumentos foram construídos por um fabricante altamente qualificado (M.B.H.I.), não tendo sido poupados esforços para assegurar que nenhuma falha pudesse se verificar em seu funcionamento.
3. Todos os instrumentos são inteiramente ativados por magnetismo, prescindindo de baterias ou fontes de corrente para a preparação dos remédios homeopáticos.
4. Os instrumentos são independentes do campo magnético da Terra e prescindem de qualquer orientação especial.
5. Todos os instrumentos que operam a partir de cartões apresentam circuitos internos de neutralização automática quando não há cartão na abertura, a fim de suprimir todos os vestígios das preparações anteriores, deixando-o limpo para uso posterior.
6. A potência através da qual um remédio homeopático é designado indica apenas o número de etapas de sucussão a que ele foi submetido e o grau de diluição de cada etapa; assim, não se pode considerá-la como uma medida-padrão, sendo que amostras da mesma potência do mesmo remédio produzido por diferentes farmacêuticos apresentam grandes variações entre si.
7. Até que seja consolidada uma referência a partir da qual calibrar o instrumento (e uma tal referência seria algo necessariamente complexo), o único método eficaz é regular os instrumentos com base na média de um certo número de amostras de diferentes remédios cuja potência estimada por seus fabricantes seja a mesma. Foi assim que procedemos.

E. Vantagens do Método Magnético-Geométrico de Preparação de Potências:

A este método de preparar remédios são atribuídas as seguintes vantagens:

1. Consistência dos remédios: todos os remédios preparados nestes instrumentos, não importa a partir de qual cartão, possuem idênticas características.

2. Pureza:

(i) A figura geométrica do cartão é desenhada para representar o remédio no seu estado ótimo: ela não se deixa contaminar, durante a manufatura, pela adição de traços de substâncias a partir das quais o aparelho é construído.

(ii) Um cartão destinado a representar um remédio vegetal em seu estado ótimo anulará os efeitos das variações verificadas no solo e demais condições de crescimento.

(iii) Os frascos podem ser usados novamente, após lavagem e neutralização.

3. Rapidez:

(i) Com a mesma rapidez, é possível preparar um remédio de 10MM de potência e outro de 12C.

(ii) O praticante pode levar consigo o instrumento e um jogo de cartões de remédios ao visitar os pacientes, podendo assim preparar o remédio onde e quando for necessário.

4. Economia:

(i) Uma vez que qualquer potência de qualquer remédio pode ser preparada em poucos minutos, o praticante não precisa manter um estoque amplo e variado, que representaria um considerável capital congelado.

(ii) As quantidades de remédios que ultrapassem as dosagens necessitadas poderão ser reduzidas a "sac lac" para uso posterior.

5. Versatilidade:

Um cartão-simulador pode ser preparado para qualquer substância ou conceito capazes de serem definidos com exatidão. Assim, podem-se obter potências para representar gases e outras substâncias não-manipuláveis, ampliando consideravelmente a gama de remédios possíveis.

F. Vantagens do Sistema de Cartão:

1. Tal como foi afirmado no item "PRINCÍPIO", é possível expressar as características de potência de uma substância tanto numérica como geometricamente, sendo possível, por conseguinte, construir um instrumento provido de um certo número de mostradores com escala numérica para ajustar as constantes numéricas da substância de que se requer a potência. Acredita-se, no entanto, que um instrumento que se utilize de cartões, em vez de mostradores numerados, possua as seguintes vantagens e nenhuma desvantagem:

(a) (i) Os remédios preparados através de cartões são tão precisos quanto os modelos a partir dos quais os cartões são desenhados, ao passo que, devido à paralaxe (a diferença devida ao ângulo a partir do qual o mostrador é lido), à imprecisão das escalas numéricas etc., os ajustes numéricos estão sujeitos a variações de tempos em tempos e de operador para operador.

(ii) Os cartões preparados para serem usados com os instrumentos Rae são reproduções impressas dos modelos, que, por sua vez, são desenhados com extrema precisão.

(b) (i) A possibilidade de preparar uma potência a partir do cartão errado, introduzido no instrumento com o nome correspondente voltado para o operador, é desprezível.

(ii) A possibilidade de erro durante a operação de procurar a representação numérica correspondente a um remédio e ajustá-la a seguir numa série de mostradores é bem maior.

(c) Uma vez que se prescindiu dos painéis portando uma série de mostradores com escala numérica, foi possível tornar os instrumentos Rae mais compactos e mais simples do que qualquer instrumento que se utilize de ajustes numéricos. São, por conseguinte, de custo menor de produção e não contêm virtualmente nada que dê margem a defeitos.

G. O Simulador de Potência Mark III: trata-se do modelo original de produção, lançado ao mercado somente após quatro anos de testes realizados por alguns homeopatas.

INSTRUÇÕES - SIMULADOR DE POTÊNCIA MARK III:

1. Para preparar uma potência:

(É indispensável que se observe a seguinte seqüência de operações.)

(i) Com o instrumento posicionado de tal modo que a abertura para o cartão esteja do lado oposto ao operador, introduza o cartão correspondente ao remédio requerido, com o nome na extremidade superior de frente para o operador.

(ii) Ajuste o seletor de potência para a potência requerida.

(iii) Coloque o veículo a ser potencializado diretamente no recipiente do instrumento ou então num frasco previamente neutralizado, e este, por sua vez, no recipiente do instrumento. **IMPORTANTE:** use somente frascos cilíndricos.

(iv) Se o veículo a ser potencializado é "sac lac", as pílulas devem ser umedecidas antes de colocadas no recipiente do simulador. Isso porque o processo de potencialização depende da presença de umidade no meio a ser potencializado, e como as pílulas de "sac lac" contêm geralmente pouca água, é aconselhável umedecê-las suficientemente, até que elas pareçam brilhar, tomando cuidado para que elas não comecem a se dissolver. É aconselhável umedecer o veículo, na proporção (aproximada) de 30%, com álcool, ao invés de água, pois o índice de evaporação do primeiro é mais rápido.

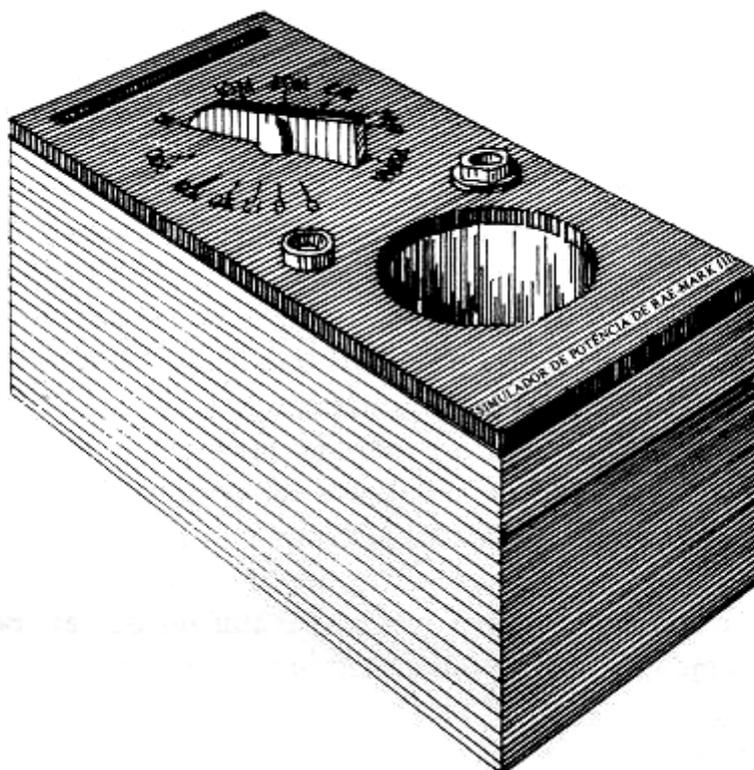
Um pouco de Gin ou de Vodka atenderá essa exigência sem descorar o "sac lac".

Para pequenas quantidades de pílulas, é mais aconselhável usar um pedacinho de arame que, ao ser mergulhado no líquido e dele retirado, formará um pequeno glóbulo em sua extremidade. O volume do glóbulo dependerá da espessura do fio de arame e da profundidade por ele atingida ao ser mergulhado no líquido. Para grandes quantidades de pílulas, um frasco conta-gotas é mais adequado.

Em ambos os casos, as pílulas devem ser revolvidas demoradamente após o líquido ter sido despejado, a fim de impregná-las o mais possível.

(v) Deixe o veículo no recipiente no mínimo por um minuto, se a água estiver sendo potencializada, e no mínimo seis minutos, se o veículo for "sac lac".

(vi) Ao final destes períodos, o veículo estará plenamente potencializado e não será afetado pelo tempo adicional que permanecer no instrumento. **IMPORTANTE:** use somente frascos cilíndricos.



DIMENSÕES:

Instrumento:	Comprimento	152mm
	Largura	80mm
	Altura	85mm
Recipiente:	Diâmetro interno	48mm
	Profundidade interna	62mm
	Capacidade interna	112cc
Peso total:		625g

2. Para neutralizar uma potência:

- (i) Certifique-se de que não há nenhum cartão de remédio na abertura.
- (ii) Ajuste o seletor de potência para 10MM.
- (iii) Coloque o veículo a ser neutralizado diretamente no recipiente do instrumento ou então num frasco, e este, por sua vez, no recipiente do instrumento. **IMPORTANTE:** use somente frascos cilíndricos.
- (iv) Se o veículo for a água, deixe-o no recipiente no mínimo por um minuto, e no mínimo por seis minutos se for "sac lac".
- (v) O veículo estará então neutralizado e pronto para receber posterior potencialização.

H. O Simulador de Potência de Ação Intensiva: embora um remédio preparado pelo método magneto-geométrico, de potência inferior a 12C, não seja o equivalente exato de um similar preparado pelo método de sucussão-diluição, na medida em que o primeiro não contém nenhuma substância, ao passo que o último guarda traços dela, a experiência de muitos usuários demonstrou que os remédios de baixa potência preparados através do método magneto-geométrico possuem ação eficaz. Este modelo de simulador foi projetado pela primeira vez em resposta ao pedido de Mark L. Gallert - autor de *New Light on Therapeutic Energies* - de um instrumento no qual as baixas potências pudessem ser conseguidas com precisão maior do que era possível com o Mark III, cuja escala de potência produz um inevitável "nivelamento" abaixo de 12C. O Simulador de Potência de Ação Intensiva usa um mostrador digital, com escala de "000" a "1000" (embora o "1" da marca "1000" não apareça no mostrador), e o comprimento de sua escala é aproximadamente 12 vezes maior que o do Mark III.

Como não é possível calibrar este tipo de mostrador diretamente em potências, faz-se necessário um gráfico de conversão.

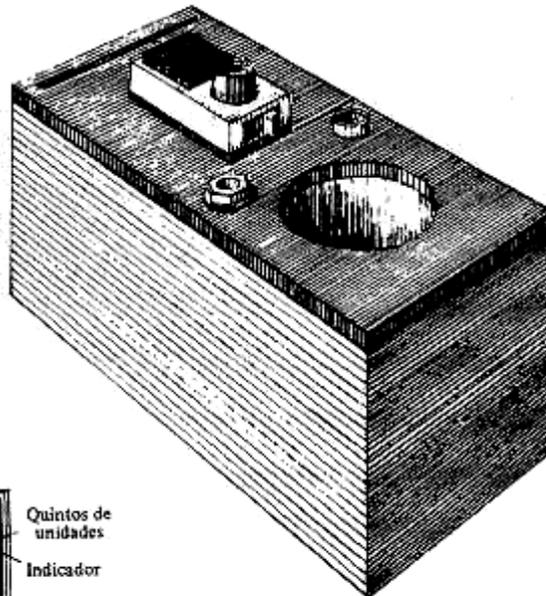
INSTRUÇÕES - SIMULADOR DE POTÊNCIA DE AÇÃO INTENSIVA:

Todas as instruções para a operação do Simulador de Potência de Ação Intensiva são idênticas às do Mark III, à exceção dos itens abaixo.

O ajuste de potência requerida no Simulador de Potência de Ação Intensiva é conseguido do seguinte modo:

- (i) Sintonize o gráfico situado à direita do mostrador onde se lê a potência requerida.
- (ii) Localize a potência requerida e siga a linha horizontal que parte do mostrador para a esquerda até encontrar a curva do gráfico.
- (iii) A partir do ponto em que a horizontal encontra-se com a curva do gráfico, siga a linha vertical escala abaixo ao longo da extremidade inferior do gráfico e confira a leitura apresentada pelo mostrador do instrumento.
- (iv) No gráfico "A", de dimensões 1x para 12x, cada pequena divisão ao longo da linha de base representa 5°.
- (v) No gráfico "B", de dimensões 1c para 1M, cada pequena divisão ao longo da linha de base representa 10°.
- (v) Uma pequena alavanca que se projeta do lado dianteiro do mostrador possibilita a fixação de qualquer cifra (veja-se a figura).
- (vi) Deve-se evitar forçar o mostrador para além do ajustamento máximo ou mínimo, ou tentar girar o botão de sintonia depois que a trava foi movida, pois há o risco de danificar o instrumento.

SIMULAÇÃO DE POTÊNCIA DE AÇÃO INTENSIVA



ABRIR FECHAR
DETALHE DO MOSTRADOR DIGITAL.

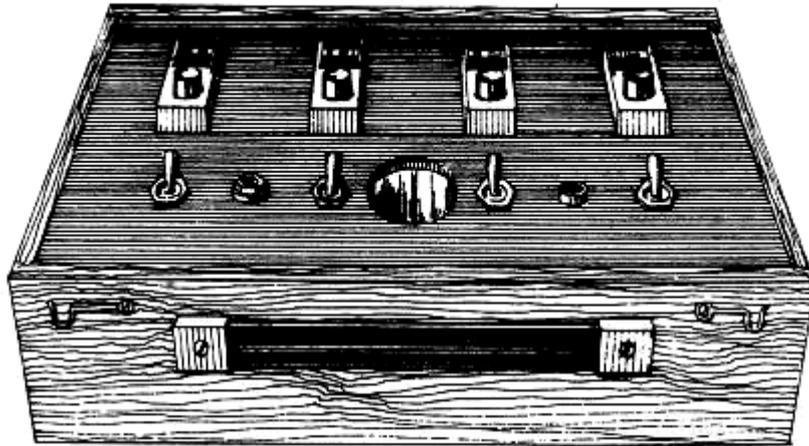
DIMENSÕES:

Instrumento:	Comprimento	152mm
	Largura	80mm
	Altura	90mm
Recipiente:	Diâmetro interno	48mm
	Profundidade interna	62mm
	Capacidade interna	112cc
Peso total:		625g

J. O Simulador de Potência de 4 Seções e Ação Múltipla

Não é possível preparar um remédio múltiplo composto por mais de um componente potencializando-se o veículo com um cartão para cada componente por vez, pois cada potencialização suprime parcialmente os efeitos das precedentes. A preparação pode ser feita através da potencialização de um igual volume de água com o cartão correspondente a cada componente do remédio e misturando os resultados.

Entretanto, este processo é muito demorado; para resolver a dificuldade, foi criado um Simulador Múltiplo de quatro seções. Ele é capaz de preparar um remédio com um, dois, três ou quatro componentes em uma operação, podendo as potências de cada componente ser iguais ou diferentes.



DIMENSÕES:

Instrumento:	Comprimento	340mm
	Largura	178mm
	Altura	100mm
Recipiente:	Diâmetro interno	48mm
	Profundidade interna	62mm
Peso total:		2.438g

INSTRUÇÕES – SIMULADOR DE POTÊNCIA DE QUATRO SEÇÕES E AÇÃO MÚLTIPLA

Este instrumento é operado exatamente da mesma maneira que o simulador de Potência de Ação Intensiva.

(i) Remédios simples podem ser preparados com este instrumento, bastando que todas as chaves, menos uma, estejam na posição "OFF" (isto é, com a alavanca da chave apontando para o mostrador digital), ajustando-se a potência requerida e inserindo o cartão de remédio na seção cuja chave estiver na posição "ON" (isto é, com a alavanca da chave apontando para o lado oposto do mostrador digital correspondente).

(ii) Remédios compostos por até quatro componentes podem ser preparados com este instrumento, bastando inserir um cartão para cada componente na abertura correspondente, ajustando-se os mostradores para cada uma ou a mesma potência requerida e a chave para cada uma das seções utilizadas na posição "ON".

IMPORTANTE: É essencial que as chaves correspondentes às seções que não estiverem sendo utilizadas estejam na posição "OFF" .

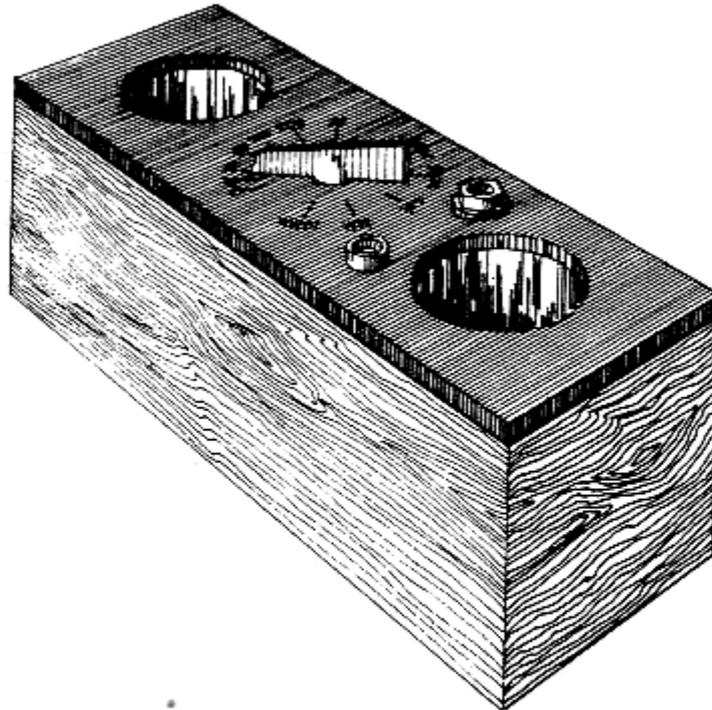
O instrumento que agora apresentamos é bastante diverso dos Simuladores de Potência, na medida em que o seu princípio de operação visa a transferir uma influência ou uma propriedade de cura de uma substância original para uma substância condutora como o "sac lac" ou a água.

K. Preparador Magnético de Potência Homeopática de Rae

Este instrumento distingue-se dos outros anteriormente descritos e é, na verdade, complementar a eles, sendo o seu objetivo possibilitar a preparação, através de uma única operação e prescindindo de succussão, diluição ou agitação mecânica, das seguintes potências:

- (i) Qualquer potência homeopática a partir de uma amostra de qualquer substância ou combinação de substâncias;
- (ii) Qualquer potência homeopática a partir de qualquer outra potência homeopática da mesma substância.

O PREPARADOR MAGNÉTICO DE POTÊNCIA HOMEOPÁTICA DE RAE



DIMENSÕES:

Instrumento:	Comprimento	227mm
	Largura	94mm
	Altura	90mm
Recipientes (cada):	Diâmetro interno	48mm
	Profundidade interna	62mm
	Capacidade interna	112cc
Peso total:		790g

INSTRUÇÕES - PREPARADOR MAGNÉTICO DE POTÊNCIA HOMEOPÁTICA DE RAE

É INDISPENSÁVEL QUE SE OBSERVE A SEGUINTE SEQÜÊNCIA DE OPERAÇÕES:

1. Para preparar uma potência a partir da amostra de qualquer substância:

- (a) Coloque a amostra, acondicionada em um frasco cilíndrico, no "recipiente de entrada".
- (b) Ajuste o seletor de potência para a potência requerida.
- (c) Coloque o veículo a ser potencializado (água destilada, "sac lac" umedecido, creme aquoso etc.) no "recipiente de saída", acondicionado num frasco cilíndrico de substância igual à usada no "recipiente de entrada" (ou seja, plástico em ambos, vidro em ambos etc.).
- (d) Aguarde no mínimo 10 minutos (um tempo superior a este não altera o efeito).

- (e) Retire o veículo potencializado do "recipiente de saída".
- (f) Retire a amostra do "recipiente de entrada".

2. Para preparar uma potência a partir de qualquer outra potência de uma dada substância: Coloque a potência conhecida no "recipiente de entrada" e observe a seqüência de 1. (a) a 1. (f) descrita acima. A potência a ser preparada pode ser maior ou menor que a potência conhecida.

3. (a) Em nenhum dos casos a amostra é destruída pelo processo, mas elevada a uma potência bastante alta (superior a 10MM), não devendo, pois, ser manuseada mais do que alguns segundos.
- (b) Isto não a torna inadequada para ser utilizada na preparação de outras potências, com a ressalva de que ela não deve ser ministrada por via oral na suposição de que não tenha sofrido nenhuma alteração.
- (c) Entretanto, caso se queira despotencializar a amostra de uma substância, basta depositá-la no "recipiente de saída", com o "recipiente de entrada" completamente vazio, livre até mesmo do frasco cilíndrico, ajustando o seletor de potências para 10MM durante no mínimo dez minutos.

4. Obviamente, é necessário esterilizar de imediato o frasco de "saída", caso tenha sido depositada nele alguma substância infecciosa ou potencialmente infecciosa.

APLICAÇÕES ESPECIAIS:

Uma vez que o instrumento é capaz de preparar potências de todos os aspectos dos conteúdos do frasco de "entrada", ele se presta especialmente para a preparação de:

- (i) Nosodes do sangue, da urina, da saliva etc., dos pacientes.
- (ii) Remédios para casos especiais, tais como o tratamento de alergias, como as causadas pelo pólen de uma determinada variedade de flor, o pêlo de um animal, gêneros alimentícios etc.
- (iii) Potências de pedras preciosas, quando a representação da característica terapêutica ultrapassa a composição química.
- (iv) Potências de compostos de substâncias (não, porém, potências de compostos de diferentes potências, pois os componentes seriam todos reduzidos ou expandidos à mesma potência).

Os detalhes e instruções para o uso do Analisador Magneto-Geométrico, dos vários Simuladores de Potência Magneto-Geométricos e do Preparador de Potência, foram aqui apresentados porque este livro se destina a servir de manual para que os praticantes possam recorrer a ele em suas atividades cotidianas. Isto se tornará mais evidente ainda nas últimas seções e capítulos do livro, quando muitos pontos serão abordados quanto aos aspectos práticos do tratamento através da radiônica.

Já dissemos que o Simulador de Potência pode ser usado como um instrumento, para o tratamento radiônico caso venha a ser ligado a um interruptor, de tal modo que o paciente possa ser tratado à distância. Por exemplo, se o paciente apresenta uma dor de ouvido e o remédio indicado é a beladona, então a amostra do paciente pode ser colocada no recipiente do instrumento, a potência do remédio ajustada no indicador e o interruptor acionado - assim, a figura da bela dona será efetivamente irradiada sobre o paciente. O simulador também foi usado no tratamento do solo e das plantas e, certa vez, o médico responsável de uma mina na África do Sul, preocupado com a alta densidade de mosquitos anofeles na área, realizou experiências utilizando esse método de radiodifusão. O telegrama que enviou de Pretória a Malcolm Rae, datado de abril de 1975, dizia:

ANOP GAMBIA EXPOSIÇÃO DEZOITO DIAS PARA ESTABELECEMOS PADRÃO - ÚLTIMAS LARVAS DAS
ÁREAS MAIS INFECTADAS NÃO CONTAM - GRAÇAS A VOCÊ - EMBAIXO COMO EM CIMA..... SEELOS

O mosquito anofeles porta o parasita da malária conhecido como plasmódio, o qual é transmitido ao sistema sangüíneo do homem quando a pele da vítima é perfurada por sua picada. Não resta dúvida de que esse médico deve ter se deleitado por encontrar um método de livrar-se dos mosquitos sem precisar saturar a área com DDT ou outros pesticidas, reduzindo assim as chances do quadro de funcionários da mina vir a contrair a malária.

Não pode haver dúvida, considerando-se as resmas de correspondência que eu pude ver, de que a instrumentação radiônica baseada nos princípios magneto-geométricos pode ser usada numa ampla variedade de casos para um número de finalidades igualmente variadas. Certamente eles poderão satisfazer as necessidades de qualquer praticante diligente e consciencioso, não importando qual seja a sua especialidade dentro da arte da cura.

A principal razão para o fracasso da ciência médica moderna é a de que ela trata das conseqüências e não das causas. Por muitos séculos, a verdadeira natureza das doenças tem sido mascarada pelo materialismo, e, assim, a própria doença prevalece-se de todas as oportunidades para ampliar as suas devastações, já que ela não é atacada nas suas origens. A situação pode ser comparada à de um inimigo fortemente entrincheirado nas colinas e que lança contrínuos ataques de guerrilha às regiões circunvizinhas, enquanto o povo, ignorando a praça-forte, contenta-se com reparar as casas atingidas e enterrar seus mortos em conseqüência da incursão dos saqueadores. Tal é, em termos gerais, a situação da medicina atualmente; não se faz mais que remendar os que são atacados e enterrar os que são mortos, sem que um único pensamento seja dirigido à verdadeira fortaleza.

As doenças jamais serão curadas ou erradicadas através dos métodos materialistas atuais, pela simples razão de que a doença não possui uma origem material.

Edward Bach. M.B., B.S., D.P.H.

CAPÍTULO 8

O Conflito Entre Energias e Forças

A doença é uma forma ativa de energia, que se manifesta através de forças que destroem ou provocam a morte. Por conseguinte, se a nossa premissa de base for correta, a doença também não deixa de ser uma forma de expressão divina, pois aquilo que conhecemos como sendo o mal é o reverso do que chamamos de bem.

Alice A. Bailey - Esoteric Healing

Para o prático ortodoxo da medicina, a doença é tida como um processo mórbido definido que dá origem a um certo número de sintomas que, em sua maior parte, são desencadeados por uma variedade de agentes físicos tais como as bactérias ou os vírus. A capacidade persistente dos últimos de se adaptar constantemente e modificar sua estrutura, frustrando assim as tentativas da ciência médica para destruí-los, fizeram com que eles se tornassem o alvo e principal responsável pelos incontáveis e misteriosos probleminhas de saúde que os pacientes apresentam nos consultórios de todo o mundo. Quando não se consegue especificar as causas, só pode ser algum vírus que se aproxima - e o paciente fica sabendo que há uma porção deles à sua volta, sejam quais forem, e então é-lhe recomendado que descanse e tome a última panacéia miraculosa à venda nas farmácias. O fato de mais de vinte e cinco por cento dos leitos dos hospitais estarem ocupados por pacientes que apresentam casos de iatrogenia, isto é, doença induzida pelo contato com o médico, não entra em consideração nesta concepção da doença e do tratamento que lhe caberia segundo os padrões quimioterapêuticos atuais. Até mesmo os estados de tensão nervosa e ansiedade, que possuem causas reconhecidamente não-orgânicas, recebem dos farmacêuticos, na maioria dos casos, um tratamento convencional à base de 500 comprimidos de tranqüilizantes e antidepressivos. A poluição instaurada no organismo dos indivíduos sob a máscara de normas médicas atinge proporções quase idênticas à da poluição do próprio planeta pelas mesmas indústrias químicas. Quando vejo crianças de seis anos dependentes do uso de tranqüilizantes ao lado de suas mães drogadas até às sobancelhas ou artríticos sofrendo alucinações em virtude de remédios receitados, então quero crer que nada vai bem no mundo da medicina, e que a materialidade de sua abordagem do problema da doença precisa ser urgentemente reconsiderada, particularmente à luz da ciência espiritual e das técnicas alternativas de cura.

Se quase todos os praticantes da medicina alternativa concordassem que as infecções causadas por vírus e bactérias constituem um aspecto demonstrável de muitos estados de enfermidade, não resta dúvida de que, em sua maior parte, eles tenderiam a argumentar que estas somente aparecem em número suficiente para se tornarem nocivas quando o solo do corpo em que elas próprias se instalam encontra-se em más condições e apresenta receptividade para o seu avanço. Em outras palavras, as bactérias e vírus não constituem a causa primária das doenças, e sim o seu efeito, que, ao estabelecer-se, passa a aparecer como causa. É a causa da doença que o praticante da radiônica deve visar, sendo que todo o processo de análise das condições de saúde tem o objetivo de identificar as causas básicas por trás de qualquer quadro de sintomas. Em muitos casos, a causa se encontra nos níveis sutis e somente pode ser interpretada em termos de desequilíbrio de energia que transtorna os diversos campos ou veículos do paciente. Naturalmente, estamos lidando com fatores subjetivos que não se deixam comprovar cientificamente e, não obstante, o tratamento baseado em tais descobertas pode mostrar-se dramaticamente eficaz.

Nada mais natural que o corpo físico, com o seu quadro de sintomas, acuda ao primeiro plano de nossa consciência, mas deve-se compreender que o corpo físico e, em larga medida, o corpo etérico, tão-somente espelha os problemas que jazem nos níveis astral e mental da consciência. Se isto é verdade, a natureza das doenças não é em absoluto física, só podendo ser compreendida em termos de energias e forças.

Em *Esoteric Healing*, de Alice Bailey, uma série de leis que dizem respeito ao verdadeiro médico é esboçada. A quinta lei fornece as causas básicas das doenças, e eu a transcrevo aqui, acrescentando entre parênteses a minha interpretação de sua escrita simbólica a fim de esclarecer o seu significado. Afirma ela:

Nada há que não seja energia, pois Deus é Vida. Duas energias (a do Espírito e a da Matéria) encontram-se no homem, mas outras cinco também se manifestam (a da alma, a do corpo mental, a do corpo astral e a do corpo físico-etérico, que somam quatro. A quinta é a energia que compreende a totalidade do eu inferior). A cada uma corresponde um ponto central de contato. O conruto dessas energias com as forças e das forças entre si produz as moléstias corporais do homem. O conflito entre as primeiras e as segundas estende-se por muitas gerações, até que o topo da montanha seja atingido - o topo da primeira grande montanha. O conflito das forças produz todas as doenças, enfennidades e dores corporais que procuram alívio na morte. As duas, as cinco e portanto as sete, mais aquela por elas produzida, possuem o segredo. Esta é a quinta lei da cura dentro dos limites do mundo da forma.

Se esta lei parece um tanto abstrusa, saiba então que ela é delibera. damente formulada desse modo a fim de ocultar o seu significado. O Dr. Edward Bach afirma exatamente a mesma coisa em seu panfleto intitulado *Heal Thyself*, portanto citarei as suas palavras a fim de esclarecer este ponto e, oxalá, simplificá-lo ao mesmo tempo.

A doença resulta, essencialmente, do conflito entre a Alma e a Mente, e jamais será erradicada senão por esforços mentais e espirituais.

E também:

É quando nossas personalidades são desviadas do caminho ditado pela Alma, quer em virtude dos nossos desejos terrenos, quer em virtude da persuasão excrcida por outrem, que surge um conflito.

Em essência, o que o Dr. Bach e Alice Bailey afirmam é que, quando o fluxo de energia da alma se depara com os campos de força de nossos vários corpos (que em si mesmos contêm outras reservas de forças que nós rotulamos através das palavras medo, ressentimento, ódio, ira, ciúme, orgulho), todos eles localizados nos corpos astral e mental, ou com miasmas, toxinas e outros poluentes do corpo etérico, temos uma situação que gera tensão, na medida em que a energia da alma colide com o foco de força em qualquer veículo. A tensão eventualmente gera a doença, que em última Instância precipita-se sobre o plano físico sob a forma de lesões orgânicas ou distúrbios psicológicos. Se a energia da alma fluir livremente através da personalidade e se expressar em forma de amor, paz e harmonia no plano físico, não haverá doença alguma. Se a força da vida circula por nós em toda a sua plenitude, por que então haveria ela de se manifestar como doença nos indivíduos em toda parte do mundo? Muito simples, porque no trajeto rumo à sua expressão ela se vê ante bloqueios que a impregnam com padrões de distorção, nós não nos achamos contentes, em muitos casos não somos capazes ainda de deixar a Mente Universal expressar o Seu propósito através da nossa pessoa... temos os nossos próprios desígnios, a nossa personalidade precisa se afirmar e lutar com a vida, ao invés de permitir que a vida Se expresse dócil e efetivamente. É isto que o Dr. Bach denomina o conflito entre a Alma e a Mente, e ele tem razão, pois os ensinamentos esotéricos exprimem categoricamente que a mente inferior é o assassino do Real. Entretanto, temos que nos haver com ela até que o eu inferior se tome uma unidade integrada e plenamente ativa, o que será de utilidade para a alma em seu plano projetado. A doença e o sofrimento não passam, afinal de contas, de efeitos secundários que são deixados de lado quando a personalidade finalmente capitula perante a alma e o cimo da montanha é alcançado.

Sempre nos deparamos com o tema do conflito entre as várias energias e forças no homem como uma das causas das doenças. Ethel Belle Morrow, em seu livro *The Unseen Link*, escreve:

À medida que pensa, o homem domina o seu corpo ou permite que o seu corpo o domine. Através dos efeitos de seus próprios pensamentos, ele produz em si mesmo doença e destruição, e o círculo vicioso continua; as enfermidades e os males físicos produzem, através de reações, emoções, recalques, revoltas e inseguranças, até que o ser de perfeição, que é o homem virtual, é derrotado pelos poderes da carne. Os pensamentos tornam-se reflexos condicionados, assim como as características e habilidades do corpo, e a carne acaba por dominar a mente desse modo, tal como os efeitos tomando parte na causa.

E:

Se o homem domina a mente, ele consegue sujeitar o corpo; dos pensamentos positivos provém uma parcela de forças para contrabalançar as forças que mantinham o corpo à mercê da doença. As atitudes e experiências

do homem constituem reações do pensamento e resultam de forças conflitantes; ao controlar estas, o homem consegue realizar mudanças bastante significativas.

E:

Uma vez que o campo magnético do homem acha-se continuamente em contato com outros campos magnéticos, nos quais as ações exercidas pelas forças positivas e negativas consistem de atrair e repelir umas às outras, o homem quase sempre é contaminado pelo intercâmbio destas forças, que assume a forma de germes de doenças, pragas ou então um campo físico subnormal. O homem necessita neutralizar as suas forças internas para que elas sejam sujeitadas à Força Única.

E:

Uma falta de controle no corpo e em seu campo magnético é a causa de muitos distúrbios. Se o corpo é inteiramente controlado, as sensações de dor, ira, angústia, fome, calor e frio podem ser controladas, assim como o amor, o ódio, os desejos, as resistências, as emoções e as disposições que, a menos que controladas pela neutralização das forças do pensamento que permitem o fluxo da Força Única, serão perniciosos tanto para a mente como para o corpo.

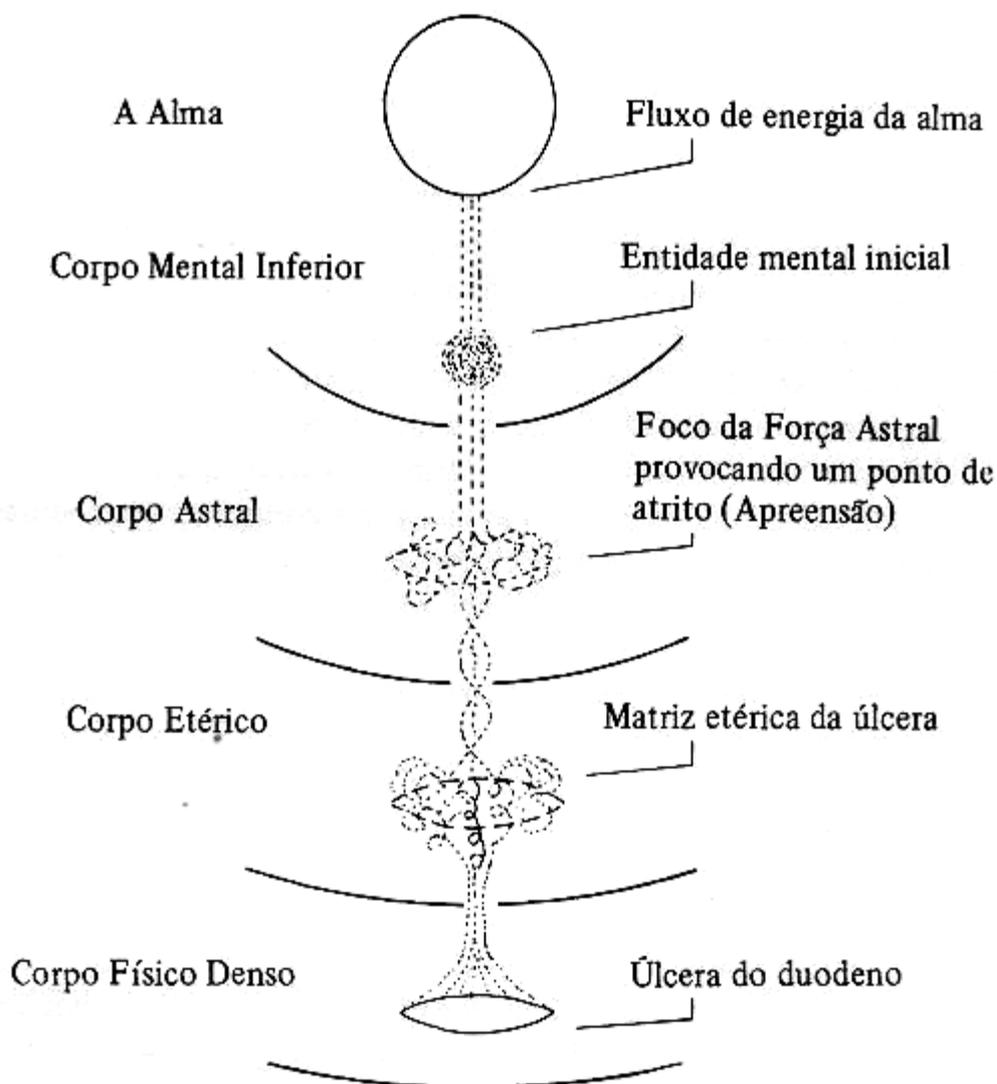
Na medicina oriental, particularmente na acupuntura, a prática é inteiramente fundamentada nas forças primordiais do yin e do yang. O equilíbrio desses opostos no interior dos sistemas de energia do homem proporciona a saúde, ao passo que o excesso ou a falta de uma ou outra das forças exprime-se sob a forma de doença. A saúde se manifesta quando se verifica uma unidade de propósitos entre a alma e a personalidade, a qual já evoluiu para um estado de capitulação ao desígnio superior. No *The Yellow Emperor's Classic of Internal Medicine*, Ch'i Po, dialogando com o Imperador, afirma: "A máxima perfeição na arte da cura pode ser alcançada quando há unidade." O Imperador indaga: "O que se entende por unidade?", ao que Ch'i Po responde:

Quando a mente das pessoas é fechada e a sabedoria não é aceita, elas permanecem atadas à doença. Contudo, seus sentimentos e desejos devem ser investigados e conhecidos, seus anseios e opiniões devem ser seguidos; torna-se evidente, então, que aqueles que obtiveram vitalidade e energia medram em prosperidade, ao passo que perecem aqueles que perderam sua vitalidade e energia.

Até que o combate entre a alma e seu mecanismo termine com a rendição da inferior à superior, sempre haverá conflito entre estas forças duais. O tempo e a experiência constituem fatores que eventualmente podem livrar o homem dessa situação, na medida em que ele aprende a cada nova crise de consciência a procurar pela Força Única e seguir conscientemente este sábio conselho: "Não resistas ao mal." Um antigo aforismo traz a mesma mensagem de rendição que leva o homem das trevas para a luz e das ruínas da doença para a harmonia. Afirma ele:

Cessa teus afazeres. Não trilhes o Caminho até que tenhas aprendido a arte de ficar imóvel. Observa a aranha, irmão, que não se emaranha na sua teia como tu te achas hoje emaranhado na tua.

Os veículos da mente e as emoções trazem o conteúdo das nossas ambições, intentos e esperanças, dos nossos temores e desejos, e, por conseguinte, todos ou pelo menos aqueles que não estão de acordo com o desígnio interior, têm de ser descartados, pois enquanto eles permanecerem haverá conflitos e doenças. O diagrama que se segue pode ajudar a esclarecer esse ponto relativo ao choque entre a energia da alma e as forças contidas nos veículos sutis.



O fluxo de energia da alma se defronta com uma entidade mental engendrada pela atividade do pensamento correlacionada com um determinado fator da experiência de vida do indivíduo. Isso alcança proporções mais poderosas quando a matéria astral encontra-se sob a forma de apreensão. Quando suficientemente potente, a energia dessa forma astral imprime seu padrão distorcido à matriz etérica, para finalmente emergir no corpo físico como uma úlcera. Toda doença é, em certo sentido, um "remate" das distorções verificadas no fluxo de energia sobre os níveis interiores da consciência.

Todo o processo da doença nos vários corpos do homem é ao mesmo tempo algo incrivelmente complexo e simples. Quando se se depara com semelhante paradoxo, é difícil saber o caminho a seguir; detalhes em demasia só confundem, detalhes escassos podem não atender às necessidades do praticante. Certamente, não há espaço neste livro para tratar desse assunto em pormenor, de modo que tentarei apresentar o que considero alguns fundamentos, capazes de fornecer ao leitor uma série de pontos de partida para matérias que poderão ser exploradas mais intensivamente com o correr do tempo. Acima de tudo, desejo ater-me ao tema da "simplicidade essencial".

Tendo ventilado o conceito fundamental de que a doença surge do choque e das distorções do fluxo de energia no interior e através da anatomia sutil do homem, podemos agora seguir em frente e considerar certos aspectos disso mais detalhadamente. Para tanto, acho que seria melhor subdividir o capítulo em várias séries de tópicos, a fim de delinear claramente cada área que vamos cobrir.

FATORES CAUSADORES DE DOENÇAS NO CORPO MENTAL

Os partidários do movimento New Thought e da Christian Science, que realizam um primoroso trabalho de cura, alegam que a doença se origina na mente do homem. Outras escolas esotéricas de pensamento frisam que o homem precisa ainda desenvolver de modo mais integral a sua mente para que esta possa se tornar uma fonte

verdadeiramente poderosa de doenças. Eles concordam em que a mente se acha em certa medida implica da, mas não a ponto de excluir tudo o mais e que, devido ao fato de o homem se achar polarizado ou centrado primariamente em seu veículo astral, este se constitui inevitavelmente na principal fonte de distúrbios. Os pensamentos, se possuem uma motivação íntegra e são expressados com clareza, não são fontes de problemas - estes começam quando um pensamento é obliterado, recalcado sobre o plano das emoções. Aqui novamente tocamos a questão da mistura correta de kama-manas (sentimento-mente), em que os corpos astral e mental acham-se tão mesclados entre si que se torna difícil distinguir o pensamento da atividade astral.

Uma das leis fundamentais da Mente Universal é a lei dos ciclos ou da periodicidade que rege todas as atividades e processos da Natureza. O homem civilizado não preza essa lei, que se configura no plano mental e, assim, pode-se dizer que ele engendra padrões de doença neste nível. Nenhuma outra criatura infringe tanto essa lei como o homem. Seja, por exemplo, seu regime de sono: deita-se tarde, acorda quase sempre em estado de torpor, sai às pressas para o trabalho, sem se alimentar devidamente. Trabalha em estado de tensão o dia inteiro, fuma, mordisca um sanduíche, cuja digestão tem de ser acompanhada por uma caneca de cerveja. Trabalha à noite, dá a volta ao mundo num jato e freqüentemente trabalha horas a fio, às vezes sete dias por semana. Ora, a personalidade tem o seu regime próprio, pelo menos é o que nos atesta a experiência; no entanto, a lei dos ciclos é seguidamente quebrada. Um animal, em condições normais, dorme, se alimenta e descansa segundo ciclos bastante definidos, mantendo assim o seu equilíbrio com respeito à lei do ritmo e dos ciclos. O homem civilizado conseguiu transgredir essa lei em grande escala, sendo que o estado de saúde geral da humanidade é um reflexo desse fracasso em conformar-se com os processos cíclicos próprios da Natureza. A ciência moderna tende a incitar o homem nesse sentido, e um exemplo disso é a pílula anticoncepcional, que interfere totalmente no fluxo cíclico normal das energias e funções endócrinas da mulher, quebrando um aspecto absolutamente básico da lei do ritmo que lhe é inerente, bem como ao ato sexual. Em termos médicos, decorrem uns poucos acidentes do uso da pílula, o mais comum sendo o estado trombótico passageiro. Em termos estatísticos, e isso raramente nos é dito, a porcentagem é de 100% para a mulher, que morre em virtude dos distúrbios provocados pelo uso da droga em seu corpo. O que não se conhece são as repercussões que poderiam ecoar ao longo do tempo sobre outras vidas ainda por vir; a Natureza possui uma memória infalível e sempre procura trazer para casa suas lições mais importantes, e uma delas é a de que a lei dos ciclos não pode ser quebrada sem acarretar alguma espécie de efeito, se não agora, certamente mais tarde. Outra dádiva da medicina moderna à humanidade, dádiva que viola frontalmente a lei, são os partos induzidos realizados nas maternidades de muitos hospitais. Isto, para a jovem futura mãe, é feito em seu benefício, e em alguns casos é mesmo, ou pelo menos parece que é. Em outros, e estes são a maioria, é apenas para que o médico ou o pessoal do hospital não seja incomodado pela chegada desordenada dos bebês conforme as disposições da Natureza e do princípio vital que a habita. Nenhum médico quer ser chamado no meio da noite ou deixar de lado o seu jogo de golfe quando todo o processo pode ser mecanizado através de uma simples injeção, sem alterar a rotina do hospital.

A quebra da lei dos ciclos predispõe o homem para a doença, cria conflitos de energia em seu organismo, abrindo as portas para as infecções. Se ele conservasse a pureza de pensamento, veria que a sua vida decorre ciclicamente de modo natural e nada haveria em seu corpo mental que pudesse proporcionar um foco para que os traços da doença se originassem à sua volta.

FATORES CAUSADORES DE DOENÇAS NO CORPO ASTRAL

Certos estados que se verificam no corpo emocional do homem constituem um dos focos mais poderosos de doença com que o praticante terá de se haver. A atividade desse corpo, quando ele se encontra indevidamente agitado ou tenso, tem um efeito deletério sobre o corpo etérico, o qual não tardará a espelhar os distúrbios num nível mais sutil. Em seu livro *O corpo astral*, Arthur Powell afirma:

O homem desenvolvido possui cinco padrões de vibração em seu corpo astral: o homem comum apresenta pelo menos nove padrões, além de combinações diversas de padrões intermediários. Muitas pessoas possuem cinquenta ou sessenta padrões, e sua superfície é fragmentada por uma multiplicidade de pequenos vórtices e correntes cruzadas, chocando-se umas contra as outras numa terrível confusão. Isso é o resultado de emoções e ansiedades desnecessárias, que no homem comum do Ocidente formam um verdadeiro amontoado, dissipando assim grande parte de suas energias.

Um corpo astral que vibra à razão de cinquenta intensidades por vez não se acha apenas desfigurado, constitui também uma séria penurbação. Pode-se compará-lo a um corpo físico que padece de uma forma agravada de paralisia, com todos os seus músculos sacudindo-se simultaneamente em todas as direções. Tais efeitos astrais são contagiantes e afetam toda pessoa sensitiva que se encontra nas proximidades, transmitindo uma penosa sensação de agitação e ansiedade. É justamente porque tantos milhões de indivíduos são

desnecessariamente afetados por toda sorte de desejos e sentimentos que uma pessoa sensível encontra tanta dificuldade em viver numa grande cidade ou em caminhar por entre a multidão.

O Dr. Edward Bach foi uma dessas pessoas que, devido à sua sensibilidade cada vez mais acentuada, teve de deixar Londres e buscar a calma do campo. Sua condição de sensitivo atingiu tal intensidade que quando ele colocava a pétala de uma flor sobre a língua os desequilíbrios mentais e emocionais que a ação desta visava a curar manifestavam-se na sua própria pessoa. Através desse método desagradável e penoso, ele conseguiu no entanto reunir os medicamentos que mais tarde se tornariam conhecidos como os Remédios Bach.

Continua Powell:

Os contínuos distúrbios astrais podem até mesmo agir sobre o duplo etérico e originar doenças nervosas. Os centros de inflamação no corpo astral equivalem aos furúnculos no corpo físico - não apenas são extremamente desagradáveis, como também constituem pontos fracos através dos quais a vitalidade se extravasa. Não oferecem praticamente nenhuma resistência às influências malignas e impedem que as influências benéficas sejam proveitosas. Infelizmente, tal estado é bastante comum: a solução é eliminar a ansiedade, o temor e os aborrecimentos.

Alice Bailey, em seu livro *Esoteric Healing*, afirma a propósito do corpo astral:

Reações emocionais despropositadas e más condições de saúde no corpo astral podem se constituir num poderoso foco de mal-estar e doenças... A agitação verificada nesse corpo, qualquer esforço excessivo executado sob tensão nervosa, ansiedade extremada ou irritação prolongada provocarão uma descarga de energia astral sobre e através do centro do plexo solar, causando grande perturbação no seu funcionamento. Tais efeitos verificam-se a seguir no estômago, no pâncreas, no canal biliar e na bexiga. Poucas pessoas (e eu me pergunto se haveria alguém imune a isso a esta altura da história do mundo) estão livres de indigestão, de perturbações gástricas ou de problemas relacionados com a vesícula biliar.

Dessa forma, os fatores primordiais a serem considerados por qualquer praticante da radiônica ao fazer uma análise são aqueles que podem se verificar na vida astral do paciente. Se aversão, ira, pessimismo, medo, complexos de inferioridade e superioridade, repulsa intensa e outras inúmeras reações emocionais turvam a claridade do corpo astral, então deve-se checar cuidadosamente esses pontos, e o tratamento deve procurar ajudar o paciente a remover o maior número deles de sua consciência. Os Remédios Bach constituem uma excelente forma de tratamento para os distúrbios astrais, como veremos adiante. Da parte do paciente, o cultivo de uma atitude de lisura de pensamentos, palavras e atos muito contribuirá para a purificação do corpo astral e para a livre circulação das forças vitais.

Quando as ambições de uma pessoa não conseguem se concretizar e a frustração impregna o corpo astral por um período de tempo, desencadeia-se uma singular interação entre as energias da Vida e da Consciência, armazenadas, respectivamente, no coração e na cabeça e que fluem ao longo da espinha, e as forças prânicas que demandam o baço na região do chakra do plexo solar.

Tente visualizar as energias da Vida e da Consciência fluindo para baixo, e as do prana solar atravessando o baço em ângulo reto com relação às primeiras, formando, com efeito, uma cruz de correntes de energia. Tais energias encontram-se na região do plexo solar, que é a sede da vida astral do indivíduo; se as ambições da pessoa são contrariadas, a carga de energia que circularia normalmente, se tais ambições fossem concretizadas, começa a refluir e a se acumular, já que ela não se exterioriza. Pois bem, como existe neste ponto este vínculo estreito entre o centro do coração, o sangue e as forças vitais prânicas que circulam pelo sangue, a carga excessiva de energia que se verifica começa a afetar o sangue, o que, em certas condições, pode resultar em malignidade. É inevitável que um composto de substâncias mentais, astrais e etéricas exerça atração sobre a matéria física, e assim pode se originar um tumor como via de expressão da energia da ambição frustrada. Isso, claro, é uma simplificação da dinâmica de algumas malignidades; deve haver ainda um bom número de outros fatores e variáveis que nos afetam. A cura de muitas perturbações astrais, incluindo esta, pode ser encontrada no cultivo de uma atitude de aceitação. Aceitação do que somos, do lugar em que nos encontramos e das condições da nossa existência, não no sentido negativo, mas dinâmico, de conformar o nosso ser à vontade superior e permitir que a Vida expresse o Seu propósito.

Para um clarividente, o corpo astral manifesta-se sob a forma de um turbilhão de luzes, de aspecto muito semelhante ao do corpo físico, envolvido por uma aura de cores rutilantes e volteantes, assemelhando-se à aurora boreal. Tais cores variam rapidamente, flutuam e oferecem uma exposição direta do conteúdo emocional do corpo astral. Os teosofistas afirmam que as seguintes cores indicam estados emocionais específicos, que relacionarei aqui porque elas podem ser usadas como um guia para analisar esse corpo. Na medicina psiônica, as bactérias e vírus são agrupados a partir de uma cor determinada a fim de apressar e facilitar os diagnósticos, sendo que o Dr. Guyon Richards adotou o mesmo princípio em seu trabalho após descobrir que cada

microorganismo possuía uma ou mais cores predominantes que o identificavam. Para os nossos propósitos, a determinação das cores predominantes do corpo astral servirá como um guia para a natureza emocional do paciente.

Preto	Ódio e malícia
Vermelho	Ira
Escarlate	Impaciência
Escarlate brilhante	Indignação ativa e justa
Vermelho-pálido	Sensualidade
Cinza-pardo	Egoísmo
Vermelho-pardo	Avareza
Marrom-esverdeado e escarlate	Ciúme
Cinza	Depressão
Cinza-pálido	Medo
Carmesim	Amor egoísta
Rosa	Amor altruísta
Rosa e lilás	Amor espiritual pela humanidade
Laranja	Ambição e orgulho

Amarelo	Intelecto
Ocre apagado	Intelecto a serviço de fins egoístas
Goma-guta clara	Intelecto a serviço de fins superiores
Amarelo-pálido	Intelecto a serviço de fins espirituais
Dourado	Intelecto aplicado à filosofia
Verde	Capacidade de adaptação
Verde-pardo	Falsidade e astúcia
Verde-esmeralda	Versatilidade, ingenuidade, desenvoltura e altruísmo
Azul-pálido esverdeado	Capacidade de adaptação, compaixão, simpatia profunda
Verde-maçã	Intensa vitalidade
Azul-suave	Devoção às realidades espirituais
Violeta	Afeição e devoção
Azul-lilás	Aspirações espirituais superiores

Rudolf Steiner nota que, nos termos da Ciência Espiritual, a relação entre os corpos etérico e astral apresenta uma estreita relação com o teor de ferro do sangue e que o regime de entrada do ferro afeta a circulação do sangue e o funcionamento dos rins. Os fenômenos de paralisia de certos músculos também estão relacionados ao mau funcionamento de certas forças do corpo astral, e assim vemos que é possível começar a entender estes aspectos sutis do homem através da observação de vários fatores objetivos. Os escritos de Steiner constituem um guia inestimável, capaz de ajudar qualquer praticante à ilusória lacuna entre os universos objetivo e subjetivo.

FATORES CAUSADORES DE DOENÇAS NO CORPO ETÉRICO

O corpo etérico é conhecido por vários nomes; alguns se referem a ele como corpo vital ou duplo etérico e, mais recentemente, o termo corpo eletrodinâmico passou a ser usado e os cientistas russos o denominam corpo bioplasmático. Basicamente, é esse corpo que serve para ligar o organismo físico às formas astrais e mentais sutis. Trata-se de um absorvedor das energias solares, que são por ele transformadas e transmitidas a todas as partes do corpo físico denso por intermédio de inos filamentos de energia conhecidos como "nadis" que, pela moderna terminologia, seriam chamados de transdutores, pois seu papel é essencialmente passivo; eles não produzem energia, mas simplesmente conduzem os impulsos dos níveis superiores para a forma física. Assim, refletem qualquer disposição doentia encontrável nos corpos astral e mental.

Para a visão do clarividente, ele aparece como um corpo de correntes cintilantes de energia que tendem a dimanar em ângulos retos com relação ao sistema nervoso central. Nos estados de enfermidade, este corpo não absorve com a necessária presteza os fluidos prânicos do Sol e, por conseguinte, o nível de vitalidade declina e os nadis ou filamentos de energia tornam-se mais debilitados. Se esse estado de coisas perdurar por mais algum tempo, a matriz etérica torna-se tão rarefeita que não consegue mais sustentar as células físicas e manter a estabilidade da patologia orgânica, e então sucede a desintegração.

Em seu livro *The Vital Body*, o rosa-cruz Max Heindel escreve:

Quando sadio, o corpo vital desenvolve uma superabundância de forças vitais que, após circularem pelo corpo denso, propagam-se em linha reta a partir de sua periferia em todas as direções, tal como os raios de um círculo a partir de seu centro; porém, quando enfermo, o corpo vital torna-se debilitado e não consegue mais prover a mesma quantidade de energias, com o agravante de que o corpo físico denso passa a nutrir-se dele.

Então, as linhas do fluido vital que atravessam o corpo decaem e se curvam, evidenciando a ausência de energias em sua retaguarda. Nos estados saudáveis, a intensa energia dessas radiações engendra germes e micróbios prejudiciais à saúde do corpo denso; nos estados de enfermidade, porém, quando a força vital está enfraquecida, essas emanações não eliminam de imediato os germes das doenças. Portanto, o risco de contrair doenças é muito maior quando as forças vitais se acham debilitadas do que quando estamos sadios.

Tratei do dinamismo da recepção e distribuição prânicas no meu livro *Radionics and the Subtle Anatomy of Man*; vejo-me portanto desobrigado de fornecer aqui maiores detalhes sobre o assunto. A questão que surge a esta altura é a seguinte: se o corpo etérico é um espelho dos estados de desequilíbrio verificados em outros corpos, não poderia a doença também originar-se nele independentemente? A resposta é simplesmente sim! Para isso, há um certo número de razões, sendo importante para qualquer praticante compreendê-las, pois trata-se de fatores que se manifestarão na maioria dos casos analisados por intermédio da radiônica.

O primeiro ponto a considerar é que os nossos corpos etérico e físico denso conformam-se à substância etérica e física do planeta. Esta matéria, segundo a tradição esotérica, possui origens bastante antigas e, em virtude disso, se acha altamente contaminada. Durante eras a fio, os corpos infectados de homens e animais têm sido colocados debaixo da terra, o que resultou numa intensa, conquanto sutil, poluição da matéria que assimilamos para construir os nossos veículos de manifestação. A tradição esotérica vai mais longe ainda e afirma que toda doença se deixa classificar segundo três categorias, as da sífilis, tuberculose e câncer, e que todas estas são inerentes à substância etérica e física do nosso planeta. Assim, todos estamos potencialmente sujeitos a acolher estas predisposições à enfermidade em nossos corpos etérico e físico, sendo que o nosso regime de vida poderá contribuir tanto para traduzi-las em atividade, quanto para mantê-las latentes. Eis aí uma indicação segura do valor de um regime sadio de vida, capaz de manter o corpo etérico num estado radioso.

Em seu livro *Esoteric Healing*, Alice Bailey escreve:

Deve-se ter em mente que os corpos físicos que servem atualmente de habitação à humanidade são constituídos de uma matéria bastante antiga e que a substância empregada para isso pode estar corrompida ou condicionada pela história passada. A este, devem-se acrescentar mais outros dois conceitos: primeiro, o de que as almas que chegam assimilam por si mesmas o tipo de material com o qual constroem suas camadas exteriores, e isso responderá por determinados traços de suas naturezas sutis... segundo, o de que cada corpo físico traz em si as sementes da inevitável retaliação, caso suas funções sejam malversadas.

Samuel Hahnemann, o fundador da homeopatia, admitia que o homem traz dentro de si os germes da doença e, a tais predisposições mórbidas, ele denominou miasmas. Estes são conhecidos como sarna, pseudo-sarna, sífilis e sicose. Hahnemann chamava a sarna de "Mãe de todas as doenças", sem a qual nenhuma outra doença pode se manifestar. A respeito disso, declarou ele: "A sarna é a mais antiga, a mais comum, a mais nefasta e, não obstante, a menos conhecida de todas as doenças miasmáticas crônicas, que vem há milhares de anos desfigurando e flagelando as nações." Ele também tinha plena consciência de que estas discrasias não possuíam uma origem física mas uma origem sutil, relacionada com as forças vitais. A esse respeito, ele escreveu:

Quando uma pessoa adocece, apenas essa força vital espiritual, autônoma (automática), presente em todas as partes do organismo, é que é perturbada pela influência dinâmica de um agente morbífico prejudicial à vida; apenas a força vital, reduzida a esse estado anormal, é capaz de provocar no organismo suas sensações desagradáveis e de predispor-lo ao processo irregular que chamamos de doença.

Miasmas e infecções podem ser herdadas ou adquiridas, e sua presença sempre solapa a saúde do indivíduo em maior ou menor escala, não apenas de um ponto de vista orgânico. como também nos níveis mentais e emocionais. Toda doença que contraímos na infância pode deixar na sua esteira toxinas capazes de exercer efeitos dos mais deletérios sobre a saúde, como o sarampo, por exemplo, doença particularmente desagradável e de sérias conseqüências para a vida posterior do indivíduo. A medicina ortodoxa naturalmente alega que não existe qualquer prova científica para esta afirmativa feita por radiestesistas e praticantes da radiônica; porém, nos Estados Unidos, os médicos acabaram por atribuir as mortes misteriosas de colegas mal chegados à casa dos vinte anos (cerca de 200 óbitos anualmente) ao que eles denominaram "um vírus latente de sarampo", que permanecera inativo desde que a doença se manifestara pela primeira vez ou desde o tempo em que haviam recebido vacinas do vírus debilitado. Tais mortes são casos extremos, atingindo em sua maioria jovens aparentemente saudáveis, pessoas que simplesmente passam toda a vida doentes devido à ação das toxinas por intermédio de vírus ou bactérias, que atacam o corpo etérico e o desvitalizam, até que afinal os problemas orgânicos possam se manifestar.

No momento em que escrevo estas linhas, registra-se uma acesa polêmica na imprensa sobre os males causados às crianças pela vacinação. As crianças são irreparavelmente prejudicadas pelos efeitos de algumas vacinas e reduzidas à condição de trapos para o resto de suas vidas. A vacina específica que motivava os ataques era a que se destinava a combater a coqueluche, mas a verdade é que todas as vacinas provocam a diminuição da força vital no interior do corpo etérico. Os defensores das campanhas de vacinação salientam, com inteira razão, que apenas uma pequena minoria de crianças é prejudicada, mas esta é a mesma velha história do caso das pílulas e da trombose, e, se é de você e seu filho que se trata, então não tenha dúvida, a cifra é de 100%. Contemplar uma criança outrora saudável paralisada ou incapacitada pela vacinação, só porque se trata de um procedimento corrente na medicina, é um espetáculo patético. As lesões cerebrais jamais seriam um espetáculo atraente, e saber que uma vida foi ceifada em conseqüência de uma decisão do Estado no sentido de incentivar os pais e, muitas vezes, literalmente intimidá-los a vacinar seus filhos, é algo que dá o que pensar. Seguramente, até mesmo um milhão de libras gasto na investigação do uso de nosodes homeopáticos para as doenças infantis seriam dinheiro mais bem empregado. Eles são tão eficazes quanto as vacinas - pelo menos foi o que pude comprovar a partir de minha experiência bastante limitada - e não causam efeitos colaterais de nenhuma espécie. Obviamente, a medicina tradicional nada quer saber a respeito disso, pois não é "científico".

A radiônica e as técnicas radiestésicas constituem o meio ideal para assinalar a presença de quaisquer miasmas e toxinas no sistema. O Dr. George Laurence passou anos aperfeiçoando a Medicina Psiônica, * através da qual ele ajudou muitas pessoas a recobrar a saúde. Todos os casos analisados revelaram a presença de miasmas e toxinas que perturbavam a função das forças etéricas formativas do corpo e, em última instância, da proteína da célula. Laurence conseguiu determinar não apenas as disfunções, como também os remédios homeopáticos capazes de erradicar os miasmas ou as toxinas bacteriológicas e virulentas. Sei, por experiência pessoal, quão eficaz é essa forma de tratamento, e que os mesmos resultados podem igualmente ser obtidos por meios radiônicos. Seria interessante saber que, desse modo, se poderia prestar uma inestimável ajuda às crianças que apresentam claros sinais de lesão cerebral devida à vacinação. Asma e eczema causados pela vacinação foram curadas pela Medicina Psiônica. Outro fator importante é que as predisposições mórbidas herdadas podem ser detectadas e eliminadas nas crianças, a fim de que não sejam transmitidas às futuras gerações.

A integridade do corpo etérico é mantida e intensificada por uma dieta natural. à base de alimentação integral, ar puro, Sol, o uso do mel como adoçante, exercícios, uma postura de relaxamento, o uso criterioso da água, tanto interna como externamente, e um ritmo harmonioso de respiração. Distúrbios emocionais e mentais debilitarão o corpo, o uso de drogas dá aos nadis um aspecto um tanto semelhante ao das cordas frouxas de uma raquete de tênis, e nunca se deve esquecer que o corpo etérico responde de imediato ao pensamento. As advertências feitas anualmente por "especialistas" da medicina, através das cadeias de rádio e de televisão, de que alguma epidemia de poliomelite ou gripe está no ar constituem um método seguro para instituir o estado de receptividade ideal a essas doenças na população. Premidos pelo medo à doença, muitos tomam suas doses de injeções tão-somente para estimular a propagação da infecção; outros relatam que deixaram de passar bem desde que tomaram as injeções, que é muito natural quando se considera que uma substância venenosa foi introduzida no corpo.

A tomada de consciência cada vez mais ampla do público quanto aos riscos inerentes à aplicação de vacinas e aos efeitos colaterais dos remédios receitados é indicativa de mudanças no horizonte. A nova consciência que as pessoas manifestam com relação a vitaminas, alimemos naturais nãoindustrializados e à prática da loga é

indicativa da revelação que se avizinha do corpo etérico. Quando isso acontecer, a própria medicina transformará-se radicalmente, tomando-se menos materialista em sua abordagem da cura.

OS CHAKRAS E A DOENÇA

A correta compreensão dos sete principais chakras da espinha e de suas funções é essencial para o praticante da radiônica, pois são os chakras que mantêm o corpo num todo coerente e vital. Tais centros constituem pontos focais através dos quais a alma expressa a sua ação vital e as suas propriedades nos planos inferiores da consciência. É através deles que a energia vital emana, alimentando a ação das glândulas endócrinas e a integridade de certas partes do corpo. A saúde de qualquer indivíduo depende inteiramente do seu funcionamento correto. Na medida em que a recepção, assimilação e distribuição destas energias se dá de modo equilibrado, a saúde se manifesta espontaneamente. Um certo número de problemas relativos ao funcionamento dos chakras pode surgir, ocasionando enfermidades, e são estes fatores que eu pretendo examinar agora, sublinhando que o perfeito funcionamento dos centros constitui um dos principais fatores para a boa saúde.

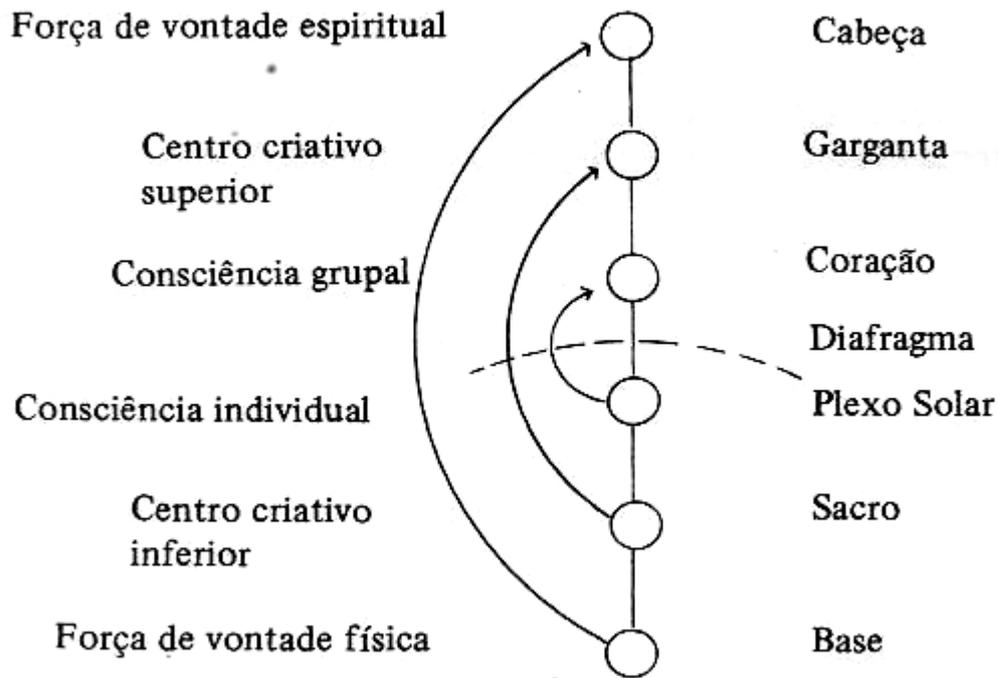
O desequilíbrio no funcionamento de um chakra pode ocorrer por várias razões, cada uma das quais pode ser contornada ou eliminada através do tratamento radiônico.

1. Certas atitudes e atividades predominantes nesta vida, ou em vidas passadas, podem gerar um estado de sobrecarga num ou em vários chakras. Pela mesma razão, alguns chakras podem estar inativos. Assim, é importante, em qualquer diagnóstico, saber o estado em que se encontra cada um dos chakras, estado que poderá corresponder a uma destas três categorias: atividade excessiva - atividade insuficiente - atividade normal. Determinar cada um desses níveis de atividade é algo absolutamente indispensável para qualquer diagnóstico dos centros e da anatomia sutil em geral.

2. Podem ocorrer lesões à substância sensitiva especial que entra na composição de um chakra. Isso pode ser causado por traumas físicos, choques ou tensões emocionais súbitas ou contínuas. Por exemplo, um paciente masculino outrora saudável, na casa dos quarenta, dedicando-se a trabalhos manuais, passou por ataques crônicos de asma até o dia em que encontrou uma morte relativa. O choque havia perturbado radicalmente o funcionamento de seu chakra da garganta.

3. Em conseqüência dos fatores acima, os chakras podem ser bloqueados e sua capacidade para receber e distribuir energia é prejudicada. Se o bloqueio ocorre na entrada do centro, então a energia que para ali flui será obstada. Em vez de fluir livremente para o exterior e encontrar expressão, ela refluirá tal como a água por um rio represado, causando o aparecimento de um foco de irritação no seu ponto de origem, podendo este estar situado no nível astral ou mental. Os bloqueios podem ocorrer também nos pontos em que a energia sai dos chakras e alcança a glândula endócrina, concentrando-se neste ponto até alcançar uma intensidade que lhe permitirá investir contra o bloqueio. A conseqüência disso é o funcionamento indevido da glândula endócrina associada ao chakra em questão. Os chakras podem, pois, ser bloqueados tanto na entrada como na saída, ambas as situações gerando desequilíbrios no fluxo de energia e, em última análise, estados patológicos de natureza mental, emocional ou orgânica.

Muitos problemas de saúde surgem também durante o processo de transferência da energia dos chakras situados abaixo do diafragma para os de cima. Tal processo geralmente se desenrola de modo muito lento nas suas etapas iniciais, sendo porém acelerado quando o indivíduo disciplina a sua vida a fim de poder avançar mais rapidamente pelo Caminho. Todo o processo de transferência de energia é bastante complexo, não se reduzindo em absoluto a um puro e simples escoamento, conquanto ele seja figurado de tal modo por razões de ordem prática. Como mencionei em *Radionics and the Subtle Anatomy of Man*, os chakras situados abaixo do diafragma estão relacionados aos fatores mais mundanos da vida, entre eles a procriação e os processos digestivos. As energias do chakra da base são transferidas para a cabeça, as do sacro para a garganta e as do plexo solar para o coração. Diagramaticamente, temos a seguinte figura:



Neste exemplo, os dois chakras da cabeça estão reduzidos a um único círculo, por simples comodidade de representação. A certa altura do processo múltiplo de transferência de energias, todas as propriedades das energias encontradas na base, no sacro, no plexo solar, no coração e na garganta concentram-se sobre o chakra da testa, antes de sua "submissão" aos chakras da cabeça. A crise microcômica se dá quando a personalidade ou eu inferior rende-se à alma, surgindo então o Novo Homem, pronto para servir em altruístico e grande estilo à humanidade.

Cada caso que se apresenta à análise radiônica envolverá em maior ou menor grau problemas advindos da transferência de energia. Os centros situados abaixo do diafragma muitas vezes poderão estar excessivamente ativos, e quando essa energia começar a causar impacto sobre os centros superiores correspondentes, que obviamente não se encontrarão tão ativos, inevitavelmente surgirão inúmeros conflitos, gerando toda sorte de problemas orgânicos e psicológicos. Jamais se deve esquecer que transferência de energia é transferência de consciência, e, quando o foco de consciência de qualquer sistema de energia é deslocado, inevitavelmente surgem problemas. Saiba também que esses problemas não se deixarão atenuar facilmente pelo emprego da terapia radiônica, pois eles formam uma parte e uma parcela da evolução do indivíduo e não podem ser varridos simples mente com o girar do botãozinho de um seletor. Entretanto, uma vez que o praticante compreende o que se passa, ele estará em melhores condições para ajudar o paciente. Agora, não estou sugerindo que ajudar o paciente dessa forma significa dar-lhe ciência de todos os bloqueios e transferências de energia que se estejam verificando em seus sistemas, pois isso somente criará mais problemas. Quando informamos ao paciente que existe um problema num certo chakra, estamos concentrando imediatamente a sua atenção sobre a natureza e a localização deste problema. Isso, a longo prazo, somente exacerbará o problema. Os pacientes, com freqüência, desejam saber o que há de errado com eles, e então pode-se muito bem falar-lhes acerca dos miasmas e toxinas que estejam solapando a sua saúde, mas, a partir do momento em que passamos a discorrer sobre os problemas relativos aos seus chakras, não fazemos mais do que injetar energia em entidades mentais de natureza patológica e retardar, assim, todo progresso que o paciente poderia alcançar por sua própria conta. A ênfase deve recair sobre o retomo à saúde, as causas subjacentes devem ser relegadas aos arquivos e não impressas sobre a substância dos corpos sutis do paciente, pois este já terá muito com que se haver para que seja preciso deitar mais lenha à fogueira.

A partir de uma experiência de primeira mão, posso fornecer um exemplo da transferência de energia num indivíduo que sabia em sã consciência ser ele um discípulo de um certo ashram nos planos interiores. Para todos os efeitos, ele era um simples homem de negócios aposentado, e tal era a sua imagem para 99% das pessoas que o conheciam. Nossa colaboração mútua ao longo dos anos fez com que eu chegasse a compreender a natureza de seu problema de saúde, que era um enfisema. Numa outra encarnação, ele havia conseguido, através de um tremendo esforço, realizar uma grande transferência de energia do chakra do sacro para o da garganta. Na atual existência, ele estava experimentando as repercussões dessa alteração da consciência, que sobrecarregava excessivamente o chakra da garganta e dava origem à doença de que ele padecia. Coincidindo com esse problema, havia o fato de que eie estava se preparando para mudar de um

ashram para outro, no qual o aspecto da vontade iria prevalecer. Sua enfermidade, que o afligia a ponto de pensar às vezes que iria morrer por falta de ar, fez com que ele invocasse a propriedade da vontade espiritual a fim de continuar a suportar e a sublimar sua incapacidade. Dessa maneira, ele conseguiu tirar partido da crise que tomou grande parte de sua vida para desenvolver certas faculdades que ampliassem sua capacidade de ajudar aos outros, principalmente nas encarnações futuras.

Não estou querendo sugerir, com esse exemplo, que todos os portadores de enfisema estejam na mesma situação, longe disso, mas ele ilustra o que acontece quando é realizada uma grande transferência e de que modo uma pessoa espiritualmente evoluída pode tirar partido de suas deficiências. Uma pessoa desse naipe aproveita todas as oportunidades para aprender e não concentra sua atenção sobre o problema, mas na realidade e nas razões a ele subjacentes. Acredito que um tratamento auxiliar através da radiônica possa ser de utilidade em tais casos, mas o paciente não deve ser informado dos progressos efetuados pelo praticante. No exemplo acima, o indivíduo sabia o que havia de errado e como lidar com isso; outros, porém, podem não ter essa capacidade.

Este não é o lugar para tratar das doenças específicas associadas aos diversos chakras, já que este tópico foi até certo ponto abordado em meus outros livros e o leitor poderá encontrar maiores informações a respeito em vários outros livros esotéricos. O que eu gostaria de acentuar, entretanto, é que o diagrama que representa os chakras, suas glândulas e as partes por eles governadas, constitui um guia simples e excelente. Por exemplo: se há algum problema na vesícula biliar, ficaremos sabendo imediatamente que o chakra do plexo solar se encontra sobrecarregado, o que quase sempre acontece. Se ocorrem problemas na vista, então é porque o chakra da testa deve, de uma forma ou de outra, estar apresentando estados de desequilíbrio. Examinar sempre o chakra mais próximo à área em que a patologia se manifesta é um procedimento simples e prático a seguir - assim, durante a metade do tempo gasto para analisar um problema de saúde na anatomia sutil não será preciso se valer da intuição ou da clarividência, mas apenas do bom-senso comum.

TRÊS ESTADOS PRIMÁRIOS DE DESEQUILÍBRIO

Em termos gerais, é possível classificar a maioria dos problemas surgidos na anatomia sutil em três categorias, a saber:

1. A **CONGESTÃO**, que se origina quando não há uma livre circulação das energias e forças pelos vários corpos. A congestão do corpo etérico pode surgir quando as energias procedentes do plano ou veículo astral para ele afluem, podendo ocorrer tanto entre os corpos astral e etérico, quanto entre os corpos etérico e físico. As congestões de qualquer espécie darão margem a sintomas no plano físico.

2. A **DESCOORDENAÇÃO** pode ocorrer entre dois veículos quaisquer, induzindo a um estado de fraqueza capaz de abalar a saúde. Se os corpos físico denso e etérico não se encontram perfeitamente integrados, então terá lugar a debilitação e a desvitalização. A impotência é um reflexo deste problema na área do chakra do sacro. No centro da garganta, que constitui o pólo oposto ao do sacro, as condições correspondentes dariam origem à laringite. Se a coordenação geral dos veículos é falha, a alma poderá exercer domínio sobre eles, e, em tais casos, dar margem ao aparecimento de possessões ou obsessões.

3. A **SUPERESTIMULAÇÃO** surge quando há uma energia excessiva suprindo um ou mais chakras, o que provoca a agitação da substância dos corpos envolvidos, ocasionando, assim, diversos estados patológicos. As febres, por exemplo, constituem expressão de um ponto focal de energia demasiadamente ativo que tenta dispersar-se e forçar a sua expressão orgânica. A fricção que acompanha o processo causa naturalmente uma elevação da temperatura.

Todos os casos devem ser averiguados com base nesses fatores, pois, a exemplo dos bloqueios e níveis de atividade, trata-se de problemas básicos e fundamentais que subjazem ao quadro de sintomas apresentados pelos pacientes.

Assim, concluímos um levantamento básico dos fatores que devem ser levados em consideração quando se empreende a análise dos estados encontráveis nos corpos sutis do homem. Estes são os fatores causativos ou, pelo menos, alguns deles, que nós classificariamos como problemas orgânicos e psicológicos. Há outros fatores que intervêm nas causas das doenças, tais como os karmas individual, grupal, nacional, racial e planetário, que, na minha opinião, estão fora da nossa alçada, pelo menos por ora. É preferível, no meu entender, lidar com aquilo que em certa medida nós podemos compreender, pois tentar mexer com causas que se situam além da nossa compreensão é buscar problemas.

A observação criteriosa dos processos e procedimentos de diagnóstico e tratamento delineados neste livro tornarão o praticante apto a curar efetivamente os pacientes em busca de ajuda, através de um método simples e eficaz. Isto, por si mesmo, já o recomenda bastante, principalmente quando se constata que a sua

preocupação maior são os fatores causativos e não meramente os quadros de sintomas, e que a eliminação dos miasmas e toxinas herdadas ou adquiridos restauram o "solo" do corpo, de modo que eles não são transmitidos às futuras gerações.

Estes, pois, são alguns dos conceitos básicos de que o praticante necessitará. Para compreendê-los mais a fundo, o leitor terá de pesquisar e estudar os escritos de Rudolf Steiner que tratam da medicina, os de Alice Bailey, ou mesmo outros que tenham abordado com profundidade o tema da saúde. Selecione as informações que encontrar, elimine as que não tenham valor prático e adote sempre as essenciais. Trata-se de um assunto tão vasto, que seu estudo requer não só o tempo de uma vida, como todo dia será um dia de oportunidade e preparação para que, no futuro, se alcance uma eficácia e um rendimento maiores.

IV SEÇÃO **Considerações Terapêuticas**

A chave para uma boa saúde, em termos esotéricos, é a repartição ou distribuição, tal como é, esta também, a chave para o bem-estar geral da humanidade. Os flagelos econômicos da humanidade correspondem estreitamente às doenças no indivíduo. Há uma ausência de livre circulação das necessidades da vida aos pontos de distribuição; estes pontos de distribuição encontram-se inativos; a direção da distribuição é imperfeita, e somente através da compreensão sensata e univocal do princípio de repartição da Nova Era as calamidades da humanidade serão superadas; somente através da correta distribuição de energia é que os males que afligem o corpo físico do indivíduo também poderão ser curados.

Alice A. Bailey

Quando se desenvolve um ponto de vista espiritual, quando se medita sobre o reino espiritual, quando se chega a uma concepção do homem, da criatura humana saudável ou enferma, então é possível fundar algo como uma medicina espiritual.

Rudolf Steiner

CAPÍTULO 9 Vias de Acesso

*Quem já viu um médico aprovar a prescrição de outro médico sem retirar ou acrescentar algo?
Montaigne*

O praticante da radiônica depara-se com uma variedade bastante ampla de opções ao chegar ao tratamento. De sua parte, ele poderá valer-se de padrões ou proporções projetadas através de um instrumento radiônico ou então aplicar amostras de pedras preciosas, cores, flores, remédios, vitaminas, sais minerais ou medicamentos homeopáticos. Por outro lado, se são aconselháveis, ele recomendará ao paciente que procure um especialista em acupuntura, dieta, manipulação ou então um médico alopata. Assim, nenhuma via de acesso se acha impedida no esforço de restaurar a saúde do paciente.

Na radiônica, logo se aprende que, embora possam existir uns poucos tratamentos específicos para casos especiais, o praticante tem, em geral, de consentir que a matriz da doença selecione a sua própria forma de terapia, a qual é ministrada através dos métodos de pergunta e resposta e do Analisador, ajustando certos remédios contra o fator causativo a fim de chegar a uma medida que denote um ponto de equilíbrio. Inevitavelmente, quando se lida com fatores subjetivos, alguns remédios invulgares são às vezes indicados, porém, mais freqüentemente do que se pensa, uma rápida olha dela nos "avios" correspondentes a esse remédio na *Materia Medica* de Boericke revelarão muitos dos sintomas exibidos pelo paciente em questão, confirmando, assim, a conveniência do remédio radiestesicamente escolhido.

Alguns praticantes se valem da irradiação ou projeção de razões ou de vários remédios exclusivamente, outros empregam uma combinação do tratamento por projeção com o uso de medicamentos orais; trata-se simplesmente de uma questão de preferência ou escolha. Como o conceito de projetar o tratamento para um paciente à distância é específico à radiônica, talvez seja melhor esclarecer o que isso implica, ou, em outras palavras, definir o tratamento radiônico. A nossa definição é a de que um tratamento radiônico é a projeção de um conjunto de instruções codificadas, destinadas a serem absorvidas e a agir sobre os vários campos de energia do paciente de modo a possibilitar que um estado de harmonia e saúde se manifeste no corpo físico.

A configuração arquetípica do corpo é perfeita; os desvios em relação a ela é que originam as doenças. O tratamento, especialmente em se tratando da proporção de um órgão, é uma maneira de confrontar o desequilíbrio com um modelo, com a inteligência que domina as células que carecem de harmonia, rememorando-lhes assim a maneira como deveriam funcionar e a perfeita morfologia a elas inerente. Projeções de remédios de flores, sais minerais ou cores são outros tantos modos de se alcançar a mesma coisa; a pulsação do tratamento serve para encaminhar a mensagem e garantir a sua recepção por parte da substância dos corpos.

Queria considerar agora algumas formas de tratamento utilizadas na radiônica e apresentar material de várias fontes que poderão ser de utilidade para o praticante no exercício cotidiano de suas atividades.

A COR - REMÉDIO UNIVERSAL

A cor como forma de tratamento na radiônica sempre constituiu a minha modalidade preferida, provando, ao longo dos anos, a sua eficácia numa ampla variedade de casos. Ela parece estar, de algum modo, estreitamente relacionada com os corpos sutis e suas cores radiosas e mutantes. Em seu livro *Spiritual Science and Medicine*, Rudolf Steiner afirma:

A delicadeza e sensibilidade da nossa organização corpórea evidencia-se também através do estudo objetivo e sistemático da aplicação da luz e da cor ao tratamento de doenças. No futuro, esse uso da luz e da cor deverá ser mais bem aproveitado do que tem sido até agora.

E:

Na minha opinião, muita importância será dada a estes métodos num futuro não muito distante. A terapia à base de cores, e não apenas os tratamentos com luz, em breve desempenhará um papel essencial.

Um dos mais famosos terapeutas da cor de todos os tempos foi um certo Dr. Edwin Babbit, que viveu na América em meados do século passado. Seu livro *The Principles of Light and Colour* tornou-o mundialmente famoso ao ser editado pela primeira vez, em 1878. Babbit era uma singular combinação de cientista, artista, médico e místico, e fica claro, a partir de seus escritos, que ele tinha livre acesso a conhecimentos alcançados apenas por aqueles que poderiam adentrar as esferas interiores em plena consciência. Seu método de tratamento valia-se de lâmpadas com lentes coloridas especiais de grande efeito, como também submetia

comprimidos de "sac lac" e líquidos a irradiações coloridas, a fim de fabricar remédios que eram tomados por via oral pelos seus pacientes.

A lista que se segue das doenças e cores correspondentes por ele estabelecida foi tirada de seu livro e poderá servir como um guia para os praticantes da radiônica, especialmente em casos de emergência ou para complementar qualquer forma de terapia radiônica ou outra adotada pelo praticante nos casos a seus cuidados.

Azul (+ cores adicionais)

Apoplexia

Bronquite (+ Branco)

Catarro (+ Branco)

Ciática (+ Branco)

Cistite (+ Amarelo)

Coqueluche (+ Branco)

Diarréia

Difteria (+ Amarelo e Branco)

Doenças do cérebro

Dores de cabeça

Erisipela

Escabiose

Excitabilidade nervosa

Febres: Amarelo (+ Branco)

Biliosa

Intermitente

Tifóide

Gota

Hemorragia dos pulmões

Hepatite

Histeria

Inflamação dos ovários

Inflamações crônicas

Menorragia,

Nevralgia facial

Palpitações do coração

Pleurisia (+ Branco)

Pneumonia (+ Branco)
Problemas da espinha
Pústulas, bolhas aquosas
Reumatismo crônico (+ Amarelo e Branco)
Reumatismo inflamatório
Varíola

Amarelo (+ cores adicionais)

Afonia (+ Branco)
Bócio
Coqueluche (+ Branco)
Constipação
Diabete (+ Branco)
Estimulante da atividade do sistema nervoso
Miocardite (+ Branco)
Paralisia (+ Branco)
Tuberculose (+ Branco)

Amarelo-Laranja
Anemia

Bronquite
Constipação
Depressão
Exaustão
Hidropisia
Hipofunção do fígado, dos rins e da espinha inferior
Idiotismo
Tumores crônicos
Ulceração dos pulmões

Púrpura

Ativação da circulação do sangue venoso
Vermes

Vermelho (+ cores adicionais)

Amenorréia (+ Amarelo)
Ativação da circulação do sangue arterial
Bócio
Tumores ocultos

Outro grande terapeuta da cor foi o Dr. C. Iredell, especialista do câncer por 23 anos, cirurgião-emérito do departamento de actinoterapia do Guy's Hospital, de Londres, durante a década de 20. Apesar do fato de que muitos pacientes por ele tratados através da cor já tinham se submetido anteriormente ao tratamento ortodoxo, tendo em muitos casos sofrido queimaduras, ele conseguiu obter excelentes resultados e, em certos casos, a cura. Suas primeiras experiências são por ele descritas com as seguintes palavras:

A primeira experiência com a cor consistiu em colocar uma placa de vidro de cor violeta sobre o tumor maligno que um paciente apresentava no pescoço e submetê-la à irradiação luminosa de uma lâmpada elétrica comum durante uma hora. O paciente experimentou nítidas sensações de alívio e, por conseguinte, a experiência foi repetida em outros casos. Foram também realizados testes com outras cores, especialmente o verde e o azul. Cada cor parecia ter um efeito próprio claramente distinto para um paciente sensitivo, embora não fosse observada nenhuma diminuição apreciável do tamanho do tumor nessa etapa. As vezes, entretanto, a inflamação circunjacente reduzia-se, sendo seguida em quase todos os casos por um alívio da dor e a melhora do estado geral do paciente. Vale a pena notar que, quanto mais intensas eram as cores usadas, mais eficazes eram os resultados obtidos.

Iredell descobriu que alguns pacientes podiam relatar pormenorizadamente as suas sensações quando eram submetidos à exposição de cores e, com a prática, tornavam-se capazes de distinguir uma cor da outra do seguinte modo:

Algumas vezes, o paciente, além de sentir-se aliviado da dor, tinha plena consciência de uma sensação determinada produzida pela cor sobre o corpo, algo estimulante e revigorante. Com menos freqüência, algum paciente era capaz de distinguir, na sensação acima descrita, os diferentes efeitos das várias cores, cada cor possuindo as suas características próprias.

Pode ser de interesse dar aqui uma idéia geral dos efeitos das cores usadas tais como descritos por alguns pacientes suficientemente sensitivos para senti-las. A cor mais empregada foi o verde-brilhante. A sensação por ela produzida era geralmente descrita como sendo agradável, de frescor, porém não muito suave. Tinha um efeito suavizante quando o paciente se achava agitado. Foi também esta a cor que se descobriu ser a mais aconselhável para iniciar e concluir todas as aplicações, pois o efeito das outras cores era intensificado quando se complementava a sua aplicação com o verde.

À aplicação do verde, geralmente seguia-se a do azul-imperial. A sensação produzida por esse tom era de mais frescor e suavidade ainda do que no caso do verde, porém era passível de causar depressão se ministrada por tempo prolongado. O amarelo, que às vezes era empregado em seguida ao azul, parece ter causado dor nas primeiras aplicações, pois era muito "forte". Isto provavelmente se devia ao fato de que a potência de sua aplicação era muito forte, relatando os pacientes que ele fazia a dor piorar. Entretanto, descobriu-se mais tarde que, se as outras cores fossem usadas primeiro, principalmente o azul, cuja ação era calmante e estabilizadora quando brevemente aplicado, o amarelo produzia efeitos bastante benéficos e diferentes daqueles produzidos por qualquer outra cor. O tom de amarelo usado era um âmbar escuro, o qual produzia uma sensação de calor moderado distinta daquela da diatermia, e, ao mesmo tempo em que tinha uma ação tônica, possuía efeitos suavizantes.

A sensação produzida pelo violeta, que era aplicado em seguida ao amarelo, era muito mais suave e delicada do que a produzida pelo verde, ao qual ela se assemelhava bastante quanto a todos os outros aspectos. O uso do violeta deixava muito a desejar quanto aos resultados, a menos que fosse aplicado conjuntamente com todas as outras cores e em seguida a elas, sendo, neste caso, os seus efeitos particularmente notáveis.

As duas cores restantes, o vermelho e o laranja, eram pouco usadas, embora o vermelho parecesse ser útil para o tratamento de pacientes com anemia, bem como para a prevenção de doenças. O laranja agia como um estimulante geral e mostrava-se eficaz nos casos de indigestão. Os seus efeitos eram mais grosseiros que os do amarelo.

Vale a pena notar que a disposição das cores não era a mesma que se verifica no espectro visível, qual seja, vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta. Não há qualquer razão evidente para a alteração do lugar do amarelo quando a posição das outras cores corresponde à disposição do espectro.

Não se teve a pretensão, com base nos resultados obtidos, nem mesmo quando as desregulagens do aparelho foram corrigidas, de que só o tratamento pela cor pudesse trazer a cura de uma doença maligna. A esse respeito, ele se assemelhava bastante aos demais agentes empregados no combate ao câncer, cujos efeitos são invariavelmente benéficos a princípio, tendendo, porém, com o tempo, a se anularem. Em outras palavras, o câncer assimila todas as formas de tratamento, e, mesmo em alguns casos, parece ser estimulado por elas. Contudo, os resultados obtidos com o uso da cor foram tão encorajadores que se julgou legítimo prosseguir as investigações a fim de tentar descobrir alguns expedientes que, usados conjuntamente, pudessem superar as dificuldades encontradas.

Conseqüentemente, a partir de todo o seu trabalho experimental, Iredell desenvolveu um instrumento para a aplicação de cores em seus pacientes, ao qual ele denominou "Focal Machine", e que consistia de três discos com aberturas triangulares nas quais eram encaixadas as transparências coloridas; tais discos eram movimentados por um motor e atravessados por um feixe de luz proveniente de uma poderosa fonte; à medida que os discos giravam, as irradiações coloridas que incidiam sobre o corpo do paciente eram submetidas a um ritmo ou, em outras palavras, eram pulsadas. O ritmo constituía um elemento tão importante que Iredell descobriu que se ele fosse sincronizado à pulsação e o paciente conseguisse regularizar a sua respiração, o tratamento podia ser mais eficaz. Quero transcrever aqui uma extensa passagem de *Colour and Cancer*, pois acho que o seu teor aponta para o conceito utilizado na radiônica de "pulsar" o tratamento, e o que Iredell tem a dizer poderia servir para incentivar os praticantes das diversas artes da cura a aplicar esta concepção aos seus métodos particulares de tratamento.

A idéia de introduzir o ritmo na medicina não é nova, sendo que as doenças do coração constituem o principal exemplo de sua importância. O descompasso cardíaco é considerado como um sintoma que necessita de tratamento, sendo que uma acentuada melhora no estado geral do paciente sempre se verifica quando o ritmo de batidas do coração volta ao normal. Outros exemplos da importância do ritmo podiam ser enumerados. Do ponto de vista da medicina, é um fato bastante conhecido que todo corpo possui um padrão próprio de vibração, e, mesmo que ele seja constituído de diferentes substâncias, que por sua vez possuem diferentes padrões de vibração, assim mesmo o corpo, como um todo, possuirá o seu próprio padrão definido, o qual dependerá das características físicas de suas partes componentes. Um exemplo simples disso é um pedaço de gelatina. É sabido que a gelatina, quando agitada, vibra ritmicamente, assim como é um fato que o padrão de vibração será sempre o mesmo para toda a gelatina. Se um tubo de borracha é ligado à gelatina e a uma bomba, e se a água circula pelo tubo, toda vez que a bomba for comprimida, a gelatina se moverá. Se prestarmos atenção, observaremos que a cada movimento da bomba corresponde não um único movimento da gelatina, e sim uma série de vibrações ou ondas decrescentes. Se os terminais da bomba são ligados às extremidades do tubo, de modo a possibilitar uma circulação contínua, teremos um circuito fechado correspondente ao do sistema vascular do corpo humano. Se a bomba registra um ritmo de compressão e descompressão de setenta ou oitenta vezes por minuto, teremos algo semelhante às batidas do coração, e entre cada batida uma série de vibrações menores. Em casos de doença avançada da aorta ou de aneurisma da aorta pode ocorrer um latejamento na cabeça correspondente a cada batida do coração e, se se observar cuidadosamente, uma sucessão de vibrações iniciadas a cada batida poderá ser ocasionalmente notada. A mesma série de movimentos pode também ser observada no pé do indivíduo normal quando cruza as pernas.

Presumivelmente, portanto, enquanto os ossos, músculos etc., possuem diferentes padrões de vibração, o corpo como um todo possui um padrão definido de vibração, sendo este um múltiplo da pulsação. A pulsação na anéria femoral é de um sexto de segundo após a contração do ventrículo esquerdo, considerando-se o padrão do pulso como sendo de oitenta, e assim chegou-se à cifra 480 (obtida pela multiplicação de 80 por 6) como hipótese para as futuras investigações sobre o assunto. Não temos a pretensão de que essas sugestões possuam alguma importância científica, apenas elas constituem a base sobre a qual se chegou a uma hipótese de trabalho. A importância de tal hipótese será vista mais tarde.

A título de experiência, confeccionou-se um grande disco de papelão de dois pés de diâmetro, no qual abriu-se um furo de quatro polegadas quadradas próximo à periferia. O disco foi adaptado ao eixo de um pequeno motor elétrico. A seguir, procurou-se uma disposição tal que a luz de uma lâmpada elétrica atravessasse a abertura do disco e incidisse sobre o tumor a ser tratado. O vidro colorido foi posicionado diante da fonte de luz. Fazia-se o disco girar a diferentes velocidades e, então, descobriu-se que se a uma determinada velocidade de rotação a luz incidisse sincronicamente com as batidas do pulso, os resultados seriam nitidamente melhores do que aqueles obtidos com a luz incidindo continuamente. Isto foi confirmado posteriormente em muitos outros casos.

O êxito dessa experiência sugeria que, se o ritmo da respiração fosse levado em conta, os resultados seriam ainda melhores. Deve-se ter em mente que entre os ritmos do pulso e da respiração existe uma diferença marcante: o primeiro não pode ser regulado voluntariamente, ao passo que o segundo obedece à vontade. O pulso registra cerca de setenta ou oitenta batidas por minuto, e a respiração, vinte. Se supusermos que o ritmo do pulso é de oitenta, então a respiração pode manter-se a vinte ou, em outras palavras, uma respiração completa, consistindo de uma inspiração e uma expiração, corresponderia a quatro batidas do coração.

Foram feitas várias modificações no disco de papelão a fim de traduzir estas considerações para a prática da terapia pela cor, tendo sido realizadas diversas experiências, tais como a de utilizar aberturas de tamanhos diferentes ou substituir dois ou três discos pelo disco único originalmente utilizado. Descobriu-se que a introdução de meios capazes de estabelecer uma sincronização com o ritmo da respiração representava um progresso, ao passo que um padrão ótimo, muito mais rápido do que a pulsação, porém acima ou abaixo do qual os resultados pareciam menos satisfatórios, podiam ser fixados para cada paciente em particular. Tal padrão, que podia ser facilmente regulado ou corrigido, correspondia aproximadamente a 480 por minuto, confirmando por conseguinte a hipótese de trabalho a que nos referimos.

À medida que Iredell prosseguia com suas experiências, a sua "Focal Machine" tornava-se mais complicada. Os pacientes eram colocados em cabines circulares à prova de luz, e ondas magnéticas e de rádio passaram a ser utilizadas conjuntamente com a cor e descobriu-se que se a irradiação colorida passasse antes por um funil rotatório provido de uma espiral, os efeitos eram ampliados muitas vezes. O famoso radiestesista Enel, que se especializou no tratamento do câncer, também empregava energias emitidas por espirais, e quem sabe se o movimento rotatório possuía alguma ligação direta com a ação dos chakras e servia para equilibrar seu funcionamento. Muitos dos pacientes de Iredell, quando sob tratamento, costumavam tocar o corpo para confirmar a impressão de que ele estava molhado. Parece que a liberação e a ativação do fluxo de energias através do corpo dava-lhes a sensação de que a água escorria sobre ele. Na minha opinião, a cor deve ter liberado o fluxo de forças vitais ou prana que haviam estado bloqueadas por anos a fio e, tal como os pacientes de Wilhelm Reich, passaram a experimentar o que este denominava "correntes orgônicas", o fluxo livre e desimpedido das forças vitais do Universo. Embora a maioria dos pacientes de Iredell sofresse de câncer, ele não deixava de utilizar, de tempos em tempos, a cromoterapia para tratar também de outras doenças, tais como glaucoma, poliomielite, neurite e catarro nasal. Conforme relata, praticamente todos os casos de reumatismo reagem bem aos tratamentos feitos com as cores rosa e azul.

Enquanto Iredell desenvolvia discretamente suas pesquisas, ganhava fama na América dos anos 30 um colorterapeuta muito mais extravagante e amante da publicidade. Chamava-se Dinshah P. Ghadiali e ostentava após o nome um M.S.C., "Master of Spectro-Chrome Metry" (não confundir com "Master of Science"). A este, seguiam-se mais onze títulos honorários (todos relacionados), que abrangiam desde M.D. e Ph. D. até D.C. e D. Opt., sendo os restantes obviamente numerosos demais para que sejam aqui mencionados, ficando por conta de um Etc. Alegava ele ser metafísico e psicólogo, além de membro ou mentor de numerosas organizações, desde Membro e Ex-Vice-Presidente da "Allied Medical Associations of America" a Membro da "The Independent Order of Rechabites", seja lá o que ou quem possam ter sido estes. Ele foi Templário da Ordem, anti-viviseccionista, adversário das vacinações e estudante de Teosofia. Seus panfletos mostram-no sentado a estudar e suas fotografias trazem a legenda: "Dinshah - Humilde Servo da Humanidade Sofredora". A plataforma por ele adotada em 1891 é expressa através das palavras (todas em maiúsculas):

O Vasto Oceano Oscilatório Do Pensamento É Essencialmente Universal E A Tudo Impregna. É O Monopólio individual De Ninguém E A Herança Comum Da Evolução Da Humanidade; Assim, Aquilo Que O Desenvolvimento De Eras Ocultas Dotou-me Sob A Forma De Conhecimento Na Minha Presente Encarnação Não Constitui Nenhuma Aquisição Particular De Minha Parte Para Meu Único Proveito, Benefício Ou Elevação, Mas É Todo Para Ti E É Teu Sem Nenhuma Condição, Dever Ou Retribuição. Não Temo A Ninguém; Apenas A Deus Nas Alturas E À Consciência Cá Embaixo, E Deles Eu Nada Tenho A Temer.

Dinshah desafiou o mundo a contestar suas reivindicações sobre o método de terapia através das cores, e não resta dúvida de que ele seria capaz de comprovar a maioria delas. Infelizmente, a longa carreira de letras em seguida ao seu nome, a publicidade ruidosa em torno de seus feitos terapêuticos e o hábito persistente de hostilizar o Sistema atraíram as autoridades como moscas. Em algum ponto da linha, Dinshah alardeou um "título honorário" a mais ou sustentou alguma pretensão demasiado extravagante ou pôs o dedo em alguma ferida do Sistema e, o que se viu a seguir, foi o seu equipamento de colorterapia despedaçado por homens munidos de marretas e uma ordem judicial - e Dinshah foi posto fora de circulação. Tivesse sido ele um pouco mais comedido, e poderia ter sobrevivido para ajudar um maior número de pessoas a reconquistar a sua saúde, pois, a despeito de suas atitudes, Dinshah P. Ghadiali tinha muito a oferecer, sendo que os seus escritos apresentam fortes evidências de que, a exemplo de Edward Babbit, ele havia desenvolvido um método bastante eficaz de cura através das cores. Para as necessidades da prática radiônica, encontram-se em seus escritos duas listas que julgo serem úteis. A primeira trata do uso de cada cor em relação aos sistemas do corpo e aos estados de enfermidade, a outra das ondas coloridas dos elementos químicos.

AMARELO

Ativador do trato digestivo
Ativador linfático
Catártico
Colagogo
Digestivo
Estimulante dos músculos motores
Fortificante dos nervos
Sedativo para o baço
Vermífugo

AZUL

Anódino
Antiprurítico
Contra-irritante
Demulcente
Diaforético
Febrífugo
Vitalizador

ESCARLATE

Afrodisíaco
Ativador renal
Ecbólico
Emenagogo
Estimulante arterial
Excitante genital
Vasoconstritor

ÍNDIGO

Adstringente
Calmante da tireóide
Calmante respiratório
Estimulante da paratireóide
Fortificante fagocital
Hemostático
Inspissador
Lenitivo
Sedativo

LARANJA

Antiespasmódico
Anti-raquítico
Ativador da tireóide
Aromático
Calmante da paratireóide
Carminativo
Emetizante
Estimulante respiratório
Estomacal
Fortificante dos pulmões
Galactagogo

LIMÃO

Alterante crônico
Antiácido
Antiescorbútico
Ativador do timo
Estimulante do cérebro
Expectorante
Fortificante dos ossos
Laxativo

MAGENTA

Ativador do coração
Diurético
Estabilizador emocional
Estimulante supra-renal
Fortificante áurico

PÚRPURA

Anafrodisíaco
Analgésico
Antimalárico
Antipirético
Calmante renal
Dilatador dos vasos

Estimulante venoso

Hipnótico

Narcótico

TURQUESA

Ácido
Alterante agudo
Calmante cerebral
Fortificante da pele
Tônico

VERDE

Antisséptico
Bactericida
Desinfetante
Detergente
Estimulante da pituitária
Fortificante dos músculos e tecidos
Germicida
Purgante

VERMELHO

Ativador do fígado
Cáustico
Estimulante sensorial
Fortificante da hemoglobina
Irritante
Pustulante
Rubefaciente
Vesicante

VIOLETA

Calmante cardíaco
Calmante linfático
Calmante motor
Estimulante esplênico
Fortificante dos leucócitos

Como todo tratamento radiônico pauta-se pelas necessidades específicas de um caso específico, esta utilização das cores deve ser tomada como uma simples indicação ou, como afirmei anteriormente, como complemento de um outro tratamento ou, ainda, nos casos de emergência. Se um paciente sofre dor intensa, então o índigo poderá ser usado a título de tratamento preliminar, enquanto se pondera a utilização de outros remédios. Às vezes, o praticante pode se deparar com um caso de emergência na sua própria família e não

contar com suficiente calma para determinar com rapidez e precisão o tratamento necessário, de modo que a consulta à lista anterior poderá ser-lhe útil como meio interino de se chegar ao tratamento adequado.

A correlação estabelecida por Dinshah entre as cores e os diversos elementos também pode mostrar-se útil da mesma maneira. Com freqüência os pacientes apresentam carência de certos elementos; no caso de estes serem projetados ou irradiados sobre o paciente, seria de utilidade contar com uma lista de correspondência entre os elementos e as cores correlatas, complementando e ampliando o poder de cura do praticante.

AMARELO

Berílio
Carbono
Estanho
Iridio
Magnésio
Molibdênio
Ósmio
Paládio
Platina
Ródio
Rutênio
Sódio
Tungstênio

AZUL

Césio
Índio
Oxigênio

ESCARLATE

Argônio
Disprósio
Érbio
Hólmio
Itérbio
Lutécio
Manganês
Túlio

ÍNDIGO

Bismuto
Chumbo
Iônio
Polônio

LARANJA

Alumínio
Antimônio

Arsênico
Boro
Cálcio
Cobre
Hélio
Selênio
Silicone
Xenônio

LIMÃO

Cério
Enxofre
Escândio
Ferro
Fósforo
Germânio
Iodo
Ítrio
Lantânio
Neodímio
Ouro
Praseodímio
Prata
Samário
Titânio
Tório
Urânio
Vanádio
Zircônio

MAGENTA

Estrôncio
Irênio
Lítio
Potássio
Rubídio

PÚRPURA

Bromo
Európio
Gadolínio
Térbio

TURQUESA

Cromo
Flúor
Mercúrio
Nióbio
Níquel
Tântalo
Zinco

VERDE

Bário
Cloro
Kashmirium
Nitrogênio
Rádio
Tálio
Telúrio

VERMELHO

Cádmio
Criptônio
Hidrogênio
Néon

VIOLETA

Actínio
Cobalto
Gálio
Radônio

Muitos colorterapeutas usam uma gama de cores muito mais restrita; na radiônica, esse leque amplia-se consideravelmente e, se os tratamentos à base de cores são aplicados por meio do simulador de potência magnetogeométrico, o praticante contará com mais de 300 tons de cores sob a forma de cartões de proporção a partir dos quais escolher o tratamento necessário, o que representa uma grande vantagem em relação aos outros métodos.

Em *Cartas sobre meditação ocultista*, Alice Bailey trata extensamente da utilização da cor na meditação e na cura. Ela assinala que sete cores do espectro representam as sete grandes correntes de energia, conhecidas como os "Sete Raios", que animam o nosso sistema solar. A Bíblia os denomina "Os Sete Espíritos Perante o Trono de Deus", e o místico cristão Jacob Boehme refere-se a elas como "Os Espíritos da Fonte". Estas cores

possuem certos efeitos sobre os vários corpos do homem e estão relacionadas aos sete níveis ou sete planos da consciência.

As cores, tal como se manifestam no plano físico, são dissonantes e rudes comparadas à sua aparição nas esferas superiores, onde chegam a alcançar uma beleza e uma translucidez inconcebíveis. De acordo com Bailey:

O índigo absorve, sendo a cor da síntese.

O verde é a base da atividade da Natureza, achando-se essencialmente relacionado ao plano atômico. Estimula tanto quanto cura.

O amarelo harmoniza, sendo a cor da plenitude e da fruição, estando essencialmente relacionado ao plano búdico.

O azul é a cor do plano mental superior.

O laranja é a cor do plano mental inferior.

O rosa é a cor do plano astral.

O violeta é a cor do ritual e dos níveis etéricos.

Sublinha ela, igualmente, que toda cor usada na cura deve ser manipulada a partir do plano mental, com as energias direcionadas fundamentalmente para o corpo astral, de modo que os seus efeitos atuem a partir daí sobre os corpos astral e físico-etérico. O tratamento através da cor nos planos supra-sensíveis é aplicado pelo poder do pensamento.

O laranja estimula a ação do corpo etérico, suprimindo congestões e reforçando o fluxo de prana.

O rosa atua sobre o sistema nervoso, revitalizando-o. Aumenta a vontade de viver e suprime a depressão.

O verde possui propriedades de cura diversificadas. Útil para os estados inflamatórios e particularmente para as febres.

HOMEOPATIA E RADIÔNICA

Este não é o lugar para discorrer sobre as relações entre a homeopatia e a radiônica, pois desejo simplesmente assinalar que a cura através dos medicamentos homeopáticos apresenta afinidades bastante estreitas com os procedimentos da radiônica, podendo se utilizar ambas conjuntamente com ótimos resultados. Todo praticante deve dispor de uma *Materia Medica* que ele possa consultar no decorrer da seleção de remédios. A esta altura, o que pretendo é apresentar material proveniente de várias fontes esotéricas, capaz de servir de referência para os praticantes e mostrar-se útil na prática.

Rudolf Steiner contribuiu grandemente para que chegássemos a compreender como certos remédios afetam os corpos interiores do homem. O leitor poderá encontrar informações neste sentido em *Spiritual Science and Medicine*, *Anthroposophical Approach to Medicine* e em *Fundamentals of Therapy*, este último em co-autoria com o Dr. Ita Wegman. Vou citar tão-somente um ou dois exemplos destes livros a fim de ilustrar a sua compreensão da matéria.

Steiner combinava chumbo metálico, mel e açúcar para restaurar a harmonia entre os vários corpos sutis no caso da esc1erose. O mel, afirmava, transfere os efeitos desintegrativos do corpo astral para os níveis físico-etéricos.

A combinação de sílica, ferro e enxofre provê as forças necessárias para restituir o equilíbrio dos sistemas de energia do homem, quando estes são perturbados por enxaquecas ou dores de cabeça.

As piritas de ferro são úteis no tratamento das traqueítes e bronquites.

O antimônio remaneja as forças engendradoras de formas do corpo humano para o sangue e fortalece as forças responsáveis pela coagulação do sangue. Enfraquece as forças astrais que provocam eczemas e é útil no tratamento da febre tifóide.

O mercúrio e o enxofre combinados são úteis no tratamento das traqueítes e do catarro devido à sua ação sobre a circulação e aos processos respiratórios. A febre-do-feno, ocasionada quando os corpos astral e etérico não apresentam a coordenação devida, é curada pela aplicação de sucos de frutas com casca coriácea.

Steiner tem coisas notáveis a dizer acerca do flúor e que podem ser de interesse para muitos, especialmente para aqueles que pensam estar fazendo um bem para seus filhos ministrando-lhes a substância sob a forma de comprimidos. Na distante década de 20, antes que os interesses investidos e o Sistema tivessem achado um outro método de envenenar legalmente a população e, ainda de quebra, fazer dinheiro, Steiner fazia a seguinte observação a respeito do flúor:

Nossos dentes acham-se embebidos em flúor. Eles constituem instrumentos de sucção para essa substância. O homem necessita do flúor em seu organismo a cada minuto, e quando é privado dessa substância - e aqui

afirmarei algo que poderá chocá-lo -, torna-se demasiado inteligente. Ele adquire um grau de sagacidade que quase chega a destruí-lo.

A dosagem de flúor restitui-lhe a necessária parcela de estupidéz, o embotamento mental de que necessitamos para continuarmos a ser humanos... O homem como que desintegra os seus dentes a fim de que a ação do flúor não ultrapasse certos limites e o tome embotado. As interações de causa e efeito são bastante sutis aqui. Os dentes se deterioram para que o indivíduo não se torne um boçal consumado... Sob certas circunstâncias, necessitamos da ação do flúor, a fim de não nos tornarmos demasiado inteligentes. Mas podemos nos prejudicar devido aos excessos nesse sentido, e então nossa atividade orgânica promove a destruição e a decomposição dos dentes.

Uma quantidade excessiva de flúor, residualmente um veneno, provoca toda sorte de lesões orgânicas, entre as quais as manchas dos dentes. Os defensores da fluoretação da água não desistem de seus esforços para impingir essa forma de medicamento ao povo sob o disfarce de uma ação médica preventiva, jamais mencionando que a substância em questão, além de inorgânica, não passa de mero refugo da indústria de alumínio. O flúor natural tem a sua função na ordem das coisas, conquanto ele próprio possa causar problemas se tomado em excesso. Não há como deixar de questionar o que estaria por trás dessa pressão no sentido de uma aplicação em massa do flúor à população. Seriam forças que visam à destruição das faculdades mentais de multidões de pessoas, ao mesmo tempo em que tentam passar por benfeitores públicos?

No primeiro capítulo, mencionei um médico de nome B. Winter Gonin. Ele foi um dos pioneiros na prática da radiestesia, tendo aperfeiçoado um remédio feito de diversos extratos de plantas denominado hormônio herbóreo. Em 1930, publicou um folheto acerca do uso desse remédio, assinalando tratar-se de um agente bastante eficaz no tratamento de apendicites, pleurísias, duodenites e neurites, além de útil como antiespasmódico. Testes comprovaram que o hormônio herbóreo agia sobre as membranas retículo-endoteliais, os tecidos linfáticos e o sistema hematopoético no sentido de elevar rapidamente o número de leucócitos e fagócitos, verificando-se também um aumento considerável na taxa de hemoglobina. Outro ponto de interesse para o praticante da radiônica é este a que se refere o próprio Winter Gonin:

A perda do potencial neurológico do sistema nervoso, nos casos em que o galvanômetro acusa um derrame, é rapidamente restabelecida e, em todos os casos em que a aura apresenta "fratura", a restituição tem lugar in situ.

Se o Dr. Winter Gonin recorria às injeções de hormônio herbóreo, isso não quer dizer que os praticantes da radiônica devam aplicar a substância do mesmo modo; porém eu sei, por experiência própria, que a ministração por via oral sob a forma de comprimido ou o tratamento mediante a projeção radiônica podem contribuir muito para ajudar os pacientes que estejam sofrendo de "vazamentos" em suas auras. Este remédio restaura o potencial eletrodinâmico do corpo etérico, sendo esta a razão pela qual o mencionei aqui.

Outro remédio homeopático que se afirma exercer um profundo efeito regenerador sobre o corpo etérico é o almíscar (Moschus).

DOZE REMÉDIOS DE SAIS MINERAIS

Os sais minerais são freqüentemente requeridos quando um praticante combina a homeopatia com a radiônica, de modo que apresentarei aqui uma relação deles, seguida de umas poucas indicações básicas. Maiores detalhes poderão ser colhidos na *Materia Medica*, servindo esta lista como uma referência de consulta rápida ao selecionar um remédio desse tipo.

Calc Phos. (Fosfato de Cálcio) está presente em todo o corpo, sendo um importante componente dos glóbulos do sangue, ossos, dentes, sucos gástricos e tecidos conetivos do corpo. É recomendável nos casos de digestão lenta e, por ser um tônico, nas convalescenças, como também para alguns tipos de anemia. Deve ser usado também para ossos fraturados.

Cale Sulph. (Sulfato de Cálcio) é um dos componentes do sangue e da pele. É, portanto, recomendável nos casos graves e renitentes de supuração, tais como úlceras, abscessos e catarros violentos.

Cale Fluor. (Fluo reto de Cálcio) é especialmente recomendável para as doenças que atacam a superfície dos ossos, o esmalte dos dentes e as fibras elásticas, particularmente os músculos e as paredes das artérias e veias.

Ferr Phos. (Fosfato de Ferro) é um dos componentes dos glóbulos vermelhos do sangue, sendo, por conseguinte, um dos medicamentos imprescindíveis para os casos de anemia e carência de ferro orgânico no

sangue. Também fortalece as paredes das veias sangüíneas. É o remédio certo para as febres intensas e as primeiras etapas da inflamação e os ferimentos súbitos ou sensações de frio que podem redundar em febre latejante etc.

Kali Mur. (Cloreto de Potássio) deve ser usado sempre que se verificar uma camada espessa de cor branca ou cinza recobrendo a língua, uma vez que a deficiência deste sal acarreta uma superabundância de albuminas nos tecidos, resultando em catarro ou muco. É recomendável para os casos de crupe, disenteria, bronquite, pneumonia, difteria etc.

Kali Phos. (Fosfato de Potássio) é indispensável para a cura do tecido nervoso, devendo por conseguinte ser ministrado nos casos de depleção cerebral e nervosa que redundam em estados de neurastenia, ansiedade excessiva, exaustão e depressão nervosas. Tais estados podem se manifestar mediante os sintomas de vertigem, excessiva sensibilidade ao barulho, disenteria etc.

Kali Sulph. (Sulfato de Potássio) supre de oxigênio as glândulas da pele, sendo portanto recomendável para algumas doenças da pele; já que contribui para abrir os poros e, assim, ativar a circulação. Aquelas doenças da pele que se fazem acompanhar de secreções amareladas e viscosas indicam a falta deste sal. Recomendável também quando os cabelos ou a pele apresentam uma oleosidade excessiva ou a língua apresenta uma camada amarelada e viscosa.

Mag Pilos (Fosfato de Magnésio) é indispensável para todas as dores cruciantes e espasmódicas tais como nevralgias, cólicas e dores menstruais. O alívio, na maioria dos casos, é praticamente imediato, surpreendendo os que nunca haviam usado antes esta substância. Atua também como fortificante das fibras brancas e dos nervos motores.

Nat Mur. (Cloreto de Sódio) é agente da distribuição de água para todo o sistema, sendo portanto recomendável nos casos de coriza e sintomas de catarro aquoso. Ajuda também a conter o fluxo involuntário de lágrimas ou saliva.

Nat Phos. (Fosfato de Sódio) atua no sentido de dissolver o ácido láctico. e, assim, liberar água para o sistema. Indicado para os estados de fermentação gástrica, acidez e vômito acre, gravela, reumatismos gotosos etc.

Nat Sulph. (Sulfato de Sódio) regula a água do sistema. É indicado para os problemas de bilis, icterícia, dor de cabeça biliosa, disfunções renais, diabete e também quando a língua apresenta uma camada esverdeada, turva e pardacenta.

Silicea (Óxido de Silício) é um dos componentes das bainhas dos nervos e da cobertura dos ossos, como também dos cabelos, das unhas e da pele. Provoca supuração e, portanto, ajuda o organismo a livrar-se de substâncias nocivas. Deve ser usado quando existe catarro muito espesso, debilidade ou transpiração excessiva, principalmente nos pés.

REMÉDIOS DE FLORES E PEDRAS PRECIOSAS

A exemplo dos sais minerais, estes remédios são bastante utilizados na prática radiônica, sendo ministrados tanto por via oral como projetados a partir dos cartões de proporções. Os Remédios de Flores de Bach são provavelmente os mais conhecidos, sendo que sua ação é exercida sobre os corpos mental e astral do paciente. São remédios de ação moderada, não provocando efeitos colaterais de qualquer espécie. Mais uma vez, vou apresentar uma lista completa, que poderá ser útil para as necessidades da seleção radiestésica. Detalhes acerca dos estados que requerem a utilização destes remédios serão encontrados em *The Bach Remedies Repertory*, *The Twelve Healers* e *The Bach Flower Remedies*.

REMÉDIOS DE FLORES DE BACH

Agrimônia	<i>Impatiens</i>
Álamo	Lariço
Aveia brava	Maçã silvestre
Azeviche	Madressilva
Carpa	Mímulo
Carvalho	Mostarda
Castanha branca	Noz
Castanha doce	Oliveira
Castanha vermelha	Olmo
Centáurea-menor	Pinheiro
Cerato	Polpa de castanha
Cereja	<i>Rock water</i>
Chicória	Rosa selvagem
Cisto	Salgueiro
Clematite	Tojo
Escleranto	Urze
Estrela-de-belém	Verbena
Faia	Vinha
Genciana	Violeta das águas

Uma combinação de sete remédios de flores de Bach, o Remédio de Radiação, foi desenvolvida com sucesso pelo Dr. Westlake e seus colaboradores para combater os efeitos nocivos da radiatividade.

Um outro Remédio de Flores que não pode deixar de ser aqui mencionado é aquele criado pelo falecido Alick Mcfunes em Geddes, Nairn, na Escócia. Chama-se "Exultação das Flores" e pode ser encontrado sob a forma de líquido ou unguento. Este remédio é uma combinação das propriedades etéricas de cura de cerca de cinquenta ou mais flores, estimulando intensamente a reação positiva do corpo contra a doença quando tomado oralmente ou projetado.

Também as pedras preciosas constituem um outro poderoso agente de cura. O mais conhecido defensor desta forma de tratamento é o Dr. A. K. Bhattacharrya, da Índia. Ele enumera as pedras preciosas e as cores cósmicas que lhe são correlatas da seguinte maneira:

Rubi
Pérola
Coral
Esmeralda
Ortoclásio
Diamante
Safira
Ônix
Olho-de-gato

Vermelho
Laranja
Amarelo
Verde
Azul
Índigo
Violeta
Ultravioleta
Infravermelho

Maiores detalhes acerca desta fonoa de tratamento podem ser encontrados em *Gem Therapy*, da autoria do Dr. A. K. Bhattacharrya, e em *The Science of Cosmic Ray Therapy or Teletherapy*, do mesmo autor, ambos revistos e atualizados, constituindo uma excelente fonte de informação para qualquer praticante da radiônica.

OS CHAKRAS E O TRATAMENTO RADIÔNICO

Há pouca coisa a ser tratada sobre este assunto aqui que eu já não tenha feito nos meus dois primeiros livros sobre a radiônica. Talvez seja útil, porém, lembrar o conceito de que toda substância que entra na composição dos vários corpos é capaz de resposta inteligente ao estímulo. A substância ou matéria atenuada dos chakras é ainda mais sensível e portanto possui maior capacidade de resposta; este é um fator importante a ser levado em consideração quando se emprega a radiônica para restabelecer o equilíbrio dos chakras que se encontram tanto hipotativos como hiperativos, ou alguma outra anomalia.

O fluxo das energias é outro fator importante a considerar. Não basta somente aplicar a energia ao chakra; é preciso saber também se ela flui para a glândula endócrina correta e, daí, para os sistemas de órgãos governados pelo chakra em questão, como também se ela circula através dos veículos.

Uma tendência da terapia radiônica é a que afirma que o chakra da cabeça não deve ser tratado. Em verdade, esta concepção não possui qualquer fundamento. Pode-se classificá-la como idiossincrática. Esta idéia deve ter surgido porque o chakra da cabeça é, afinal de contas, o centro a partir do qual o ser espiritual interior governa o eu inferior, mas isso não constitui absolutamente um obstáculo que poderia impossibilitar o seu tratamento. A imposição das mãos, o ato de abençoar uma pessoa, envolvem ambos, se executados corretamente, a passagem das energias superiores invocadas através do centro da cabeça. Trata-se da via de entrada ideal para despertar a vontade espiritual de qualquer indivíduo.

Em certos casos, o praticante poderá achar que alguns dos vinte e um chakras secundários necessitam ser tratados. Quando houver indicação neste sentido, isto pode ser feito, mas nunca se deve esquecer que os chakras principais é que governam os restantes, e que o correto balanceamento de um dos chakras maiores geralmente normaliza o funcionamento do centro ou dos centros menores sob a sua influência.

Assim, pois, conclui-se a seção de considerações relativas à terapia radiônica; não me foi possível em absoluto esgotar o assunto, já que todo tratamento radiônico pauta-se pelos casos específicos. A finalidade deste capítulo era relacionar um certo número de itens que poderiam ser de utilidade e oferecer listas que podem ser consultadas radiestesicamente quando se estiver selecionando um tratamento. Gostaria de encerrar com uma citação de um livro chamado *The Chalice of the Heart*, de Mary Gray, e que vem a propósito para o nosso assunto:

Para curar um indivíduo, é preciso descobrir a nota básica de sua vibração e soá-la com intensidade, de modo a reforçar o seu próprio acorde e a canção vibratória que é sua propriedade inalienável.

V SEÇÃO Outras Dimensões

Hoje, ninguém pode ocupar uma posição fixa ou estabelecer uma meta fixa ou estacionária. A tecnologia elétrica exclui ambas as possibilidades.

Muitos podem se lembrar ainda do tempo em que as posições estáveis e as metas prefixadas eram algo inteiramente natural: o Sistema é ainda uma realidade do século dezenove, totalmente dependente de suposições como essa. As nossas organizações sociais, políticas e educacionais ainda prevêem metas e objetivos como se se tratassem de possibilidades e aspirações viáveis.

Entretanto, na verdade um jovem médico já é tão obsoleto no dia em que se forma quanto qualquer engenheiro. Ambos passaram anos adquirindo um volume de informações armazenadas há longa data, enquanto viviam num campo de mosaicos de informação de alta rotatividade.

Marshall McLuhan

CAPÍTULO 10 Cruzando as Interfaces

A pertinência de um determinado modelo do Universo é medida pelo seu grau de ajustamento ao universo real. Não existe qualquer garantia de que o modelo adotado coincida com a realidade, pouco importando a certeza que se tenha de se tratar de uma correspondência de alta precisão.

John C. Lilley, M.D. - The Human Biocomputer

Parece que o indivíduo, a fim de poder ostentar alguma aparência de sensatez e coerência de pensamento, deve agir a partir de uma série de posturas ou crenças estabelecidas. Sem elas, o mundo assumiria um aspecto singularmente instável e o comportamento racional ver-se-ia comprometido. Todos nós, em maior ou menor grau, encaramos a vida estribados num sistema estabelecido de crenças, o qual pode sofrer modificações ao longo do tempo e mostrar-se flexível, ou então, em casos extremos, assumir uma rigidez que impeça a introdução de qualquer elemento novo que não se adapte ao seu conceito.

Aqueles que leram os livros de Carlos Castañeda sobre a sua iniciação como feiticeiro, junto ao índio yaqui Don Juan, talvez se lembrem de que o ancião passou a maior parte dos seus dez anos tentando fazer com que Castañeda abdicasse de sua maneira de ver o mundo para vê-lo tal como ele realmente o é. Ele ensina a Castañeda que quando um homem nasce, é-lhe transmitida uma visão do mundo que vai sendo gradualmente reforçada, até o ponto que a realidade é por ela substituída. Ninguém vê uma árvore, apenas intui o conceito do que seja uma árvore. O feiticeiro procura fazer com que Castañeda passe a enxergar o mundo real, mediante técnicas que lembram muito aquelas utilizadas pelos mestres zen-budistas. Quando a nossa visão do mundo cede, experimentamos o satori ou a iluminação, e então nada mais se interpõe entre nós e o mundo tal como é. Em certo sentido, todos somos incapazes de ver o mundo em si mesmo. A formação profissional tende a consolidar as posições estabelecidas e a adesão a certos pontos de vista por ela inculcados. Isso torna muito difícil para um médico, por exemplo, considerar métodos de diagnóstico e tratamento outros que não aqueles situados em seu campo de crenças. Além disso, ele é induzido a crer que, se a medicina moderna se mostra incapaz de resolver um determinado problema, é porque o problema é insolúvel, e não arredará pé dessa posição a despeito de todas as evidências em contrário. Há, é claro, exceções à regra, e por vezes encontramos muitos médicos que se mostram flexíveis em suas concepções próprias acerca da cura, admitindo que possam haver outras técnicas bastante eficazes em seu próprio campo de atividades.

Quase sempre, porém, a maioria dos médicos, especialmente os que possuem uma formação ortodoxa, encontram grandes dificuldades em lidar com os aspectos subjetivos da radiônica. Até mesmo Sir James Barr, que utilizou intensivamente os métodos de Abrams em sua prática, afirmou acerca das concepções deste:

Mas deve ficar perfeitamente entendido que, no presente estágio dos nossos conhecimentos, não assumimos essa teoria como nossa. Nós a encampamos, simplesmente, em consideração ao grande gênio a cujos esforços devemos diretamente o fato de termos sido capazes de ajudar muitas pessoas doentes quando de outra forma nos teríamos mostrado impotentes.

Para abordar a radiônica, é preciso adotar um sistema de crenças inteiramente diverso, um sistema que, na verdade, seja mais aberto que o ortodoxo. Tendo isso em mente, iremos constatar que a radiônica só faz ampliar as nossas concepções acerca das coisas e, de modo algum, as restringe. No que toca à ciência, uma gota de sangue seco não possui a menor importância clínica. O praticante da radiônica adota um outro ponto de vista, que se reflete na seguinte passagem de *Abram's Methods of Diagnosis and Treatment*, de Sir James Barr:

O Dr. Abrams, baseando-se na teoria eletrônica da matéria geralmente aceita, desenvolveu a idéia de que o sangue seco irradiava energia eletrônica; que essa energia apresentava variações nas suas características vibratórias conforme o sangue fosse salubre ou insalubre; e que as diversas doenças eram caracterizadas pelos diferentes tipos de energia irradiada.

Tendo, quem sabe, concordado que possa haver alguma verdade nisso, o médico depara-se agora com os diagnósticos estabelecidos à distância. O diagnóstico efetuado com o paciente ligado fisicamente ao instrumento é uma coisa; pretender que ele possa ser feito a partir de uma gota de sangue na ausência do paciente é um conceito inteiramente novo que, uma vez mais, exige flexibilidade de pontos de vista. E Abrams, ao final da vida, descobriu até mesmo que podia identificar a energia proveniente de um paciente à distância de uma milha. Coube a Ruth Drown postular a distância como fator relativo, demonstrando que pouco importava o lugar em que se encontrasse o paciente quando o diagnóstico e o tratamento que se lhe seguiam estivessem sendo realizados.

Drown viu com absoluta clareza que uma nova era estava se iniciando para a cura, e escreveu em 1939:

A arte da cura, naquela sua etapa caracterizada pelos tratamentos à base de remédios e substâncias da terra e da água, acaba de registrar mais um progresso, entrando no ciclo do ar – conformando-se ao advento do rádio, da televisão e do telégrafo sem fios.

Eis aí o exemplo de uma pessoa agindo a partir de uma posição flexível e não-rígida. Tenho certeza de que Marshall McLuhan encontraria em Ruth Drown um verdadeiro expoente da tecnologia elétrica do século XX; talvez ela fosse até mesmo mais que isso, reconhecendo e se utilizando das forças elétricas do espaço, da fohat da Teosofia ou do prana da tradição hindu, como fez. Talvez Drown tenha sido a representante pioneira da tecnologia do século XXI, que sem dúvida nos revelará aspectos dos fenômenos elétricos que nos são incompreensíveis por ora.

A todo momento, na radiônica, o médico que investiga se defronta com novas crenças, a maioria das quais é sancionada pela ciência convencional. A única constante identificável que ele irá encontrar é a de que os estados patológicos têm o mesmo nome tanto na radiônica como na medicina. Caxumba é caxumba, seja lá qual for a nossa concepção da cura, embora na radiônica o fator causativo possa se revelar de uma natureza diversa, o vírus, por exemplo, constituindo apenas um aspecto parcial do fenômeno. O mesmo se poderia dizer acerca da anatomia física, que perde de longe em importância para a anatomia sutil; a ênfase recai sobre o subjetivo e não sobre a objetividade bruta dos sistemas de órgãos. Os remédios e os tratamentos com frequência se afiguram contranaturais mesmo para a mente ortodoxa, de modo que se um médico, em especial, almeja alcançar uma compreensão da radiônica, ele deverá mostrar-se capaz de manter em suspenso as suas idéias feitas até que venha a constatar que os princípios básicos dessa abordagem de cura possuem sua própria vai idade, baseada na sua própria realidade. O mesmo, naturalmente, valeria para os osteopatas, os quiropatas e os naturalistas, embora em geral estes não encontrem tanta dificuldade em lidar com tais conceitos.

Drown mostrou-se bastante penetrante, ao afirmar acerca da prática radiônica:

Quando nos surpreendemos em contato com essa Força Vital, ela nos ensina a respeito de nós mesmos.

Uma coisa é certa: ninguém que tenha se ocupado dessa Força Vital por qualquer tempo poderá manter uma posição fixa num sistema de crenças rígido, pois esta força atua sobre o indivíduo, se este o consentir, e manifesta-se para o observador sensível sob a forma de um verdadeiro caleidoscópio de possibilidades e potencialidades. Por sua própria natureza, ela abre o indivíduo para o seu fluxo rítmico expansivo, e quanto mais se aprende a seu respeito mais se aprende sobre o próprio Eu. Nestas condições, cedo evidencia-se que as posições fixas e os sistemas de crenças estáticos não são aliados da vida, mas antes se lhe opõem.

O modelo da realidade sobre o qual se fundamenta a medicina ortodoxa é obviamente funcionalista e mecanicista. Quando a radiônica é levada para o âmago da medicina pelo médico, ela passa a envolver o seu sistema de crenças, suaviza-lhe as arestas e dota-o de outras dimensões capazes de tomar mais profunda a sua capacidade de compreender e de curar, tal como ele jamais experimentara antes. A propósito do Tao, afirma-se:

*Abranda o áspero,
Solve a trama;
Tempera a luz,
Acalma o tumulto.*

E talvez devêssemos acrescentar: conhecendo-o, será impossível encastelar-se numa posição fixa; a mudança é uma constante no Universo e uma constante de suma importância, em qualquer campo da cura.

Uma das primeiras coisas que o praticante tem a aprender com a Força Vital é que é preciso tornar-se ele próprio eficiente. Com isso, dá-se a entender que:

Quem cura deve aprender também a irradiar, pois a irradiação da alma estimulará a atividade da alma do doente e desencadeará o processo de cura, a irradiação da mente iluminará a outra mente e polarizará a vontade do paciente; a irradiação do seu corpo astral, controlada e sublimada, imporá um ritmo à agitação do corpo astral do paciente, possibilitando-lhe assim reagir de forma adequada, ao passo que a irradiação do corpo vital, agindo sobre o centro do baço, contribuirá para recompor as forças corporais do paciente e, assim, facilitar o trabalho da cura. Portanto, aquele que cura tem o dever de se tornar eficiente, de modo que a ação exercida sobre o paciente estará à altura do que ele é.

De que modo, pois, o praticante se torna eficiente? Primeiro, ele acumula conhecimento e, assim, purifica suas motivações e, em seguida, os seus veículos de manifestação, através da prece, da meditação, de uma dieta

adequada e de um regime de vida equilibrado. Ele se torna magnético e os seus corpos tão afinados com a Fonte, e tudo o que se imprime à sua consciência recebe a cura. Passa a ter em mente que a sua existência é um fluxo contínuo através dos ciclos por nós denominados vida e morte, e que todo dia é dia de preparação e oportunidade. A sua consciência alcança, assim, aquele ponto de eterno poder, o Cristo interior, e ele aprende a mantê-la continuamente nesse ponto. Nunca é muito cedo ou muito tarde para manter a personalidade em alinhamento sincronizado com a alma, pois esse é um importante passo ao longo da trajetória de seu destino. Se o paciente procura auxílio através de pensamentos, toma o telefone para chamá-lo ou senta-se para escrever-lhe, e, estando a sua consciência em sintonia com a sua alma, o processo de cura será imediatamente desencadeado. Se o leitor duvida, posso assegurar que não faltam anedotas sobre pessoas que escreveram a um praticante em busca de ajuda, e este, devido ao excesso de trabalho, deixou a carta sem abrir por um dia ou dois para logo receber um chamado do paciente afirmando-lhe que "Eu não sei o que foi que você fez, mas estou passando otimamente bem". Se a consciência do praticante acha-se profundamente concentrada em si mesma, as curas instantâneas poderão sobrevir, mesmo àqueles que não o conhecem e somente buscaram ajuda através da oração. Isto não se ensina nas escolas de medicina, nem nos colégios de osteopatia ou quiropraxia ou através do treinamento radiônico, apontando para o praticante a necessidade de observar com cuidado de que maneira ele polariza a sua consciência no decorrer do dia. Em seu livro *The High Walk of Discipleship*, Eugene Cosgrove escreve:

Existe uma outra entidade espiritual efetiva e de importância planetária. O médico da alma deveria, por conseguinte, entranhá-la no mais fundo de seu ser. Sua realidade provém da existência subjetiva de imensas reservas de forças espirituais concentradas no Cristo e à sua volta. Seguramente, trata-se de um outro fator da mais alta importância para todo aquele que tenta alcançar o poder da cura!

Tais reservas de forças benéficas estão sempre presentes, sempre disponíveis; o praticante tem de aprender a ligar sua própria entidade mental de cura a elas. Suponho que se este poder fosse expresso por algum tipo de fórmula algébrica e matemática, nesse caso a ciência e a medicina admitiriam a sua existência. Entretanto, como tal não se dá, e nem é provável que venha dar-se, o médico que encara o uso da radiônica em suas atividades ou que recorre a ela como instrumento de investigação, aprenderá a tempo que, nalgum ponto de seu passado, ele terá feito um voto para servir à cura, e que sua formação médica não é mais que uma parte muito pequena do aprendizado elementar a que ele se submeterá durante muitas vidas. A radiônica é a porta, a chave, se quisermos, que lhe possibilitará uma compreensão mais profunda dos processos da doença e da restituição da plenitude capazes de erradicar os distúrbios de modo infalível e duradouro. A cura não significa o uso desenfreado de drogas, e sim uma compreensão autêntica da consciência. Todo indivíduo que se comprometeu a servir à cura conhecerá, mais cedo ou mais tarde, as várias disciplinas que o homem tem a oferecer, pois elas constituem o terreno sobre o qual aquele que cura deverá colocar firmemente os pés. Afirma Cosgrove:

Todo aquele que cura mediante o concurso das forças espirituais é, pelo direito divino de sua própria alma, membro da Igreja do Cristo que cura, e participa à sua medida da função do Cristo como curador dos curadores. Tal indivíduo é ordenado por sua própria alma para o ministério da cura. Ele não necessita de qualquer outra ordenação, nem qualquer outra ordenação poderá aumentar (ou diminuir) o seu poder de cura.

Tendo isto em mente, e aquela exortação no sentido da eficiência que é preciso alcançar, podemos deixar de lado por um momento as considerações quanto à pureza magnética do praticante. Primeiramente, um conjunto radioso e puro de corpos possibilita ao praticante detectar corretamente o que há de errado com o paciente; segundo, se os seus veículos mental, astral e etérico estiverem totalmente carregados de forças vitais, sua sensibilidade, particularmente solicitada em qualquer operação radiestésica, será máxima. O Barão Von Reichenbach, que realizou experiências com pêndulos sobre a ação por estes exercida sobre as forças ódicas, descobriu que os sensitivos que normalmente apresentavam um grande potencial de Forças Vitais em seu corpo vital obtinham com o pêndulo melhores resultados que os outros. Em seu livro, no tópico intitulado "*Motive Power of the Aura*", há a seguinte passagem:

Movimentos Pendulares: a fim de desfazer os equívocos e superstições correntes quanto ao pêndulo, Reichenbach descreve, em seus Aforismos, como ele construiu um pequeno pêndulo, acondicionado dentro de uma campânula de vidro para evitar a influência das correntes de ar em cujo topo havia uma pequena abertura através da qual podia-se tocar com o dedo a parte imóvel de um longo barbante enrolado em torno de um molinete, e em cuja extremidade livre havia uma bolinha de chumbo. Verificou a seguir que nem ele próprio nem qualquer pessoa comum conseguiam produzir qualquer movimento ao tocar a extremidade fixa do barbante. Ele já estava quase a ponto de deixar de lado o seu aparelho, pensando que havia refutado efetivamente uma fonte de superstição popular, quando lhe ocorreu pedir a uma pessoa de grandes poderes sensitivos que

colocasse o dedo na abertura da campânula. O pêndulo moveu-se clara e inequivocamente. Outras experiências convenceram-no de que todos os sensitivos, e apenas os sensitivos, possuíam esta capacidade, e que o comprimento das oscilações do pêndulo dependia do grau de sensibilidade, baixo, médio ou alto, do operador, bem como do estado de saúde do operador. Ele fornece maiores detalhes:

Se a mão direita do sensitivo produz uma oscilação de 8 linhas, e a mão direita e uma outra pessoa for colocada sobre ela, as oscilações registrarão um aumento para 12 linhas. Se é a mão esquerda de uma outra pessoa que é colocada sobre a mão direita do sensitivo, o movimento do pêndulo cessa de uma vez. Se materiais odicamente negativos, tais como o selênio, o enxofre, o carvão vegetal etc., forem colocados em contato com a mão esquerda do operador, as oscilações aumentam; se a mesma tentativa é repetida agora com matérias odicamente positivas, tais como ferro, cobre, estanho, chumbo, o pêndulo estaca imediatamente. Se o operador tem no bolso um relógio, uma chave ou moedas, ele se verá incapacitado de produzir qualquer oscilação, por mais alto que seja o seu grau de sensibilidade. Certa vez, um operador que tinha se livrado de todos os objetos de metal que trazia consigo, após produzir oscilações de 10 linhas, calçou, a meu pedido, a sua bota com pregos de ferro na sola e, imediatamente, o pêndulo imobilizou-se.

As forças ódicas negativas fluem das mãos do sensitivo para o barbante, que não deve ser muito fino, e deste até o prumo, cujo peso fixei em 6 onças, gerando uma incandescência visível ao longo do barbante e em torno do prumo, acompanhada de uma luminosidade ódica que se irradiava pelo quarto escuro, produzindo oscilações retilíneas de comprimento proporcional à quantidade de odilo descarregada.

O Analisador Magneto-Geométrico de Rae dispõe de uma camada de borracha impregnada de minúsculas limalhas magnetizadas sob os gráficos de tratamento e análise, o que serve para aumentar o campo ódico do operador e visa a eliminar as interferências da consciência durante o trabalho de diagnóstico.

A sensibilidade, pois, é um elemento essencial do trabalho radiestésico, podendo ser apurada e mantida em alto nível se o praticante estiver preparado para compreender o que ela implica e o que atua sobre ela. Um dos pronunciamentos mais significativos até hoje registrados sobre a radiestesia foi feito numa conferência de 1972, pelo Dr. Aubrey Westlake. É apresentado como parte deste capítulo porque as informações nele contidas devem ser assimiladas por qualquer praticante que pretenda ocupar-se da radiônica, a fim de que ele possa saber com que tipo de coisas está lidando ao efetuar um diagnóstico nos níveis subjetivos.

O PAPEL E A IMPORTÂNCIA DA FACULDADE RADIESTÉSICA NO MUNDO MODERNO

Creio ser salutar retroceder, por assim dizer, de tempos em tempos, e avaliar todo o campo de estudos e atividades a que nós, enquanto uma Sociedade de Rábdomancia, estamos adstritos, a fim de verificar o quanto fizemos, o que fazemos no presente e qual deve ser a nossa contribuição para o futuro.

A última vez que fiz uma tentativa nesse sentido foi em 1955, quando, no Congresso, então realizado, pronunciei, de modo um tanto temerário talvez, uma conferência sobre *O Futuro da Radiestesia*, e à luz do que se passou fico satisfeito em saber que não fui tão mau profeta.

A razão para tentar efetuar um balanço similar, dezessete anos depois, sob o presente título, é a de que, na minha opinião, não tínhamos ainda atinado com a verdadeira importância do que nós, na B.S.D., havíamos nos coligado para praticar e promover nestes tempos modernos.

Ainda estou convicto, mais ainda do que em 1955, de que temos uma grande contribuição a fazer, uma contribuição muito mais formidável do que supomos ou imaginamos, na medida em que nos achamos de posse de uma chave fundamental, que poderia descerrar muitas das portas dos problemas aparentemente insolúveis colocados pelos tempos atuais, principalmente o da poluição em escala mundial sob suas diversas formas.

Esta chave é a Faculdade Radiestésica, o desenvolvimento de suas plenas potencialidades e a sua utilização e aplicação à prática, que ultrapassam de muito a tradicional prospecção de água, minérios e petróleo.

Vamos, porém, começar do princípio.

O fenômeno da rábdomancia é bastante antigo. O homem neolítico provavelmente sabia tudo acerca de sua utilização prática, especialmente para o estabelecimento das fundações de templos, tal como os antigos egípcios; mas não foi senão em 1240 A.D. que surgiu a primeira referência ao fenômeno em documentos europeus, sendo que a primeira referência na Inglaterra data de 1638, num livro escrito em latim por Robert Fludd, intitulado *Philosophic Moysayko*, seguido no ano seguinte por um certo Gabriel Platts, que escreveu acerca do "Descobrimento de um Tesouro Subterrâneo. A operação com a *Virgula Divina* assim foi executada cortei uma varinha de Hassel, amarrei-a bem ao meio de meu bastão com um forte nó de modo a que ela ficasse dependurada, e passei a andar com ela montanha acima e abaixo, até que ela guiou-me a um mão de minério de chumbo". A rábdomancia a essa época era sempre encarada como algo misterioso, até mesmo mágico, que certamente não possuía nenhuma explicação racional, sendo o movimento da varinha atribuído tanto a Deus como ao Diabo, senão a alguns espíritos inferiores.

A partir daí, embora a rábdomancia fosse bem conhecida tanto no Continente como neste país, não foi senão por volta do fim do século XIX que se empreendeu o primeiro estudo sistemático a seu respeito, sendo que em

1897 o Prof. William Barret, F.R.S., publicou um documento acerca das Atas da Sociedade de Investigações Psíquicas, intitulado "A respeito da assim chamada Varinha Mágica ou *Virgula Divina* - uma pesquisa científica e histórica sobre a existência e o valor prático de uma singular faculdade humana, desconhecida pela ciência, conhecida localmente como rbdomancia, com cartas de 208 correspondentes descrevendo 140 casos de descoberta de água por 46 rbdomantes profissionais e 38 amadores em 256 localidades". E ele faz uma contribuição suplementar às Atas em 1900, "Acerca da assim chamada Varinha Mágica - uma investigação psicofísica sobre uma singular faculdade supostamente existente em certas pessoas localmente conhecidas como rbdomantes, juntamente com anexos da autoria de Ernest Westlake (meu pai) sobre os aspectos geológicos da rbdomancia". O papel e o alcance da rbdomancia a essa época eram quase inteiramente restritos à prospecção de água e minérios, porém a publicação destes documentos tornou a rbdomancia pela primeira vez um objeto legítimo de estudo científico. Posteriormente, eles foram juntados sob a forma de livro, publicado em 1926, com o título de *The Divining Rod*.

Na Inglaterra, o passo seguinte foi a inauguração da B.S.D., em 1933; e se tivermos a oportunidade de folhear alguns números da Revista, veremos que o primeiro objetivo da recém-formada sociedade era o de "incentivar o estudo de todos os aspectos relacionados à percepção da radiação pelo organismo humano com ou sem o concurso de instrumentos". Muito sabiamente, os fundadores, que tinham no Cel. Bell o seu mentor, não definiam o que estava subentendido ou implícito na expressão "percepção da radiação", estipulando, outrossim, finalidades as mais amplas e abrangentes para a sociedade. Estou certo de que foi isso que garantiu à B.S.D. o sucesso alcançado durante os 39 anos de sua existência, posto que ela permaneceu coesa e não se tornou especializada.

Felizmente, os fundadores também não deixaram de reconhecer no princípio que a Sociedade não se interessava meramente pela descoberta de água ou depósitos minerais, mas sim por "todos os aspectos relacionados à percepção da radiação pelo organismo humano", o que, em outras palavras, é o que quero dar a entender com o título desta conferência, "O papel e a importância da faculdade radiestésica", na medida em que o fenômeno configurado por todas as formas e aspectos de rbdomancia são inteiramente dependentes da faculdade radiestésica e de seu funcionamento correto e adequado. A sua presciência teve uma considerável importância, posto que possibilitou progressos que encaro como cruciais em vista dos intrincados problemas do mundo moderno.

No início, a Sociedade e seus membros estavam naturalmente mais preocupados com a forma tradicional desta percepção tal como manifesta nos fenômenos de rbdomancia que é definida como "a utilização da varinha mágica principalmente para descobrir água e minérios subterrâneos".

Mas os primeiros dias da Sociedade foram tomados pela controvérsia entre aqueles que achavam que a rbdomancia não era mais que um fenômeno físico que podia ser explicado nos termos da física moderna, principalmente pelo eletromagnetismo, e aqueles que sustentavam ser ela essencialmente um fenômeno psíquico. O falecido Mr. Maby, esse incansável pesquisador, foi um dos grandes advogados da tendência física, chegando mesmo a afirmar que se se partia do psíquico, "tudo é caos, confusão, relatividade e absurdo". Mas ele prestou um grande serviço ao rbdomante por insistir no aspecto físico, apresentando os seus pontos de vista no livro *The Physics of the Divining Rod*, publicado em 1949; com este livro, ele punha ordem na casa, por assim dizer. Pois era essencial determinar primeiramente a natureza e a magnitude deste aspecto físico, antes que fosse possível obter um progresso significativo no que se pode considerar como o verdadeiro idioma da matéria.

O erro de Maby não estava no que ele afirmava e sim no que ele negava, ao supor uma vez que a faculdade radiestésica podia detetar radiações físicas, e que tudo o mais não passava do que ele chamava de adivinhação e não rbdomancia, tal como ele a entendia, sendo a sua exploração necessariamente subjetiva e não-científica. À época, ele tinha boas razões para os seus pontos de vista, já que as técnicas e os instrumentos necessários para explorar o lado supra-sensível ainda não eram compreendidos nem, portanto, usados, muito embora eles já se encontrassem acessíveis.

Mas, aos poucos foi se constatando, e pela autoridade de um Sir William Barrett, que a tentativa de explicar o fenômeno da rbdomancia unicamente no plano físico devia ser abandonada; e foi bom que assim fosse, pois se a radiestesia física fosse tudo, na verdade, veríamos chegar ao fim a rbdomancia para a descoberta da água, minerais e petróleo, pois não há sombra de dúvida de que no campo puramente material o rbdomante seria certamente superado pelo aperfeiçoamento dos instrumentos ultrasensíveis capazes de detetar e analisar todas as radiações materiais.

Todavia, à exceção dos trabalhos de pesquisa de Maby e Franklin, pouco progresso havia se verificado por volta de 1953 em outros campos fundamentais de investigação, de tal modo que um experiente rbdomante como o falecido Major Pogson, quando indagado sobre se teria ocorrido algum progresso significativo nas técnicas e nos resultados durante os últimos 30 anos, respondeu que era obrigado a admitir que não houve nenhum.

Por volta desta época, tal como eu relato em *Pattern of Health*, encontrei Mr. W.O. Wood, com quem estabeleci uma notável colaboração até a sua morte, no outono de 1957. Verifiquei que ele estava ansioso por agir, pois

não lhe restava dúvidas de que se resolvêssemos o mistério da radiestesia, tínhamos que ampliar e redirecionar as nossas idéias e concepções num sentido bastante vital e fundamental. A visão física e materialista não era suficiente. Ela possui validade dentro de seus próprios limites, como pudemos ver no trabalho de Maby, por exemplo, mas além destes existe um vasto mundo que é a um só tempo científico e religioso, e somente pode ser entendido à luz da "ciência espiritual", para empregar o termo de Rudolf Steiner.

A ação por que ele ansiava, à luz do que precede, foi por ele finalmente implementada no inverno de 1954-55, durante um intenso período de trabalho, no sentido de uma exploração em profundidade da técnica radiestésica ora conhecida como Q & R, da qual tratarei com maiores detalhes logo adiante.

O principal resultado destes esforços, afora o seu valor intrínseco, é que lhe trouxeram o reconhecimento como investigador idôneo, e ele foi então convidado a pronunciar uma conferência em seguida ao "Annual General Meeting of the B.S.D.", em 1955. O tema por ele escolhido foi "Observações sobre alguns problemas relativos à Sociedade". Como observador de fora, ele afirmou que por algum tempo havia tido a impressão de que a B.S.D. não vinha realizando as suas potencialidades e possibilidades, tendo recaído num estado de estagnação científica. Permitam-me citar a seguinte passagem de sua conferência:

O ponto mais importante é a aparente má-vontade do rbdomante em assumir inteiramente o seu dom de sensibilidade, e a tendência a restringir seus pensamentos ao que foi descrito como a derrubada de árvores e a retirada de água. O público pensante tem agora plena consciência de que as potencialidades do sensitivo não podem ser restringidas dessa maneira. Os problemas com que se defronta a humanidade são muito mais importantes que a abertura de poços ou a mistura de remédios - sondagem e emplastagem, por assim dizer -, sendo preciso que enfrentemos os dilemas de nossa época e encaremos a realidade tal como ela é. É preciso que a visão do rbdomante esteja à altura da ciência e da filosofia - e assim um problema surge: a urgência e a magnitude dos conflitos colocados ao homem forçam o rbdomante a escolher entre ampliar suas atividades ou restringi-las, devido ao seu fracasso em desenvolver plenamente o dom que lhe foi concedido -, pois os princípios reclamados pelos rbdomantes são conhecidos por outros, que por sua vez buscam os meios para prová-los. O rbdomante possui tais meios, mas no entanto parece ultimamente cego aos princípios.

Mas, já a essa época, havia uma importante exceção, a saber, no campo da rbdomancia medicinal ou radiestesia, como ela veio a ser conhecida a partir de suas origens francesas.

Datando da virada do século, a radiestesia já vinha sendo praticada com êxito por muitos sacerdotes franceses, principalmente pelos abades Bouley e Mermet, bem como por técnicos renomados como Turrene, Lesourd, Bovis e muitos outros.

Informações sobre tais atividades promissoras chegaram à Inglaterra na ocasião oportuna, sendo que seis anos depois da fundação da B.S.D., a "Medical Society for the Study of Radiesthesia" foi fundada pelo Dr. Guyon Richards, em 1939. Ele reuniu à sua volta um grupo altamente qualificado de médicos e alguns colaboradores leigos de peso. A Sociedade mostrou-se bastante ativa e animada por vários anos, apesar da perda de seu fundador, o Dr. Guyon Richards, em 1946, seguida por mais seis membros do grupo original entre este ano e 1952. Alguns anos mais tarde, porém, os membros leigos se desligaram dela, pois conquanto ainda viva, deixara de ser ativa.

Felizmente, um dos membros do grupo original - o Dr. George Laurence -, não apenas prosseguiu as suas atividades e se encontra ainda ao nosso lado, como também durante os anos 50 e 60 elaborou e desenvolveu uma técnica de diagnóstico e tratamento com base no seu trabalho de pesquisas clínicas e taxonomia, que é atualmente conhecida como Medicina Psiônica, incorporando, entre outras coisas, a Teoria Unitária da Doença de McDonagh e a Teoria da Doença Crônica de Hahnemann, os resultados das últimas pesquisas com o DNA e o RNA e alguns aspectos da Ciência Espiritual de Steiner, todos porém subordinados ao funcionamento da faculdade radiestésica. Em 1969, a "Psionic Medical Society" foi formada tanto por médicos quanto por leigos, a fim de fomentar e promover esta nova concepção da ciência e da arte da cura, capaz de descobrir através da utilização da faculdade radiestésica, a causa ou as causas verdadeiras situadas na raiz do distúrbio ou da doença, e a seguir tratá-las com remédios homeopáticos determinados pela radiestesia - uma medicina realmente criativa. Nisso, ela foi auspiciosamente bem-sucedida, e utilizando uma técnica das mais simples - um pêndulo, um gráfico de diagnóstico e mostras efetivas, estas para proporcionar maior precisão às leituras.

Assim, neste campo, foi possível realizar um grande número de pesquisas e obter progressos definitivos graças à plena utilização da faculdade radiestésica.

Mas a rbdomancia medicinal recebeu também um influxo de uma fonte inteiramente diversa, da América desta vez, através do trabalho do Dr. Albert Abrams, a quem Sir James Barr descreveu como sendo "de longe o maior gênio surgido na medicina dos últimos cinquenta anos". Após uma quantidade incrível de pesquisas e sem prescindir da boa sorte, ele chegou à sua famosa "Caixa", a partir da qual seriam desenvolvidos posteriormente os instrumentos de diagnóstico e tratamento de Drown e, mais tarde, os de De La Warr, os quais, por sua vez, dariam origem à Radiônica - a radiestesia instrumental - e à Associação Radiônica, fundada em 1943, "para incentivar a pesquisa científica e difundir os seus resultados". Infelizmente, tal como havia ocorrido com a

adivinhação dos depósitos de água, a correta compreensão dos fenômenos relacionados à radiônica foi bastante prejudicada pela tentativa de querer explicá-los com base nos termos da física convencional e receber a aprovação da ciência ortodoxa, e nem mesmo quando a Associação foi posteriormente remodelada, em função de uma dissidência ocorrida no seio do grupo de De La Warr, recebendo um novo impulso, ela deixou nos primeiros tempos de sua nova existência de estar envolvida com engenhocas e parafernalias duvidosas, e, assim, a verdadeira natureza dos fenômenos e esta forma de diagnóstico e tratamento foi em larga medida omitida. Gradualmente, porém, o papel fundamental da faculdade radiestésica foi sendo reconhecido, como ficará claro ao considerarmos a técnica de P & R.

A despeito, porém, deste desdobramento da rbdomancia medicinal em suas duas formas, na radiestesia e na radiônica, parecia estar se verificando um estado de relativa estagnação na frente da rbdomancia, e as implicações mais fundas das advertências de Wood passaram despercebidas.

Pareceu-me, à época, que o mais importante a ser feito era desviar a nossa atenção do mecanismo da rbdomancia para o fator essencial do fenômeno, a despeito da multiplicidade de suas aplicações, a saber, a faculdade do rbdomante; assim, em 1959, no Congresso realizado em julho, eu li um documento intitulado "A Faculdade Radiestésica", que era uma tentativa de compreender a natureza e a função essenciais deste misterioso sentido.

Não tenciono recapitular aqui as minhas conclusões, que poderão de qualquer modo ser encontradas no Cap. XII de *Patterna of Health*, e os meus últimos pontos de vista sobre a matéria no Cap. XVI de *Life Threatened*, limitando-me a citar sumariamente a seguinte passagem:

Creio que a redescoberta da faculdade radiestésica nestes tempos modernos não é algo fortuito, e sim uma concessão da Providência no sentido de nos capacitar a enfrentar esta difícil e perigosa etapa da evolução humana que em breve nos aguarda, pois ela proporciona um acesso indireto às esferas supra-sensíveis principalmente para o etérico, aumentando o nosso nível de consciência e ampliando os nossos conhecimentos e a nossa compreensão. Esta faculdade deve ser encarada como um sentido especial e singular, a meio caminho entre os nossos sentidos físicos comuns destinados à apreensão do mundo material, e os sentidos ocultos a serem futuramente desenvolvidos e que um dia nos tornarão capazes de apreender diretamente o mundo supra-sensível.

Ademais, é uma faculdade que pode operar a partir de vários níveis, especialmente do subconsciente, ou Eu Inferior Huna, mas também do superconsciente, ou Eu Superior Huna, e de níveis ainda mais elevados, conforme as exigências da situação e do treinamento, da disciplina e da instrução do operador. Isto ficará claro, espero, quando passarmos a discutir o método P & R.

Em meu livro *Life Threatened*, escrito alguns anos mais tarde, eu tornava a discutir o que julgava ser o *modus operandi* da faculdade, sugerindo, creio que com bons motivos; que o sistema nervoso proprioceptivo estaria diretamente implicado; porém investigações posteriores mostraram que isso era um equívoco e que a seqüência correta de processos seria a seguinte: forças etéricas formativas -> glóbulos vermelhos -> o sangue em circulação -> o sistema nervoso autônomo -> músculos voluntários -> movimento do pêndulo.

Dito isto, retornemos à conferência de Wood. Se naquela época ele sentia com tanta convicção que os problemas de 1955 necessitavam "da força máxima da sensibilidade do rbdomante", para usar as suas próprias palavras, tal necessidade deve ser muito maior hoje, com os problemas sérios e adicionais de 1972. Consideremos, dentre estes, aqueles para cuja solução e compreensão poderíamos talvez oferecer uma contribuição muito especial e provavelmente única, além de aceitável, se é que livros recentes como *The Roots of Coincidence*, de Arthur Koestler, e *Design for Destiny*, de Edward Russell, constituem uma indicação efetiva das preocupações e interesses do público. Oferecemos a seguir uma lista provisória, que poderá e com certeza será aumentada:

1. *A procura de água, petróleo e depósitos minerais. Trata-se do campo tradicionalmente conhecido da rbdomancia, que tem sido e ainda é bem explorado tanto por rbdomantes amadores quanto profissionais, embora não tanto quanto deveria ser.*
2. *Exploração arqueológica. Trata-se de um campo mais restrito no presente, mas de importância considerável e crescente para as pesquisas históricas e a recuperação de despojos pré-históricos desaparecidos.*
3. *Finalidades arquitetônicas, tais como levantamento de terrenos, devendo incluir-se aí a revelação de radiações nocivas do subsolo bem como de depressões, canos, drenos etc. Nenhuma habitação deve ser construída antes que o terreno tenha sofrido uma correta análise rbdomântica. Os materiais de construção também constituem um elemento importante, a exemplo das substâncias empregadas no mobiliário; o aço, por exemplo, entorpece o cérebro - é um mineral com propriedades hipnóticas.*
4. *A localização de infratores da lei e criminosos, pessoas desaparecidas, cadáveres, bens e dinheiro perdidos ou enterrados. Assume uma importância cada vez maior, em vista do grande aumento da criminalidade registrado nos últimos anos. Deveria ser usado mais intensivamente do que é em casos criminais e civis que necessitam do seu concurso.*
5. *Na agricultura e na horticultura. Para a determinação das condições ótimas do terreno, fenilidade das sementes, germinação, estado das mudas, e outras aplicações gerais, tal como a determinação do valor de todos os aditivos, tanto orgânicos como inorgânicos. Determinação da qualidade, vigor e salubridade de todos os alimentos, naturais, industrializados, processados, artificiais ou sintéticos.*
6. *Testes de personalidade, através da medição da "radiação cerebral", tal como descoberta e utilizada pelo Dr. Oscar Brunler. Possui múltiplos usos, tanto educacional como industrialmente, na avaliação de talentos, aptidões, potencialidades mentais, distúrbios da personalidade etc.*
7. *Medicina e Veterinária. Além da localização de reservas de água, a medicina tem recebido uma atenção maior da radiestesia, como eu já tive a oportunidade de assinalar, porém existem ainda inúmeros problemas a serem resolvidos e a única resposta para a maioria deles encontra-se na Medicina Psiônica, tanto no que se refere aos diagnósticos como aos tratamentos. Já se conhece o suficiente para transformar radicalmente as bases do tratamento médico, mas o público vem sendo privado destes benefícios e conhecimentos, bem como das medidas que já poderiam ter sido tomadas no sentido da prevenção e da proillaxia, pela ortodoxia empedernida.
Na prática veterinária, se usado mais extensivamente, contribuiria sem dúvida para ajudar a prevenir a gradual deterioração da vitalidade, força e resistência dos animais domésticos e de criação.*
8. *Homeopatia. A introdução da radiestesia na prática homeopática provocaria, incontestavelmente, uma grande revalorização da medicina homeopática, tanto da própria especialidade tomada em separado quanto, mais sensivelmente, sob a forma de uma medicina mais abrangente, como é o caso da Medicina Psiônica. A radiestesia, neste contexto, soluciona a controvertida e intrincada questão da seleção e preparação de potência dos remédios.*
9. *E agora chegamos ao nosso dilema moderno - todo o problema da poluição e da contaminação, especialmente quanto aos seus aspectos mais sutis e intangíveis relacionados ao meio ambiente semi-intoxicado em que somos todos obrigados a viver ou a sobreviver.
Além dos inumeráveis fatores tóxicos, permitam-me mencionar, primeiramente, dois grupos, a radiatividade de baixo nível do Trítio (um isótopo radioativo do hidrogênio ^3H) e o Carbono 14, também radiativo, tal como esclarece de modo brilhante David Rawson em sua monografia *Radiation and Nuclear Homoeopathy*. A ameaça*

representada pelos dois começou a tornar-se séria em 1954, e vem aumentando constantemente graças aos testes termo nucleares e ao chamado uso pacífico da energia atômica. A ameaça decorre do fato de que estes isótopos radiativos intervêm em todos os ciclos do hidrogênio e do carbono na Natureza, e até mesmo nas cadeias de hidrogênio que mantêm coesa a intrincada estrutura helicoidal do DNA e do RNA em nossos corpos - eis aí uma hipótese realmente apavorante.

Em segundo lugar, a crescente ameaça de intoxicação decorrente da presença do Chumbo, do Mercúrio e do Cádmio no meio ambiente, no corpo do homem e dos animais, nos rios, mares e oceanos do mundo.

A radiestesia pode ter um valor inestimável ao nos proporcionar os conhecimentos e as técnicas necessárias para detetar e lidar com os sutis efeitos de intoxicação provocados por todos os fatores poluentes, pois, como afirmou publicamente o Dr. Weinberg, diretor do Oakridge Atomic Energy Establishment - a Harwell dos Estados Unidos: "Os problemas, nesse sentido, não se deixam reduzir ao método científico. Outras abordagens são necessárias." Ele qualifica estas questões que transcendem os atuais métodos de análise de "transcientíficas".

A Medicina Psiônica já constitui uma dessas "outras abordagens" para lidar com os efeitos da intoxicação em homens e animais; e sem dúvida outras abordagens, valendo-se da faculdade radiestésica para descobri-los, estão prestes a aparecer.

10. Finalmente, o último item da nossa lista, o método de Perguntas e Respostas, P & R. Para tanto, o operador deverá aprender a usar as faculdades do intelecto e da intuição, aplicando-as à vontade sem confundir-las, sendo o intelecto para a formulação das questões e a avaliação das respostas, e a intuição, através do uso da faculdade radiestésica, para se chegar à verdade. O método P & R é eminentemente o instrumento da pesquisa científica radiestésica.

Considero esta a aplicação mais importante da faculdade radiestésica, pois ela possibilita estabelecer uma ponte entre dois mundos - o sensível e o supra-sensível.

Os fatores procura e descoberta são, obviamente, inerentes a todas as operações da radiestesia e rãdomancia, mas somente no método P & R eles se tornam uma técnica deliberada, em que a "indagação" é consciente.

Pelo que sei, a primeira utilização conhecida da faculdade radiestésica nesse sentido, de pesquisa deliberada, deveu-se ao grupo cujas atividades foram por mim registradas no livro *Pattern of Health*. O sucesso do grupo deveu-se em larga medida e em primeiro lugar a Mr. Wood, a quem eu descrevi como um "formulador ideal de questões": "A sua habilidade neste sentido era absolutamente notável, pois ele possuía um faro excepcional para formular a pergunta num enunciado correto e preciso e, sem perder o fio da meada, fazê-la seguir por outras exatamente complementares. Ele possuía um raciocínio rápido e ágil, porém ao mesmo tempo equilibrado e geralmente sob o controle da sua razão altamente informada. A combinação ideal." E, em segundo lugar, aos dois sensitivos suficientemente evoluídos para trabalhar nos níveis requeridos.

Os que tiveram a oportunidade de ler *Pattern of Health*, principalmente o capítulo em questão, lembrar-se-ão dos inestimáveis insights que nos foram então concedidos, particularmente no tocante aos níveis de consciência nos quais opera a faculdade radiestésica, e ao fato de que a "configuração" parecia ter uma grande importância nesta atividade, tendo, no caso em questão, emergido através das sete configurações de cura, das quais as três primeiras - Diamante, Cruz Celta e Estrela de Belém -, proporcionaram excelentes resultados terapêuticos. Os fatores envolvendo a melhor maneira de utilizar o método P & R foram também trabalhados.

Mas as pesquisas foram então suspensas e o assunto não voltou a conhecer progressos de alguns anos para cá, pois com a morte de Mr. Wood em 1957, o grupo se dispersou e não tornou a se juntar nem surgiu outro.

Bem recentemente, entretanto, ele tornou a florescer com todo vigor, numa formulação mais abrangente, através do trabalho de dois talentosos investigadores da radiônica e das disciplinas radiestésicas.

O primeiro é Mrs. Jane Wilcox, que afortunadamente pôde desfrutar da experiência e dos conselhos esclarecidos do Major Blythe Praeger (um dos membros do grupo original) e mostrou-se uma pupila particularmente dotada. Tanto assim que, no último Congresso da Associação, em março deste ano, foi ela quem pronunciou a conferência de encerramento, intitulada "Pergunta e Resposta", e que trazia o intrigante subtítulo "Uma ponte entre dois mundos". A conferência vinha, ela própria, articulada sob a forma de perguntas e respostas sendo que o seu marido fazia-lhe as perguntas. Foi uma contribuição das mais significativas. Todos os que tiveram o privilégio de assisti-la, sentiram que ela representava um importante progresso para a nossa compreensão do papel e do alcance da faculdade radiestésica.

O que me impressionou particularmente foi que as suas próprias pesquisas sobre a técnica confirmavam as nossas descobertas iniciais, mas produziam também importantes acréscimos; por exemplo, a princípio ela tinha se proposto simplesmente a aperfeiçoar seu trabalho de cura através da radiônica, mas acabou descobrindo, para citar as suas próprias palavras:

A técnica de P & R constitui um processo de suma complexidade, e não meramente um meio de obter informações específicas em um determinado campo. Encaro-o como um meio para a integração da

personalidade e aprender a construir a ponte entre as esferas consciente e subconsciente em relação à vida como um todo. Em resumo, que o P & R pode ser utilizado como um processo de auto-aperfeiçoamento.

Concebendo-se e integrando-se como personalidade, ela se viu necessitada da compreensão de seu subconsciente - o Eu Inferior na filosofia Huna -, e na medida em que este pode ser um bom servo mas um mau mestre, há que educá-lo e discipliná-lo devidamente, pois do contrário ele não fornecerá mais que a resposta que ele imagina solicitada pelo eu inferior, ou melhor, a resposta com que este lhe acena, quando não mesmo falsas respostas, por razões emocionais inconscientes.

E também, o que é ainda mais importante, significou um reconhecimento e uma constatação da existência do superconsciente ou Eu Superior de Huna, como obter-lhe o acesso e como distinguir entre os papéis e as funções dos dois eus, bem como estabelecer a relação entre o eu consciente ou Médio e os outros dois, e a necessidade de aquisição, antes de tudo, nesta relação, de um pensamento claro e conseqüente.

A construção da "ponte" exigiu:

1. *Um modo e um código de comunicação, ou seja, o pêndulo e a interpretação de seus movimentos.*
2. *A natureza e a formulação das questões a serem aplicadas, o que por sua vez exige:*
 - (a) *verificar em cada caso se a questão é legítima, por exemplo, a mera curiosidade não deve ter vez, bem como perguntas acerca do futuro e formulações inadequadas devido à insuficiência de conhecimentos;*
 - (b) *se a questão é legítima, há a necessidade de um pensamento claro e preciso fundado sobre conhecimentos adequados, de modo que não se registre qualquer ambigüidade ou duplo sentido, o que por sua vez implica:*
 - (c) *encontrar a palavra ou as palavras certas, capazes de expressar exatamente o pensamento. Isto exige um amplo vocabulário, e o inglês, com a sua linguagem rica e a sua abundância de sinônimos, é ideal para este fim, e um livro indispensável para isso é o Roget's Thesaurus. A fim de ajudar nesta tarefa de seleção exata, o P & R pode ser legitimamente usado.*
3. *A resposta exige, pois, a comprovação intelectual de seu sentido ou não; se ela faz sentido, conduzirá a outras questões e à elucidação do problema dado. Pode ser, também, que ela não tenha sentido algum, ou mesmo que não se verifique nenhuma resposta. Neste último caso, Mrs. Wilcox afirma ter cogitado a princípio das interferências de emanções geralmente paranormais, mas, aos poucos, foi se dando conta de que esta interpretação era muito ligeira e que a ausência de resposta ou de resposta sem sentido significava alguma coisa que precisava ser aprendida, ou seja, que aquilo que ela denominava de "elemento de instrução" do Eu Superior estava tentando chamar-lhe a atenção para algo importante e, por esse meio, ampliar a sua capacidade de compreender a verdade. Ela descobriu que, em semelhante situação, era preciso responder a quatro perguntas:*
 - (a) *Sou capaz de responder a esta questão?*
 - (b) *Estarei respondendo à questão errada?*
 - (c) *Não estaria "Você" tentando ensinar-me algo?*
 - (d) *Não seria preciso responder a uma questão preliminar para que possa responder-me? .*
4. *É preciso compreender que a resposta pode provir de dois níveis, do subconsciente ou do superconsciente. Afora a natureza do teor das respostas, existe uma diferença essencial que é preciso reconhecer - a resposta proveniente da fonte superconsciente possui, para citar Mrs. Wilcox, "um caráter de autenticidade e simplicidade que soa como a própria verdade". Neste nível, suas perguntas receberão respostas válidas - mas é preciso perguntar; a clareza de raciocínio é indispensável para a formulação de questões - nenhuma fonte conseguirá responder a perguntas confusas.*
5. *Finalmente, a lição mais essencial de todas é, de acordo com Mrs. Wilcox, "a de que nenhuma ajuda será vinda a menos e até que se tenha dado o melhor de si para responder a questão mediante os dons e faculdades naturais".*

O segundo investigador neste campo é o Sr. Malcolm Rae, que, é interessante notar, chegou à Radiônica após uma longa carreira dedicada tanto ao comércio quanto aos negócios. Sendo, porém, uma pessoa muito prática e inventiva, ele pensou, a princípio, que poderia fazer progressos a partir de instrumentos radiônicos mais sofisticados e aperfeiçoados, tendo chegado até mesmo a produzir um modelo bem-sucedido com 40 mostradores. Mas, em breve, ele chegaria à conclusão de que não era bem disso que se necessitava, mas, antes, de um operador humano qualificado que pudesse satisfazer aos seguintes requisitos:

1. estar à procura da verdade;
 2. possuir um intelecto treinado e disciplinado;
 3. possuir uma faculdade radiestésica bem treinada e desenvolvida;
 4. possuir uma técnica instrumental simples, e que a pesquisa por ele empreendida seja baseada em problemas reais que reclamam a atenção do investigador, quer no domínio de atividades do médico, quer em todos os outros campos já mencionados.
- Vejo-me em dificuldades para tentar historiar o seu trabalho, pois, à medida que intervinham novos conhecimentos supra-sensíveis, ele mudava constantemente tanto de forma como de conteúdo, a fim de

incorporar a verdade adicional revelada. Tais progressos resultavam da sua insistência em resolver os casos dados como perdidos pelos métodos correntes de tratamento, e dos esforços correspondentes para descobrir o porquê, o que ficou de fora; se houve alguma interpretação errônea ou se o problema necessitava ser considerado de outro ângulo.

Desse modo, começou a surgir um legítimo método de cura, isento o máximo possível de deficiências. Isto, entretanto, necessitou uma abordagem bastante flexível e o redimensionamento de um certo número de problemas, como, por exemplo, a natureza real daqueles misteriosos índices radiônicos, bem como de muitas outras coisas aparentemente aceitas como a própria verdade.

Em fevereiro do corrente ano, ele fez uma conferência na Medical Society for the Study of Radiesthesia, intitulada *Radiesthesia and Thought*, a qual constitui um excelente exemplo de como, através do emprego da faculdade radiestésica na técnica de P & R, esta pode ser usada como o instrumento por excelência das pesquisas científicas de base acerca da radiestesia.

Ele descobriu que um dos primeiros passos fundamentais a serem dados era o de distinguir entre a verdade, isto é, os fatos, e a opinião, sugerindo que, se a estimativa intelectual comum da verdade relativa fosse levada em conta, seria muito difícil conseguir isso, porém, através do uso da estimativa radiestésica, a distinção era muito mais segura e taxativa. Ele descobriu que isso podia ser feito através de um gráfico da verdade especialmente desenhado, disposto sobre uma base de borracha magnetizada, a qual tende a reduzir a interferência do intelecto.

Através deste método e de P & R, foi possível determinar certos axiomas fundamentais, tais como, para citar Malcolm Rae: "tudo o que existe no Universo, pelo que sei, consiste de um sistema de energias atuante dentro de certos limites. Tais limites configuram as estruturas, ao passo que as energias configuram os processos no interior destas estruturas." Isto conduziu à formulação do conceito - e eu torno a citá-lo:

Qualquer desvio ocorrido na função estipulada de qualquer coisa existente no Universo é provocado por uma alteração na configuração dos limites e das energias. Qualquer desvio lesivo é devido ao deslocamento de um limite, e um limite deslocado converte-se em obstáculo. A introdução de um obstáculo num sistema de limites e fluxos de energia tende a transformar todos os limites em barreiras e todas as energias em pressões.

Como a faculdade radiestésica é tida como apta a detetar limites e/ou barreiras, ela pode, por conseguinte, ser usada para medir a diferença entre um limite e uma barreira, sendo que isto representaria o grau de desvio em relação à saúde ou à normalidade.

Esta diferença ou desvio pode ser expressa em termos matemáticos por algo que se assemelha a conjuntos de coordenadas de natureza bastante complexa e, no caso do Homem, implicando seis conjuntos num dado contexto de referência, o qual pôde ser determinado detalhadamente através de meios radiestésicos, e descreve todos os aspectos do Homem em seu meio.

Esta introdução da matemática é bastante interessante, pois tal como afirma Canon Galzeswki, num documento intitulado "The Human Field in Medical Problems", eu cito:

Em 1946, o Prof. Mayer Ibach, da Faculdade de Medicina da Universidade de Hamburgo, procurou-me e passou umas cinco horas trocando idéias comigo, insistindo em que a matemática devia, de alguma forma, ser introduzida na solução dos problemas da medicina. Naquele momento, conforme me disse, ele estava escrevendo uma história da medicina e tinha tido a oportunidade de observar que sempre que a matemática era utilizada neste ramo do conhecimento, a medicina progredia rapidamente, ou então decaía, na sua ausência. Constituíam para nós dois um problema a maneira como isso podia ser feito adequadamente.

Malcolm Rae, ao que tudo indica, achou uma resposta.

Tais conjuntos de coordenadas seriam o correspondente dos antigos padrões radiônicos sob uma forma nova e muito mais precisa, um *quadro de referências*.

Malcolm Rae, porém, foi mais longe ainda e passou a investigar de que modo todo este processo atuaria no ser humano.

Nascemos, segundo ele - e cito suas palavras - "com um número imenso de conjuntos de coordenadas relacionado às múltiplas exigências da vida neste planeta, número este que vamos ampliando no decorrer da nossa experiência da vida". Estas coordenadas podem ser ativadas quando a atenção consciente se volta para elas, mas, cito:

A concentração mental não seria capaz de computar as necessárias combinações de coordenadas (e, por conseguinte, de intensidades relativas) com a rapidez suficiente para manter a vida num meio submetido a transformações praticamente instantâneas; e seja lá o que exista no subconsciente para servir a esse propósito, em combinação com os conjuntos de coordenadas destinados a tanto, é perfeitamente capaz de realizar proezas matemáticas que confundiriam nossos computadores mais sofisticados, alimentados pelo mais competente dos programadores. O método radiestésico de P & R revelou que o que era responsável pela ativação das coordenadas destinadas a manter a vida em face destas transformações do meio com as quais a existência humana é confrontada, é, primeiramente, um Princípio; e, segundo, que a sua descrição verbal mais precisa é a de uma "Simplicidade Essencial".

E comenta ele:

Simplicidade essencial - não podia haver uma descrição mais inspirada e, ao mesmo tempo, mais simples e, por conseguinte, o mais eficiente emprego da essência do homem para controlar o comportamento de sua substância!

Estes dois elementos, ou seja, "Atenção", na consciência, e "Simplicidade Essencial", no subconsciente, tal como destinados pelo Criador, deveriam atuar na mais perfeita harmonia, porém, na medida em que somos seres humanos, estamos a todo momento interferindo e perturbando o Seu plano. "A instigação da 'simplicidade essencial' para que o indivíduo cumpra com as exigências requeridas pelo bem-estar do corpo, e evite o que lhe seja prejudicial - culmina nas complexidades da compensação desintegrativa para a integridade do homem."

À luz de tudo isso, a "terapia" se esclarece, e cito: "Nos homens, um limite que se converteu em obstáculo, uma vez corretamente avaliado, pode ser tratado mediante a mensagem corretiva apropriada sob a forma de um padrão de remédio transmitido através de um remédio oral ou projetado a partir de um instrumento adequado." É aí que a homeopatia, com seus processos de preparação de potência, reencontra a sua própria dimensão, na medida em que fornece os padrões terapêuticos corretos necessários para restaurar uma vez mais a integridade.

Isto é apenas um resumo superficial e, temo, imperfeito, deste importante documento, que naturalmente contém muito mais do que foi por mim mencionado, de modo que se deveria lê-lo integralmente, na medida em que estes resultados de tantos anos de pesquisas parecem constituir verdades básicas tal como demonstradas pelo gráfico da verdade. Uma passagem de uma prece de Tomás de Aquino diz assim: "Conceda-me a sabedoria para compreender, a memória para preservar, método e facilidade no estudo, sutilidade de interpretação e abundante graça de expressão", o que vai de encontro ao que Rudolf Steiner julgava necessário para os tempos modernos, e cito-o: "... não será mediante a experiência mística que se despega da razão e menospreza a lógica, que o homem reencontrará a sua herança espiritual, mas por via do raciocínio puro, concentrado, no qual a lógica jamais é contraditada." Jane Wilcox e Malcolm Rae não teriam chegado a estas importantes descobertas e conclusões se eles não tivessem exercitado um raciocínio cada vez mais claro, preciso e exato - a formulação dos pensamentos verdadeiros -, em todos os seus esforços em tomo do P & R. A sua meta era a verdade, e assim eles aprenderam a indagar criativamente pela verdade e, portanto, acabaram por recebê-la, obedecendo à prescrição: "Indague por ela e ela ser-lhe-á dada."

Mas há uma dificuldade ainda.

Na abertura da II Parte do meu livro *Life Threatened*, havia a seguinte passagem:

Há dois mil anos, Cristo iniciou o sentimento e a devoção humanos na fé, no espírito do mundo e na realidade do destino espiritual do homem, e assim tornou possível a evolução da sua consciência de si e o desenvolvimento de suas faculdades de raciocínio. Hoje, Ele tornaria possível ao homem recuperar, com conhecimento de causa e compreensão, a sua verdadeira linhagem espiritual, iniciando o seu pensamento na experiência direta do espírito. A redenção do pensamento é a conclusão da iniciação espiritual da humanidade por Cristo.

Escolhi esta passagem porque ela soava-me profundamente verdadeira e possuía aos meus olhos a maior importância, embora eu achasse que somente uma minoria bastante reduzida era capaz de alcançar um pensamento desvinculado dos sentidos, o que se tinha como uma das exigências para uma tal recuperação, à qual somente iniciados como Steiner poderiam satisfazer. Ela parece excluir a maioria absoluta de nós, atolados que nos achamos em nossos valores materiais e hábitos de pensamento, mas, no entanto, é indispensável que tentemos, a fim de que possamos descobrir, para citar Steiner, "que além das possibilidades e faculdades do pensamento como instrumento do conhecimento, este também possuía funções das quais o homem já não tem a menor experiência, como, por exemplo, uma função criativa - pois ele atuava como uma força formadora e criativa na vida do homem, tanto no plano físico como no espiritual." Ao meditar sobre tudo isto, ocorreu-me que talvez a técnica de P & R já constituísse uma resposta, que todo aquele que se utiliza do P

& R, em espírito e em verdade, está de fato propiciando a redenção do pensamento e recuperando as suas funções criativas perdidas, com todas as extraordinárias conseqüências que daí adviriam para o bem, tais como a completa transformação da ciência, de modo a que esta se converta numa "ciência da Realidade, capaz de abarcar tanto a ciência material como a ciência espiritual num único todo grandioso - uma verdadeira ciência do cosmo".

Por fim, o papel e o alcance fundamentais da faculdade radiestésica no mundo moderno estão talvez na redenção do pensamento - uma ponte entre dois mundos.

Permitam-me concluir com esta passagem do meu livro *Pattern of Health*, escrito em 1961, pois quero crer que aí prenunciava o papel e o alcance da faculdade radiestésica, tal como ela se desenvolveu nos últimos 11 anos:

Todo pensamento humano, desde a Queda do Homem, é passível de erro e inverdade, somente através do Espírito da Verdade podemos nos preservar; nestes tempos materialistas de falsidade e pensamento destrutivo. É uma verdade irrefutável, ao meu ver, na medida em que a ciência é a busca da verdade, que Cristo - o Caminho, a Verdade e a Vida - constitui uma necessidade científica, e isso se aplica igualmente, por estranho que pareça, a esta modesta ciência que é a Radiestesias.

Deus escolheu as coisas tolas deste mundo para confundir o sábio, Deus escolheu as coisas insignificantes deste mundo para confundir as que são poderosas.

E o que há de ordinário, e o que há de desprezível, foi Deus quem escolheu, sim, bem como as coisas que nada são, para reduzir ao nada as coisas que são.

Aos olhos de todo o mundo, a Radiestesias é algo sem a menor importância, se comparada às investigações nucleares, astrofísicas ou atômicas, não obstante, como tentei mostrar, ela é capaz, quando corretamente entendida, de nos ensinar os mistérios tanto deste mundo quanto do mundo invisível. Ela pode nos revelar a Verdade, na medida em que as nossas mentes finitas sejam capazes de compreendê-la.

Acredito sinceramente que cabe à Radiestesias o privilégio de fazer uma contribuição bastante especial e, em certo sentido, única, para a reintegração da ciência material e da ciência espiritual, bem como para a restauração da integridade de visão e perspectivas, de sentimento e pensamento que constituem a missão da nossa época.

À primeira vista, a ciência material e a ciência espiritual podem parecer estranhos parceiros, e, no entanto, é notável como o conhecimento esotérico pode proporcionar um profundo entendimento de aspectos materiais. Numa conferência pronunciada em 1930, a Dra. Gladys Shutt, D.C., de Topeka, mencionou como os tratamentos à base de emissões radiônicas conseguiam restaurar a harmonia do padrão vibratório dos tecidos dos diversos corpos, chegando a colocar a questão:

Como se explica isto fisiologicamente? Como já se observou anteriormente, a energia que ativa os nossos tecidos é de natureza idêntica à da luz; ela possui a velocidade e as propriedades da luz. Uma experiência comum nos laboratórios de biologia consiste em emitir um feixe de luz contra um organismo monocelular e observar a ação da luz no sentido de intensificar a atividade no interior do núcleo da célula, até que, por fim, a clivagem do núcleo da célula finalmente tenha lugar.

A aplicação desta constatação científica explica o funcionamento do Método Drown. Temos um feixe de luz - um "feixe de rádio", se se quiser - que é enviado para o tecido segundo um comprimento de onda igual ao do próprio tecido. Através do processo de metabolismo e divisão celular que se verifica constantemente no corpo, e mais acentuadamente na estrutura em que a energia do corpo estiver sendo concentrada, as novas células surgirão com um padrão mais alto de vibração e as células doentes serão automaticamente dissolvidas. Na medida em que pólos idênticos se repelem e pólos opostos se atraem, a divisão celular se dá obviamente quando a luz invisível (de polaridade positiva) incide sobre o núcleo da célula carregado positivamente. As vibrações anômalas da doença cessarão de existir nos tecidos de vibração normal, tal como é impossível coexistirem num mesmo ponto a luz e a sombra.

Aqui, um ponto deve ser esclarecido. Em um diagnóstico, tencionamos atrair a energia que emana da própria formação da doença e nos concentramos unicamente sobre ela. Ao tratar, entretanto, a energia da doença não é restituída na sua própria vibração, muito embora os ajustes do mostrador sejam os mesmos estipulados para o diagnóstico. Pelo contrário, a recepção da energia total do corpo se dá a partir das interações do tratamento; os ajustes do mostrador são um meio de localizar a região para onde a energia está sendo enviada.

Por exemplo, embora no diagnóstico identifiquemos uma tuberculose nos pulmões e no tratamento utilizemos os mesmos ajustes do mostrador, estamos seguindo um modelo, primeiramente, para localizar a recepção de energia no pulmão, através da sintonização com esse pulmão, segundo, para localizá-la também através da especificação do tecido tuberculado do pulmão para a recepção da energia em comprimentos de onda tais que possibilitarão a estimulação e o restabelecimento do mesmo. O que fazemos não é destruir o tecido doente através de uma concentração de padrão igual ao seu, e sim, intensificar o processo de reconstrução da divisão

celular naquela região determinada. Através deste processo, o normal eliminará o anormal por si só e possibilitará a regeneração.

Tais fatos são científicos, verossímeis e incontestáveis, comprovados por testes clínicos e de laboratório e baseados em experimentos e conclusões conhecidas.

Pois bem, do ponto de vista da ciência convencional, a exposição e a teoria da Dra. Shutt apresentam provavelmente uma série de lacunas. Se, no entanto, o praticante estiver preparado para ultrapassar os limites desta "postura médica", verá o que ela diz sobre novas perspectivas. Pelo que lhe toca, a sua teoria, tal como apresentada acima, está comprovada pelo peso da evidência clínica; os doentes se restabelecem quando tratados com base nas premissas por ela estipuladas. Gostaria de considerar, rapidamente, a utilização que ela faz da palavra "luz", para denotar a energia de cura projetada no tratamento radiônico. A ciência material, naturalmente, lançaria mão de aparelhos e instrumentos para medir esta "luz" e, ao concluir os seus testes, afirmaria sem dúvida nenhuma que ela não existe; e, assim, o assunto estaria encerrado para a ciência convencional. A luz, nas ciências espirituais, possui outras conotações, devendo ser encarada e medida através da sensibilidade do observador individual. A luz, nestes termos, é um fenômeno subjetivo, conquanto cada uma de suas partículas seja tão real quanto a luz elétrica, se não mais. Curiosamente, a Dra. Shutt se refere à tuberculose, na sua conferência, em termos muitos semelhantes aos que ela emprega para referir-se à luz. E daí? Poderíamos indagar. Consideremos, no entanto, as reflexões de Steiner sobre o assunto e veremos como os horizontes se alargam na ciência espiritual, se consentirmos nisso:

Mas na fronteira que nos separa do mundo exterior, sucede algo bastante significativo à luz, isto é, algo puramente etérico; ela se transmuta. Ela tem necessidade de ser transmutada. Pois, consideremos como se dá o processo de formação da planta no homem, como este processo é, por assim dizer, interrompido e contrariado pelo processo de produção do dióxido de carbono. Da mesma forma, o processo implícito na existência da luz é interrompido no homem. E assim, se procurarmos pela luz dentro de nós mesmos, deve-se tratar de algo transformado, deve-se tratar de uma metamorfose da luz.

No momento de se cruzar a fronteira para dentro do homem, constatamos uma metamorfose da luz. Isso significa que o homem não apenas transforma os processos comuns e ponderáveis da natureza externa em seu interior, como também o elemento imponderável - a própria Luz. Ele a transforma em algo diverso. E se o bacilo da tuberculose consegue medrar em seu interior mas perece à luz solar, é evidente - numa apreciação definitiva do fenômeno - que o produto da luz transmutada em nosso interior deve oferecer um terreno favorável para estes bacilos, e se eles se multiplicam excessivamente, é porque deve haver algo errado com o produto da transmutação, e por esse meio alcançamos a compreensão de que, entre as causas da tuberculose, não se deve deixar de lado o processo de transmutação da luz no interior do paciente. Ocorre algo que não deveria ocorrer, pois do contrário, o seu organismo não abrigaria tantos bacilos da tuberculose, pois estes estão sempre presentes em nós, mas, via de regra, em número insuficiente para provocar a tuberculose ativa. Se eles proliferam em demasia, as suas "hostes" sucumbem à doença. E o bacilo da tuberculose não deveria ser encontrado em toda parte, se não sucedesse algo de anormal ao desenvolvimento desta luz transmutada do Sol...

Quando um ser humano oferece condições favoráveis para os bacilos da tuberculose, é porque ele se mostra incapaz, constitucionalmente, de absorver a luz do Sol, ou de absorvê-la na quantidade necessária. devido ao seu regime de vida. Assim, não existe um equilíbrio adequado entre a quantidade de luz solar que ele recebe de fora e a quantidade que ele é capaz de transmutar; e isto o obriga a dispor das reservas de luz transmutada que ele traz dentro de si.

Por favor, prestem especial atenção a isto: o homem, pelo próprio fato de ser homem, está continuamente armazenando em seu interior a luz transmutada. Isto é necessário para a sua organização. Se o processo recíproco que se estabelece entre o homem e a luz solar externa não se dá corretamente, o seu corpo ficará privado da luz transmutada.

Outros autores esotéricos argumentam no mesmo sentido que Steiner. Como, por exemplo, Ethel Belle Morrow que, em seu livro *The One Universal Law*, afirma:

A grande emanção de luz proveniente de Deus, o Pai, atua como o nêutron do Universo; e os raios de luz, alcançando as forças, possibilitam o intercâmbio. sob a forma de reflexão e absorção da luz branca. A energia, armazenada em resultado da estabilização das forças em ambos os elementos e nas plantas, contribui para a reconstrução das células somáticas do ser humano, mas os contatos de forças desequilibradas dos elementos são raramente inertes para admitir o influxo da vida. O processo deve se dar de acordo com os procedimentos da Lei, ou seja, o equilíbrio nos elementos para os minerais utilizados para restabelecer o equilíbrio da vida vegetal corresponde ao equilíbrio nas plantas que visa a restabelecer o equilíbrio nos animais e no homem,

antes que a Força do Um, enquanto espírito, possa tornar-se a vida da forma. A energia do Sol, enquanto emanção divina, manifesta-se em todas as forças atômicas, conforme a Lei do Um.

O homem irradia cores, como uma manifestação das várias combinações de forças positivas e negativas; estas podem alcançar o equilíbrio na luz branca da pureza, mediante o desenvolvimento do espírito.

No que diz respeito às forças do pensamento, o equilíbrio é rapidamente alcançado através da fé, que permite, se o homem assim o desejar, o aparecimento da luz branca enquanto força mental e espiritual. Isto, enquanto consciência espiritual, possibilita que a vida seja conservada no sangue. Os organismos do homem, privados dos poderes da luz branca, tornam-se poços de escuridão.

O amor é a força dinâmica que contribui para manter a luz branca em evidência; pois o amor é uma manifestação das forças divinas que ligam o indivíduo à Mente Universal de Deus, sob a forma de consciência espiritual.

Em *The Theory and Technique of the Drown Radio-Therapy and Radio-Vision Instruments*, Ruth Drown refere-se com frequência à Energia Radiante do sangue. Escreve ela:

Esta é a Energia que forma os indivíduos em todas as etapas da vida, a porção de Força Vital (que é uma luz invisível que passa pelo cérebro, o sistema nervoso e as veias) que anima todos os corpos, fazendo com que uns sejam saudáveis, e outros, devido à sua falta, enfermos.

A concepção de uma energia que vitaliza a forma humana através da luz pode, a princípio, parecer um tanto esdrúxula. Mas, como assinala Drown, a luz pode ser usada para trazer harmonia através da terapia radiônica às estruturas celulares do corpo. As suas fotografias radiônicas dos equivalentes etéricos dos órgãos e tecidos, feitas em completa escuridão, comprovam as suas teorias sem qualquer refutação. A luz, sob a forma de uma Força Vital universal, impressionando a película do filme, produz imagens de extraordinária nitidez, nas quais as áreas sensibilizadas literalmente varrem as sombras. Uma série destas fotografias etéricas, feitas por Drown, estão incluídas em meu outro livro, *Interface*, constituindo um excelente objeto de estudos no que diz respeito a esta concepção da luz.

A radiônica, enquanto concepção da cura, vem sendo sustentada e mantida viva há muitos anos pelos praticantes leigos, sem os quais ela poderia ter se extinguido - pelo contrário, ela vem registrando uma evolução e um desenvolvimento de tal forma intensos, que os profissionais de várias disciplinas ligadas à saúde passam novamente a demonstrar um vivo interesse por ela. A radiônica tem muito a oferecer para qualquer médico, quiropático ou osteopata que se encontre preparado para cruzar as interfaces que separam as disciplinas e ampliar as suas perspectivas. A questão de como o praticante estará capacitado a se utilizar da radiônica em sua prática dependerá, naturalmente, de muitos fatores, mas até mesmo a análise restrita aos casos mais difíceis tem muito a recomendá-la. A seleção de drogas, remédios homeopáticos ou outros tratamentos, bem como a determinação precisa da potência e dosagem mediante a faculdade radiestésica, podem constituir uma vantagem em qualquer prática. Todos os praticantes sentirão, provavelmente, que a aplicação de tratamentos radiônicos individuais consome demasiado tempo, dificuldade esta que pode ser contornada tranquilamente mediante o concurso de um assistente capaz de lidar com ela sob o olhar vigilante do médico. O uso de um aparelho automático de tratamento, juntamente com um cartão Compreensivo de Radioterapia (veja-se *Radionics - Interface with the Ether Fields*), também pode ser adotado a fim de dispensar tratamento para mais de um paciente por vez. Eu diria, com base na minha experiência pessoal, que se o praticante tencionar - fazer qualquer espécie de uso intensivo da radiônica juntamente com a sua própria prática, certamente necessitará de um assistente lidar com o paciente através da radiônica não é o mesmo que, digamos, corrigir um desvio na sua espinha e dispensá-lo com uma receita qualquer. Os pacientes da radiônica estão sempre junto de você, e você está tão próximo a eles como eles do telefone, ao qual alguns recorrem em qualquer emergência.

A simulação de potência Magneto-Geométrica e o Preparador de Potência podem ser empregados intensivamente em qualquer prática que se utilize de remédios, pois são métodos eficazes e comprovados por inúmeros médicos, além de representarem uma grande economia de tempo. Esta é uma das facetas da radiônica que, tal como afirmei anteriormente, pode atrair o médico que ainda se ache em dúvida quanto às vantagens práticas do método de diagnóstico e tratamento à distância, porém se encontre preparado para usar o Simulador ou o Preparador devido à sua eficácia comprovada.

Todo aquele que passa a se ocupar da radiônica está se empenhando numa jornada que o conduzirá do mundo da forma física até as esferas transcendentais e, finalmente, à prática da verdadeira cura espiritual. A prática da radiônica apura, afia e prepara a mente de modo a torná-la um canal absolutamente livre para o trânsito das energias da alma, e, muito embora a radiônica seja primordialmente uma abordagem mental da cura, a alma do praticante se acha inevitavelmente implicada em maior ou menor grau no processo. Em *Esoteric Healing*, Alice Bailey relaciona uma série de pontos que devem ser assimilados por todo aquele que visa a curar, e isto diz respeito, acima de tudo, aos praticantes da radiônica.

Claro está que o médico espiritual, à medida que se adentra na arte da cura, tem de assimilar clara e perfeitamente certos fatores bastante simples, embora esotéricos:

- 1. Que a cura é pura e simplesmente uma manipulação de energias.*
- 2. Que se deve distinguir cuidadosamente energias e forças.*
- 3. Que se ele visa a obter realmente sucesso, tem de aprender a situar com a maior precisão possível, o paciente no degrau correto da escala evolutiva.*
- 4. Que o conhecimento dos centros é indispensável.*
- 5. Que ele próprio deve atuar como alma sobre a sua própria personalidade.*
- 6. Que a sua relação como paciente (a menos que este último seja altamente evoluído) é uma relação pessoal.*
- 7. Que ele deve localizar o centro que rege a área na qual se situa o ponto de atrito.*
- 8. Que, como tudo o mais nas ciências ocultas, a doença e a cura são aspectos do grande sistema de "relações" que rege todas as manifestações.*

Se o médico espiritual tomar estes oito pontos e refletir e meditar sobre eles, estará estabelecendo uma sólida fundação para todo o trabalho a ser feito posteriormente, pois é tal a sua simplicidade relativa, que não resta dúvida de que qualquer um pode se tornar um médico espiritual se assim o quiser e se se dispuser a atender aos requisitos. A idéia corrente de que uma pessoa é um médico espiritual "nato" e, portanto, único, na realidade indica apenas ser este um dos seus principais interesses dirigidos. Assim, em função deste interesse, a sua atenção voltou-se para a arte da cura e, por conseguinte, para o contato com os pacientes; devido à ação inevitável da lei que governa o pensamento, ele descobre que a energia segue-se aos seus pensamentos e flui dele para o paciente. Quando ele passar a fazer isso deliberadamente, os seus pensamentos resultarão quase sempre na cura. Qualquer homem ou mulher, verdadeiramente interessado e movido pelo estímulo de servir - capaz de pensar e amar, pode ser um médico espiritual, e é tempo de as pessoas se compenetrarem dessa verdade. Todo o processo de cura é efetuado mentalmente; ele diz respeito à direção das correntes de energia e à sua abstração, e esta é uma outra maneira de falar acerca da radiação e do magnetismo.

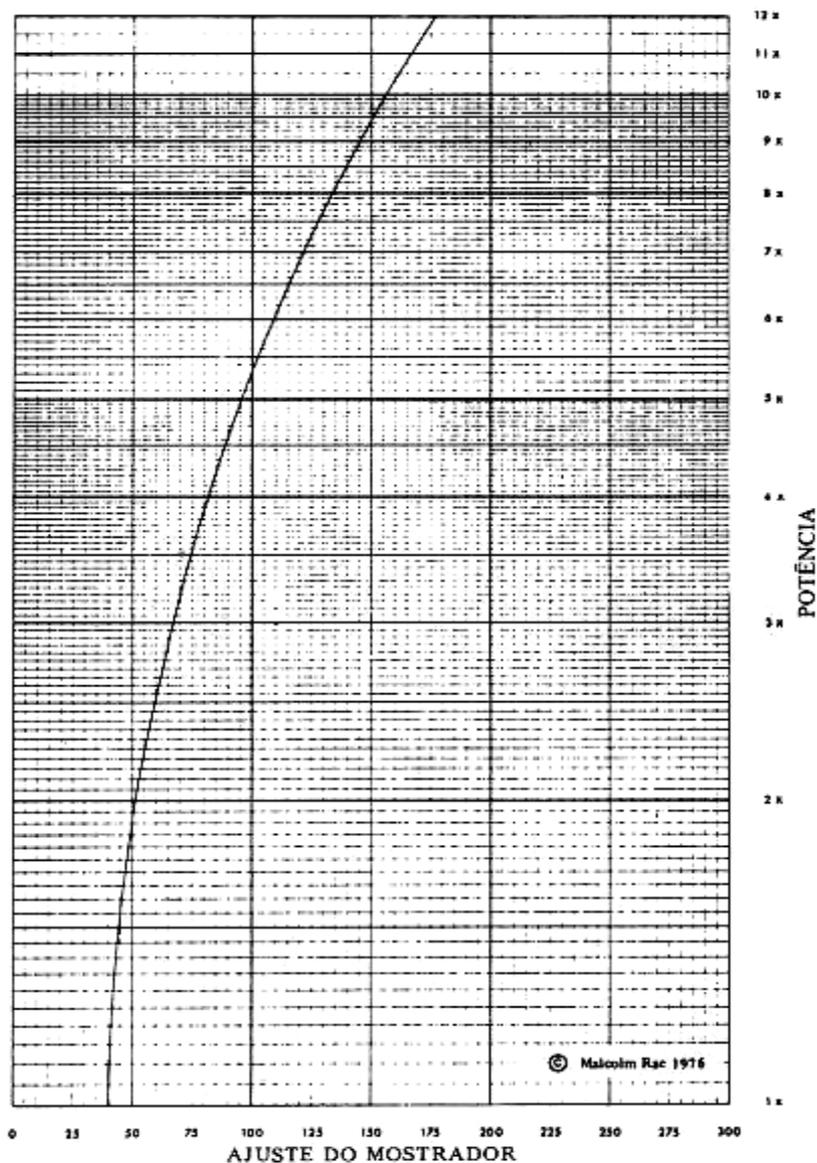
As passagens anteriores apresentam muita coisa de valia para os praticantes da radiônica, oferecendo uma cobertura completa de alguns fatores básicos que devem ser levados em consideração por quem quer que deseje atuar efetivamente nesta área.

A radiônica traz em si as sementes de uma nova medicina, e eu espero que este livro sirva para estimular os profissionais ligados à medicina a prestarem mais atenção a esta matéria e considerarem o quanto eles poderiam beneficiar os seus pacientes mediante o uso das técnicas radiônicas. Espera-se, também, que estas linhas sirvam para encorajar muitos jovens praticantes leigos, com pouca experiência ainda a "se tornarem eficazes", de modo a não encontrarem qualquer dificuldade para assumir a radiônica como uma ocupação de tempo integral e a manterem a sua própria prática ou se empregarem como assistentes de praticantes em outras disciplinas. Existe aí, eu estou certo, um vasto campo de trabalho, ainda inexplorado, para muitas pessoas com seus dons de sensibilidade e cura.

Com o aumento das experiências no campo da Magnetobiologia, o uso das fotografias Kirlian, para fins do diagnóstico e as amplas pesquisas sobre a ação e a influência à distância, o palco está preparado para que a ciência faça a sua entrada na era das investigações etéricas. A ponte entre os mundos físicos supra-sensível foi intuída e pressentida por muitos, agora é a vez de tomar visível o invisível. A Radiônica começou com Abrams durante o último quarto do século XIX, o qual assinalou, como notei alhures, o aparecimento de uma hoste de outros "portadores da luz", como os Roentgen, os Curies, os Tesla e os pintores impressionistas. Mais uma vez, a maré crescente das forças evolutivas produz uma nova onda de luz, à medida que chegamos ao último quarto do século XX. Quais serão as próximas descobertas, quem são os novos "portadores da luz" são questões que ainda permanecem em aberto. Uma coisa, no entanto, é certa, Abrams plantou a semente, tratada em pouco menos de setenta anos, e agora a radiônica está prestes a irromper em cena e transformar-se numa arte da cura além da nossa imaginação.

GRÁFICOS PARA CÁLCULO DE POTÊNCIA PARA SEREM USADOS
COM O SIMULADOR DE POTÊNCIA DE AÇÃO INTENSIVA

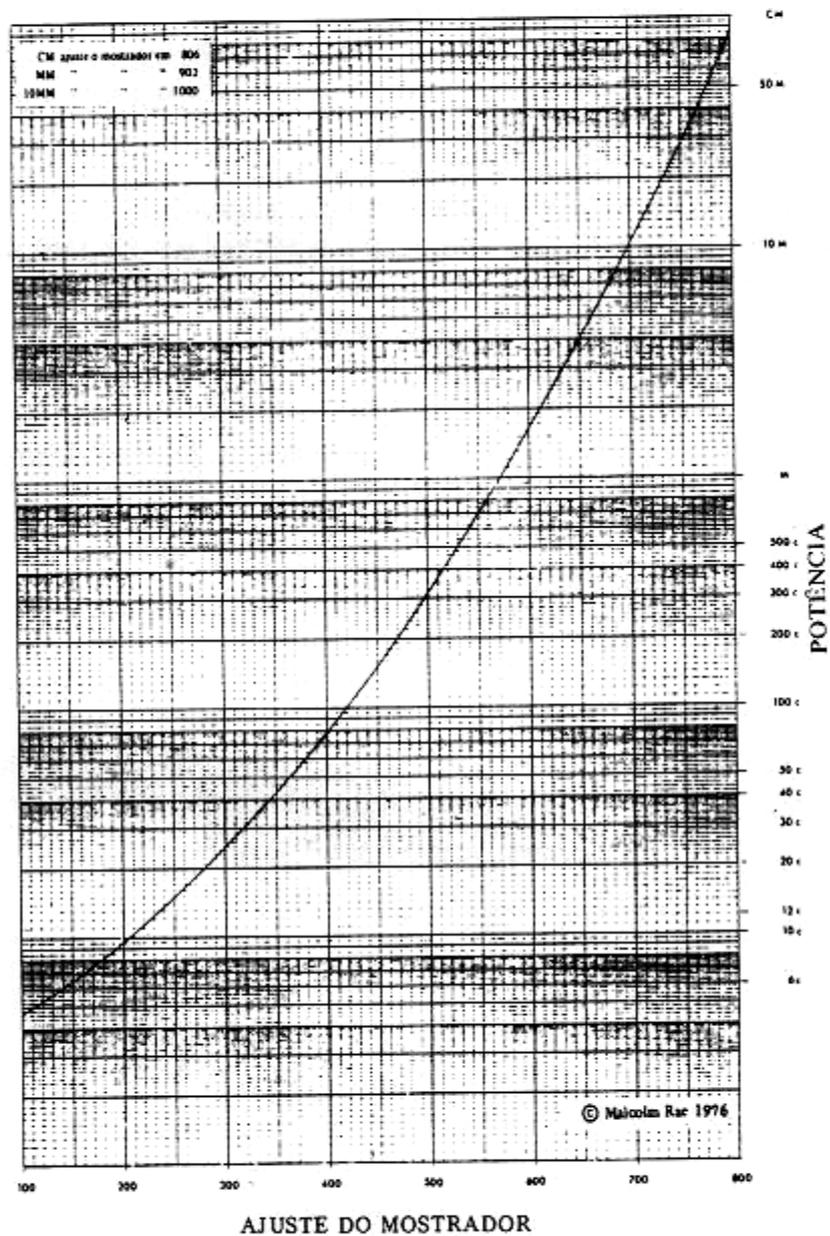
GRÁFICO A



SIMULADOR DE POTÊNCIA DE AÇÃO INTENSIVA – TABELA DE AJUSTE

GRÁFICOS PARA CÁLCULO DE POTÊNCIA PARA SEREM USADOS COM O SIMULADOR DE POTÊNCIA DE AÇÃO INTENSIVA

GRÁFICO B



SIMULADOR DE POTÊNCIA DE AÇÃO INTENSIVA – TABELA DE AJUSTE